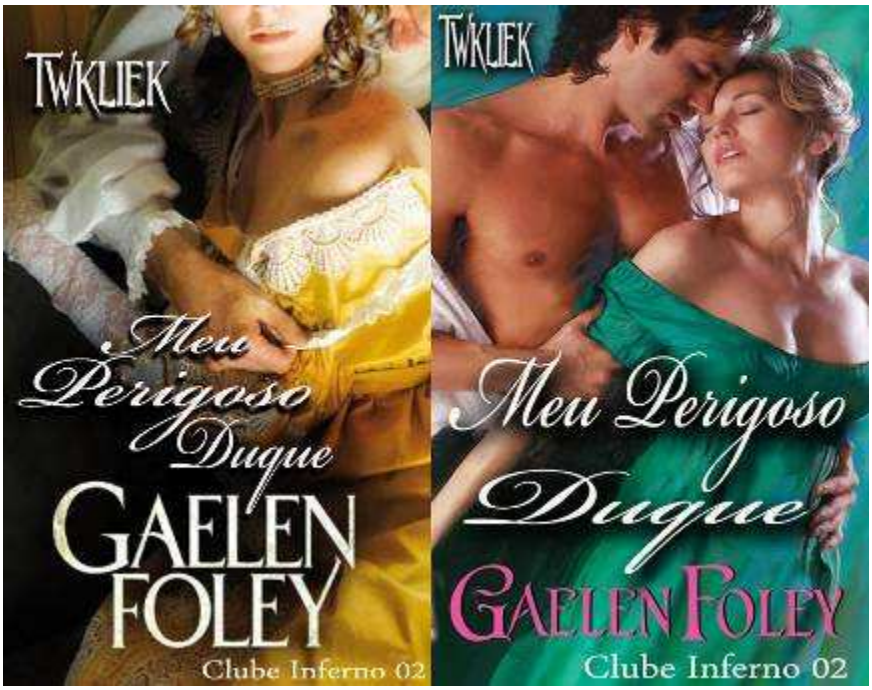


Gaelen Foley
MEU PERIGOSO DUQUE

Série Clube Inferno 02

Rohan Kilburn, duque de Warrington, é um homem tão imprevisível como temido. Conhecido como "a Besta" por seu feroz temperamento e seus instintos insaciáveis, quer escapar da maldição que há gerações pesa sobre sua estirpe e para isso, decidiu renunciar ao amor e entregou sua vida e seu destino à missão secreta do Clube Inferno.

Alguns contrabandistas que despertaram a ira do duque entregam-lhe um presente inesperado para aplacar sua fúria: uma jovem virginal. Kate Madsen foi sequestrada e obrigada a vestir-se como uma vulgar meretriz, mas Rohan soube ver nela a inocente dama que até esse momento viveu tranquilamente em seu chalé junto ao mar. Homem de honra, Rohan jurou protegê-la e perseguir seus captores, embora para isso tivesse que trair a si mesmo e entregar seu coração a uma formosa refém que nunca havia se apaixonado.

O Clube Inferno é o lugar de reunião de um grupo de jovens aristocratas conhecidos em Londres por seus costumes libertinos e escandalosos. Entretanto, sob o álibi da impudicícia a verdadeira missão desta organização fica escondida: a formação de agentes secretos recrutados entre as famílias mais nobres do país para servir a uma ordem antiga, a seu rei e a Inglaterra.

Disp em Esp: *Kalosis*
Envio do arquivo: *Gisa*
Revisão Inicial: *Alcioni*
Revisão Final: *Danielle Aguiar*
Formatação: *Sandra Maia*
Capa: *Elica Leal*
TWKliek

Comentário da Revisora Alcioni: Meu Perigoso Duque é muito lindo, cheio de mistério, ação, amor e sexo ... na dose exata, adorei os personagens, dois seres teimosos e intensos e ele.... haaa..... ele... é meu tipo de homem:alto, lindo, forte, rico.. enfim..PERFEITO....

Comentário da Revisora Danielle: Surpreendentemente, já que não é o meu gênero favorito, gostei do livro, Rohan é TDB e esse clube o inferno, eu simplesmente adorei.....rssss e Kate não é fácil de se levar o que aquece tudo.....muito bom.

E o guia, sem mediar de minha demanda, disse-me:
"Olha aquele que vem, cuja dor as lágrimas não abrandam".
A divina comédia, (Dante)
Nada grande acontece na vida dos mortais sem uma maldição.
Sófocles

CAPÍTULO 1

Cornualles, 1816

Eles a entregariam como oferenda para algum poderoso e temperamental desconhecido. Kate Madsen não conseguia compreender como sua vida chegou a esse ponto, mas a raiva que a embargava diante de tão horrível destino foi silenciada pela droga que seus sequestradores lhe deram para tomar.

A tintura de papoula aniquilou seu espírito de luta.

A droga subjugou seu caráter meia hora depois de que a obrigaram a beber e sua mente ficou turbada, sossegando as habituais réplicas mordazes que lançava a seus captores e deixaram suas mãos sem forças, quando as esposas dos contrabandistas começaram a aprontá-la para o destino que a esperava.

Apenas consciente e somente capaz de balbuciar torpemente respostas afirmativas ou negativas, mostrou-se inusitadamente dócil enquanto a mulher a banhava e a vestia como uma rameira para seu senhor.

Kate não sabia o que os contrabandistas fizeram para encolerizar o temível duque de Warrington, mas imaginava que seria a virgem sacrificada e que esperavam que ela apaziguasse a ira do duque.

Aquele homem era célebre por seu apetite voraz em questão de mulheres.

Ouvindo isso juntamente com sua experiência em toda espécie de violência, era o motivo pelo que os aldeãos o chamavam de a "Besta" pelas suas costas.

Nada daquilo parecia real. Quando viu seu reflexo no espelho, vestida com aquela minúscula peça de musselina branca que colocaram nela, limitou-se a rir amargamente. Sabia que estava perdida.

Somente o narcótico oferecia a ela um doce refúgio, fazendo com que seus temores caíssem

no esquecimento, como a fumaça de uma chaminé, dividida em dois pelo vento invernal que nesse momento fustigava a cidade costeira.

As mulheres quase arrancaram o cabelo dela enquanto desembaraçavam sua longa cabeleira castanha. Orvalharam-na com perfume barato e retrocederam para admirar o trabalho feito.

—Muito bonita —declarou a avantajada esposa de um marinheiro—. Asseada não fica tão mal.

—Sim, a Besta gostará.

—Continua muito pálida —disse outra—. Coloque um pouco de ruge nela, Gladys.

Parecia que tudo aquilo estava acontecendo à outra pessoa. Passaram-lhe sem muita delicadeza uma pegajosa nata rosada nas faces e depois nos lábios.

—Já está pronta.

Continuando, obrigaram Kate a ficar em pé e a conduziram para a porta como se fosse gado.

Apesar de ter os sentidos embotados e distorcidos, a perspectiva de abandonar o estreito quarto que foi sua última prisão, tirou ligeiramente Kate de seu estupor.

—Esperem —obrigou-se a dizer em um murmúrio—. Eu... não tenho sapatos.

—É para que não saia correndo, dona sabichona! —espetou Gladys—. Toma, acabe com o vinho. Se eu fosse você eu beberia tudo. Certamente esse homem será violento.

Kate a olhou fixamente com os olhos frágeis e muito abertos diante da advertência, mas não pôs objeção alguma. Tomou a taça até o último gole de vinho narcotizado enquanto aquelas bruxas grosseiras prorrompiam em gargalhadas ao pensar que finalmente conseguiram quebrar sua vontade.

Bem sabia Deus que se não fosse pela forte dose de láudano que lhe administraram, gritaria e lutaria com elas como uma selvagem, tal e como fez na noite de seu sequestro, há um mês.

Em lugar disso, limitou-se a beber e depois estendeu novamente a taça com o olhar perdido e sombrio.

As mulheres prenderam-lhe os pulsos com uma corda a fim de levá-la à parte de baixo de uma casa.

O velho e grisalho Caleb Doyle e os outros líderes do bando de contrabandistas esperavam para levá-la ao castelo. Kate não podia suportar olhar nos olhos de nenhum deles, pois sentia-se humilhada pois fizeram com que parecesse uma prostituta; a ela, que sempre valorizou seu cérebro e não sua aparência.

Graças a Deus que nenhum daqueles homens ousou zombar dela. Tinha certeza que devido ao pouco orgulho que ainda conservava, não teria suportado.

Apesar das densas revoadas de névoa que turvavam sua mente, reparou no sombrio estado de ânimo que reinava entre eles. Não escutava as joviais obscenidades que ouvia sempre dos habitantes daquela cidade de contrabandistas.

Essa noite quase podia cheirar o medo no ambiente, e isso fez que seu medo aumentasse de forma alarmante.

Santo Deus, a que classe de homem a entregariam, que fazia tremer criminosos tão experientes, como se tratasse de cães espancados diante da chegada de seu amo?

—Finalmente você transformou à pequena galega em uma dama, né? —balbuciou Caleb, o chefe dos contrabandistas para sua esposa.

—Sim. Agora ficará comportada. Não se preocupe, marido —adicionou Gladys—. Ela aplacará a cólera do duque.

—Vamos esperar que o duque belisque o anzol —resmungou Caleb.

O homem deu meia volta, mas Gladys o agarrou pelo braço e o levou para o lado:

—Está seguro de que deverá correr o risco?

Ele se mofou.

—Não tenho outra opção.

Apesar do casal ter falado em voz baixa, Kate estava bem perto para escutar a tensa conversa; embora não pudesse entender muito, posto que aqueles homens providenciaram de que assim fosse, diminuindo sua capacidade de raciocínio a base de láudano.

—Por que não fala com ele, Caleb? Claro que ficará furioso, mas se lhe explicar o que aconteceu...

—Estou farto de me humilhar diante dele! —espetou seu marido—. Lembre-se da resposta que nosso distinto duque enviou na última vez que pedimos sua ajuda! Bastardo sem sentimentos. Acotovelando-se com príncipes e czares, metido em sabe Deus que negócios no continente. Sua excelência é muito importante para preocupar-se conosco —disse com amargura—. Já nem me lembro da última vez que incomodou-se em visitar Cornualles. E você?

— Já faz muito tempo —reconheceu a mulher.

—Sim, e agora retorna unicamente pelo maldito naufrágio! Já não importa, sejamos sua gente ou não. Se quiser minha opinião, ele esqueceu suas origens. Mas esta lição fará com que ele recorde.

—Caleb!

—Não tenho medo dele! Não se preocupe. Uma vez que tenha tomado à moça, ele também estará metido até o pescoço neste assunto, goste ou não. Então não terá mais remédio que nos ajudar.

—Claro, mas se você estiver errado, haverá graves consequências.

—Espero que tenha, replicou com um duro brilho em seus ardilosos e cansados olhos—. Mas não tenho outra opção, Gladys. Mais vale o mau negócio...

—De acordo, talvez tenha razão... Vamos lá. —Gladys cruzou os braços à altura do peito.

Caleb afastou-se com uma expressão tensa no rosto curtido fazendo gestos a seus homens.

—Vamos. Tragam a moça. Não vamos deixar sua excelência esperando!

Dois contrabandistas imundos a seguraram pelos braços e, sem mais preâmbulos, levaram-na através da gélida e escura noite do mês de janeiro.

Kate tentava guardar a escassa informação que deduziu da conversa dos Doyle. Essa era a primeira explicação que ouviu a respeito do que estava acontecendo, mas com o láudano

correndo por suas veias, sua acuidade mental era muito fraca para pensar em alguma coisa. Ataques de euforia e medo a dominavam de forma alternativa; seguir um fio de pensamento simplesmente requeria muito esforço. Era mais fácil deixar-se levar...

Enquanto isso, os contrabandistas levantaram seu corpo e a depositaram na segunda das três desmanteladas carruagens estacionadas lá fora. Caleb jogou nela uma fina manta para evitar que apanhasse uma pneumonia. Fechou a porta e a olhou com receio, como se suspeitasse que estava escutando às escondidas.

Depois de um momento, empreenderam caminho para o castelo Kilburn, a mansão ancestral da Besta.

Enquanto a caravana abandonava o povoado, Kate olhou com a vista perdida pela janela da carruagem.

A lua crescente aparecia no céu rasgando as dispersas nuvens e, deixando ver as estrelas; as constelações invernais desciam sobre o horizonte para o canal inglês, reluzente como ônix.

Os tênues faróis dos botes dos contrabandistas ancorados no porto bamboleavam na gélida noite.

A pequena caravana percorria o caminho que abraçava a montanha à medida que subia. E na distância, sobre a longínqua cúpula, surgia imponente a negra torre do castelo Kilburn.

Kate apoiou a fronte contra o guichê da carruagem enquanto olhava desconcertada para o castelo.. Dispôs de muito tempo para considerar o que poderia encontrar ali, pois através da janela do diminuto quarto que tinha sido sua prisão durante os últimos dias, pode ver a austera torre que elevava-se a alguns quilômetros de distância sobre o inóspito escarpado.

De acordo com a lenda local, o castelo era encantado e maldita era a linhagem de seu senhor.

Kate sacudiu a cabeça com aturdida irritação. “Superstições de camponeses ignorantes”. Poderia ter explicado a esses brutos que o duque de Warrington não era amaldiçoado, mas simplesmente malvado. Do contrário que classe de homem participaria de semelhante injustiça?

A julgar pelos retalhos das conversas que por acaso ouviu entre as mulheres dos contrabandistas durante as últimas semanas, o duque parecia ser um aristocrata da pior índole: Rico, poderoso e corrupto. Completamente cego pela mais absoluta depravação. Também ouviu as mulheres dizerem que sua excelência era membro de uma execrável sociedade de libertinos em Londres chamada o clube Inferno.

Estremecia-se ao pensar de que forma ele divertia-se.

Entretanto, odiá-lo parecia algo tão fútil como perguntar para si mesma por que tudo isso estava acontecendo com ela.

Não compreendeu por que foi raptada. Vivia tranquilamente perto dos páramos com seus livros e escritos; mantinha-se por seus próprios meios, sem incomodar a ninguém. Que ela soubesse, não possuía inimigos.

E devia reconhecer que tampouco muitos amigos.

Por que alguém queria fazer dela seu objetivo?

Apesar de adorar os enigmas desde pequena, não conseguia decifrar aquele, até que finalmente tirou suas próprias conclusões, apoiada nos poucos feitos que conhecia.

Os contrabandistas subsistiam comercializando no mercado negro que, com o final da guerra, deixou de existir. Nesse momento reinava a paz e os artigos de luxo franceses já não estavam sujeitos a tarifas.

A época das vacas magras chegou á Cornualles. Portanto, para ganhar a vida, os contrabandistas deviam ter ampliado seus negócios aventurando-se em algum tipo de comércio mais sórdido.

Oh, ela leu sobre o chamado tráfico de brancas. Os jornais falavam de bandos criminosos que raptavam jovens sem família e as vendiam em segredo para aristocratas decadentes e a outros pervertidos ricos para que as violassem por prazer, como se infligir dor e terror fosse seu dispendioso e depravado modo de divertir-se.

Embora tivesse ouvido falar disso, Kate nunca imaginou que fosse algo mais que um mórbido mito, o produto das novelas góticas que eram seu vício secreto. Mas, de algum modo, para seu horror, aí estava ela, apanhada em meio de tudo aquilo.

Essa era a única explicação que parecia certa.

A tensa conversa dos Doyle há alguns instantes, ofereceu novos elementos para que compreendesse melhor a situação, mas em seu atual estado de confusão carecia dos meios para integrá-los em sua teoria provisória. Qualquer que fosse o significado de suas palavras, não augurava nada bom.

Em todo caso, mais importante que saber o porquê, era descobrir um modo de sair daquilo.

O castelo estava cada vez mais perto. Seu temor aumentava com cada metro de caminho que as carruagens percorriam. Lutando com impetuoso esforço para afastar a sensação de letargia induzida pelo láudano, Kate levantou-se e pegou a maçaneta da porta. Sacudiu-a com a vaga ideia de escapar, mas esta não cedeu.

Precaveu-se de que, embora pudesse escapar, ficaria a mercê dos elementos assim nua como estava, o úmido e brutal frio a mataria em questão de horas.

Nem sequer podia abrigar a esperança de que algum dia fosse feito justiça, pensou em um ataque de desespero. Todo mundo sabia que era virtualmente impossível que um duque fosse julgado e condenado por qualquer classe de barbaridade de natureza delitiva.

Além disso, a quem poderia contar? E quem iria acreditar nela? Somente ela mesma. Por causa disso, sabia que aquele homem poderia matá-la enquanto trabalhava em excesso na busca de um retorcido prazer.

Não, a única esperança, era que quando por fim tivesse terminado com ela, lhe permitisse viver e a deixaria retornar para sua casa.

A lembrança de sua acolhedora casinha com teto de palha nos arredores de Dartmoor encheu seus olhos de lágrimas por causa da insuportável saudade que a embargou, posto que ópio aumentava todas as suas emoções. Tendo Deus por testemunha, jurou que se algum dia conseguisse retornar para seu lar, jamais voltaria a queixar-se de seu isolamento rural, pois

ultimamente descobriu que havia coisas piores no mundo que a solidão.

O que mais doía, era pensar que o estúpido O'Banyon nem sequer tinha sequestrado a garota correta!

A noite de seu rapto, o líder do bando, O'Banyon, a chamou por um nome equivocado: Kate Fox em lugar de Kate Madsen.

Seu nome era Kate Madsen!

Enquanto suas esperanças foram desvanecendo-se pensou que talvez fosse um escandaloso caso de confusão de identidade. Possivelmente pudesse convencer ao duque de que aquilo jamais deveria ter acontecido, não com ela.

Entretanto... o retalho de uma lembrança da infância, um insignificante incidente que quase havia esquecido, abriu um buraco em sua teoria sobre o tráfico de brancas, engendrando um aterrador desconcerto que a emocionou até o mais profundo de seu ser.

Entretanto não havia tempo para sopesar a questão.

Tinha diante dela, seu destino. Chegaram ao castelo Kilburn.

Rodeado por uma inóspita e gelada paisagem rochosa, sua sólida fachada de pedra estava iluminada pela prateada luz da lua e ladeado por profundas sombras.

Kate virou o corpo para olhar de um lado a outro, enquanto as três carruagens cruzavam com grande estrondo a ponte elevadiça e atravessavam velozmente o arco de entrada da guarita situada ao lado do muro, de onde pendia um ancinho com dentes. Um par de corpulentos guardas fizeram gestos para que eles avançassem sem deter-se.

"Então, nos esperam ".

Através do guichê da carruagem contemplou os muros exteriores do castelo, que elevavam-se a ambos os lados e desapareciam na noite, como um abraço férreo de que jamais escaparia.

Seu pulso palpitava violentamente. "Escapar daqui? Não. Não há modo de fazer isso". Mesmo que estivesse vestida com casaco e tivesse a mente limpa, homens armados estavam por toda parte.

"por que? por que todos estes guardas?"

Parecia mais que evidente que o duque escondia alguma coisa.

Kate tirou algumas conclusões sobre os negócios dele com os contrabandistas. Imaginou que, como o senhor das terras onde habitavam esses criminosos, o duque permitia aos contrabandistas operar livremente em suas terras costeiras em troca, sem dúvida, de uma parte de seus lucros. Certamente aqueles bandidos raptavam moças que saciassem os diabólicos apetites do clube Inferno.

Não era de estranhar que tivesse tantos guardas, pensou. Inclusive estando drogada, deduzia que o lógico era que um rico par do reino que tinha seus escarcéus com o mundo da vadiagem, teria que tomar medidas extraordinárias para garantir sua segurança.

Talvez simplesmente fosse paranoico como qualquer tirano conhecido, pensou sentindo falta de seus poeirentos livros de história. César e sua guarda pretoriana... e o César da época moderna, Napoleão, com seu Grande Exército, ou o que ficou dele depois da batalha de Waterloo

acontecida no verão anterior.

Senhor, se o duque era tão paranoico, sua situação poderia ser ainda mais desesperadora do que poderia esperar.

A fortaleza normanda elevava-se frente a ela na escuridão com suas quatro torres redondas. As carruagens entraram no imponente espaço amuralhado e chegaram a um pátio no centro do recinto.

Enquanto os cavalos paravam com grande estrépito, uma nova sensação de terror dominou Kate, e qualquer esperança de receber um milagroso indulto desvaneceu-se por momentos.

Os contrabandistas começaram a desembarcar dos três veículos. A porta da carruagem que estava no meio abriu-se de repente, e uma gélida rajada de ar penetrou dentro.

—Vamos! —ordenou Caleb bruscamente. O chefe dos contrabandistas colocou as mãos na carruagem e a tirou dali.

Kate aferrou-se a minúscula manta tratando de ficar protegida contra o frio, mas o ancião tirou dela o agasalho deixando-a totalmente exposta com seu vestido de prostituta.

—Não necessita isso.

Quando a deixou no chão, ela proferiu um débil grito de dor, pois as meias que levava, não ofereciam amparo contra a placa de gelo que cobria as lajes do chão.

Doyle fez um sinal com a cabeça a dois de seus subordinados.

—Sim, senhor. —Os dois homens a agarraram pelos cotovelos e começaram a conduzi-la para a enorme entrada gótica sem nem mesmo olhar para ela.

Os dentes de Kate tiritavam e ela tremia violentamente, mas ela fez o possível para não ficar atrás, apesar de que tivesse as pernas tremendo pelo medo e sentia espetadas nos pés, virtualmente descalços, com cada passo que dava.

Ainda enjoada e desorientada, pensou que qualquer um que a visse nesse momento, certamente acreditaria tratar-se de uma simples fulana bêbada. OH, Santo Deus!. Sua aristocrática mãe revolver-se-ia em sua tumba caso a visse agora.

Entretanto, por sorte o frio trazia uma vantagem para Kate: limpava parte do estupor obrigando-a a permanecer relativamente alerta e consciente do que acontecia a sua volta.

Apesar de ter os olhos frágeis, manteve-se atenta a qualquer modo de escapar, tanto nesse momento como no futuro. Quando examinou os contrabandistas que a acompanhavam, não viu nenhum dos três que irromperam em sua casa na noite de seu rapto.

Odiava especialmente O'Banyon. "Bruto repugnante e lascivo".

Por acaso ouviu o nome do líder do bando na noite em que a raptaram quando um dos dois homens jovens pediu a ele permissão para roubar a casa depois de que a levaram. O'Banyon permitiu magnanimamente a seus ajudantes que ficassem com todo o dinheiro e as joias que pudessem encontrar. Que, em qualquer caso, não foi muito.

As posses que Kate mais valorizava encontravam-se em sua estante, mas aqueles rufiões eram muito incultos para interessarem-se por Aristóteles e Shakespeare.

Doyle parou apenas para passar o quebravento da imponente entrada de pedra.

—Liberem as mãos dela—ordenou a seus comparsas.

Os homens que seguravam os braços de Kate olharam para seu chefe com surpresa.

—Sua excelência poderá não gostar disso —Balbuciou Caleb. Não se preocupem, ela não irá a nenhuma parte. Apenas sabe como se chama neste momento. Vamos, sejam rápidos-—ordenou assinalando com a cabeça as cordas que rodeavam os pulsos dela—. Meu traseiro está congelando.

Para alívio de Kate, o homem a que dirigiu-se Caleb, obedeceu rapidamente e tirou a corda. Entretanto, antes de prosseguir, o senhor Doyle apontou para o rosto de Kate com um dedo e fez uma séria advertência.

—Não flagele sua excelência com sua afiada língua, moça, ou desejará estar de novo no porão. Compreende? Ele não aprecia a insolência. É um homem muito poderoso. Se for esperta manterá a boca fechada e fará o que ele disser. Entendeu?

Kate assentiu docilmente enquanto esfregava os pulsos machucados.

O chefe dos contrabandistas sobressaltou-se ao observar a ausência de seu habitual espírito combativo. As rugas da testa de Caleb deram passo a um cenho franzido.

—Ai, não me olhe assim... como se fosse um cordeirinho que vai para o matadouro! —vociferou—. Dúzias de moças dos arredores dariam o braço direito para passar umas quantas noites em sua cama! Sobreviverá.

Kate ficou rígida, mas o brusco tom de voz do homem conseguiu desterrar as lágrimas que amontoavam-se em seus olhos e apelar para suas últimas reservas de coragem. Armou-se de coragem o melhor que pôde e levantou seus ombros, decidida a sobreviver. Por Deus que não enfrentaria aquilo intimidada e vencida.

—Venha, vamos —balbuciou Doyle para seus homens, menosprezando o que imaginava ser a perdição da jovem—. Daremos a César o que é de César.

Com isso, Caleb Doyle bateu na porta de ferro com a enorme aldrava metálica.

Um homem magro vestido de negro abriu a porta imediatamente.

—boa noite, senhor Eldred —saudou Caleb ao entrar com todo o encanto de que foi capaz.

O mordomo inclinou-se, como um esqueleto animado embelezado com negras roupagens.

—Senhor Doyle.

Aquele homem ostentava uns olhos afundados e ardilosos, rosto ossudo e um sério e detestável ar de serenidade. Apesar das entradas na testa, aparecia um rebelde arbusto de cabelo grisalho que alvoroçava-se em todas as direções na parte posterior da cabeça.

Eldred olhou para Kate com expressão inescrutável, mas parecia ser muito esperto para fazer perguntas. Deu meia volta segurando uma tocha no alto.

—por aqui, tenham a bondade. O senhor está esperando.

O grupo completo seguiu o mordomo, que os conduziu por um corredor com um alto teto escassamente iluminado, tudo de pedra, estuque envelhecido e madeira escura lavrada. Kate avançou aos tropeções com os pés gelados sem deixar de olhar a seu redor. Nunca antes havia estado num castelo, mas era difícil acreditar que alguém pudesse viver em um lugar semelhante.

Aquilo não era um lar, a não ser uma fortaleza, um imponente quartel de uma época de cavalheiros e dragões.

Tudo era escuro e sólido, frio e ameaçador. Em lugar de quadros, nas paredes penduravam-se armas antigas, escudos e peças de armadura, e ainda desfiados pendões. Não havia nada acolhedor ali, embora contra toda lógica, e apesar da pouco hospitaleira atmosfera, a importância histórica do castelo fez com que durante um ou dois segundos ela se esquecesse do medo por aquele lugar, as batalhas que tinha presenciado, e todas os demais costumes misteriosas que poderiam ter acontecido nele ao longo dos séculos, despertaram sua insaciável curiosidade de erudita.

Então reparou que seus captores estavam cada vez mais nervosos.

—Né, Eldred. —Caleb aproximou-se do mordomo enquanto percorriam cansativamente um corredor recoberto de escuros painéis de madeira—. Com que humor encontra-se ele esta noite?

—Perdão, o que disse?

—A Besta! —sussurrou—. Está de mau humor?

O mordomo olhou para Caleb com desaprovação.

—Asseguro-lhe que não sei.

—Isso é um sim —Resmungou Caleb.

Então Eldred os guiou até um cavernoso salão com um alto teto abobadado.

A escuridão estava concentrada entre os arcos da abóbada. Poeirentas tapeçarias cobriam as paredes laterais aqui e lá. Na parede do fundo destacava-se uma pequena galeria que dava para o salão, a chamada galeria dos trovadores. Mais perto de onde eles estavam, uma série de móveis fortes e antigos proporcionavam uma austera comodidade.

Havia dois guardas de negro, igualmente vestidos aos que estavam na entrada do castelo, postados nos cantos mais próximos. Em posição firme, tão imóveis, como as armaduras que adornavam o grande salão.

O único sinal real de vida procedia do fogo aceso na enorme lareira situada junto ao estrado, no fundo do salão... e foi ali onde Kate viu a Besta pela primeira vez.

Soube imediatamente quem era ele.

O extraordinário poder que emanava encheu o lugar antes sequer de que ele desse a volta. De costas para eles, o duque de Warrington encontrava-se de pé em frente ao fogo, como uma figura imponente recortada contra as chamas.

Estava brincando com uma estranha arma de grande tamanho, de folha larga e dentada, uma espécie de cruzamento letal entre uma lança e uma espada. Mantendo-a em equilíbrio sobre a ponta, girou-a lentamente de um modo um tanto sinistro.

Eldred anunciou os recém chegados com um educado pigarro:

—Excelência: Caleb Doyle e companhia.

O duque levantou a arma apoiando a cruz do punho sobre seu largo ombro.

Kate notou que um nó formava-se em sua garganta quando o gigante de ferro virou o corpo pausadamente para eles. Ele ficou em silêncio enquanto os dissecava com o olhar, no outro

extremo do salão. A seguir, encaminhou-se para eles com passo sereno, mas implacável: Um aristocrata guerreiro medieval vestido com roupa moderna. Cada golpe de suas botas salpicadas de barro ressoava na oca imensidão da câmara.

Kate ficou ligeiramente boquiaberta enquanto o contemplava com temor e certo sobressalto. Caleb tirou o chapéu e deu alguns passos fazendo gestos a seus homens para que fizessem o mesmo.

O grupo de contrabandistas avançou tremendo de medo, com Kate no centro.

Os olhos da jovem continuaram fixos no duque guerreiro que chegava até eles sem pressa. Procurou em vão qualquer sinal de benevolência naquele homem mas, em vez disso, exsudava uma capacidade para a crueldade. Era insensível, sinistro e perigoso; a intimidação em pessoa.

Era evidente que acabava de chegar, tinha o rebelde cabelo negro, alvoroçado pelo vento, recolhido em um rabo de cavalo. Kate o estudou com os olhos desmesuradamente abertos. O negro lenço atado ao redor do pescoço não era tão formal como uma gravata. A camisa folgada, um pouco aberta, desaparecia dentro de um colete, também escuro, que atava-se a seu magro e esculpido torso.

Gotas de chuva e neve salpicavam ainda suas calças de montar pretas e a avermelhada luz do fogo cintilava sobre a espada que brandia distraidamente, como se tivesse nascido com ela na mão.

Com o coração pulsando com força, Kate não conseguia afastar os olhos dele.

Parecia ter trinta e poucos anos. Kate observou atentamente seu rosto anguloso e de duras formas à medida que se aproximava. Uma cicatriz, parecida com a marca de um raio, adornava o extremo de uma de suas sobrancelhas negras. Tinha a pele queimada de sol, algo nada elegante, como tivesse passado anos em climas mais ensolarados. O nariz era largo mas reto e dois sulcos emolduravam o gesto severo de sua boca.

Seus olhos eram aterradores.

De cor e expressão mordaz, estavam entrecerrados com suspeita e na profundidade cintilava uma fúria acumulada que, conforme percebeu Kate, esperava descarregar sobre os contrabandistas... e que também poderia cair sobre ela antes que acabasse a noite.

Santo Deus, podia matá-la sem esforço, compreendeu imediatamente. Era um homem enorme, de quase dois metros de estatura, com braços de ferro e ombros como os escarpados da Cornualles. Parecia bastante forte para levantar um cavalo, e ela sozinha chegava apenas até a metade de seu enorme peito.

Não era de estranhar que os contrabandistas sentissem pavor, apesar de que Caleb tivesse afirmado o contrário no povoado. O imponente físico dele, um conquistador e todo o poder mundano da mais alta posição da aristocracia, excetuando à família real.

Kate tratou de retroceder quando o duque aproximou-se percorrendo-a ousadamente com o olhar.

—O que é isto? —grunhiu a Doyle ao mesmo tempo em que assinalava Kate com a cabeça. Kate reagiu instintivamente a sua atenção e, presa de pânico, tratou de escapar de seus captores a

fim de fugir.

Eles a detiveram.

—Um presente, excelência! —exclamou Caleb Doyle com forçada jovialidade.

Quando os contrabandistas a levaram a rastros para ele, Warrington a estudou como se fosse um lobo.

—Um presente? —repetiu com tom divertido.

Caleb a empurrou para ele com um sorriso alegre.

—Sim, senhor! Um presente de nossa parte para dar as boas vindas de Cornualles depois de tanto tempo! Uma bonita rameira para uma fria noite de inverno. É uma beleza, não acha?

O duque guardou silêncio durante um longo momento examinando-a atentamente com o olhar penetrante.Depois respondeu de forma apenas audível, e sua grave voz reverberou como o rugido de um trovão aproximando-se.

—Tem razão.

Apanhada em seu olhar, Kate nem sequer pôde mover-se. Tinha sorte de lembrar-se de que devia continuar respirando.

Quando Caleb riu de novo com nervosismo, os outros fizeram o mesmo, mas Warrington apenas fixou os olhos neles, pois o duque avaliava Kate com olho crítico.

—Muita consideração de sua parte, Doyle —murmurou observando com lascívia como o frio tinha afetado a certas partes da anatomia da jovem.

Seu olhar desavergonhado acabou com as últimas frestas de esperança de que aquele homem pudesse não ter participação nos crimes desses homens. É obvio que sim.

Kate não era mais que mercadoria para ele.

—Tinha certeza que gostaria senhor. Também trouxemos alguns outros presentes... —Doyle gesticulou apressadamente a seus sequazes—Depressa!

Seus homens puseram mãos à obra e mostraram a seu senhor uma caixa de excelente conhaque e um sortimento de magníficos charutos.

Entretanto Warrington apenas dedicou um olhar para suas oferendas, pois continuava estudando Kate com uma expressão especulativa nos olhos.

A jovem não sabia o que fazer. Nenhum homem jamais a tinha olhado desse modo: inspecionando-a... não, devorando-a.

Warrington desviou a vista de seu cabelo ainda úmido, para os pés calçados apenas por meias, avaliando-a de cima abaixo; depois, para surpresa de Kate, olhou-a nos olhos com dureza... embora somente durante um instante.

Naquele fugaz momento, não soube com certeza o que foi que descobriu com seu penetrante olhar, além de um arrepiante grau de inteligência, como um homem em plena partida de xadrez.

—O presente é... né... aceitável, excelência? —aventurou Caleb com sutileza.

O duque esboçou um sorriso perigoso mais potente que o láudano.

—Logo vamos saber—disse. Sem afastar em nenhum momento o olhar dela, fez um gesto

com a cabeça a seus guardas—. Levem-na para meu dormitório.

CAPÍTULO 2

Kate deixou escapar um grito abafado quando dois guardas do duque, arrancaram-na das garras dos contrabandistas. Retesou-se para liberar os braços ao tempo que franzia o cenho com uma expressão entre enjoada e desafiante. Maldição!

—Me soltem! —exclamou furiosa, arrastando ligeiramente as palavras.

—Há algum problema? —exigiu saber o duque voltando à vista com irritação.

—Não, senhor —respondeu o guarda a sua direita com bastante apuro enquanto agarrava novamente o cotovelo da moça.

—Não me toquem!

Kate revolveu-se e quase perdeu o equilíbrio. Depois de acalmar-se, girou para enfrentar o olhar de Warrington com um impropério na ponta da língua, como se fosse um dardo

—Vá para cima e me espere —ordenou à moça.

Kate guardou silêncio, pois os aveludados matizes de sua profunda voz a pilharam de surpresa. Esqueceu a ira por um instante cativada pela promessa de prazer que revelavam seus olhos cinza; ficou imóvel olhando para ele, mas desorientou-se ao sentir o efeito secundário mais perturbador da droga até o momento.

Atração. “Excitação”.

Uma fascinação fatal por ele apoderou-se dela. Era formoso, sem dúvida, mas um absoluto mistério para ela. Um enigma que de repente desejava resolver, obcecada como sempre ficava por achar respostas ocultas. Uma fome voraz para saborear seus lábios invadiu violentamente o sangue de Kate. Como se visse tudo através dos olhos de outra pessoa, compreendeu que aquela era sem dúvida a reação mais louca que podia imaginar.

Parecia não poder controlar essa reação. Santo Deus, a diabólica mistura que lhe deram, fazia que quase sentisse desejos de que a violassem. Que humilhante!

Do mesmo modo, a satisfação que desprendiam os olhos do duque, como estivesse habituado a ser desejado pelas mulheres, e seu ar imponente e orgulhoso, a despertou de sua letargia o caráter lutador que morava no interior de Kate.

“Como se atreve a causar esse efeito em mim?”

Quem acreditava ser aquele enorme bruto arrogante? A cólera a fez ficar sã, mas enquanto sacudia a estranha sensação de luxúria que sentia, as advertências de Caleb ressonaram em sua cabeça. “Manter a boca fechada. Faça o que ele disser”. Kate reprimiu um grunhido. “É mais fácil dizer que fazer”, pensou, mas ao menos agora havia recuperado seu precavido instinto de conservação.

Dado que o orgulho de Warrington parecia ainda maior que seu castelo, de repente percebeu que seria uma estupidez rechaça-lo diante de todos seus homens. Somente uma

estúpida daria um motivo para ele castigá-la. “Não coloque as coisas mais difíceis”.

—Parker... —disse o duque com tom resignado.

—Sim, excelência. Lamento, senhor. —O guarda a sua direita, que pelo visto chamava-se Parker, tomou novamente Kate pelo braço—. Vamos, senhorita. Sua excelência tem que resolver alguns assuntos com estes tipos.

Kate terminou com seus esforços para não sair do lugar, percebeu que um enfrentamento direto com um inimigo invencível como aquele não a levaria a nenhum lugar Esperava ter uma melhor oportunidade de escapar daqueles dois guardas uma vez que estivesse longe da presença da Besta.

“Tenha cuidado. Seja paciente”, disse para si mesma.

Apesar de que lançou um olhar fulminante aos contrabandistas, não pôs mais objeções, mas sim consentiu que os esbirros de negro a escoltassem para fora do grande salão.

Depois de passar o extremo da câmara onde se encontrava o piso, saíram através da arcada situada sob a galeria dos trovadores.

Os dois homens a conduziram por uma solitária escada esculpida em pedra. A trêmula luz das estrelas filtrava-se tenuemente através da vidraça da alta janela do patamar onde a escada dava a volta.

Apesar do seu cérebro não funcionar ainda com a normalidade habitual, tratou de pensar em alguma artimanha que a ajudasse a escapulir dos guardas.

—eu...preciso utilizar o reservado —obrigou-se a dizer de repente.

—Não vomite no chão —Advertiu o homem a que o duque chamou de Parker—. Espera, a latrina está um pouco mais acima.

—Latrina? —resmungou.

Quando chegaram ao piso superior, arrastaram-na até uma espécie de provador no fundo do corredor. Parker pegou uma tocha que pendurava de um gancho na parede e entregou para Kate.

—Leve isto. E tome cuidado para não cair no poço cego.

O guarda abriu a porta da latrina para que ela entrasse, mas Kate retrocedeu no ato devido ao mau cheiro... Era mais que repugnante!

Levantou a mão para cobrir o nariz e a boca e sacudiu a cabeça de forma violenta afastando-se da porta.

—Não importa!

Os guardas prorromperam em gargalhadas.

—Isso limpará sua cabeça, não é assim, pequena bêbada? —disse o outro.

—Ah, vamos, deixe-a em paz, Wilkins. Não pode evitar ser o que é. Venha, continue— balbuciou Parker—. Se tiver vontade de vomitar, há uma bacia na antecâmara privada.

De fato, Kate não estava sentindo-se enjoada até então, mas o espantoso fedor da latrina esmagou temporariamente todas as suas ideias de escapar.

Contentando-se simplesmente em poder respirar novamente, prestou escassa atenção quando voltaram a passar pelo patamar superior para percorrer o corredor em direção contrária.

Antes que pudesse ocorrer-lhe outra ideia para fugir, chegou até eles os ecos de um rugido procedente do grande salão, cujas distantes vibrações retumbaram na sobreloja da galeria dos trovadores.

—Como se atrevem a me desafiar? Acaso não me expressei com claridade?

O aterrador bramido fez com que Kate parasse em seco. Com os olhos muito abertos voltou lentamente o olhar por cima do ombro para a escada e ficou pálida. Não podia distinguir cada uma das ensurdecedoras palavras, mas sem dúvida a Besta estava despachando-se com gosto.

—...esbanjar meu tempo?, ...desonrar meu sobrenome desta maneira? Imbecis! Deveria deixar que enforcassem a todos vocês!

Os guardas trocaram um olhar de preocupação, ato seguido Parker grunhiu a Kate que não ficasse parada. Os guardas do duque a levantaram rapidamente e a levaram pelo escuro corredor até que chegaram a uma enorme porta arqueada.

Um dos guardas abriu a porta ao mesmo tempo em que o outro a empurrava para o interior.

—Dentro! Sinta-se confortável.

Kate entrou tropeçando na antecâmara privada, dando meia volta em seguida, com o coração saltos.

—Esperem! Não podem me deixar aqui!

—Lamentamos, senhorita. Seguimos ordens. Sua excelência estará aqui muito em breve.

—Mas eu não...

Os homens fecharam a porta no nariz dela.

—Ouçam!

—Essa maldita moça pensa que está falando com o faraó. —Kate ouviu Wilkins balbuciar.

—Sim, bom, não é nosso assunto.

Kate equilibrou-se sobre a porta ao escutar a chave girar na fechadura e apertou-se contra a madeira.

—Voltem! Vocês não entendem! —Esmurrou a porta—. Por favor! Senhor Parker! Me deixem sair!

Não obteve resposta.

Já partiram? Kate ajoelhou-se rapidamente e olhou pelo buraco da fechadura. Somente viu escuridão. Podia ouvir o ritmo metódico da marcha dos dois disciplinados guardas da Besta enquanto afastavam-se.

—Ai, Meu deus —Sussurrou Kate fechando os olhos e apoiando a cabeça, que não parava de girar, contra a porta.

Graças a Deus a solidez das duras tábuas a ajudou a mitigar o aturdido martelar de seu cérebro. Foi então quando, sem aviso prévio, reparou em que o lugar para onde a levaram estava... Maravilhosamente quente. Estava recuperando a sensibilidade de seus pés intumescidos por causa do frio. Ainda tiritava, mas não de um modo tão violento. Ajoelhada junto ao buraco da fechadura, abriu as pálpebras, levantou a cabeça e endireitou-se pouco a pouco com cautela.

Enquanto o doce calor estendia-se por seu corpo congelado, voltou lentamente o corpo para

olhar de frente para o quarto do duque. Para sua surpresa, não estava tão mal. Afinal das contas, não era a cela de uma masmorra, nem divisava instrumentos de tortura por nenhuma parte ou atoleiros de sangue no chão.

O vivo fogo que ardia no ambiente, subia pela parede revestida de escura madeira em um quente resplendor fazendo que parecesse inesperadamente acolhedora. As chamas a cativaram. Cruzou o grosso tapete de cores vivas, atraída para elas de forma instintiva. Não parou até que esteve sobre o chão quente diante da lareira, exalando um suspiro de gratidão quando aquele agradável calor começou a estender-se para o resto de seu corpo através de seus congelados pés. "Calor... afinal ".

Continuou rodeando a cintura com os braços enquanto baixava o olhar para a poltrona de couro situada em frente à lareira, onde descansava uma luxuosa pele branca que foi jogada ali descuidadamente.

A tentação foi maior do que pôde resistir.

Aconchegou-se rapidamente na poltrona, fazendo um novelo sob a pele enquanto dizia para si mesma que assim que estivesse sentindo mais calor concentrar-se-ia e encontraria algum modo de escapar.

Só a ideia de fugir e acabar de novo na gélida noite a fazia sentir vontade de começar a chorar. Mas, no momento, descansaria ali durante uns minutos para recuperar as forças.

Dentro de um momento lhe ocorreria um plano...

O que não reparou foi que o frio, era a única coisa que a mantinha acordada. Só o frio tinha evitado que o láudano tivesse um efeito pleno nela. O calor que agora a envolvia resultava realmente reconfortante e adormecia seus sentidos.

Passaram uns momentos... despertando de repente, não percebeu que adormecera.

"Que desastre!"

Afastando a pele que a cobria com gesto irado e o coração pulsando com força, Kate deteve-se um momento para inspirar profundamente e sopesou a desgraça que poderia lhe ocorrer, se não fugisse.

Santo Deus, poderia fazer as coisas ainda mais fáceis para a Besta? Bonito ou não, não tinha intenção de consentir que esse homem cuidasse dela pela força. Sem saber com certeza quanto tempo havia passado, levantou-se e procurou algum relógio com o olhar.

Não encontrou, mas pela primeira vez reparou na gigantesca cama, que dominava o lugar das profundas sombras ao fundo do quarto.

Olhou-a fixamente durante um prolongado momento: Os pilares esculpidos de maneira ornamentada em madeira envelhecida pelo passar do tempo, os cortinados de veludo em cor escarlate. Um calafrio percorreu suas costas. Aquele ia ser o lugar de sua perdição; mesmo assim, não era imune a sua beleza natural.

Com seus almofadões e mantas, a cama do duque era a viva imagem do luxo, quente e fofa, a viva imagem da segurança. Tudo parecia chamá-la para que chegasse perto.

"Não". Não era tão fraca. Voltou a olhar para frente e sacudiu a cabeça tratando de limpar

as teias enquanto o láudano a atormentava com a necessidade de dormir.

Fazendo caso omisso da cama, recostou-se na poltrona e cobriu-se de novo com a pele prometendo a si mesma que procuraria um modo de escapar dali a instantes. Mas ao olhar para o fogo, suas chamas dançantes não demoraram a hipnotizá-la.

Sua mente divagava sem remédio e o movimento do quarto, fruto dos efeitos da droga, trouxe-lhe para a memória lembranças da infância, daqueles dias antigos, os mais felizes de sua vida, quando vivia a bordo do navio de seu pai no mar.

Com uma fraco sorriso narcotizado e uma desencorajadora onda de nostalgia provocada pelas felizes lembranças, rememorou como seu pai estava acostumado a deixá-la ficar ao leme e como brincava de ser seu contramestre em miniatura. Ele sussurrava para ela o que devia dizer e ela repetia suas ordens gritando à tripulação com sua aguda vozinha de menina: “Vamos, condenados folgados! Assegurem a gávea! Orientem a maior!”.

Pensar em seu pai fazia sentir-se melhor, inclusive em um momento como aquele. Era uma lástima que ele estivesse morto e não pudesse mover um só dedo para ajudá-la. Estava sozinha.

Como de costume.

“Devo me levantar”. Tenho que sair daqui“. Tenho que encontrar um modo de fugir, antes que ele venha...” Tratou de ficar em pé, mas seu corpo parecia de chumbo. O reino dos sonhos tinha começado a reclamá-la com força desta vez. “Um minuto mais suplicaram seus sentidos adormecidos. Somente vou fechar os olhos...”

Rohan Kilburn, duque de Warrington, confiava em ter deixado claro seu desagrado. No grande salão ressonavam ainda os ecos de sua cólera mas maldição, aquele desastre parecia ter desperdiçado mais que o tempo necessário.

Como um dos sicários mais importantes da Ordem, ardia em desejos de estar de volta a Londres perseguindo o mortífero agente Dresden Bloodwell, o ”prometeo” que foi visto na cidade.

O pior era que um dos melhores agentes da Ordem havia sido capturado.

Enquanto Drake permanecesse nas mãos do inimigo, perigava a identidade de todos eles como membros da antiga irmandade de guerreiros, a secreta Ordem do Arcanjo São Miguel.

Por desgraça, não via nenhuma forma de livrar-se daquela tarefa.

O recente naufrágio foi perpetrado por seus arrendatários em sua extensão da costa inglesa; portanto, era assunto dele.

E, por essa razão, aí estava ele, com ordens de seu instrutor de não retornar a Londres até que o bando de contrabandistas tivesse sido capturado. Por sorte, para Caleb Doyle e seus seguidores, os contrabandistas continuavam sendo um canal vital para as comunicações secretas da Ordem.

Durante anos, os duques de Warrington e o bando local de contrabandistas compartilhavam uma cordial, embora clandestina simbiose. Igual a seu pai antes que ele, Rohan mantinha baixas as rendas do povoado e fazia vista gorda com as destrezas dos contrabandistas no mercado negro...

dentro do razoável.

Em troca, o velho Caleb Doyle, o atual chefe dos contrabandistas, assegurava-se de que as mensagens codificadas da Ordem fossem entregues em vários portos estrangeiros assim que o vento permitisse, sem perguntas.

Os intrépidos e velozes capitães contrabandistas aperfeiçoaram sua destreza fugindo das alfândegas; eram um recurso muito útil, considerando que os "prometeus" contavam com espiões vigiando em todos os portos da Europa. Os contrabandistas eram capazes de entrar e sair de qualquer porto, antes que o inimigo percebesse sequer de que estavam ali.

Entretanto com o fim da guerra contra Napoleão, foi suspensa as tarifas comerciais, pondo fim ao lucrativo mercado negro que tinha sido o pão de cada dia dos contrabandistas durante vinte anos. Malditos! Quantas vezes advertiu esses estúpidos que não esbanjassem a fortuna que estavam amealhando enquanto duravam os tempos de bonança? Que economizassem um pouco de dinheiro para depois. Acaso eles o escutaram?

É obvio que não. De fato, provocaram sua cólera vários meses atrás com sua vergonhosa súplica, pedindo mais dinheiro.

A lacônica carta que enviou para eles em resposta, resolveu o assunto, ou isso tinha pensado, mas parecia que estava enganado. A cobiça, a ambição e o desespero levou seus indisciplinados arrendatários a violar as simples regras que havia imposto.

Agora atraíram sobre eles a atenção da Guarda Costeira com suas atividades, e ele era o único que se interpunha entre esses homens e a forca.

Bom, regras eram regras. Se não repartia justiça e brigava com eles em privado e a sua maneira, o assunto converter-se-ia em um escândalo público, e a Ordem não podia consentir algo semelhante.

Havia um estratagema, uma mutreta do comércio que os contrabandistas ingleses praticavam durante séculos.

Mediante a engenhosa utilização de grandes faróis, podiam simular os sinais de um farol verdadeiro para atrair os navios a fim de que naufragassem nas rochas próximas. Uma vez feito isso, desciam correndo para a praia, roubavam o que fosse que tivesse sido arrastado até a praia, e inclusive saíam com um bote e reclamavam qualquer coisa que pudessem roubar do naufrágio.

Era uma prática temerária e cruel e, é obvio, ilegal. Ele mal podia acreditar que os imbecis tivessem feito isso. Não cabia a menor duvida de que necessitavam que os recordasse a quem tinham que prestar contas.

Passando os olhos por diante dos andrajosos rufiões formados em fila diante dele, lançou um olhar sinistro e severo a cada um. Na mão sujeitava ainda sua atípica espada com a mesma naturalidade com que um dandi levaria sua bengala de passeio.

Deteve-se para fulminar e submeter com a vista o homem mais alto, aquele que chamavam o Boi. O suarento gigante contrabandista abaixou a vista.

—Quantas vezes eu os adverti contra este tipo de coisas? —prosseguiu Rohan, reatando a marcha—. Impus algumas regras e pedi a vocês que as respeitassem, e entretanto têm a

temeridade de descumprir minhas ordens. Pois... bem! —Depois de proferir uma repentina e áspera gargalhada que sobressaltou a todos, deteve-se no final da fileira e girou sobre os calcanhares—. Trazem para mim uma de suas empregadas bêbadas... como se com isso fosse lhes perdoar!

"Não me interpretem mal, é uma moça bonita e vou dar bom uso a ela. Mas se acreditam que uma rameira complacente e umas poucas garrafas de um conhaque decente vão fazer que isto seja esquecido, é que não compreendem a gravidade da situação. Existe uma coisa chamada consequência cavalheiros; adicionou. Contemplou-os com expressão feroz embora, para falar a verdade, estava fingindo uma cólera maior que a irritação que na realidade sentia.

Aqueles que o viam furioso de verdade poucas vezes viviam para contá-lo.

—O mais divertido de tudo é que na realidade pensaram que eu não ia descobrir. Oh, sim! Deveriam supor que eu continuava no estrangeiro. Obviamente, estavam equivocados.

Havia retornado de sua sangrenta missão em Nápoles há meses.

Naturalmente, eles não sabiam nada disso. Nunca explicava a ninguém a que se deviam suas prolongadas ausências. Deixava que tirassem suas próprias conclusões, e geralmente acreditavam que viajava simplesmente por prazer, procurando novos pastos, novas populações de mulheres com as que ainda não se deitou.

Talvez houvesse algo de verdade nisso... mas um homem tinha que aliviar suas tensões de alguma forma.

—Encontrava-me em minha residência em Londres quando recebi uma visita muito esclarecedora de um oficial superior da Guarda Costeira, que me informou das maldades de meus arrendatários. Oh, sim, sabem tudo sobre vocês —Disse para eles com voz cortante—. Como cortesia a um par do reino, pareceu-lhe adequado colocar-me ao corrente sobre estarem a ponto de levar a cabo uma batida na aldeia. Deveriam ter visto, quanto estava ansioso por seu sangue.

Os contrabandistas trocaram olhares nervosos.

—Todos nós sabemos que seu bando era como um espinho no flanco da Guarda Costeira. Agora têm testemunhas, sabem? Homens da tripulação do casco do navio mercante que afundaram.

—Mas, excelência...

—Silêncio!

Todos ficaram acovardados.

—Não quero escutar suas desculpas! —bramou—. Se um só desses marinheiros tivesse morrido afogado, não teria intervindo para salvar suas miseráveis peles, posso assegurar isso. Mencionei que a Guarda Costeira estava disposta inclusive a prender suas esposas? Sim, e também à maioria de seus filhos menores. Não é nenhum segredo que nestes naufrágios o povo inteiro está acostumado a participar. Não obstante... —continuou passeando— dado que nenhuma vida foi perdida, pude, a custa de um grande desembolso de dinheiro, subornar o agente para que me deixasse falar com vocês em particular e ele concordou comigo depois de um simples acordo.

"Prometi-lhe entregar os responsáveis diretos do naufrágio; unicamente eles enfrentarão um julgamento. Em troca, o resto do povo será perdoado.

Rohan reparou em suas expressões de alívio.

—Cavalheiros, sei que é tradição vocês protegeram uns aos outros com seu código de silêncio. Embora admire sua lealdade, os tempos mudaram e agora que a guerra terminou —informou, percorrendo a fileira lentamente com os olhos—. A Guarda Costeira já não tem que vigiar para o caso de que apareça Bonaparte. Agora tem liberdade para olhar para vocês.

Alguns dos homens empalideceram.

—Em todo caso, a guarda costeira aceitou minha proposta e o senhor Doyle concordou em cooperar.

Rohan escreveu ao chefe dos contrabandistas antes de partir de Londres, lhe dando a oportunidade de redimir-se reunindo o grupo responsável antes de sua chegada.

Lançou ao velho Caleb um olhar sombrio.

—Confio em que esteja preparado para entregá-los agora.

—Sim, senhor.

Rohan fez um gesto sucinto.

— Traga-os aqui.

Doyle indicou a seus subordinados com severidade que fossem apanhar os prisioneiros, que permaneciam fora, sob vigilância, dentro das carruagens. Os contrabandistas abandonaram o grande salão, mas Doyle ficou; quando Rohan olhou para ele, não pôde evitar reparar no desânimo que refletia no rosto do velho e, possivelmente, também um pingo de vergonha.

Não cabia dúvida de que Doyle causava pena, considerando que dois de seus próprios sobrinhos estavam envolvidos na conspiração. Agora o que lhes aguardava era a forca ou uma colônia penal.

"Que desperdício". Mas Rohan também suspeitava que a expressão de culpabilidade de Doyle ocorresse devido ao fato de que, como chefe dos contrabandistas, era o responsável por não ter mantido a sua gente sob controle.

Rohan sabia que Caleb não havia autorizado o naufrágio. O desatinado delito ocorreu devido a um punhado de homens jovens dispostos a demonstrar sua têmpera.

Isso era parte do problema. Doyle estava ficando velho, mais débil, e estava perdendo autoridade. Era inevitável que o sangue jovem acabasse desafiando seu papel como chefe do povo. Era evidente que o orgulho de Doyle havia recebido um duro golpe com tudo aquilo, mas Rohan não tinha intenção de jogá-lo aos lobos. O velho era muito valioso para perdê-lo. Embora fosse um enganador por natureza, isso estava claro, Caleb Doyle tinha demonstrado sua lealdade durante muitos anos, tanto ao duque anterior como ao próprio Rohan.

Nessa altura, tendo disposto o envio de tantos comunicados secretos, certamente o ancião chefe dos contrabandistas suspeitava de certas coisas sobre a longa relação dos duques de Warrington nas intrigas secretas do governo.

Felizmente, Caleb era muito ardiloso para contar o quanto sabia... ou imaginava. De fato,

parte do gênio de Doyle indicava em saber que perguntas não formular.

O ambiente no grande salão era tenso quando escutaram Eldred dirigir-se à porta principal para fazer entrar os contrabandistas culpados, que estavam a ponto de ser levados diante do duque.

Rohan sentou-se na velha cadeira, similar a um trono, situada no centro do grande salão e tamborilou os dedos sobre o punho da espada com régia impaciência.

Afinal, quanto antes acabasse com aquilo, poderia desembrulhar seu pequeno "presente". Seus olhos relampejaram de expectativa enquanto permitia a si mesmo pensar nela por um breve instante. Inclusive nesses momentos, seus instintos estavam plenamente alerta e consciente de que havia uma mulher em sua casa.

Esperando por ele em sua cama.

Rohan não queria que ela estivesse no grande salão em caso de que precisasse tomar medidas mais drásticas para recordar a seus arrendatários quem era que mandava. Não desejava que nenhuma mulher fosse testemunha de sua capacidade para exercer a violência.

Além disso, não necessitava da distração daqueles formosos peitos que pediam a gritos seus cuidados. Muito em breve ficaria familiarizado com eles, com cada suave milímetro de seu corpo.

Sua gente sabia do que gostava; estava muito feliz com a oferenda de paz. Aquela sedutora jovem, símbolo de sua desculpa, fazia com que sentisse muito mais predisposição a perdoar. Mais ainda, a perspectiva de passar as próximas noites naquela abominável cripta de pedra que era o castelo, de repente lhe parecia muito mais agradável.

Quando partiu para aquele castelo no meio de nada, supôs que teria que prescindir de sua dose diária de sexo, um verdadeiro inconveniente para um homem de sua primitiva natureza. Afinal, tinha uma regra contra perseguir as aldeãs.

Desejava que o temessem não que o odiassem. Mas, maldição, se a ofereciam numa bandeja de prata, nada mais longe dele que rechaçar um bocado tão delicioso.

Entretanto, seu lado mais cínico não podia evitar pensar no cavalo de Troya. "Cuidado com os presentes dos gregos".

Sem dúvida a deslumbrante beleza enviada com o fim de que esquentasse sua cama tinha também a missão de o espionar para os contrabandistas. Não seria nada estranho um estratagema assim vindo do velho e matreiro Caleb.

Era provável que os contrabandistas pensassem que ao colocarem uma de suas moças em uma posição próxima dele, ela poderia avisá-los de antemão sobre as idas e vindas do senhor, ajudá-los a ocultar suas próximas maldades.

Rohan sacudiu a cabeça divertido. Fosse qual fosse seu plano, não lhe preocupava o mínimo. De fato, poderia resultar muito interessante iniciar um pequeno jogo de desinformação com seus arrendatários se de verdade acreditassem bastante preparados para o enganar.

Quanto a seu jovem presente, aproveitaria igualmente. Espiã amadora ou não, não pensava consentir que um pequeno engano o privasse de seus prazeres.

Enquanto contemplava como os contrabandistas traziam seis dos seus, com os grilhões

postos, teve certa dificuldade para expulsar de sua mente à rameira de olhos verdes.

Era complicado encontrar uma mulher que não encaixava com seus gostos, certo. Possuía um saudável apetite por todas: Altas, baixas, voluptuosas, magras, loiras e morenas, plebeias ou de alta linhagem. Mas aquela... sedutora desalinhada possuía algo especialmente atrativo. Seus carnudos lábios vermelhos e esses doces e eretos mamilos, como duros caramelos rosados apertando-se contra o decote do vestido, tinham-lhe feito gemer mentalmente de luxúria; entretanto, a expressão de seus grandes olhos esmeralda pareceu a ele tão vulnerável e perdida, quase patética que tinha despertado nele um instinto protetor ainda mais feroz.

Verdadeiramente desconcertante.

Algo naquela fulana embriagada e descalça, que não parava de tremer, quase tinha comovido o bloco de pedra que uma vez havia sido seu coração. Naquele momento não soube o que desejava mais: sentá-la em seu regaço e consolá-la ou deitá-la sobre a cama e montá-la até ela tivesse um suarento e incrível êxtase.

Rohan descartou a questão encolhendo os ombros com inquietação, decidindo fazer ambas as coisas logo que tivesse concluído seus assuntos.

Não obstante, até que estivesse pronto para ela, a jovem encontraria a antecâmara do piso superior muito mais acolhedora e quente. Era óbvio que a moça estava morta de frio e completamente ébria. Não agradou vê-la tremer pelas frias correntes de ar do castelo. Quanto a seu estado de embriaguez, reparou que quase não ficava em pé sem cambalear.

Franziu o cenho ao recordar que a pequena bêbada esqueceu inclusive de calçar os sapatos. O que tinham as rameiras que não sabiam quando era o momento de deixar de beber?

Bom, podia recuperar a sobriedade enquanto ele despachava seus assuntos com os contrabandistas. Ela era uma rameira; deixaria que esquentasse a sua cama até que ele terminasse ali.

Então iria para junto da jovem e juntos divertiriam-se um pouco.

Embora continuasse sem poder evitar perguntar-se por que ela o olhou de um modo tão estranho... como tivesse medo dele. Aqueles olhos verdes, grandes e angustiados... Inclusive agora estava um pouco perturbado por sua estranha e inquietante atração, atormentado pelo desejo e o desgosto em medidas iguais.

Talvez sua possível missão como espiã para os contrabandistas lhe tinha parecido de repente muito difícil estando na presença dele. A maioria das pessoas percebia a primeira vista de que Rohan não era alguém com quem conviesse jogar, mas não era possível que a jovem tivesse pensado que ele seria capaz de fazer mal a uma mulher.

Certo que existia uma antiga maldição familiar que afirmava o contrário sobre os homens de sua linhagem, mas não podia ser que ela acreditasse em semelhantes disparates.

Ao menos gostava de acreditar que tratava-se de disparates.

Se ela estava nervosa sobre o seu tamanho, não devia temer por isso Ele sabia usar a enorme arma com que a natureza o tinha dotado.

Possivelmente, nunca antes ela havia se deitado com um aristocrata, embora se esse fosse o

caso, mais valia acostumar-se, pensou cinicamente. Muito em breve descobriria que os duques tinham as mesmas necessidades carnais que qualquer outro pilantra.

"Esquece-a, homem. Tem assuntos com os quais precisa se ocupar ! Muito em breve irá reunir-se com ela". Com isso, Rohan a desterrou de sua mente negando-se, como de costume, a deixar que uma mulher o distraísse. Era objeto de prazer, um passatempo favorito, a recompensa por um duro dia de trabalho, e nada mais.

Ficou em pé quando os homens de Doyle levaram os bagunceiros, alguns dos quais amaldiçoavam e lutavam enquanto eram conduzidos diante sua presença. Ele guardou um silêncio pétreo até que Caleb obrigou os malfeitores a formar uma fila.

—Estes são os moços responsáveis, excelência —disse Doyle ao fim.

Plantando as mãos nos quadris, Rohan examinou o rosto dos culpados durante longo momento com expressão pensativa. Percorreu com a vista a fileira de jovens carrancudos, furiosos e ressentidos, e fixou-se em que Peter e Denny Doyle, os sobrinhos de Caleb, encontravam-se entre eles.

Ambos tinham uns vinte anos de idade, e somente os dois davam a impressão de estar resignados com sua sorte. Os outros quatro pareciam preparados para começar de novo uma briga.

—Levem todos para a masmorra —Ordenou a seu contingente de guardas, aos quais tinha treinado pessoalmente.

—Sim, senhor —repôs o leal sargento Parker.

Ele e seus homens agarraram os responsáveis pelo naufrágio das mãos dos contrabandistas respondendo sem contemplações as suas maldições e tentativas de escapar, a base de puro músculo.

Rohan viu como seus soldados tiravam os aldeãos algemados do grande salão.

"Bom, não foi tão difícil, verdade?", esteve a ponto de dizer aos contrabandistas. Mas quando olhou de novo para eles viu que estavam aflitos, enfrentando à sorte de seus companheiros, e conseguiu dominar seu sarcasmo.

Com um pouco daquela sorte, ao menos colocaria o suficiente medo no resto para que se comportassem relativamente bem. O salão ficou em silencio depois de que os culpados tivessem sido conduzidos à masmorra.

Bem sabia Deus que esse era um dos lugares nos quais nem sequer ele gostaria de passar uma noite, não depois de alguns dos estranhos fenômenos que havia presenciado lá embaixo.

Uma coisa eram os inimigos de carne e osso, mas nem sequer o guerreiro mais invencível podia brigar contra aparições espectrais com ânsias de vingança.

Negava-se a contar muito a respeito de seus ocasionais lances com a morte naquele montão de pedras encantado. Seus camaradas da irmandade burlavam dele por suas superstições, mas Rohan fazia ouvidos surdos às suas gargalhadas.

Nenhum deles procedia de uma linhagem maldita, no fim das contas. Em suas circunstâncias, um homem fazia bem em ter ao menos certa consideração com essa classe de

coisas.

Uma rajada de vento invernal açoitou o castelo justamente nesse momento, como se o próprio alquimista tivesse arrojado um novo e sinistro feitiço. Rohan fez caso omisso do frio, mas tão estranhos pensamentos fizeram com que se alegrasse de que tivessem lhe trazido a moça. Em uma noite tão rude, seria agradável ter um corpo quente a seu lado na cama. E debaixo dele, e ainda por cima...

Limpou a garganta impaciente para colocar as mãos em cima dela.

—Senhor Doyle, cavalheiros, tenho que ir —disse com voz severa aos contrabandistas restantes—. Foram sensatos ao cooperar. Podemos considerar resolvido este assunto. Mas se me inteiro de qualquer maldade similar num futuro —lhes advertiu com tom detestável—, tenham por certo que não me mostrarei tão indulgente.

Agitou a mão indolente indicando que partissem.

—Sim, senhor. boa noite.

Doyle inclinou a cabeça, logo fez um sinal a seus homens, que saíram apressadamente depois do ancião, sem dúvida tão contentes como ele de que os despedissem com tanta celeridade.

—Doyle! —chamou-lhe Rohan.

O velho chefe parou de repente e se voltou para ele.

—Sim, senhor?

—Quanto à moça. —Rohan o olhou de forma maliciosa perguntando para si mesmo se poderia obter que o velho admitisse a verdadeira missão da jovem no castelo—. Por acaso não foi arrastada para a terra junto com o resto das coisas que seus moços roubaram na noite do naufrágio?

Caleb parecia atônito diante tal acusação.

—Não, senhor! Não!

O duque torceu o gesto.

—Quem é?

—Uma moça do povoado, excelência! Está tão cansada como nós de viver na miséria, mas a diferença do resto, ela é bastante bonita para buscar uma vida melhor na cidade.

Rohan entrecerrou os olhos avaliando-o com divertida irritação.

Por que está tão nervoso, Caleb?

—Jovens com a metade da beleza dela ganharam bem a vida em Londres, entretendo a cavalheiros de alto berço como você —apressou-se a explicar o chefe dos contrabandistas.

—São esses seus desejos? —inquiriu Rohan.

—Sim, a garota aspira a ser a amante de um homem rico.

O duque arqueou uma sobrancelha.

—Sem dúvida, não esperarão que a mantenha.

Rohan já tinha muitas mulheres em Londres, quase mais das que inclusive ele podia dirigir; um harém, como preferiam chamar as fofocas da sociedade. Não estava certo do que viam nele

além de um consumado amante.

Nada de promessas, isso com certeza.

Doyle estava meneando a cabeça enfaticamente.

—Absolutamente, senhor! O que acontece é que sabendo que sua excelência é um favorito das damas, ela esperava que talvez você estivesse disposto A... né... mostrar a ela como funcionam as coisas, caso não se incomode.

Alguns dos homens de Doyle sufocaram uma tosse.

—OH, será um sacrifício —repôs o duque de maneira lânguida. Doyle esboçou um amplo sorriso... quase de alívio—. Como se chama?

—Kate, milord.

—Kate, que mais?

—Madsen.

—Hum. —O nome não lhe resultava familiar—. bebeu um pouco, suponho.

—Os nervos, excelência —respondeu Doyle sem alterar-se—. Bom, senhor, você tem... né... certa reputação de ser um homem muito exigente. Mas pelo que ouvi, nossa Kate deve ser capaz de estar a sua altura sem problemas. É uma pequena em floração sim senhor. Estamos muito orgulhosos dela.

Rohan curvou os lábios sardonicamente. Típico de uma bando de criminosos orgulhar-se de que suas filhas crescessem para converter-se em célebres cortesãs.

—Obrigado, senhor Doyle. Isso é tudo.

—Vamos embora, para que desfrute da noite! —O sorriso alegre do velho apagou-se quando fez uma reverência e saiu apressadamente atrás de seus homens.

Eldred lançou discretamente um olhar irônico a Rohan antes de sair com presteza para acompanhar os rústicos visitantes.

“Uma pequena em floração refletiu, ao mesmo tempo em que seus olhos se dirigiam com expressão luxuriosa para a escada ao mesmo tempo em que levantava-se da cadeira. Parece justamente meu tipo”.

CAPÍTULO 3

Livre ao fim para dedicar toda sua atenção à companheira de cama que o aguardava, Rohan deixou a arma e abandonou o grande salão enquanto seguia dando voltas ao que Doyle havia dito a respeito das ambições profissionais da moça.

“Bem”, refletiu, com uma faísca especulativa cintilando em seus olhos, a tentadora jovem desejava que um homem mundano a instruísse um pouco sobre como conduzir-se no alegre mundo noturno de Londres.

Com seu físico poderia obter uma fortuna e, sem dúvida, ele poderia mostrar a ela o caminho da perdição. Desgraçadamente, sabia bem a rota. Por acaso conhecia duas ou três

grandes madames de Londres que ofereciam discretamente prostitutas de luxo a uma clientela muito seleta.

Com certeza uma dessas elegantes cafetinas estaria encantada de contratar uma moça nova tão atraente, sobre tudo se fosse recomendada por ele. Não podia esperar para descobrir se Kate possuía a habilidade requerida para o trabalho de cortesã. Se não fosse assim e resultasse ser estúpida, bom... uma alma generosa como ele estaria mais que disposto a lhe servir de tutor até que os tipos da Guarda Costeira chegassem para levar os prisioneiros sob sua custódia.

Naturalmente continuava acreditando que Caleb tinha endossado à garota a fim de que atuasse como espiã, mas dado seus excessos com a bebida, os contrabandistas elegeram uma agente secreta péssima. Logo descobririam que o vício era um grave impedimento para ser sigilosa.

Com um pouco de sorte, já teria recuperado a sobriedade em certa medida depois de havê-la deixado por si mesma durante mais de meia hora.

Enquanto subia os degraus, a lua feiticeira derramava sua luz através da alta janela e banhava a alta abóbada da escada de fria pedra com seu resplendor prateado.

Quando chegou ao patamar, sombras azuladas procedentes dos vidros das janelas entrecruzavam seu semblante de feições duras como se fossem as pinturas de guerra que utilizavam seus antigos antepassados celtas.

Deteve-se diante da janela explorando com a vista a escuridão, alerta a qualquer problema, como de costume. Dentro de sua fortaleza murada tinha uma vista excelente dos arredores. Podia ver os faróis longínquos das carruagens dos contrabandistas que retornavam ao povoado, diminutas esferas alaranjadas percorrendo o caminho lentamente. E a uma distância menor, as janelas da guarita, onde seus homens seguiam de guarda, emitiam um vivo resplendor.

Antes de prosseguir, seu olhar contemplou a frígida beleza da noite invernal. Os terrenos do castelo estavam convertidos em um reino de gelo, escuro mas resplandecente à luz da lua; a geada cobria os congelados jardins e topearias como pó de diamante. Sem dúvida estaria derretida pela manhã, e tudo voltaria a ficar frio, deprimente e cinza.

Enquanto seu pausado e quente fôlego empanava os cristais diante dele, seu reflexo lhe devolvia o olhar com expressão severa, transparente como um espectro.

Começou a divagar, a situação em Londres o comia por dentro, sobre tudo o concernente ao agente da Ordem desaparecido.

Rohan não conhecia Drake em pessoa; somente os líderes da equipe eram permitidos comunicar-se entre si, uma estrutura que ajudava a proteger sua rede secreta como um todo. A Ordem acreditava que Drake estava sendo retido por um dos membros mais poderosos do Conselho do “Prometeo”, James Falkirk, e seu eterno guarda-costas e ajudante, o sicário torto conhecido como Talon.

Perguntava para si mesmo se houve algum progresso para localizar Drake desde que ele partiu de Londres, mas justamente nesta hora, Rohan sentiu uma fria e úmida corrente de ar nas suas costas. O pelo de sua nuca ficou arrepiado.

Girou-se instantaneamente, como uma exalação e com o coração desbocado... mas não havia o mínimo rastro da Dama de Cinza, e nenhuma aparição com ânsias de vingança. Só viu isso uma vez em toda sua vida, quando era um menino.

Podia sentir... algo. Mas não. Só havia escuridão, vazio, e a sensação de culpabilidade de todos os duques anteriores a sua linhagem de bárbaros.

"A maldição dos Kilburn".

Relaxou sua postura beligerante, mas o estranho e horripilante comichão continuava percorrendo seus braços. Livrou-se dele com um bufo mal-humorado e, burlando-se de si mesmo, prosseguiu seu caminho subindo o resto da escada com expressão turva.

"É ridículo". Um homem adulto, um homem culto, um par do reino, assustado em sua condenada casa! Santo Deus, era um sicário de primeira para uma das organizações mais mortíferas do mundo, ao que tinham despojado de sua infância como a um espartano para convertê-lo em um dos guerreiros mais ferozes.

E isso era. Levava no sangue. O sobrenome Warrington sempre engendrou sicários mais dotados.

Esse era precisamente o problema.

Fazia centenas de anos, um antepassado medieval, um típico e ostentoso cavalheiro Warrington, havia provocado a cólera de um feiticeiro "prometeo", Valerio o alquimista, que lançou uma maldição a toda sua linhagem.

"Vós, poderosos guerreiros, estão condenados a matar aquela a quem amam".

Após isso,a cada pouca geração, os duques de Warrington exibiam uma desafortunada tendência para matar suas esposas... em sua maioria por acidente, mas de vez em quando de forma premeditada.

Aquela era sua sina, a não ser, supostamente.

O folclore local assegurava que as queridas vítimas de seus antepassados continuavam vagando entre os silenciosos muros do castelo à luz da lua, ansiando vingar-se através do atual duque, pelo sangrento destino, fosse o que fosse, que tinham padecido nas mãos de seus maridos pertencentes à família Warrington.

Rohan só sabia que ficaria alegre ao abandonar aquele horripilante lugar, o mais rápido possível.

Deus bendito, sentia-se a gosto em qualquer lugar da terra à exceção daquele; podia dormir placidamente em pleno deserto indiferente a escorpiões e serpentes, ou dormitar na rede de um navio com absoluta tranquilidade em meio de uma tempestade. Não temia a nada e estava condenadamente orgulhoso disso.

Mas ali, na residência de seus venerados ancestrais, sabia o que era estar atormentado, se não por duquesas assassinadas, sim pensando no que se converteu oficiosamente pelo bem da Ordem.

A Besta.

Nunca tinha duvidado de que lutava ao lado do bem, e jamais ninguém poderia dizer que

tivesse vacilado em seu dever, mas matar era matar, e dado sua natureza supersticiosa, não podia evitar pensar em que, um bom dia, teria que enfrentar a alguma classe de vingança divina pelo sangue que tinha derramado.

É obvio, as vítimas que perseguia eram perigosos integrantes da hierarquia dos prometeos, homens corruptos que ocupavam postos de poder e que deviam ser eliminados. Mas alguns dos homens que liquidou em Nápoles eram casados e possuíam família. Às vezes despertava empapado em suor com os gritos dos meninos que ficaram órfãos ressonando em seus ouvidos.

Na realidade, era possível que fosse maldito pois, um homem como ele, um assassino, uma Besta, não era digno de amar e ser amado.

Por sorte, há muito tempo tomou a decisão de não permitir que a maldição familiar caísse sobre ele. Muito menos depois de ter visto com seus próprios olhos como o amor esteve a ponto de destruir seu pai.

A solução que tinha encontrado era simples: Não amar ninguém. "Não se afeiçoar". Evitar compromissos resultava fácil se um homem canalizava suas energias somente em mulheres que não podia confiar nem respeitar. O mundo estava cheio de viúvas libidinosas, adulteras vaidosas e um sortimento de prostitutas intrigantes.

Como a que nesse momento o aguardava.

"Sim". Tais mulheres serviam a seu propósito. Negando-se a consentir que sombrios pensamentos lhe arruinassem a noite de desafogo que tanto necessitava, livrou-se deles, como faria de uma pesada capa, quando chegou ao corredor do piso superior.

O vento uivava sem cessar açoitando as antigas pedras do castelo como se fosse uma alma penada.

Percorreu o escuro corredor com grandes passadas até chegar à porta da câmara privada e tirou sua chave. Muitas das portas do castelo com o típico fechamento de tranca medieval haviam sido substituídas há anos por modernas fechaduras. Seus homens tinham tirado a chave de seu dormitório para impedir que a moça perambulasse para certas zonas do castelo, proibidas para olhos curiosos.

Girou a chave com um silencioso clique. "Hora de divertir-me um pouco".

Ficou alerta enquanto girava a maçaneta. Devido a sua vida na Ordem, estava acostumado a que as pessoas tentassem mata-lo de forma inesperada e sem motivo aparente. Entrou no dormitório preparado para tudo.

"Onde estava a jovem?" Percorrendo o quarto com o olhar espiou um delicado e pálido cotovelo que aparecia por cima do braço da poltrona de couro situada em frente ao fogo.

"Aí!" A presa foi vista.

—Kate... —saudou-a em voz baixa não desejando assustá-la. Fechou a porta e usou de novo a chave com um brilho malicioso nos olhos—. Acredito que você e eu não fomos devidamente apresentados.

Guardou a chave novamente no bolso do colete. Sem obter resposta ainda, permaneceu em guarda enquanto cruzava o lugar aproximando-se dela com parcimônia.

Em seguida viu por que a garota não tinha respondido. A jovem estava enrolada na poltrona diante do fogo e, para sua consternação, estava dormindo como um tronco.

Ou não? Rohan arqueou uma sobrancelha. No mundo que ele conhecia as coisas nem sempre eram o que pareciam. Ela poderia estar fingindo. Por isso sabia que ela poderia estar armada. Devido a sua associação com criminosos, não confiava na garota.

—Kate! —disse com maior firmeza.

Quando sentou na cadeira em frente a ela, olhando-a fixamente, o que viu diante dele foi uma jovem incrivelmente vulnerável e feminina.

E com um excesso de vinho.

"Maldição!" O vivo fogo da lareira a esquentou até que dormiu, mas a quantidade líquida que, segundo Doyle havia ingerido, parecia ter sido sua perdição.

"Sei de alguém que manhã vai sentir-se pessimamente", pensou esboçando um irônico sorriso. A jovem estava tão quieta que ocorreu a ele que o certo seria certificar-se de que não tivesse bebido até o ponto de resultar perigoso para ela.

—Kate, sou Warrington. Está bem? Posso trazer alguma coisa para você? —inquiriu enquanto deslizava os dedos pela suave e ondulada cabeleira castanha clara e pressionava os dedos delicadamente sobre seu pescoço para apalpar o pulso.

Estava normal. "Alegra-me que não tenha morrido de embriaguez, minha menina".

—Olá! Escuta-me?

Não teve muita sorte. Impaciente ao descobrir que seu urgente desejo para saborear à tentadora beleza, tinha sido frustrado no momento menos oportuno, estudou-a durante outro prolongado momento.

—Muito bem, pois. Brincaremos amanhã —Sussurrou—..

Inclinou-se para frente e, com muita delicadeza, levantou o corpo de Kate da poltrona, com a manta de pele e tudo. Acomodou-a em seus braços e nem sequer isso a despertou.

Quando sua cabeça caiu sobre o ombro de Rohan com inocência quase infantil, embargou-lhe uma grande desilusão. Perguntava-se como uma criatura tão encantadora acabou levando semelhante vida... mas então, ao reparar no perturbador curso que estavam tomando seus pensamentos, apressou-se a proteger-se contra aqueles ternos sentimentos. As desgraças da jovem não eram sua incumbência.

Era um sicário muito bom para mostrar abertamente seus sentimentos a outros. Levou-a até a cama e a depositou com cuidado sobre ela. A jovem se afundou no colchão exalando um suspiro em sonhos.

Embora o instinto protetor que havia sentido anteriormente houvesse retornado com força, o suave e sensual gemido que escapou de seus lábios o cegou por um breve instante por causa da luxúria.

"Santo Deus". Seu corpo estremeceu de desejo. Percorreu com o olhar o semblante depravado da jovem e desceu pelo branco pescoço até o cremoso busto. Rohan notou que formava um nó na garganta ao olhar seus peitos.

Não sabia como, mas seus olhos se cravaram neles outra vez.

Com o coração palpitante, moveu lentamente o corpo e sentou-se devagar na beirada da cama. O desejo rugia por suas veias, mas só pretendia olhar. Era uma prostituta, não lhe importaria sempre e quando ele tivesse dinheiro, e tinha aos montões. Mas lhe assombrava que uma beleza assim pudesse ser comprada. Era deliciosa, com aquelas escuras pestanas projetando sua sombra sobre as faces enquanto dormia. O ondulado e sedoso cabelo castanho emoldurava brandamente a palidez de seu rosto e derramava-se sobre o travesseiro.

Rohan ficou maravilhado ao ver sua cútis, cremosa e resplandecente, sob a luz do fogo, suas faces rosadas como delicada porcelana tingida de rosa. Seu olhar deslocou-se para a testa, os delicados arcos gêmeos das claras sobrancelhas castanhas e o pequeno e bonito nariz.

Não teria imaginado que tratava-se de uma vulgar prostituta. Então sua atenção foi desviada para seus lábios rosados com desejo ainda maior, e um ardente fogo obscureceu seus olhos.

Tinha um queixo muito atraente, ligeiramente pronunciado, que insinuava um caráter firme e obstinado. Rohan desejou mordiscar aquela suave e arredondada curva.

Com o vagar de sua imaginação, Rohan descobriu que tinha que fechar os olhos durante um momento. Tomou ar para desfazer o nó que estava na garganta e ato seguido expulsou o ar lentamente. Espantou as fantasias muito vividas como as que a amava meigamente enquanto ela dormia.

Fazendo todo o possível para liberar-se do domínio da luxúria, a cobriu com a colcha consciente de seus deveres e limpou ligeiramente a garganta.

—Necessita alguma coisa, Kate —perguntou em voz alta— Esta bem?

Seus dedos roçaram o ombro dela enquanto a agasalhava e o recompensou deixando escapar outro suspiro contente de seus lábios.

Aquilo foi mais do que Rohan pôde suportar. Pousou de novo os nós dos dedos no ombro da jovem, pois precisava tocá-la embora fosse com brevidade, admirando somente a delicada estrutura óssea.

—Kate —murmurou com voz rouca.

Ela continuou dormindo; era uma tentação maior do que ele podia suportar. Amaldiçoando a si mesmo, deslizou os dedos ao longo da elegante clavícula. A jovem respondeu com um embriagador suspiro de prazer, elevando os peitos ligeiramente quando arqueava as costas para procurar seu contato. Os olhos dele ficaram frágeis ao precaver-se de que ela estava acordada para saber o que queria.

Rohan inclinou-se imediatamente e a beijou delicadamente no ombro, sussurrando seu nome.

—Acordada para mim.

Acariciou a cabeça em resposta lhe rodeando fracamente o pescoço com o braço.

Rohan subiu à cama, com o coração pulsando com força, tombando-se a seu lado, bastante perto para consumir com os lábios o fraco e embriagador suspiro que ela exalou. Contemplou o sorriso sonhador desenhado na boca da jovem enquanto começava a acariciá-la com sedutora

quietude, deixando que ela se acostumasse com ele.

—Assim, muito bem. relaxe —murmurou.

Sua palma desceu pelo braço da jovem, mas ao chegar ao cotovelo desviou a exploração para a esbelta cintura e daí, baixou até o quadril.

Ela se esticou levemente diante daquela paciente carícia como se fosse uma gata mimada. Rohan inclinou mais a cabeça e depositou um beijo na branca coluna de seu tenro pescoço.

A garota o gratificou arqueando o corpo uma vez mais a fim de o atrair para ela. Enquanto Rohan riscava um atalho ascendente com seus lábios, Kate voltou à boca para ele de forma tentadora. A moça olhou durante um efêmero instante antes que ele a beijasse; um desejo febril empanava seus olhos frágeis, apenas abertos.

—Olá, preciosa —sussurrou Rohan, e inclinando a cabeça reclamou sua boca.

Um gemido gutural passou dos lábios de Kate aos seus e Rohan respondeu aprofundando o beijo, capturando-lhe o queixo entre o índice e o polegar. A jovem agarrou fracamente a camisa dele.

A boca de Kate tinha sabor de vinho e ele bebeu com avidez. Enquanto a jovem abria os lábios para receber seu beijo apaixonado, Rohan deslizava os nós dos dedos pela garganta até o peito. Então introduziu a mão dentro do vestido e pegou um seio.

Rohan notou um comichão nas mãos quando tomou o mamilo entre dois dedos e o reteve ligeiramente enquanto a beijava. O gemido de aprovação da jovem pedia mais sem necessidade de palavras. Kate lhe tocou os ombros, os braços e o torso enquanto ele descia por seu corpo para ter o gosto de saborear seus peitos.

A garota não fez nada para detê-lo, já não sentia frio nem tiritava como no salão, mas sim ofegava, sua pele irradiava um calor distinto quando lhe desatou o sutiã do minúsculo vestido e despiu os preciosos seios.

Rohan fechou os olhos ao mesmo tempo em que tomou um mamilo na boca e o sugou até que este ergueu-se em toda sua gloriosa plenitude contra sua língua. O beijo durou imensamente, pois Kate era ainda mais doce que nas fantasias que tinha albergado no salão. Agora que seu mamilo estava dentro de sua boca, Rohan não conseguia saciar-se dela.

Mas quando a jovem começou a retorcer-se ofegante embaixo dele e seus gemidos aumentaram, Rohan a acariciou deslocando com lentidão a palma sobre seu trêmulo ventre por cima do vestido. Era uma libertina, mas ele avivou o fogo impondo um ritmo lânguido. Introduziu a mão entre suas pernas dando a ela um pouco do que tanto ansiava. A jovem começou a esfregar-se sem cessar contra sua mão colocada com abandono sobre seu sexo.

Rohan estava duro como uma pedra, e desfrutou a acariciando durante um momento mais, sentindo como a umidade de seu interior impregnava o fino tecido do vestido, mas deteve-se pouco antes de levá-la ao clímax.

—Espere que eu vou tirar a roupa.

Não sabia como, mas encontrou a força necessária para afastar-se da luxuriosa beleza que tinha diante dele. Os lábios de Kate seguiam entreabertos, seus olhos eram dois poços esmeraldas

de desesperado desejo enquanto o via levantar-se da cama.

Rohan lhe brindou com um sorriso insinuando que fosse paciente somente uns instantes mais. Continuando, depois de tirar o colete e tirar a camisa pela cabeça, deu a volta e sentou-se brevemente perto do fogo a fim de descalçar as botas e as grosas meias de lã. Levantou-se outra vez e desabotoou as calças para livrar-se delas junto com os quentes calções de algodão, atrasando alguns momentos para apanhar um preservativo da mesinha. Quando retornou à cama parou, consternado, ao descobrir que sua companheira estava dormindo... ou, para ser mais exato, inconsciente.

Bom, maldição!, teria que despertá-la de novo. Franziu levemente o cenho e deu um suave empurrãozinho nela com o cotovelo depois de subir à cama.

—Acorde, Kate —falou com voz sussurrada cheia de recriminação—. Tenho planos para você.

Levantou a mão da jovem e beijou os nódulos com paixão e avidez aguardando que ela retornasse de novo ao mundo dos vivos. Mas os olhos da jovem permaneceram fechados.

Quando soltou a mão dela, esta caiu pesada no colchão. Rohan proferiu um grunhido.

—Volta, céu. Necessito-te.

"Não me faça isto". Empenhado em ter o que desejava tentou uma vez mais preso de um doloroso desejo. inclinou-se e beijou o cremoso vale entre os peitos.

Não obteve resposta.

Era muito esperar que seus encantos dessem resultado. Maldita fosse, a garota estava em outra parte, dormindo a bebedeira depois do que sem dúvida tinha sido um sonho muito prazenteiro.

Quanto a ele... ao inferno!, não necessitava o maldito código da Ordem para recordar que as damas inconscientes estavam estritamente proibidas. Não era um modelo de virtude, mas ainda não caiu tão baixo.

—É cruel —falou para Kate em um sussurro sardônico.

Teriam que retomar no dia seguinte tão prazenteiro interlúdio de onde tinham parado.

Caso ela se lembrasse de alguma coisa.

Do contrário, estaria mais que contente em lhe mostrar novamente o que perdeu. Deus santo, era uma tentação, pensou deixando o que seu olhar lascivo a percorresse. Sentia-se estranhamente possessivo, talvez porque a jovem lhe foi entregue como presente: portanto, era dele.

Ah, bom, não havia nada que fazer. "Vamos deixar a pequena bêbada dormir". Não confiava em poder passar a noite com ela agindo como um monge virtuoso, de modo que Rohan levantou-se da cama sem fazer ruído e a cobriu com a manta. Deixou o preservativo exalando um suspiro zombador, rindo-se de si mesmo, e vestiu sua bata de estilo asiático.

Jogou uma última olhada ofegante por cima do ombro, ainda dominado pela luxúria, depois meneou a cabeça e foi dormir no outro quarto.

O ensurdecedor repicar da gélida chuva contra as janelas góticas fez com que Kate recuperasse pouco a pouco a consciência na manhã seguinte.

No princípio, ainda cochilando, ficou deitada na cama desfrutando de sua comodidade enquanto começava a precaver-se da desagradável secura que notava na boca.

Estranhos retalhos de sonhos pecaminosos retornaram a sua cabeça. Sensações emocionantes provocadas por liberdades muito indecentes E... Santo Deus!, pensou com um bater de asas na boca do estômago, a magnífica imagem de um homem nu sob a luz do fogo, como um semideus aproximando-se dela.

Por desgraça, a dor aniquilou tão fascinante visão; sentiu a fortíssima enxaqueca que lhe esperava antes de abrir sequer os olhos e ver a luz plúmbea do dia filtrando-se através dos cristais. Tinha os olhos irritados, e quando enfocou a vista contemplou as enrugadas mantas de uma cama desconhecida.

"Onde estou?"

Levantou o corpo de repente com um desconcertante sobressalto e recebeu uma violenta pontada de dor que começou na parte posterior do crânio. Gemeu e levantou a mão para apalpar a cabeça com alguma cautela, que não parava de retumbar.

"Ai!"

Baixou o olhar para seu corpo reparando no sutiã desatado do minúsculo vestido que colocara... e ficou boquiaberta quando as lembranças da noite anterior a assaltaram de repente.

"Ele!"

Não! "Ai, Meu deus".

"A Besta". Não era um sonho! Estava na cama da Besta.

O castelo Kilburn e seu formidável proprietário, o intimidante e arrumado duque guerreiro que havia conhecido no salão. Agora lembrava-se dele... um pouco. Os detalhes estavam imprecisos, mas o assunto em geral estava claro.

"OH, não, não, não!" A última imagem que recordava antes de ter perdido a consciência foi ver o duque de Warrington tirando a roupa para aproveitar-se dela.

Kate sentiu náuseas. Não dava crédito mas, com o coração desbocado, pensou que devia conhecer as consequências. Afastou as mantas para um lado e procurou sinais reveladores da perda de sua virgindade.

Não havia nenhuma.

O frenético palpitar de seu coração apaziguou-se devagar quando percebeu que, por obra de um milagre, aquele homem a deixou em paz. Não havia láudano no mundo que pudesse fazer uma mulher esquecer-se de ter sido deflorada por semelhante homem.

Que afortunada era por ter perdido a consciência!, pensou com trêmulo alívio. Talvez ao estar inconsciente não tinha proporcionado a ele a suficiente diversão para manter seu interesse. Então percebeu com desalento de um fato: "vai voltar".

Imediatamente a desesperada urgência para escapar deu a voz de alarme em todo seu ser. Sentia-se espantosamente mal e tinha náuseas pelos efeitos secundários da droga que os

contrabandistas lhe tinham administrado, mas requereu todas as suas forças para tratar de sair dali antes que o duque retornasse. Desejava voltar para sua casa com tal desespero que quase podia saboreá-la.

Desceu da cama como pôde, mas deteve-se quando uma sensação de enjoo fez que o quarto oscilasse durante um segundo.

—Aggg.

Estendeu o braço e apoiou-se contra o poste da cama que ficava mais à mão. Sentia-se muito mal, embora o frescor da manhã servisse um pouco de ajuda. O quarto estava frio; o fogo estava apagado.

Recorrendo a sua enorme reserva de obstinada resolução, Kate limpou algumas das ondas de enjoo que lhe nublavam o cérebro e deu conta de que era necessário verificar a porta. Se estivesse fechada com chave talvez tivesse que utilizar a imaginação para encontrar outra saída.

Depois de cruzar o quarto, agarrou o fecho sem albergar muita esperança, rezando uma breve oração para que o Senhor tivesse piedade dela e puxou para cima com força imaginando que encontraria resistência.

A porta abriu-se e Kate ficou boquiaberta. O duque não jogou a chave ao sair do quarto a noite passada!

Atônita por sua boa sorte, o coração começou a acelerar-se. Era a primeira ocasião em semanas que via uma oportunidade real de escapar. Não havia tempo a perder.

Deu meia volta pensando no que fazer a seguir; o pânico de que esta oportunidade pudesse escapar entre os dedos empanava sua descabelada esperança.

Sabendo que poderia ser questão de minutos para que o duque retornasse, ou um de seus criados ou mesmo aqueles malditos guardas, foi apressadamente para a janela e deu uma olhada para fora para orientar-se. Qual o caminho que levava ao povoado? Não queria acabar outra vez ali.

O mar estava bem à frente, além dos escarpados e sobre eles se elevava o castelo. Bom, com o continente do outro lado do canal, aí estaria o sul, e o povoado ficava para o oeste, nas terras mais baixas. Teria que escapulir sigilosamente para o este.

"Bem". Em qualquer caso seu lar nos subúrbios de Dartmoor estava ao nordeste de Cornualles, embora não soubesse com segurança a que distância. Antes de pensar nisso parecia que ia ter que passar diante da guarita pois, era a única maneira de sair dos terrenos do castelo.

Quando viu os esbirros ali, montando guarda, lutou para que o otimismo que havia sentido não a abandonasse. A noite passada, escapar parecia a ela muito difícil, e embora possivelmente nunca chegasse a obter a liberdade, tinha que tentar.

Contou três guardas cobertos debaixo do parapeito da guarita. Pareciam aborrecidos e irritados pelo péssimo tempo que fazia essa manhã; suas molhadas capas negras agitavam-se ao vento enquanto tomavam uma fumegante taça de alguma bebida quente.

Kate sacudiu a cabeça mordendo o lábio inferior. Não tinha a mínima ideia de como ia passar diante deles. Possivelmente, uma vez que tivesse próxima, pudesse encontrar algum modo de

distrair a atenção deles e passar, mas como?

O mais certo era que a descobrissem imediatamente quando chegasse o momento de cruzar correndo o espaço aberto do pátio interior. Então seria um branco visível.

Tinha que ter um modo melhor.

Bom, teria que encontrar enquanto andava concluiu, pois quanto mais atrasasse, mais probabilidades tinha que alguém a detivesse inclusive antes que pudesse pôr em prática seu plano. Enquanto isso, os guardas não eram o único obstáculo que teria que sustentar. Também estava o tempo, que nesta manhã estava realmente espantoso.

Se estivesse em Devonshire, as precipitações teriam trazido consigo trinta centímetros de neve, mas o tempo na costa era mais temperado, e limitava-se a uma gélida e desagradável chuva.

O vento procedente do mar fazia com que a chuva, que sem dúvida açoitou o castelo durante séculos, estava tempestuoso.

Kate sacudiu a cabeça relutante, mas nem sequer uma tormenta invernal ao estilo de Cornualles a deteria. Não obstante, uma coisa era certa: Necessitava roupa mais quente.

Inspecionou o quarto com olhar ansioso, entreabrindo os olhos ao ver uma cômoda. Correu até ela, abriu as gavetas e sem perder tempo agarrou algumas objetos de tamanho grande pertencentes ao duque.

Vestiu a camisa pela cabeça, depois apressou-se a arregaçar as mangas excessivamente largas. Tomou um dos lenços do duque e o utilizou para abrigar o pescoço, depois pegou dois pares de grosas meias de lã. Na falta de sapatos, teria que arrumar-se com isso.

Por último dirigiu-se ao armário gigante e deu uma olhada, pegando em seguida uma jaqueta azul marinho de um cabide. Era um objeto de corte elegante confeccionada com suave lã merina, sem dúvida saída diretamente de algum caro alfaiate de Bond Street.

Colocou a jaqueta e logo foi novamente até a porta ao mesmo tempo em que abotoava os botões. A jaqueta desprendia certo aroma de colônia que revolucionou de forma estranha seus sentidos.

Era muito certo que o homem não carecia de atração, mas até mesmo Satanás podia parecer um anjo de luz, verdade?

Jamais foi propensa à vaidade, por isso não parou para considerar que tinha um aspecto ridículo vestida com a enorme roupa do duque. A única coisa que importava era escapar de seu cativeiro.

E quando o fizesse, jurou apertando os dentes, falaria diretamente com qualquer autoridade que pudesse encontrar para denunciar o que fizeram com ela. Por Deus que informaria os delitos que aconteciam naquele lugar!

Mas caso não acreditassem nela? Nesse momento precisava acreditar que um dia fariam justiça, embora possivelmente não fosse mais que um sonho vão. Isso era a única coisa que dava a ela coragem para agir.

Fazendo caso omisso da fome e da sensação de enjoo, Kate abriu uma fresta na porta do dormitório e olhou para o corredor.

Não havia ninguém à vista.

Saiu do dormitório sem fazer ruído, fechou a porta, logo percorreu o corredor sigilosamente grudada na parede. Veio-lhe à cabeça seu breve encontro com a latrina, quando divisou a pequena porta fechada no fundo do corredor. Enrugou os lábios diante daquela confusa lembrança, mas continuou avançando.

Aproximou-se da beira da escada e empreendeu com celeridade e sem fazer ruído à descida até o sobrepiso, sem estar certa para onde ir.

De repente escutou vozes de homens, uma conversa fortuita que chegou até seus ouvidos através da galeria dos trovadores. Posto que precisava ver onde estavam os homens a fim de poder evitar cruzar com eles, aproximou-se nas pontas dos pés até a galeria e com supremo cuidado deu uma olhada para o salão.

Conteve o fôlego ao vislumbrar a Besta seguida por seu mordomo. Qual era o nome desse homem...?

"Eldred". Ah, sim. Eldred levava uma bandeja repleta de pratos com comida e uma bule. Warrington ia falando com o homem enquanto este o seguia, mas Kate reparou que havia um par de guardas postados na sala, igual à noite anterior. Não podia sair por aí.

—Tem esses pós para a enxaqueca? —perguntou o duque.

—Sim, excelência.

—Não há dúvida de que vai necessitar. Talvez agora descubramos realmente quem é ela. —Passaram em direção à escada.

Kate ficou pálida; não havia tempo para sopesar suas palavras. "Vêm para aqui!" ocultou-se detrás de uma grosa coluna de pedra que ficava em um pequeno recesso com uma janela de arco na sobreloja.

Um momento depois, pesados passos de Warrington passaram seguidos pelos de Eldred, mais lentos. Giraram no patamar e prosseguiram até o corredor do piso superior.

"OH, não", pensou Kate aparecendo para olhar rapidamente. Com os olhos como pratos, precaveu-se de que Warrington dirigia-se para o dormitório. Em questão de segundos descobriria que ela partiu.

Sem dúvida, assim que descobrisse sua ausência, enviaria seus guardas atrás dela. Saiu do nicho, com o coração apertado. A rapidez era tudo nesse instante.

Assim que passaram, abandonou o lugar e percorreu como uma flecha o escuro corredor da sobreloja em direção contrária, seus pés calçados unicamente pelas meias moviam-se silenciosamente sobre o chão de pedra.

Tinha que encontrar um modo de sair. Passou junto a vários quartos, mas nenhum deles parecia ser uma rota de escape.

Depois de dobrar a esquina que tinha diante de si, entrou em uma larga galeria parecida com um claustro com uma fileira de esculturas de tamanho natural: Damas de um branco níveo, antigas duquesas de Warrington esculpidas em alabastro.

Entretanto, no fundo da galeria das estátuas viu uma pequena e discreta porta arqueada.

"Tem que levar a alguma parte", pensou enquanto caminhava rapidamente para ali. As figuras de tamanho natural produziam nela uma sensação de inquietação, como se fossem seres vivos que observavam seus velozes passos em silêncio.

Deu uma olhada por cima do ombro sem deter-se. Quando chegou à porta, teve que sacudir as mãos para liberá-las das mangas, excessivamente largas, da jaqueta do duque, logo agarrou a maçaneta. Levantou-a, abriu uma fresta sem saber o que poderia encontrar do outro lado.

Imediatamente se viu envolta por uma corrente de ar frio, mas conteve o fôlego, pois a porta abria-se para a passarela no alto dos muros do castelo!

Já não teria que atravessar o pátio; agora podia seguir aquela alta passarela até o piso superior da guarita. Isso a aproximava mais de seu objetivo do que atreveu-se a sonhar. Seu coração bateu acelerado com tão inesperada sorte.

Logo que saiu ao inclemente clima e fechou a porta ás suas costas, agachou-se utilizando os parapeitos a fim de que ninguém a visse.

O vento a açoitava em todas as direções, tanto que a gélida chuva empapava seus cabelo. Em um abrir e fechar de olhos começou a tiritar violentamente, mas sua preocupação mais urgente era a fina capa de gelo que cobria o piso de pedra.

Não usar sapatos fazia com que não escorregasse. Mas caminhar dava mais trabalho... além disso, as glaciais rajadas de vento ameaçavam de forma continuada fazendo com que quase ela perdesse o equilíbrio.

Enjoada devido aos efeitos secundários do láudano, notou que um nó se formava em sua garganta, mas procurou ficar tranquila e não se deixou intimidar. Mantendo-se agachada começou a percorrer o comprido e gelado adarve.

Sentia uma dor aguda na cabeça, mas procurou não prestar atenção. Escapar era a única coisa que importava. Essa era sua oportunidade de recuperar o controle sobre sua vida.

Se fracassasse, só Deus sabia o que poderia acontecer com ela nas mãos da Besta.

CAPÍTULO 4

Enquanto Eldred aguardava com a bandeja do café da manhã para Kate, Rohan bateu na porta de seu dormitório e esperou o momento de rigor que exigia a cortesia.

A noite anterior, depois de ter enfrentado tão extrema tentação, passou horas dando voltas na cama preso de inquietação, sozinho no outro quarto; essa manhã, queria respostas: Em concreto a confirmação de suas suspeitas de que ela havia sido enviada pelos contrabandistas para o espionar.

O certo era que parte de sua impaciência por despertar seu "presente" essa manhã, devia-se a um sincero desejo de concluir o que haviam começado. Era muito consciente de que a pequena bêbada devia sentir-se enjoada nesta manhã, mas não importava. Ele estava disposto a dar para ela um pouco de tempo para que recuperasse a forma.

Aquele era um novo dia... e essa noite seria uma nova noite.

Saboreando a lembrança da doçura da jovem entre seus braços, Rohan deixou de esperar para que o convidassem a entrar e abriu a porta tomando a iniciativa, como acostumava fazer.

Antes de passar, tomou a bandeja das mãos de Eldred despedindo-se do mordomo com um gesto. Ele mesmo levaria o café da manhã, encantado de desempenhar o papel de amante diante da mulher que tinha decidido que seria sua próxima conquista. Ao penetrar no dormitório mascarou sua sincera impaciência por vê-la novamente depois de um tom de voz sardônico e divertido.

—Levanta e brilha, minha pequena flor.

Fechou a porta com o pé e logo olhou a cama desfeita com ardente expectativa.

Kate não estava nela. "Oh!". Imaginou que devia estar lavando-se atrás do biombo no canto. Senhor, esperava que não estivesse ali esvaziando o estômago.

—Passa bem hoje? —Quando deixou a bandeja sobre a cômoda reparou em que uma das gavetas estava aberta. "Que estranho". Rohan a fechou—. Talvez você ainda não tenha vontade de comer, mas eu trouxe algo para a enxaqueca.

Não obteve resposta nem escutou som algum procedente do biombo.

—Kate.

O mais absoluto silêncio reinava no dormitório. De repente percebeu que não havia sentido outra presença no quarto.

—Kate —insistiu com maior firmeza enquanto franzia o cenho. Deu uma olhada atrás do biombo, mas ali não havia ninguém.

Saiu para o corredor com as mãos apoiadas na cintura. Onde diabos estava?

Talvez a garota estivesse com fome e tivesse descido para procurar a cozinha por seus próprios meios... mas não cruzou com ela ao subir. Seu cenho tornou-se mais marcado. Não agradava-lhe a ideia de que perambulasse pelo castelo sem escolta. Algumas das partes mais antigas da edificação eram perigosas. Além disso, havia zonas de sua casa que preferiria que nenhum desconhecido visse.

Perguntou-se de repente se deveria tê-la encerrado com chave a noite passada. depois do que ocorreu entre eles não sentiu necessidade disso. Certo era que uma fulana jovem e ébria não era precisamente um modelo de virtude, mas depois de ter conhecido à sedutora Kate em pessoa e descoberto que a garota não era o que ele chamaria uma ameaça, sentir-se-ia como uma autêntica besta encerrando-a em seu dormitório como se fosse uma espécie de prisioneira.

Não queria que nenhuma mulher o considerasse um monstro.

Isso somente necessário que acreditassem os inimigos da Ordem.

Dispunha-se a descer para procurá-la quando parou de repente. A jovem não teria tentado abandonar o edifício por alguma estranha razão, ou sim?

Algo fez que com que retornasse ao dormitório e desse uma olhada pela janela saliente que oferecia uma vista excelente de todos os domínios do castelo.

"Aí está! —Divisou-a imediatamente e entreabriu os olhos enquanto aproximava-se mais—.

Que me crucifiquem!”

A moça percorria às escondidas o adarve no alto dos muros do castelo. “Que demônios...?”

“roubou algo”, pensou imediatamente. A gaveta estava aberta... Pode ter levado alguma coisa do quarto.

Bom, encontrou no máximo um relógio de ouro ou um alfinete de gravata com alguma pedra, meditou voltando a vista por cima do ombro para dar uma olhada rápida a seu dormitório. Não guardava nenhuma classe de informação delicada neste lugar. De modo que, o que ela trazia nas mãos? O mais provável, e tendo em conta de onde procedia, era que se tratasse de um furto sem importância. Vá! Como ousava mostrar semelhante falta de respeito saqueando seu dormitório para depois partir sigilosamente sem pedir permissão? Com quem ela acreditava estar tratando?

Franzindo o cenho, agarrou o fecho da antiga janela com a intenção de gritar para a jovem que parasse. Entretanto a janela não havia sido aberta em anos, tendo em conta sua habitual ausência do castelo. Esse dia a gélida chuva fez com que a madeira inchasse mais e a selou com uma capa de gelo.

Aquela maldita coisa não queria abrir e Rohan não desejava romper os antigos painéis de vidro empregando uma força bruta excessiva. Grunhindo entre dentes, conteve a frustração ao mesmo tempo em que sacudia o maldito fecho enquanto Kate corria sigilosamente para a torre da guarita.

Na verdade não acreditava no que viam seus olhos. A furtiva saída da jovem assemelhava-se perigosamente a recusa de uma mulher, uma experiência que quase ultrapassava os limites de sua compreensão da realidade. Desprendeu o gelo das juntas congeladas dando um golpe seco com indignação.

A janela liberou-se e Rohan pôde empurrar as duas folhas. O frio penetrou imediatamente e o forte repico da glacial chuva alagou o quarto. Estúpida diabinha, no que estava pensando ao sair meio nua com aquele tempo? Acaso sua companhia era tão desagradável? Nem sequer levava sapatos! Vestiu uma de suas jaquetas, que chegava até os joelhos dela, mas podia ver que já estava imersa de água até os ossos.

Bom, talvez ela tivesse decidido que não lhe agradava, mas Rohan não estava disposto a consentir que a boba apanhasse uma pneumonia correndo no meio daquele frio, plúmbeo e da deprimente chuva. Apareceu ligeiramente à janela colocando as mãos ao modo de buzina em ambos os lados da boca para que o estrépito das pequenas gotas que caíam do céu não apagasse sua voz.

—Kate! —gritou—. Pare!

O vento não levou em conta sua ordem apanhando suas palavras e as jogando de volta ao mar; mas com certeza ela ouviu seu grito. A jovem parou de forma precária sobre as geladas lajes do caminho da fortificação, a seguir girou a cabeça e depois de o divisar na janela, ficou pálida enquanto enfrentava seu olhar fleumático.

—Vai a alguma parte? —inquiriu Rohan aos gritos apoiando as mãos sobre o batente e

arqueando uma sobrancelha.

Ela respondeu fulminando-o com o olhar, depois pôs-se a correr sem incomodar-se em agachar pelos parapeitos.

Se um fato valia mais que mil palavras, sua resposta estava clara e Rohan, uma vez mais, ficou atônito. A insolente fulana não queria nada com ele. “Isso veremos!” A julgar pela direção que estava tomando, precaveu-se de que era provável que se dirigisse para a pequena porta que estava a vários metros diante dela, a qual comunicava com o piso superior da torre da guarita.

Rohan tomou aquilo como à confirmação de que seu objetivo era retornar ao povoado dos contrabandistas com o furto que fez no dormitório.

—Findlay! —gritou agitando o braço para chamar a atenção de um dos guardas em serviço. Podia ver alguns de seus homens refugiando-se do temporal como podiam enquanto montavam guarda junto à guarita.

Transcorreu um momento até que um dos homens escutou seus gritos no meio do incessante e estrepitoso ruído da chuva.

—Senhor? —respondeu-lhe Findlay a gritos abandonando seu refúgio encaminhando-se para ele. As capas negras de seus homens voavam em todas as direções enquanto atravessavam o pátio interior.

Protegendo os olhos da forte chuva, levantaram a vista para a janela onde aparecia Rohan.

—A moça! Vai em sua direção! A detenham!

—Como diz, excelência?

Rohan assinalou com raiva para o muro, mas quando eles seguiram a direção de sua mão e voltaram a olhar, Kate já havia cruzado a portinha auxiliar do piso superior da guarita.

Findlay voltou-se novamente para ele levantando as mãos e encolhendo os ombros de forma eloquente.

Rohan amaldiçoou, pois percebeu que não tinha feito outra coisa que distrair os guardas, facilitando assim que Kate escapasse pela porta principal.

—Agarrem à garota! —bramou, assinalando para as portas do castelo—.ela está fugindo!

Maldição!

Abandonou a janela em um abrir e fechar de olhos, saiu de seu quarto como um raio e correu escada abaixo para ir atrás da condenada mulherzinha.

—Senhor! O que está acontecendo? —Eldred avançou apressadamente para ele surpreso ao ver Rohan descendo a escada como alma que quer escapar do diabo.

—A garota fugiu. Parece-me que não a agrado —disse com sarcasmo; depois percorreu o corredor sem demora e empurrou a enorme porta.

Ao não levar casaco, a chuva torrencial o empapou em seguida, embora a friagem tenha desaparecido ao contato com o calor de sua pele. Saiu ao pátio e viu que finalmente seus homens perceberam a situação e agora perseguiam Kate, que corria diante do grupo como se fosse uma raposa, perdendo terreno pouco a pouco.

Rohan seguiu o grupo quando este desapareceu da vista além dos muros do castelo. A

magra capa de gelo sobre a murcha erva invernal rangia com cada passo que dava atrás deles perguntando-se o que diria a jovem uma vez que a tivessem apanhado.

Era óbvio que ela havia mudado de opinião sobre tentar unir-se ao alegre mundo da noite em Londres. Acaso acreditava que ele poria alguma objeção a respeito? Não se importaria. Podia fazer o que tivesse vontade.

Entretanto, no minuto seguinte, o coração dele deu um tombo e o instinto protetor masculino que corria em suas veias revelou-se quando de repente a escutou gritar.

Pôs-se a correr a toda velocidade para o lugar de onde procedia o grito o mais rápido possível.

A uns trinta metros de distância do outro lado das portas do castelo viu que se produziu uma situação sem saída que gelou seu sangue: Seus homens encurralaram a moça na beirada de um precipício de mais de trinta metros de altura sobre o mar.

O vento salubre[1] açoitava a moça agitando violentamente às escuras e molhadas mechas de seu cabelo contra o pálido rosto, enquanto o mau tempo tinha tornado escorregadio os ásperos estratos rochosos que seus pés talheres com as médias pisavam, fazendo com que sua posição sobre o escarpado fosse ainda mais perigosa.

Rohan diminuiu o passo à medida que aproximava-se, o enérgico batimento do coração se aquietou e sua respiração tornou-se mais profunda quando seu adestramento tomou o comando e sua mente ficou alerta.

Os detalhes de toda a cena diante dele ficaram mais nítidos: A agitação de seus homens gritando para a moça como se fossem incapazes de perceber sua vulnerabilidade, e parecia assustada e pequena com sua enorme jaqueta, empapada pela chuva.

Atrás da jovem, o frio e indiferente mar da cor do estanho estendia-se para o horizonte.

Kate mantinha as mãos avermelhadas pelo frio estendidas, advertindo furiosamente os homens que não deviam aproximar-se quando Rohan plantou no meio deles, com um único objetivo: Resolver a situação. Ela necessitava que a tranquilizassem e a protegessem, embora só fosse de si mesma.

A garota poderia despenhar-se muito facilmente pelo precipício, e isso acarretaria uma morte certa. Com a maior parcimônia possível, Rohan deixou atrás a fileira de furiosos guardas, concentrando-se por completo nela.

—O que acontece, Kate? —perguntou-lhe com voz suave.

—Não se aproxime! —gritou—. Eu juro que saltarei se você aproximar-se mais.

Rohan obedeceu, ao menos no momento. Deteve-se há uns três metros de distância, mas a olhou com expressão penetrante, como se pudesse parar o tempo, e ao mesmo tempo, para mantê-la a salvo.

—Vamos, fique tranquila. Saia daí, Kate —A persuadiu com a maior delicadeza possível.

—Vá para o inferno!

[1] adj. Que contribui para a saúde; sadio, saudável: o ar do mar é salubre.

—Ninguém vai prejudicar você, céu. Só quero ajudá-la.

—Ah, seriamente? —Tremia-lhe a voz, mas sua expressão incrédula transbordava cólera—. Então diga a seus cães que se afastem!

—Afastem-se! —ordenou imediatamente. Voltou à cabeça para certificar-se de que seus homens retrocediam o suficiente para satisfazer à jovem. Não queria que a assustassem mais. Logo a olhou novamente perguntando-se se Caleb deu de presente para ele uma demente—. Está bem assim? Agora tem o controle. Faremos o que nos peça.

Ela sacudiu a cabeça com ar zombador e furioso.

—Sim, claro!

—Kate, me escute. Afaste-se da beirada. Não deve ficar aí. Estes escarpados são muito instáveis. Derrubam-se sem aviso. Certamente a chuva os amoleceu ainda mais. Não é seguro.

—Seguro? —repetiu com abatimento—. Já nem sequer sei o que significa essa palavra.

Com adestramento ou sem ele, o coração de Rohan pulsava com força diante da perspectiva de que essa formosa moça de olhos verdes e expressão trágica tirasse a própria vida justamente diante dele. Não podia permitir que isso acontecesse. Oxalá soubesse que demônios a impulsionavam.

Era evidente que algo, além de suas prévias hipóteses, não ia nada bem.

—Kate, por favor. —Apertou os dentes, avançando muito lentamente, embora tentando de todo modo possível não fazer nenhum movimento brusco—.Conte para mim o que houve.

—Espera que confie em você?

—O que é que quer?

—Quero ir para minha casa! —choramingou.

—Então, assim será —prometeu Rohan brandamente—. Mas se aparte daí, céu. Não vale a pena. As rochas estão geladas, e você, empapada. O café da manhã...

—Não brinque comigo! —disse de forma agônica—. meu Deus, não posso suportar mais crueldade.

—Que crueldade? —perguntou, assombrado—. Acaso alguém de meu pessoal foi cruel com você?

A jovem riu dele e virou a cabeça indignada.

O coração de Rohan apertou-se, pois naquele momento acreditou que ela ia fazer... que ia saltar.

Cravou o olhar na garota calculando rapidamente a distância que os separava: pouco mais de dois metros agora que ele aproximou-se, mas antes que pudesse lançar-se para ela, Kate o olhou novamente, desta vez com lágrimas de desespero nos olhos.

—Por favor, excelência. Deixe-me partir. Juro-lhe que não contarei a ninguém. Mas não penso voltar para essa cela —sussurrou com apenas um fio de voz—. E prefiro morrer que viver como amante de um homem.

Rohan a olhou estupefato.

—Que cela?

—Como se não soubesse! —gritou-lhe com repentina ira.

—Kate... não tenho a mínima ideia do que está falando!

Naquele instante, um ensurdecedor rangido e um estrondo rasgaram o ar.

A moça olhou freneticamente ao seu redor e dispôs-se a correr, mas era muito tarde... diante dos olhos horrorizados de Rohan, a saliência partiu-se sob o peso de Kate como se fosse um alçapão.

Antes que o grito tivesse abandonado sequer os lábios dela, Rohan jogou-se para frente com a velocidade de um raio e a agarrou pelos braços enquanto caía. De barriga para baixo na beirada do precipício que partiu-se, retrocedeu utilizando seu corpo como contrapeso enquanto estava consciente dos gritos desmedidos de seus homens.

Naquele instante, pragas, incêndios, guerras... todas as coisas terríveis de que foi testemunha em seus trinta e quatro anos de vida, desfilaram por sua mente como um maço de cartas embaralhado com destreza nas mãos de um jogador profissional... todas as coisas que quase o despojaram de sua humanidade.

Pareceu entrar em uma espécie de laço temporal em que vibravam os ecos dos homens que a Ordem mandou que ele matasse. Ainda podia ouvi-los suplicar em vão por suas vidas.

De algum modo tudo aquilo empalidecia em comparação com a imagem de Kate pendurada na beirada do precipício... e a possibilidade de que o braço da jovem, escorregadio por causa da chuva, lhe escapasse.

O coração dele martelava-se contra as costelas enquanto os segundos escapavam como gotas de chuva escorregando por seu nariz.

Abaixo, a uma distância de trinta metros, o tempestuoso e revolto mar abria-se à espera de tragar a jovem. As brancas ondas rompiam violentamente, arrojando espumas sobre as rochas irregulares.

Rohan cerrou os dentes e segurou com mais força o braço esquerdo de Kate.

—Agarre-se ao meu braço —disse para ela com esforço.

Ela obedeceu e agarrou seu antebraço com a mão direita. Rohan posicionou-se na saliência com a mão esquerda enquanto Kate o olhava nos olhos implorando que não a soltasse com expressão suplicante e de pânico.

—Ajude-me —disse ela com voz estrangulada.

Rohan endireitou o corpo furiosamente até ficar de joelhos arrastando-a com ele para cima. Quando Kate esteve sobre a parte segura, ele deixou-se cair para trás enquanto a abraçava.

A garota derrubou-se sobre seu agitado peito, tremendo, molhada e resfolegando. Rohan sentia o corpo magro dela, gelado até os ossos, em cima do dele. A jovem conteve um soluço.

Rohan rodou sobre a terra empapada de chuva, gelada e, com sorte, sólida, e demorou aproximadamente três segundos em recuperar o fôlego. Os anos de treinamento em sobrevivência tinham começado a impor-se nele. ficou em pé tomando Kate nos braços.

Ela deixou escapar um débil grito quando Rohan a colocou sobre o ombro e encaminhou-se com passo firme para Eldred e seus homens que, preparados para prestar ajuda, separaram-se

para deixá-los passar em direção à guarita.

O duque ignorou a todos. Alguns os seguiram com preocupação perguntando se podiam fazer algo, mas ele não respondeu, e sim, subiu a estreita escada para o aquecido quarto da guarda, situado no piso superior da torre junto à entrada.

—Fiquem fora —ordenou, fechando a porta nos narizes dos guardas.

O fogo crepitava na lareira. Rohan cruzou com ela o chão de madeira até a cadeira em frente à lareira. O singelo quarto possuía o teto de vigas de madeira e paredes de pedra vista.

Depois de depositar Kate na cadeira sem olhar, percorreu a habitação com a vista como um sentinela observador e agarrou uma manta que os homens guardavam em uma prateleira para as longas vigilâncias noturnas. Desdobrou-a e envolveu com ela o corpo tremente da moça sem articular nenhuma palavra, e reparou no bule que estava pendurado sobre o fogo. Tomou uma taça do tosco suporte de madeira e serviu uma taça do que parecia ser cidra quente.

Serviu o líquido com pulso firme e mente muito calma, mas uma parte selvagem e recôndita dele desejava bramar com ar vitorioso por ter conseguido arrebatar aquela mulher das faces da morte. Sua velha amiga! Vá, parecia que tinha salvado uma vida em lugar de tirá-la, para variar.

“Que novidade”, pensou com azedume.

Movendo-se com a precisão de um autômato, deu a volta e ofereceu a taça a Kate, mas ela tinha a vista perdida, parecia presa de comoção.

Rohan colocou a taça nas mãos dela.

—Beba isto —ordenou taxativamente.

Aturdida ainda por ter escapado por um fio do desastre, Kate levantou lentamente seu olhar turvado para o rosto do duque.

Warrington parecia furioso.

Contemplou sua expressão áspera; a cicatriz irregular em forma de raio marcada em sua pele no extremo da sobrancelha esquerda. Uma pequena mancha de barro cobria a face dele como se fosse uma pintura de guerra.

A férrea autoridade do homem estava impressa naquele semblante duro e inescrutável e seus olhos cintilavam enquanto sustentava o olhar dela.

A Kate não restava força para lutar contra ele, de modo que limitou-se a abaixar a cabeça e a tomar obedientemente um gole de cidra quente, como ele ordenou. O líquido esquentou o estômago dela, mas não pôde encher o vazio que sentia nesse momento. Seu coração estava tão oco como um tambor.

A Besta virou-se de costas para ela, pois não estava totalmente preparado para enfrentá-la. Kate não sabia o que pensar: O homem que teria motivos para temer acabava de salvar sua vida.

O que isso queria dizer?

Segurou a taça com ambas as mãos e fechou os olhos escutando ainda o horrendo estrépito da parte rochosa arrancando-se sob seus pés.

Se não fosse por Warrington, estaria morta.

Um calafrio a percorreu da cabeça aos pés.

Ameaçou tirar a própria vida como uma medida extrema e desesperada para obter a liberdade, mas inclusive a própria terra parecia estar contra ela devolvendo-a a aquele homem, tanto se gostasse como não.

Esteve tão perto de escapar! Mas agora não restavam mais esperanças. Alegrava-se por estar viva, é obvio, mas ao ter sido capturada novamente temia que o destino que a aguardava pudesse ser ainda mais desgraçado agora que tinha zangado o homem que tinha sido entregue como "presente", agora que havia feito com que ele arriscasse a vida para salvar a dela. Warrington podia alegar que estava em dívida com ele, que lhe devia tudo o que pudesse desejar. Inclusive nesse momento podia sentir sua silenciosa cólera envolvendo a salinha espartana.

Santo Deus, que castigo teria que suportar por ter tentado escapar? Exalou de maneira prolongada e trêmula ao mesmo tempo em que as lágrimas ameaçavam alagar seus olhos. Enquanto enroscava-se na cadeira e aproximava a taça deixando que as ondas de vapor lhe esquentassem o nariz, explorou em seu interior para averiguar se ainda restavam forças para lutar.

Como de costume, pensar em seu pai infundiu-lhe um pouco mais de fortaleza para continuar resistindo.

A lembrança do homem que ria das tempestades, junto com o doce sabor especial da cidra com um tonificante toque de canela, começou a devolvê-la paulatinamente ao mundo dos vivos.

Ao menos não se enganava abrigando insípidas fantasias de que Warrington a tivesse salvado porque preocupava-se um pouco com ela. Não era estúpida. Ele falou com amabilidade no escarpado, e pensar em seu tom doce, piorou a ardência das lágrimas não derramadas que alagavam seus olhos.

Quanto desejava que alguém fosse amável com ela. Mas tragou saliva e desprezou esse pensamento. Não seria enganada por essa artimanha. Não se atreveria a acreditar. Para esse homem não importava o mínimo. O mais seguro era que seu heroico resgate devesse a que se seu cadáver poderia ser descoberto flutuando no oceano perto dali atraindo a atenção sobre o comércio e tráfico de brancas que os contrabandistas dirigiam em benefício do libertino duque e seus infames e dissolutos amigos.

"Fique calma Kate. Só quero ajudá-la".

"Certamente que sim, excelência".

Quando abriu os olhos com agudo desassossego, ele acabava de passar perto dela para jogar outra lenha na lareira.

Justamente naquele instante bateram discretamente na porta.

—Senhor? —perguntou uma voz do outro lado.

—O que acontece, Eldred? —repôs o duque de maneira sucinta.

—A dama vai desejar os serviços de um médico? Posso enviar alguém para buscá-lo no povoado imediatamente.

Warrington lançou para Kate um olhar ameaçador.

—Precisa de um médico?

Kate negou veementemente com a cabeça.

—Não. Não quero ninguém do povoado.

Estava um tanto machucada e o ombro havia deslocado quando o duque a agarrou pelo braço e impediu que caísse pelo preceito mas, além disso, encontrava-se bem.

Ele a olhou com cepticismo, mas não discutiu.

—Não será necessário a presença do médico, Eldred. Só um pouco de roupa seca para nos dois.

—Muito bem, senhor, mas... né... não tenho certeza de que dispomos de roupa feminina.

—Pois improvise, Eldred! Isto não é um baile. Traga roupa de homem, se for isso a única coisa que temos para ela. Não poderá sair nua por aí. Por muito que eu pudesse gostar disso— adicionou em voz baixa, só para ela.

Kate entreabriu os olhos.

O duque parecia feliz por ter provocado uma reação nela, embora fosse leve. Depois percorreu o corpo dela com um olhar audaz e lânguido.

—Algum dos lacaios mais jovens deve ter algo de seu porte —comentou em direção à porta—. Traga também uns sapatos para ela, Eldred. —E disse a Kate com voz preguiçosa—: Sabe o que é isso? Um novo invento assombroso.

Kate franziu ainda mais o cenho adotando uma expressão de cautela; não sabia o que pensar do tom sardônico daquele homem. Não era momento para fazer brincadeiras grosseiras.

—Muito bem, senhor —respondeu o mordomo—. Retornarei o quanto antes.

Quando Eldred afastou-se, Warrington dirigiu um olhar enfático para ela e depois tirou a jaqueta molhada e manchada de barro e a jogou no chão perto da lareira.

Passou então pela cabeça de Kate que ele também sentia frio e estava molhado pela chuva. Enquanto tomava outro gole de cidra, fazendo o possível por ocupar-se de seus assuntos e tratando furtivamente de descobrir o que ele faria a seguir, percebeu que o duque desabotoou o colete e o tirou.

A fina seda estava suja porque ele deitou de barriga para baixo na beirada do precipício. A lembrança fez com que ela estremecesse novamente e suas mãos tremeram derramando um pouco de cidra.

Mas quando Warrington tirou a camisa pela cabeça em seguida e a lançou ao monte de roupa, Kate ficou completamente imóvel. Conteve o fôlego sem piscar enquanto ele agachava-se junto à lareira para esquentar as mãos no fogo.

O olhar de Kate percorreu as formosas costas, aquela gloriosa extensão de pele suave que tinha acariciado com avidez a noite anterior... para vergonha dela.

Oxalá não pudesse recordar nada, pois o que podia ser pior que desejar um homem destinado a ser sua perdição?

Mas não podia negar a admiração que despertava nela sua leonina beleza, todo aquele perigoso poder, o equilíbrio entre sua enorme e escultural estatura e a natural graça masculina

que ele emanava. Seu olhar melancólico seguiu o músculo contorno de ambos os flancos e os braços esculpidos enquanto ele esquentava as mãos.

Seu cabelo negro descansava em um grosso e reluzente rabo de cavalo entre as largas omoplatas. Observou que uma gota de água desprendia de seu cabelo molhado e escorregava pelas costas.

Enquanto ele esfregava as mãos, Kate contemplou embevecida o complexo movimento dos cinzelados músculos que sulcavam a parte superior de seu corpo com aquele singelo ato. Estava especialmente cativada pelos sólidos ombros e aqueles magníficos braços, cuja extraordinária força salvou sua vida. Afastou o olhar sentindo-se um tanto enjoada. Jamais em toda sua vida viu um físico como o daquele homem.

Bom, excetuando a noite anterior. Quando se tinha aproveitado dela em seu estado narcotizado... embora não até o final, como ela havia temido...

"por que ele se conteve?". O que estava acontecendo? pensou começando a sentir-se derrotada. Por que um homem com esse aspecto, de sua posição e fortuna, precisava comprar uma mulher?" Sem dúvida alguma podia ter grátis a qualquer mulher que desejasse somente ao esboçar um sorriso e agitar um dedo.

"Por crueldade", recordou ela, mas agora que a cabeça começava a ficar saudável depois dos efeitos secundários do láudano, sua segurança sobre o acontecido começou a vir abaixo, como o precipício que caiu sob seus pés.

Como ele poderia saber o quanto estava frágil neste momento? Que estava tão assustada? E que encontrava-se muito perto do mais absoluto desespero? Como podia um homem que parecia quase invencível chegar a identificar-se com sua sensação de impotência? Ele não podia compreender, e tampouco importava. Estava sozinha. Como sempre.

Temia estar a ponto de perder o controle, que pendia por um fio, enquanto permanecia ali sentada sem dizer uma palavra.

Ele também estava silencioso, talvez dando-se conta de que tinham escapado por pouco. Então virou-se para ela de repente e perguntou com voz baixa e áspera:

—Que cela?

Kate olhou para ele durante um prolongado momento.

—Deveria ter deixado que morresse

O duque franziu suas negras sobrancelhas com confusão diante de sua resposta.

—Por que fugiu? —exigiu saber.

—Acaso qualquer um não teria feito o mesmo em meu lugar? —espetou.

—Absolutamente! —replicou; seu cenho ficou mais marcado—. Acredite ou não, algumas mulheres inclusive procuram minha companhia. Que cela? —reiterou enérgico.

Kate não podia continuar suportando suas mentiras.

—Que cela? —repetiu, furiosa, deixando a taça. Enquanto olhava para ele algo quebrou em seu interior—. A cela onde fiquei encerrada todas estas semanas antes que me entregassem a você! Um presente para o poderoso duque de Warrington... da parte de seus repugnantes e

criminosos comparsas!

Sua ensurdecedora acusação ressonou no quarto, mas não havia modo de retirar as palavras uma vez que as tinha pronunciado.

Ao contrário, podia sentir como sua crescente fúria se elevava-se rugindo como as ondas que tinham estado a ponto de converter-se em sua tumba. Possivelmente jamais lhe fizesse justiça, mas todo seu ser exigia que ao menos se mantivesse firme.

—Deveria envergonhar-se de si mesmo —replicou tremendo de ira enquanto levantava lentamente da cadeira—. Seus desalmados comparsas e você.

—O que?

—Oh!, finja que é inocente se isso o agrada, excelência... mas agora sei que você está atrás deste perverso plano. Os contrabandistas não são bastante inteligentes para levar isto a cabo sozinhos!

Ele a olhou absolutamente pasmado, o qual só serviu para encorajá-la.

Assim não estava acostumado a que ninguém o enfrentasse. Bom, poderia matá-la por sua insolência, mas por Deus que falaria, agora que toda a atenção dele estava concentrada nela!

Finalmente manteria a cabeça bem alta... e deixaria este mundo de forma grandiosa.

Seu pai ficaria orgulhoso.

—Vamos, quem mais participou deste plano? —atreveu-se a provocar à Besta apesar de que sua altura a intimidou quando ele levantou-se da cadeira.

Kate já não se importava. Negava-se a viver outro dia dominada pelo medo.

—Seus amigos libertinos do clube Inferno que ouvi falar? Um nome perfeito para demônios como vocês, tendo em conta que todos estão condenados ao inferno!

—Por que razão, me diga? —inquiriu ele.

—Por raptar moças inocentes... para utilizá-las como desventurados brinquedos!

Ele empalideceu... pela culpabilidade, sem dúvida.

—Dá-me asco.

Kate quis dar meia volta, mas ele a agarrou pelo braço e rapidamente fez com que ela não fizesse isso e para que o olhasse.

—O que é exatamente o que está dizendo? — perguntou ele.

Kate retrocedeu, mas Rohan não a soltou.

—Afirma que foi raptada?

—Se afirmo? —replicou virtualmente gritando.

—Me responda Kate!

—Sabe muito bem! —explodiu, iracunda, ao mesmo tempo em que escapava bruscamente, e ato seguido apontou para ele um dedo acusador—. Foi você quem deu a ordem!

CAPÍTULO 5

Kate manteve-se firme com feroz coragem apesar da expressão de Warrington se tornar sinistra e aterradoramente fria.

O duque parecia completamente pasmado.

—Eu não fiz nada semelhante —disse ele com os dentes apertados, sustentando o olhar dela—. E jamais faria.

Com os punhos apertados e a respiração agitada, olhou ao duque com receio. Que o negasse era o que esperava de um homem poderoso como ele para preocupar-se com suas recriminações com respeito a seus assuntos delitivos.

Na realidade esperou que ele dele lhe golpeasse como havia feito O'Banyon, mas não estava disposta a abaixar a cabeça. Por Deus que não faria isso. Se aquele bruto a golpeasse, que o fizesse olhando nos olhos dela.

Manteve a cabeça erguida enquanto escrutinava seu rosto.

—É por isso que ameaçou suicidar-se? Essa é a razão para que tenha fugido? —perguntou-lhe autoritário.

Kate ficou em silêncio, pois de repente não estava segura do que acreditar.

—Me conte o que aconteceu —ordenou ele—. Se o que afirma é verdade...

—É obvio que é verdade! —interrompeu-lhe indignada.

—Deveria ter me contado tudo isto ontem à noite!

—Dizer ao homem que me entregaram como um presente? Como poderia fazer isso? Para que esbanjar o fôlego quando era você quem estava atrás de tudo?

—Eu não... Santo Deus, jamais faria mal a uma mulher! —bramou, sua voz profunda ressonou no quarto do guarda—. Não sabia nada disto! Digo-lhe a verdade!

—Aceitou o presente —assinalou.

—Acreditei que quisesse estar aqui! —Ficou em silêncio e depois meneou a cabeça com furioso assombro—. Parece que enganaram a nos dois. —Deu meia volta de repente e, ainda sem camisa, encaminhou-se para a porta com passo irado, todo músculo, tensão e cólera silenciosa. Agarrou a maçaneta e virtualmente arrancou a porta das dobradiças ao abri-la—. Findlay!

—Sim, senhor!

—Vá em minha carruagem até o povoado e traga Caleb Doyle! Vá! —Rugiu ao ver que o guarda não estava agindo com pressa. Kate sobressaltou-se quando ele fechou de novo a porta—. Como se atrevem? —balbuciou, obviamente colérico, mas possivelmente também morto de vergonha ao descobrir que alguns humildes contrabandistas poderiam tê-lo enganado. Deus que me perdoe se isto for verdade...

—É verdade —asseverou Kate cruzando os braços quando ele começou a passear daqui para lá na saleta—. Não sou uma embusteira.

Dirigiu a ele um olhar sinistro e com ar de absoluta cólera, e aproximou-se da janela de pedra com arco que dava para o pátio interior. Apoiou as mãos no batente, contemplando com expressão pensativa o dia nublado do outro lado do vidro.

Kate reparou no comprido e avermelhado arranhão na parte interna do antebraço do duque.

Talvez ele tenha se ferido com a afiada rocha do escarpado quando a impediu de despencar-se, mas parecia não ter percebido a ferida.

—Permita que jure pelo mais sagrado, senhorita Madsen, que suas acusações para mim são infundadas. Lançou-lhe um olhar penetrante por cima do ombro—. Caleb Doyle mentiu para mim. E responderá por isso. Disse-me que queria minha ajuda para iniciar uma nova carreira em Londres como... —Fechou os olhos e meneou a cabeça proferindo um impropério dedicado a sua própria pessoa.

—Puta? —concluiu Kate sem rodeios enquanto lutava para unir as peças que podia recordar através da neblina induzida pela droga—. Sim. Algumas das esposas dos contrabandistas fizeram com que eu de propósito,... atraente. Mas eu não sou essa classe de pessoa. Ou era antes de tudo isto. —Apontou o braço para a ferida do duque—. Feriu-se.

—Não me importa. —Rohan girou-se e a olhou nos olhos, a fria luz invernal banhava seu torso esculpido com seu resplendor prateado—. Quem fez isso a você, Kate? Necessito que me conte o que aconteceu exatamente.

Kate duvidou. A possibilidade de que ele pudesse estar dizendo a verdade, que realmente não estivesse envolto naquilo, dava-lhe uma fresta de esperança de que talvez, somente talvez, tudo pudesse acabar arrumando-se. Afinal das contas, ele era um duque, o latifundiário dos contrabandistas. Possuía o poder e a autoridade para ajudá-la a conseguir justiça se quisesse.

Não acalentava muitas expectativas.

—Algumas das esposas dos contrabandistas me obrigaram a colocar esse horrível vestido e pintaram meu rosto como uma prostituta. —Abaixou o olhar—.Temo que o resto esteja um pouco confuso por culpa do láudano que me forçaram a tomar.

—Láudano? —perguntou estremecendo-se pelo remorso.

—Drogaram-me para que não lutasse.

Ao ouvir aquilo, a fúria que ardeu nos olhos do duque não se parecia com nada que Kate tivesse visto antes.

Warrington deu a volta, e parecia até que arrancaria a cabeça de alguém. Tamborilou com os dedos sobre o batente da janela durante um segundo, em seguida exalou de forma moderada.

—Lamento... o de ontem à noite, Kate. Não sabia. Acreditei na mentira. Não tinha motivos para suspeitar deles. Simplesmente pensei que... você tivesse bebido muito.

Kate ficou em silêncio durante um longo momento percebendo que, apesar do mal-entendido, ele não a incomodou. Apesar de acreditar que fosse uma prostituta e ébria, a Besta comportou-se como um cavalheiro.

—Tudo isto é muito confuso —murmurou à jovem.

Ele assentiu bruscamente e em seguida aproximou-se da lareira para pegar o atiçador e avivar o fogo.

Enquanto as faíscas saltavam no ar, Rohan contemplou as chamas parecendo encontrar certo consolo em ter na mão algo semelhante a uma arma.

Kate observou com discreta fascinação enquanto começava a desejar que vestisse

novamente uma camisa. Toda aquela carne masculina, suave e nua, resultava um pouco perturbadora.

Depois de colocar o atiçador em seu lugar, voltou-se para ela com uma expressão resolvida impressa nas faces.

—Kate, é muito importante que me conte o que aconteceu com você desde o começo. Estou certo de que é difícil para você narrar isso, mas se meus arrendatários estão cometendo delitos desta magnitude, tenho que conhecer os detalhes para poder pôr fim imediatamente. Ajude-me a chegar ao fundo do assunto e prometo a você que farei justiça.

Aquela palavra monopolizou toda sua atenção. Olhou para ele fixamente. Além de voltar para sua casinha, o que mais desejava no mundo era justiça.

—Solucionaremos isto —assegurou ele—. Bem, ordenei que Doyle venha ao castelo para que você e eu possamos obter respostas. Resulta-me difícil acreditar que ele tenha feito algo semelhante... conheço o velho desde que eu era menino. Mas também sei que ultimamente a autoridade dele está sendo desafiada pelos jovens. Possivelmente sejam eles que devem estar atrás de tudo isto. Antes de nada tenho que saber se havia alguma outra moça com você naquela cela ou viu alguma outra que pudesse ter sido raptada como você.

Ela negou com a cabeça.

—Não vi nenhuma, mas isso não significa que não tenha alguma.

—Muito bem. Farei que meus homens revistem o povoado. Desmantelaremos cada casa, pedra por pedra, se for necessário, e cada navio também, no caso de que retenham ali alguma jovem. Vou necessitar uma ideia clara dos fatos para poder ajudá-la.

Ao ver que ela não respondia, estudou seu rosto com pesar.

—Continua não confiando em mim.

Kate encolheu os ombros com desconfiança enquanto amassava a áspera manta.

—O que acontece é que... contaram-me algumas coisas alarmantes sobre você.

—Eu imagino. —Sacudiu a cabeça — Kate, tratar com arrendatários como estes... digamos que enxergam o que querem ver. —Estendeu o braço e limpou uma mancha de barro seco da bochecha que ela não percebeu—. Se eu fosse tão mau como eles a fizeram acreditar, teria abandonado minha cama ontem à noite para que pudesse dormir tranquila?

O ligeiro roçar dos nós de seus dedos sobre sua face e a lembrança de como a noite anterior retorceu-se sob suas peritas carícias fez com que as faces dela ficassem rubras.

Kate afastou o olhar e ele retirou a mão.

O duque ficou em silêncio durante um momento.

—Não corre perigo, Kate. Não vou lhe fazer mal. Sei que tem medo, mas confia em meus atos caso duvide de minhas palavras. Salvei sua vida, não é assim? Isso deve valer alguma coisa.

Kate levantou a vista com lentidão percorrendo a cinzelada simetria de seu musculoso abdômen e a sólida elevação do peito até cravá-la na dele.

A expressão nos olhos azul acinzentados daquele homem parecia sincera e ela ansiava desesperadamente acreditar nele. Podia ser sua única esperança. Assentindo com reticência,

decidiu confiar sua história a ele e ver onde isso a levaria. Para falar a verdade, não tinha nada a perder.

Ainda tiritando um pouco por causa de seu lance com a morte, sentou-se na cadeira uma vez mais e inspirou profundamente.

—Era vinte e sete de novembro, ao redor das dez da noite. Eu estava sentada em minha casa ao sudoeste do Dartmoor, simplesmente lendo junto ao fogo. Esperando que o bule fervesse. Estava preparando um chá. Por certo, a quanta distância estamos dali?

Ele pensou um instante.

—A pouco mais de trinta quilômetros.

—Trinta quilômetros —repetiu assombrada. Era a maior distancia que se afastou em anos.

—Dizia-me?

—Sim... estava lendo junto ao fogo quando, de repente, três sujos rufiões entraram a força em minha casa. Sem aviso, nem sequer tive tempo para reagir. Ocorreu tudo tão rápido... Tiraram-me a rastros e me jogaram em uma carruagem, onde ataram meus pés e minhas mãos. Depois, dois deles voltaram para dentro de minha casa para roubar algo de valor que pudessem encontrar.

Warrington apoiou-se contra o suporte enquanto a observava. Parecia estar esforçando-se muito para conter-se, sem deixar transparecer expressão alguma em seu rosto. Seus olhos tinham adquirido um matiz aterrador.

Enquanto a escutava com os braços cruzados, seus dedos tamborilavam lentamente os enormes bíceps. Assentiu para animá-la a seguir.

—Continua.

Kate notou que um nó se formava na garganta dele.

—Uns minutos depois, os dois retornaram à carruagem. Ouvi um dos homens mais jovens dirigir-se ao líder com o nome de “O’Banyon”. Conhece algum homem que tenha esse nome, excelência?

Ele meneou a cabeça.

—Não, mas asseguro que vou descobrir. Prossegue, por favor. E, por certo, entre o acontecido ontem à noite e que quase morremos esta manhã, acredito que sobram as formalidades. Pode me chamar de Rohan.

Seu convite a surpreendeu, mas continuou com sua explicação, sem estar certa se aceitaria ou não.

—Depois que os dois homens subiram na carruagem, partimos para rapidamente rumo ao povoado dos contrabandistas. Quando chegamos ali, tiraram-me do veículo e me encerraram em um porão durante cinco semanas, ou isso acredito. Cinco semanas —adicionou com expressão ressentida—. passei o Natal nesse porão, no escuro, sozinha.

De todas as formas teria passado sozinha a Páscoa, mas esse não era o tema.

—Há somente alguns dias, os contrabandistas levaram-me por fim a um quarto da casa situado em cima do porão. Desconhecia o motivo, mas agora entendo que foi porque decidiram preparar-me para você.

O abstraído silêncio do duque reverberava na habitação.

—Diga-me —murmurou—, reconheceria seus captores caso os visse novamente?

—É obvio. por que?

—Porque talvez seja possível que eu já os tenha encerrados em minha masmorra.

—Seriamente? —sussurrou ao mesmo tempo em que uma ímpia impaciência apoderava-se dela—. Bom, isso sim eu adoraria ver.

A apaixonada resposta da jovem satisfez ao duque. Inclinou a cabeça ligeiramente para estudá-la com olhar inquisitivo justamente quando um golpe na porta anunciou a volta de seu criado. O duque a olhou com perspicácia e foi abrir.

—Aqui tem as coisas que pediu, senhor.

Kate girou-se na cadeira quando Eldred entregou ao duque um montão de objetos.

—Necessita alguma outra coisa, excelência?

—Não, obrigado, Eldred. Basta isto.

O mordomo fez uma reverência e fechou a porta enquanto Rohan entrava com a roupa no quarto e a depositava sobre a mesa.

Kate observou-lhe com velada admiração enquanto ele segurava uma camisa limpa que o criado havia levado e a colocava pela cabeça. A seguir vestiu a jaqueta seca e dirigiu-se para a porta com uma expressão de sombria determinação.

—Desça quando estiver pronta—ordenou a ela— Você e eu vamos obter algumas respostas.

Rohan abandonou o quarto dos guardas e fechou a porta ao sair, deixando que Kate ficasse na intimidade.

Deteve-se, exalou prolongadamente e sacudiu a cabeça emocionado por tudo o que ela havia contado. Depois desceu a escura e estreita escada para a austera sala da parte de baixo, onde um par de guardas seguiam trabalhando.

Estes levantaram-se quando Rohan uniu-se a eles e perguntaram se a jovem dama encontrava-se bem. Ele assentiu e continuou passeando de um lado a outro, como fez lá em cima.

Como era natural, estava muito furioso para permanecer quieto. Agora que a história completa do terrível calvário que a jovem sofreu saiu à luz, estava impaciente para colocar as mãos em cima dos homens que fizeram aquilo.

Eles pagariam.

A noite anterior, a cólera que demonstrou para os contrabandistas era mentira em sua major parte. Nesse dia, por Deus que iriam descobrir como era sua cólera verdadeira.

Maldita seja, precaveu-se de que Caleb parecia muito nervoso por algo, mas atribuiu à sensação de culpa pelo naufrágio! Agora sabendo que havia muito mais atrás de tudo aquilo, torceria o pescoço do velho por tê-lo enganado para que desflorasse uma virgem dopada que haviam raptado.

“por que?” por que Caleb teria tentado envolve-lo de propósito naquilo com má intenção? Se Kate não tivesse perdido a consciência antes que pudesse fazer amor com ela, estaria tão

comprometido como os contrabandistas naquela perfídia. Sem dúvida alguma, o que na noite passada parecia ser um maldito inconveniente acabou sendo uma bênção.

Meneou a cabeça com expressão sinistra enquanto seguia andando daqui para lá. Havia algo que não fazia sentido.

Seus arrendatários não eram Santos, mas não podia acreditar que recorressem ao tráfico de mulheres. Mas claro, tampouco esperava que se rebaixassem ao ponto de afundar um navio levados pelo desespero.

Rohan deteve-se para olhar distraidamente pela janela, sumido em seus pensamentos, sentindo náuseas ao compreender que era em parte responsável pelo que aconteceu. Se não passasse tanto tempo fora do país em suas diversas missões para a Ordem, os contrabandistas não teriam a coragem de tentar algo semelhante.

Mas tinham feito muito mais que tentar. Aterrorizaram essa pobre e indefesa beleza.

Ele faria que lamentassem.

Quanto a Kate, depois de tudo pelo que havia passado, impressionou-se sua serenidade, por não falar de seu espírito apaixonado. Enfrentou-o disposta a lutar com ele como um valente e pequeno terrier ladrando para um lobo, e sim, também semeou uma confusão temporária ao grande depredador com seu inesperado alarde de ferocidade.

Embora de constituição miúda, era grande em coragem, uma daminha de espírito intrépido, pensou justamente quando o som da porta do piso superior abriu-se anunciando a chegada da garota.

Levantou devagar seu olhar faminto e conteve o fôlego. Que Deus o perdoasse, ainda a desejava. estremecia-se somente ao escutar seus passos vacilantes descendo a escada. Quem era aquela mulher que provocava um efeito tão profundo nele?

Entretanto, quando apareceu, Rohan apertou os lábios e lutou contra o impulso de sorrir. Tinha um aspecto cômico, de um modo adorável. Algo nela fez com que seu coração apertasse. Vestida com a roupa que Eldred proporcionou, parecia uma espécie de pajem com cara de anjo. Mas o olhar que ela lançou, o advertiu de que podia lhe custar à cabeça se ousasse fazer um só comentário a respeito. Abaixou a vista reprimindo um sorriso; ela limpou a garganta e ergueu a cabeça decidida sem dúvida a insistir no assunto que os preocupava, sem dar importância a seu ridículo aspecto.

A atitude formal da jovem só fez lhe divertir mais. Seus faiscantes olhos a percorreram das botas negras que calçava até o calção azul marinho que revelava a torneada silhueta de suas pernas e um precioso traseiro em forma de coração.

Um comprido colete com abas e botões metálicos moldava seu talhe e a suave curvatura de seus bonitos quadris. As mangas rodeadas de um libré ressaltavam seus esbeltos braços, alargando-se depois em dois grandes punhos dobrados.

A única coisa que lhe faltava era um cinto para converter-se no mais sedutor dos lacaios. Rohan reprimiu sua diversão quando ela colocou um par de luvas emprestadas como uma dama de alto berço preparando-se para sair a cavalgar. Feito isso, colocou sobre os ombros a capa que a

entregaram, ansiosa, ao que parecia, por ocultar seu adorno masculino.

— Você primeiro —convidou Rohan, assinalando para a porta.

—Obrigado, excelência. —Olhou para ele com ruborizada arrogância, e depois avançou ao mesmo tempo em que subia o largo capuz da capa para proteger o rosto.

Rohan agradeceu com frieza os dois guardas que ficaram e que também lutavam para conter um sorriso.

Abriu a porta para que passasse o atraente pajem e os dois abandonaram o refúgio da guarita.

Quando saíram, raios de sol apareceram entre as escuras nuvens e, por um momento, a magra capa de gelo que ainda cobria tudo resplandeceu de maneira extraordinária.

O pátio inteiro cintilava a seu redor quando Rohan voltou-se para Kate. Ela devolveu o olhar com incerteza, com as faces avermelhadas pelo frio. Os raios de sol iluminavam a descarnada vulnerabilidade e a quase dolorosa esperança que ocultavam as profundidades esmeraldas de seus olhos.

Esperança nele.

Rohan afastou a vista entreabrindo os olhos para proteger-se do resplendor e sentindo-se condenadamente incômodo ao estar consciente de que a doçura que sem dúvida ela pedia depois do suplício vivido não era seu forte de modo algum.

Mesmo assim, olhava para ele como se tivesse decidido que era algum tipo de herói. Se soubesse a violência de que era capaz quando a ocasião assim o requeria... esse mortífero dom era o que fazia com que os Warrington fossem tão valiosos para a Ordem. Não queria que nenhuma mulher chegasse a ver esse lado dele mas, nesse momento, compreendia que ela necessitava algo em que acreditar.

Evitando seu olhar, esquadrinhou o imponente exterior do castelo em busca da rota mais curta para a masmorra. Divisou a porta que procurava e dirigiu a jovem com um gesto marcial.

—Siga-me —lhe ordenou, logo adicionou mal humorado sem poder se conter—: Cuidado com o gelo.

CAPÍTULO 6

Segurando a aba do capuz para proteger-se do vento, Kate seguiu Rohan para o castelo com desconfiada reticência.

O duque continuou avançando como uma força da natureza; a capa e as largas abas de seu negro casaco de lã agitavam-se com o ar e envolviam sua imponente figura.

Quando chegou ao castelo abriu uma enorme porta e a conduziu ao interior, onde pararam durante um momento para sacudir a neve quase derretida das botas. Depois ele sacudiu a cabeça de forma autocrática em direção a ela: Uma ordem tácita de que o seguisse. Kate arqueou uma sobrancelha quando Rohan a precedeu com passo firme uma vez mais.

Começava a pensar que esse homem só sabia comunicar-se dando ordens; o fato de que estivesse tão certo de que receberia obediência despertava a rebeldia que Kate levava dentro de si. Mas devido a sua atual situação, dobrou sua veia obstinada e obedeceu, embora virtualmente teve que correr para seguir o ritmo das largas e velozes pernadas de Rohan.

Deteve-se no fundo do escuro corredor de pedra e abriu uma porta de madeira que parecia muito antiga. Da escuridão chegou uma fria e úmida corrente de ar que fez Kate lembrar-se do porão dos contrabandistas. Esboçou uma débil careta ao dar uma olhada para o vazio que estendia-se ao outro lado da porta.

—O que há aí abaixo?

—A masmorra.

—Oh! —murmurou estremecendo-se sem querer.

Rohan olhou o rosto dela com atenção.

—Tem certeza de que está preparada?

Enquanto olhava para Rohan, Kate teve que decidir novamente se realmente devia confiar nele. Do contrário, que a conduzisse ali abaixo podia resultar não ser mais que outra cruel artimanha. Ele poderia estar levando-a para a masmorra com o fim de encerrá-la outra vez.

Assentiu com valentia deixando de lado seus temores. Em algum momento teria que confiar em alguém.

Ele a olhou com aprovação.

—Bem. Então vamos procurar as respostas.

Aferrando-se a sua coragem, Kate seguiu a Besta pela escada coalhada de teias de aranha que descia para o fantasmagórico submundo, situado sob o castelo de Kilburn. Manteve-se perto, aferrando-se a ele como se fosse sua sombra.

Ao pé da escada, os três guardas de serviço estavam esquentando as mãos junto às chamas de uma pequena fogueira acesa dentro de um círculo de pedra. Os homens ficaram alertas quando viram o duque.

—Excelência!

—Descansem. —Ao chegar embaixo saudou seus homens com uma inclinação de cabeça, girando-se em seguido para levar Kate pela mão o resto do caminho. Seu gesto cavalheiresco a surpreendeu—. Temos que dar uma olhada nos prisioneiros —informou aos guardas.

—Sim, senhor.

Sem fazer perguntas, os soldados apanharam suas armas e umas tochas dos suportes de ferro dos muros e apressaram-se a cumprir o pedido de seu senhor.

Era óbvio que ali sua palavra era lei. Kate olhou para ele com receio, enquanto os guardas os escoltavam por um rústico corredor que sem dúvida, conduzia até a porta traseira do inferno.

—Por que tem tantos guardas aqui? —perguntou em voz baixa.

Rohan arqueou uma sobrancelha para ouvi-la e a olhou de esguelha.

—Não sei... simplesmente eu gosto de ter gente a quem dar ordens.

Kate não pôde evitar sorrir diante sua irônica resposta, que não era tal.

—Vamos —ordenou com um timbre grave, quase afetuoso em sua profunda voz.

O eco dos saltos dos soldados sobre a rocha reverberava ao redor deles a medida que entravam no labirinto da masmorra, semelhante a uma caverna. O caminho bifurcava-se em vários corredores com barrotes enferrujados em diversas direções.

Kate não sentia inveja daqueles homens e de seu sinistro e úmido posto, mas eles não pareciam importar-se.

A luz das tochas brilhava sobre os enormes blocos de pedra que constituíam os alicerces do castelo. Do escuro corredor chegava uma fraca e desagradável corrente de ar que agitava os cinzas e puídos véus das teias de aranha pendurados fazendo-os flutuar no ar. Kate não conseguia deixar de olhar por cima do ombro. Aquele lugar a colocava de cabelo em pé.

Quando chegaram em frente as úmidas celas onde os prisioneiros estavam alojados, Rohan inclinou-se para ela e disse ao seu ouvido:

—Estão nas celas em frente. Bem, agora me dirá se algum destes homens tomou parte no seu sequestro, de acordo?

Ela assentiu reprimindo um assustador estremecimento provocado por sua proximidade.

Quando avançaram, o rosto desesperado de vários homens começou a aparecer atrás dos oxidados barrotes daquelas celas deixadas na mão de Deus.

—Excelência! —O primeiro era um jovem alto e corpulento como uma montanha com o rosto suarento—. Pelo amor de Deus, nos deixe sair daqui, senhor!

—Os prisioneiros não devem falar a menos que lhes peça —disse brevemente o guarda no comando; sua advertência ressoou no escuro corredor até os homens que ocupavam as outras celas.

Os contrabandistas encarcerados começaram a despertar deixando as lajes de pedra que faziam as vezes de cama e aproximaram-se dos barrotes para ver o que estava acontecendo.

Sabendo que podia enfrentar cara a cara com seus captores a qualquer momento, Kate sentiu seu coração começar a palpitar com força. O instinto a empurrou mais para perto de Rohan procurando segurança na escuridão. Rohan ofereceu seu braço, e quando Kate pousou a mão na dobra do cotovelo, ele colocou a sua sobre a dela.

O homem na cela ao lado era um contrabandista calvo e de pescoço largo, com um pequeno aro na orelha. Não o reconheceu, mas ele cravou o olhar nela mostrando uma desagradável curiosidade para seu traje de lacaio.

—Abaixe o olhar! —bramou Warrington—. Não a olhe. Me dê isso. —Arrebatou a tocha de um dos guardas e retomou a tarefa de levá-la em um percurso por aquele terrível lugar.

Ofereceu o outro braço a Kate e levantou a tocha para que ela pudesse inspecionar o homem da cela seguinte.

Kate sentiu o sangue gelar em suas veias ao ver o tipo de aspecto suspeito e pouco mais de vinte anos de idade, com gordurento cabelo negro e barba de uns dias.

—É ele. —agarrou o braço do duque com mais força.

—Denny Doyle —disse Rohan com voz suave—. Já deveria ter adivinhado.

O prisioneiro não mostrou o menor sinal de respeito, mas sim limitou-se a lançar para eles um olhar áspero por cima do ombro.

—O que está olhando?

—Ouvi que acrescentaste mais que um naufrágio a sua lista de lucros, Denny.

—Eu não sei nada disso —replicou com sarcasmo e encolhendo os ombros, o que sem dúvida tinha aprendido no colo de sua mãe contrabandista.

Os guardas dirigiram-se bruscamente para ele com desaprovação. Denny Doyle levantou-se com um salto e deu meia volta adotando uma posição beligerante, com o corpo grudado na parede, mas Rohan elevou a mão para indicar a seus homens que parassem.

—No seu devido tempo —os advertiu—. Você e eu falaremos logo —adicionou paralisando o canalha com um olhar sinistro. Depois olhou para Kate e a seguir apontou com a cabeça para o negro corredor que estava diante deles—. Acha que devemos prosseguir?

Ela engoliu saliva com dificuldade e conseguiu assentir.

—O que... o que acontece, senhor, por favor? —suplicou o tipo esquálido da seguinte cela—.já veio a Guarda Costeira para nos levar?

Levava uns óculos sobre a ponte do nariz e embaixo deste, um espaçado bigodinho, como se fosse uma mancha de fuligem que enegrecesse o lábio superior dele.

—Excelência... vai me deixar sair, senhor? Prometo-lhe que cooperarei. Não quero morrer!

—Fecha o bico! —Um dos guardas golpeou os barrotes com a culatra do mosquete.

O homenzinho retrocedeu com um salto ao mesmo tempo em que proferia um ganido, mas quando Kate meneou a cabeça para avisar a Rohan de que ele não era um dos sequestradores, o prisioneiro começou a chorar ao ver que seguiam adiante e o deixavam para trás.

—Meu Deus! Me deixe sair daqui! Há algo aqui embaixo, tenho certeza! Algo antinatural!

—Fecha o bico, Fitch, verme sem pênis —ordenou Denny Doyle da sua cela, mais atrás, com um tom de intensa repulsão.

Um dos guardas franziu o cenho e retrocedeu com passo enérgico para lhe dizer que se calasse, mas Rohan simplesmente olhou para Kate com incerteza.

—Que tal está?

—Bastante bem —respondeu com gravidade.

—De acordo. São tipos encantadores, não é?

A jovem conseguiu desenhar um sorriso irônico em resposta.

Rohan passou o braço pelos ombros dela com delicadeza.

—Vamos, quase acabamos. E este? —Assinalou com a cabeça a cela que seguinte.

Nela havia um tipo alto e desajeitado, de cabelo cor de cenoura recolhido em um rabo de cavalo. Descruzou suas desajeitadas pernas para levantar-se com rapidez da cama de armar com expressão áspera e os fulminou com o olhar.

Ela negou.

—Não.

—Somente uma cela a mais —murmurou Rohan—. Outro Doyle. Este é primo do anterior.

Os dois são sobrinhos do velho.

Kate aproximou-se da última cela com receio, deu uma olhada através dos barrotes enquanto Rohan segurava no alto a tocha e ela confirmou a culpabilidade do homem assentindo com ar sério.

—Sim. Ele também.

—Eu? O que? —O tipo da cela levantou a vista com ar de absoluta inocência—. Do que está falando?

—Não sabe? —respondeu Rohan com secura—. Peter Doyle, não é assim?

—Sim, excelência. —Levantou-se e aproximou-se de seu senhor com uma atitude muito mais humilde do que a que mostrou seu primo. Um moço sensato.

Rohan olhou Kate.

—Tem certeza? —perguntou com um pingo de pesar em voz baixa.

—Tenho certeza —replicou.

—O que quer de mim? —choramingou Peter Doyle.

O duque olhou para ele com os olhos entreabertos.

—Oh, parece-me que já sabe.

—Né? —O jovem notou que lhe formava um nó na garganta ao ver a expressão sinistra do duque e começou a retroceder para o canto de sua cela.

Kate fulminou o prisioneiro com o olhar.

—Este foi o homem que apontou a pistola para mim na carruagem enquanto os outros dois entravam em minha casa para roubar, como eu disse antes.

—De que dem... do que está falando? —resmungou Peter, fingindo surpresa.

O sangue de K ate ferveu ao ouvir sua negação, mas dos três, esse captor era o que lhe intimidava menos.

Peter Doyle era um homem maior e com a constituição de um tronco, mas flácido, com idade similar a seu primo, mas com o cabelo crespo e encaracolado de um apagado tom loiro. Tinha uns olhos cor de avelã e com expressão nervosa no rosto.

—Há algo que queira me dizer, Peter? —Rohan fixou seu desconcertante olhar no jovem.

—Hummm... né, eu...

—Algo a ver com um sequestro, hum?

—O que? Senhor! —exclamou com grande indignação. Asseguro-lhe que não sei a que se refere!

—Não se atreva a negar! —Kate lançou-se contra ele de repente, agarrando os barrotes.

—Fique calma, Kate.

—Ele esteve ali! Tirou-me a rastros de meu lar...

—Não, eu... senhor, a moça está endoidecida. Sequestro? Como? Alguém a sequestrou? Sou o sobrinho de Caleb Doyle! —gritou e uma expressão de terror começou a aparecer em seu rosto à luz da tocha—. Senhor, conhece minha família há anos! Não é possível que sua excelência acredite mais em uma rameira do que em mim! Ela mente!

—Bom, eu acredito —respondeu Rohan sem elevar a voz.

—Não sou uma rameira —Recordou Kate com tom queixoso—. Como você bem sabe.

—Sim o é! —insistiu Peter—. Quer converter-se na querida de algum homem rico... em Londres! Recorda?

A convicção do jovem na mentira de seu tio parecia ser cada vez menor, mas seus olhos se abriram desmesuradamente quando Rohan tirou a jaqueta e a entregou a um guarda.

A seguir tirou as luvas e fez ranger os nódulos de forma audível.

—Acompanhem à senhorita Madsen para cima —indicou a seus homens—.Digam a Eldred que a acomode em um dos quartos de hóspedes.

—O que faz? —murmurou Kate.

—Abra a cela —ordenou ao guarda com um tom de voz quase afável.

—Senhorita, tenha a bondade de vir comigo. —O outro soldado indicou a ela que o seguisse.

—Não penso partir !Este assunto me concerne tanto quanto a você!

—Parte já, Kate.

—Não convém ver isto, senhorita —aconselhou o guarda em voz baixa.

—Não vou a nenhuma parte! —protestou escapando do guarda, que a agarrava frouxamente, e voltando-se para o duque.

Rohan tinha os olhos fixos em Peter Doyle como um lobo concentrado na ovelha mais fraca do rebanho.

—...talvez deva ficar! —disse Peter tragando saliva enquanto apegava-se à parede no fundo de sua cela—. Como disse ela, também é seu assunto, não é verdade?

—Você gostaria disso, não me cabe dúvida —murmurou Rohan.

—Pensei que não soubesse nada, Peter! —reprovou-lhe Kate.

—Acredito...acredito que me lembro de alguma coisa. —O moço tinha de novo um nó na garganta—. Por favor, excelência... a dama pode ficar?

—Ah, agora sou uma dama? —Olhou para Peter sacudindo a cabeça com indignada surpresa. Era óbvio que a única razão pelo que desejava que ela ficasse era a esperança de que a Besta não desatasse toda sua cólera diante de uma mulher.

Rohan olhava fixamente para Peter enquanto Kate deu um tapinha em seu enorme ombro.

—Posso falar um momento com você, por favor, antes que toque o trompetista para anunciar o Armagedon?

—É obvio, senhorita Madsen. —voltou-se para ela, com uma expressão tão imperturbável como se fizesse essa classe de coisas de maneira cotidiana.

Rohan a levou a um lado.

—São estes todos os homens que tem cativos? —sussurrou Kate.

Ele assentiu olhando-a nos olhos.

—Por que?

—Não vejo O'Banyon, o líder.

—Quer dar uma nova olhada? Posso ordenar que os levem para cima, onde haja luz.

—Não está aqui. —Sacudiu a cabeça, estremecendo a seguir—. Não há engano. Jamais poderei esquecer a sua cara repugnante.

—Possivelmente os Doyle saibam onde está. Bom, Kate, na verdade acredito que é melhor que vá para cima.

—O que vai fazer? —perguntou com inquietação.

—Conseguir respostas, como prometi. Não se preocupe, deixe-me com ele. —Obsequiou-a com um sorriso realmente encantador que gelou o sangue dela, pensando em suas intenções homicidas—. Parte já. Eldred acomodará você em um dos quartos de hóspedes. Você ainda não tomou o café da manhã, segundo me recordo. Contarei o que descobrir.

"Isso diz", pensou franzindo o cenho, mas não estava disposta a acreditar em sua palavra.

—Não me obrigue a partir, rogo-lhe, Rohan. depois de tudo o que passei mereço escutar com meus próprios ouvidos o que este canalha tem a dizer! Além disso, sou a única que pode verificar se está dizendo a verdade —assinalou.

Rohan aceitou aquilo com expressão cética, embora tenha encolhido os ombros e depois endireitando-se.

—Muito bem, mas poderá ver alguma coisa que vai ferir a sua sensibilidade.

—Minha sensibilidade? —bufou—. O que me importa agora é que se faça justiça.

Rohan ficou sério ao escutar o tom apaixonado com que disse aquilo, mas assentiu e em seguida, retornou à cela de Peter. Kate o seguiu mascarando o assombro que lhe produziu o fato de que a poderosa Besta tivesse concordado com a sua petição.

Peter, que escutava furtivamente detrás dos barrotes, começou a retroceder de novo quando os viu aproximar-se.

—Ela fica, verdade? —perguntou com nervosismo.

—Não espere que eu o ajude —replicou Kate com ar despreocupado—. De minha parte, espero que ele dê uma surra em você até deixá-lo inconsciente.

—Vá, vá, vá, Peter, meu querido moço. —Rohan parecia divertir-se com a provocação de' Kate.

—Não quero problemas, senhor!

—Então aconselho que comece a falar.

Os guardas abriram a porta e eles entraram. O duque passou primeiro enchendo o espaço. Kate ficou atrás para observar o interrogatório a uma distância prudente com Rohan em frente fazendo as vezes de escudo humano gigante. Peter não sentou, simplesmente continuou afastando-se do duque, como se fosse um pobre cristão que arrojaram aos leões.

—Por que a raptaram? Pretendiam vendê-la? Há mais jovens escondidas no povoado?

—Deus Santo, não, excelência! —Peter empalideceu—. Juro que não é nada disso!

—Então, por que a raptaram?

Houve várias rodadas de negações antes que Rohan o agarrasse pela camisa e o levantasse

empurrando-o contra a tosca pedra da parede. Peter chiou e afastou o olhar apertando os olhos fortemente à espera de receber um murro que nunca chegou.

—Mais vale que comece a dar explicações.

—Foi ideia de O'Banyon! —gritou—. Eu somente fiz o que me disseram!

Kate conteve o fôlego.

—Denny disse que nos pagariam bem! Não fizemos mal à moça, juro! Ninguém a tocou! Se disser o contrário, ela mentira!

Rohan olhou para Kate por cima do ombro com uma penetrante expressão inquisitiva; ela confirmou as palavras do moço assentindo com a cabeça e logo encolheu os ombros. Ao menos não tinha sido submetida a mais terrível das violações.

—O'Banyon a queria para ele —acrescentou Peter com voz rouca—. Ainda a quer, uma vez que tenha servido a seu fim.

—Que fim? —exigiu Rohan.

—Juro-lhe que não sei, senhor!

Kate estremeceu ao ouvir essas palavras, e não só por causa do frio, mas recuperou a coragem.

—Nos fale de O'Banyon —ordenou Kate a Peter—. De onde o conhece?

O jovem olhou para Rohan com temor.

—Responde a sua pergunta —exigiu o duque.

Peter engoliu saliva com dificuldade.

—Meu primo Denny me contou que O'Banyon vive há anos do outro lado de Brixham.

Rohan afrouxou ligeiramente, mas não o soltou.

—Arrolou-se na Marinha ou algo assim —prosseguiu Peter—. Esteve fora uma década ou mais. Logo retornou. Apareceu no botequim Birty's junto ao embarcadouro procurando alguém que o ajudasse com algum novo plano. Essa foi a primeira vez que ouvi falar dele ou do que estava planejando. —Meneou a cabeça—. Em seguida soube que Denny estava nos metendo em uma confusão. Não era bom assunto. Quis pedir conselho a meu tio, mas Denny me disse que era um covarde. Vinte guinéus por cabeça, além de tudo o que pudéssemos levar da casa.

—Não era um mau trato —murmurou o duque com mordaz ironia—. Pensava O'Banyon sequestrar a outras moças ou só à senhorita Madsen?

Peter franziu o cenho e olhou para ele durante um momento.

—Madsen, senhor? Não. Esse não é seu nome.

Kate proferiu um bufido.

—Não comece outra vez com isso!

Mas Peter olhava para Rohan com uma expressão que parecia suplicar seu perdão.

—A O'Banyon disse que seu nome era Fox. Kate Fox. Como... —Sua voz foi se apagando, mas o duque pareceu absorto de repente.

—Como... Gerald Fox? —murmurou Rohan.

—Sim, excelência. —Peter assentiu lentamente sustentando o olhar—. Por isso o tio Caleb

nos disse de forma cortante que tínhamos que nos desfazer dela.

Kate não sabia por que Rohan ficou tão calado.

—Isso é um disparate —informou ela—. Acredito que sei como me chamo!

—Sabe? Seriamente? —O duque deu meia volta e cravou nela um olhar cheio de repentina e sinistra desconfiança.

CAPÍTULO 7

O corpo de Rohan ficou completamente rígido. "Gerald Fox". Ele conhecia este nome desde sua infância. O antigo marinheiro passou para o lado escuro, um condenado furacão com duas pernas: o capitão pirata que iniciou com os contrabandistas locais.

Há anos, o audaz e descarado capitão Fox serviu ao pai de Rohan cumprindo as mesmas funções que agora Caleb desempenha para ele: Despachando mensagens, levando e trazendo agentes entre a Inglaterra e o continente, sem fazer perguntas.

Um correio a serviço da Ordem sem sabe.

Um trabalho extraordinariamente perigoso, embora muito bem remunerado. Um homem podia perder a vida nisso.

Ou a alma.

A mente de Rohan retornou imediatamente ao último caso que seu pai encarregou-se para a Ordem antes de morrer: O assunto DuMarin...

Vinte anos atrás, quando explodiu o Terror na França, o duque anterior contratou o capitão Fox para a perigosa missão de transportar uma formosa aristocrata francesa sã e salva até a América: Mademoiselle Gabrielle DuMarin; a filha do informante. Os DuMarin eram uma destacada família do "prometeo". Não podia ter sido de outro modo, Diziam que eram descendentes do mesmo alquimista que arrojou a maldição sobre a família de Rohan.

A única coisa que Rohan sabia era que depois de que Gabrielle DuMarin foi para o mar com o capitão Fox não retornou a ver nenhum dos dois.

Agora Peter Doyle afirmando que o sobrenome de Kate era Fox fez com que Rohan perguntasse a si mesmo se ela poderia ser fruto de uma união proibida entre o capitão inglês e a jovem beldade francesa.

—O que está acontecendo? —exclamou Kate—. Está olhando para mim como se tivesse visto um fantasma! Afinal, quem é Gerald Fox? Não conheço ninguém com esse nome.

—Quantos anos tem? —perguntou Rohan com aspereza.

—Vinte e dois. —Kate meneou a cabeça franzindo o cenho com desconcerto—. O que tem isso a ver?

O chão pareceu sacudir sob os pés de Rohan.

As datas combinavam.

Parecia muito extraordinário para que inclusive seu supersticioso cérebro aceitasse isso.

Olhou fixamente para Kate enquanto um calafrio o percorria de cima abaixo, como se alguém estivesse caminhando sobre sua tumba.

Deus bendito, no mesmo instante em que a viu no salão soube que seus destinos estavam de algum modo entrelaçados. Mas se as suspeitas que agora monopolizavam sua mente eram certas, significava que Kate... "tinha sangue dos "prometeos" correndo por suas veias".

E ele confiava na jovem até a risco de sua própria vida.

Céu santo, se era uma criatura do inimigo, então Kate o havia enganado com perícia até o momento. Láudano? Uma artimanha perfeita para fazer que baixasse o guarda.

Era óbvio que nenhum espião bem adestrado jamais permitiria voluntariamente que seus sentidos ficassem incapacitados durante uma missão... e talvez era exatamente isso o que a jovem queria que ele pensasse. Possivelmente tivesse enganado inclusive aos contrabandistas para que representassem sem saber um papel no jogo que trazia entre as mãos.

Se Drake, o agente capturado da Ordem, havia revelado sob tortura a identidade de Rohan, os "prometeos"só tinham que ver seu dissipado estilo de vida em Londres para saber que, embora qualquer homem que o atacasse com uma arma era provável que não sobrevivesse, uma mulher seria muito mais fácil para aproximar-se dele.

O bastante para afundar uma faca nas costas dele?

Era Kate a enviada para pôr fim a sua vida de uma maneira delicada... para o seduzir e, possivelmente com o tempo, conduzi-lo à morte?

"Impossível!", pensou incapaz de acreditar enquanto examinava seus olhos verdes tratando de discernir a verdade.

Por outro lado, levava lutando contra os "prometeos" o tempo suficiente para acreditá-los incapazes de qualquer tipo de elaborada argúcia. Até onde não estariam dispostos a chegar, sobre tudo caso acreditassem que finalmente atinaram com o modo de liquidar um dos sicários mais destros da Ordem?

Tinha que averiguar mais coisas.

Como, por exemplo, quem era Kate na realidade, se havia algo de certo na história de seu sequestro e, se não o havia, que demônios estava fazendo ali.

Rohan voltou-se para Doyle mas, embora agora estivesse duplamente ansioso para continuar com o interrogatório, até que soubesse a verdade sobre Kate se era inocente ou um peão do inimigo, não queria que ela escutasse o resto da conversa.

—Por que me perguntou a idade? —insistiu ela enquanto Rohan olhava fixamente para Peter.

O duque manteve-se de costas para ela a fim de que não percebesse nenhuma mudança em sua conduta... e porque de repente, não queria enfrentar à intensa tentação que era sua beleza. "Sangue dos prometeos!" Santo Deus, e pensar que a noite passada esteve a ponto de fazer amor com ela.

—Como é natural, senhorita Madsen, caso fosse menor de idade —disse com suavidade— o crime cometido contra você seria ainda mais abominável.

—Ah, entendo.

Kate pareceu tranquilizar-se mas, enquanto isso, Peter estremeceu ao perceber a sinistra expressão do duque.

—Digo-lhe a verdade, milord! Chama-se Fox, não Madsen!

—Peter, não sei no que acredita que está acontecendo—replicou Rohan em tom formal—, mas pode deixar de esbanjar sua saliva e meu tempo com essas estúpidas mentiras. É óbvio que a dama sabe bem seu nome, tal e como acaba de dizer. Vá para cima, Kate —ordenou—. Acredito que esta conversa está a ponto de ficar mais séria. Eu o adverti que cooperasse, Peter.

—Mas, senhor!

—Rohan, não tem por que me proteger...

—Parker! Wilkins! —bramou fazendo caso omisso do protesto da garota—. Acompanhem à senhorita Madsen para cima. Assegurem-se de que Eldred a acomode em uma das quartos de hospedes. E fiquem com ela caso necessite de alguma coisa —adicionou lançando a seus homens um olhar ardiloso por cima do ombro.

Os olhos de Parker captaram imediatamente a severa advertência que ocultava-se depois do expressivo olhar do duque.

—Sim, senhor! Senhorita Madsen, tenha a bondade de vir conosco.

—Não farei isso! Excelência, este assunto é de sua incumbência tanto como da minha! Além disso, assim que me dê as costas, esta doninha começará a dizer mentiras sobre minha pessoa, eu sei!

Os protestos de Kate pareciam muito enérgicos para sua tranquilidade.

—Senhorita Madsen, deve sair agora por sua própria vontade ou terei que obrigá-la pela força.

Kate deteve-se, sobressaltada diante o retumbante tom de sua ordem.

—Muito bem —replicou com rigor depois de aguardar um segundo mais por mera teimosia. Continuando, girou sobre os saltos de suas botas emprestadas e saiu da cela balbuciando entre dentes—: Se isso é o que você quer!

—Vigiem —disse a seus homens com expressão severa quando ela afastou-se com passo irado pelo escuro corredor, sem esperar por ninguém.

Parker assentiu e foi atrás de Kate seguido por Wilkins. Ao menos podia contar com que seus homens obedecessem, entendessem ou não suas razões.

Quando Rohan virou-se para Peter Doyle, o jovem preparou-se para receber uma surra.

—Por favor, não me mate, senhor! Juro-lhe pelo mais sagrado que estou dizendo a verdade...!

—Silêncio! —sussurrou com aspereza, agarrando Peter pelas imundas lapelas—. Acredito em você!

Peter ficou imóvel, com os olhos abertos como pratos.

—Seriamente?

—Peter, há muitos anos que nossas famílias têm relação. Sua gente é arrendatário dos

Warrington há muito tempo, e nós sempre velamos pelos Doyle. Bem sabe Deus que não quero causar mais desconfortos a você. Sem a intromissão da dama, possivelmente possamos falar com franqueza.

Soltou a jaqueta do moço, que estampou contra a parede enquanto olhava para o duque com uma mescla de assombro, atordoamento e novas esperanças.

—Sim, senhor, com gosto!

—Bem. Agora escuta. Pode sair deste infernal buraco e instalar-se em um quarto mais confortável se responder as minhas perguntas com total e absoluta sinceridade. De acordo?

Peter assentiu rapidamente notando que um nó se formava na garganta dele.

—Sim, senhor! De acordo!

—O que o faz pensar que a jovem é a filha de Gerald Fox?

—O'Banyon mencionou isso. Ele a chamava senhorita Fox, mas eu não dava importância até que vi a reação de meu tio ao escutar esse sobrenome.

Rohan entreabriu os olhos.

—Então, seu tio está envolvido?

—Não como pensa, senhor... o tio Caleb não teve nada a ver com o sequestro. Mas depois, bom, não pudemos ocultar à moça dele por muito tempo. É uma garota ruidosa, bagunceira e com um comportamento ruim quando fica empenhada em lutar. É filha de um pirata da cabeça aos pés.

—Sim, já notei.

—Quando algumas das mulheres descobriram que a tínhamos, insistiram em que contássemos ao tio Caleb. Disseram que devíamos ter sua permissão para escondê-la no povoado, e caso não contássemos ao tio, elas nos delatariam. Assim não tivemos mais remédio que fazer isso. Então contamos a ele o que tínhamos feito e mostramos à garota para ele.

—O que ele disse?

—Ficou furioso. —Peter encolheu os ombros com ar mal-humorado—. Disse que havíamos trazido a desgraça para todo o povoado. Aterrava-lhe que o capitão Fox viesse com sua tripulação de malvados piratas e saqueasse a vila quando se inteirasse do que havíamos feito a sua filha. O medo que ele tem do capitão Fox foi a razão pelo qual o tio Caleb planejou enviar a moça a você —reconheceu—. Mais vale o mau conhecido, disse o tio..., não fique ofendido.

Rohan arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços.

—Peter, seu tio sabe perfeitamente que o capitão Fox desapareceu há mais de vinte anos. O homem supostamente está morto, então por que seu tio esperaria que o capitão Fox viesse com seus homens e saqueasse a vila?

Peter abriu os olhos como pratos.

—O que acontece? —respirou-lhe Rohan, aguardando—. Vamos, não pode se render agora, Peter. Uma confortável cama no quarto da torre. Sem ratos. Sem maus aromas. Sem fantasmas —adicionou de propósito—Responda ou ficará aqui embaixo com outros.

O moço olhou a seu redor com nervosismo, logo recuperou a compostura.

—Meu tio pensa que o capitão Fox continua vivo por aí, no mar, abanando o rabo. E não é o único que acredita nisso.

—Seriamente? —murmurou Rohan observando-o.

—O'Banyon afirma ter trabalhado para o capitão Fox a bordo de seu navio há somente um par de anos. Serviu como primeiro oficial perseguindo navios mercantes pelos sete mares. Assim é como inteirou-se de que possuía uma filha que vivia em Devonshire sob um nome falso, que seu pai colocou há muitos anos.

Rohan franziu o cenho.

—Verá, O'Banyon descobriu a existência da senhorita Kate enquanto trabalhava no navio de Fox —explicou Peter—. Há cartas do tutor da moça que remontam de alguns anos atrás. Comentou que a filha era o tendão de Aquiles do capitão Fox. O'Banyon afirmou que se apanhasse a garota, poderia pescar o pai.

—Para que quer O'Banyon apanhar o capitão Fox?

—Em parte por vingança —reconheceu o moço—. Não conheço toda a história, mas há coisa ruim entre eles. Durante um tempo o capitão Fox e O'Banyon foram íntimos, como pai e filho. Fox estava preparando a O'Banyon para que tomasse o comando do navio dentro de alguns anos.

—Hum.

—Mas algo deve ter acontecido entre eles, porque agora são inimigos mortais —prosseguiu Peter—. Fox estava tão furioso com O'Banyon que o enganou para que apanhasse um caçador de recompensas... assim é como este acabou em Newgate.

—Em Newgate? —repetiu Rohan.

—Sim. supunha-se que O'Banyon seria enforcado sob a acusação de pirataria, excelência, mas saiu dali e agora quer vingar-se de Fox por tê-lo mandado para a prisão. É tudo o que sei, mas tenho a sensação de que há mais coisas que O'Banyon não me contou.

—Espera. —Rohan meneou a cabeça—. O'Banyon esteve em Newgate?

—Sim, senhor. Ele sempre fanfarroneava constantemente sobre o quanto ele era forte e que não o dobraram.

—Ninguém sai de Newgate a menos que seja em um ataúde ou em uma carreta para o patíbulo.

Peter parecia cada vez mais assustado.

—Mencionou O'Banyon como tinha conseguido sair dali? —Apoiou a mão contra a tosca parede de pedra—. Estou esperando, Peter. Prefere que pergunte ao Denny?

—Não, senhor—disse imediatamente inspirando profundamente para acalmar-se—. O'Banyon afirmava que um velho foi a Newgate e o libertou. —Depois, adicionou indeciso—: Um aristocrata.

—Vá, vá, vá —murmurou Rohan em voz fria. Considerando tudo o que tinha ouvido, a primeira pessoa que lhe veio à cabeça foi James Falkirk, o magnata do "Prometeo" que acreditava-se que tinha retido o agente capturado, Drake—. Como se chama esse aristocrata?

—O'Banyon sempre negou falar. Somente referia-se a ele como o "velho". —Peter abaixou a

voz—. Senhor, foi o velho que pagou pelo trabalho.

—O sequestro?

—Sim. —Assentiu sombrio—. Daí é de onde O'Banyon tirou o dinheiro para pagar Denny e a mim, e também outra soma para os gastos de manutenção da moça enquanto a custodiávamos.

—Que classe de vida levava quando a encontraram e em que parte do Denvorshire ela morava? —Queria comparar com o que ouviu para descobrir se Kate tinha mentido—. Que fazia? Havia alguém com ela?

Peter negou com a cabeça.

—Estava sozinha em uma casinha perto de Dartmoor, senhor. Quando irrompemos em sua casa, estava sentada lendo um livro.

—Entendo. —Ao menos aquilo concordava com o que Kate havia explicado momentos antes na guarita. Rohan ficou olhando fixamente para Peter enquanto refletia sobre o caso—.De modo que este aristocrata, o velho, arrumou tudo para tirar O'Banyon de Newgate e depois ajudou a sequestrar a filha de Gerald Fox, e a encontraram levando uma plácida e solitária existência em algum remoto lugar dos campos de Dartmoor.

—Sim, senhor. Entendeu perfeitamente.

—Parece-me que o velho também quer o sangue de Gerald Fox, deixando a um lado o desejo de vingança de O'Banyon.

—Isso mesmo penso eu, senhor. A moça não era mais que um chamariz para atrair o pai.

—O'Banyon deu algum indício de por que o velho poderia querer apanhar o capitão Fox? —perguntou Rohan. Ele já tinha uma clara noção da resposta, mas estava relacionada com assuntos dos quais Peter jamais teria conhecimento.

O moço meneou a cabeça.

—A única coisa que me ocorre, senhor, é que todo pirata tem montões de inimigos. Denny e eu pensamos que talvez o velho fosse um investidor de um dos navios mercantes que Fox atacou no mar.

—Ah.

—Quanto ao velho, bom, O'Banyon parecia ter medo de falar muito sobre ele... e o O'Banyon que conheço não teme nada! —adicionou enfaticamente—. Quem quer que seja o velho, eu diria que não é alguém com quem se convenha a lutar. Não como O'Banyon e como eu, em todo caso. Falamos com o tio Caleb sobre o velho, e é outra das razões pelas que disse que tínhamos que entregar a garota para você. Ela está no meio de um assunto que parece muito grande. Se tivesse a ideia do que Denny estava me colocando... —As palavras de Peter foram-se apagando. Simplesmente sacudiu a cabeça com pesar.

—Por que enganou seu tio mentiu para mim? por que não me contou tudo isto ontem à noite?

Peter arqueou uma sobrancelha, mas abaixou o olhar.

—Rogo-lhe me perdoe, senhor, isso é algo que terá que falar com meu tio. Ele tem seus motivos,eu garanto, mas não sou eu que vai dizer... não se ofenda.

—Não me ofendo —respondeu Rohan com secura—. Muito bem. Tem ideia de onde posso encontrar O'Banyon?

—Não, senhor. Quando terminamos o trabalho, deixou à moça a nosso cuidado enquanto fosse necessário. Quando Denny perguntou para ele aonde ia, O'Banyon falou que não era assunto dele. Disse que quando chegasse o momento nos escreveria nos informando para onde temos que levá-la.

—O'Banyon sabe ler e escrever? —perguntou Rohan, surpreso.

—O suficiente para arrumar-se como Denny e como eu.

—Há algo mais que deva saber?

—Não me ocorre nada, senhor. Já contei tudo.

Rohan escrutinou o rosto dele com o olhar.

—Você foi de muita utilidade, Peter. —Quando chegaram dois novos guardas para substituir Parker e Wilkins, que agora vigiavam de perto Kate, Rohan indicou a eles que entrassem na cela—. Levem este jovem para um alojamento mais confortável —ordenou—. Como é natural, mas continuem vigiando.

—Sim, excelência.

Os homens passaram ao interior da cela a fim de colocar grilhões nos pulsos de Peter para ser transladado. O moço abaixou a cabeça enquanto o algemavam.

—Lamento ter participado de tudo isto, senhor. Poderia pedir desculpas em meu nome à senhorita Kate? De coração. Tentei impedir que os outros dois abusassem muito dela. Só tratava de ganhar a vida —adicionou com abatimento.

—Farei isso —respondeu Rohan—. Caso recorde mais alguma outra coisa, avise aos guardas e falaremos de novo.

Peter assentiu e, em seguida, os homens o levaram.

Rohan os seguiu alguns passos atrás, de modo que escutou o outro Doyle provocar seu primo quando passaram em frente à cela dele ao sair da masmorra.

—Covarde —acusou Denny com voz fria e cheia de amargura.

—Mantém o bico fechado! —ordenou um dos guardas, mas Rohan parou diante da cela do aludido.

—Talvez eu também saiba algo —gabou-se Denny; depois de sua fanfarronice começava a entrever-se certo temor, e também inveja, depois de ver que seu primo encontrou um modo de sair dali.

—Acredito que seja muito tarde. —Rohan lançou um frio olhar para ele e prosseguiu a marcha sem mais demora, deixando o áspero bastardo e seus cupinchas para que apodrecessem ali embaixo.

A compaixão nunca foi seu forte.

Quando retornou ao castelo, viu em seguida o seu desajeitado mordomo aproximando-se dele.

—Senhor!

—Que notícias tem, Eldred?

—Caleb Doyle está aqui, tal como ordenou. Sua carruagem acaba de retornar do povoado com ele há alguns momentos.

—Bem. Onde está Kate?

—Instalada em sua câmara, tomando o café da manhã. Parker e Wilkins postaram-se diante da porta —adicionou com um olhar inquisitivo.

—Sim, eu pedi. Acredito que teremos que mantê-la sob vigilância, Eldred. O que é isso? —Assinalou com a cabeça para um grande baú de viagem feita de pele que dois de seus lacaios estavam levando ao piso superior.

—Ah, roupa para a senhorita Madsen, senhor. Quando enviou a carruagem ao povoado tomei a liberdade de pedir aos homens que trouxessem algo mais apropriado para ela vestir que um uniforme de lacaio. —Eldred estudou o semblante do duque—. Devo ficar preocupado, excelência?

—Oh!, absolutamente. Eu a tenho sob controle.

As revelações de Peter não tinham retirado as suspeitas de Rohan com respeito a Kate, mas certamente as reduziram.

—Eldred.

Rohan voltou-se para o mordomo, já que de repente lhe ocorreu um modo de averiguar mais coisas a respeito da dama. Com certeza seus métodos de interrogar uma mulher formosa eram bastante diferentes daqueles que acabava de empregar com Peter Doyle, embora conseguisse suas respostas igualmente.

—Sim, senhor?

—Vá informar à senhorita Madsen que eu gostaria que ela jantasse comigo esta noite. Digamos às sete na sala de jantar. Peça a cozinheira que prepare um bom jantar. E sirva o melhor vinho da adega.

Eldred elevou as duas sobrancelhas.

—Certamente, senhor.

Rohan assentiu com antecipação.

—Bem. Onde está o velho Caleb?

—Está aguardando no salão, excelência.

—Estou muito agradecido, como sempre, Eldred —disse agitando a mão com ar indolente ao mesmo tempo em que saia da sala.

O mordomo fez uma reverência e foi informar a Kate sobre a entrevista para jantar enquanto Rohan foi para o grande salão escutar o que o traiçoeiro chefe dos contrabandistas teria a dizer.

Caleb Doyle levantou-se da cadeira assim que Rohan entrou no salão. Sustentava o chapéu nas mãos, mas a expressão beligerante estampada em seu curtido rosto denotava tudo, menos arrependimento.

A sombra de Rohan caiu sobre o velho à medida que ele aproximava-se.

—Você mentiu para mim.

—Sim —balbuciou o velho enganador, sem parecer incomodado com a negação, nem tentar dar alguma desculpa irritante.

—Que tenha mentido não me surpreende muito, senhor Doyle, mas como pode cair tão baixo? Esteve a ponto de me enganar para que arrebatasse a inocência de uma jovem contra sua vontade.

—Né, não teria importado a ela.

—Certamente que sim, e a mim também! Quase caio em sua armadilha cometendo um ato absolutamente desonroso, maldição. Por que demônios não me contou o que estava acontecendo?

—Como se isso lhe importasse!

Rohan olhou para Caleb com curiosidade; Este o contemplou com o cenho franzido.

—Quer briga? —desafiou-lhe o chefe dos contrabandistas—. Muito bem, pois! Não tenho medo! Não, não tenho. Conheço-lhe desde que era um menino, meu refinado aristocrata... e agora vai me escutar! —declarou—. Ora, seu pai ficaria decepcionado. Nós poderíamos contar com ele! Mas com você? Somente uma condenada catástrofe poderia tirá-lo a rastros da cidade e deixar a um lado seus prazeres!

—Prazeres? —repetiu Rohan com furioso assombro—. De verdade acredita nisso?

—Como vou saber? Tinha que fazer algo para me assegurar de que desta vez retornasse em lugar de ignorar nossos apuros como fez com minha carta!

—Então é disso que se trata.

—Escrevi-lhe há meses e pedindo-lhe ajuda...

—Choramingou para mim pedindo outra maldita esmola.

—Rechaçou... sua própria gente! —gritou—. Nos deu as costas agora que a miséria assola a Inglaterra!

—Basta! —bramou Rohan—. Santo Deus, quanto tempo mais continuar e você e seus homens vão continuar agindo como meninos desventurados e mimados em vez de homens adultos? Jamais vão responsabilizar-se por sua própria vida? Adverti-lhes que economizassem. Fizeram uma fortuna no mercado negro durante a guerra, onde está o dinheiro agora? Esbanjaram! Acaso é minha culpa que escolhessem esbanjar até o último centavo em bebidas e ninharias? Lamento, senhor Doyle, mas em minha opinião, é hora de que aprendam a lição.

—Bom, rogo-lhe que me desculpe, senhor, também nos ocorreu ensinar uma lição a você.

Rohan olhou para ele enfurecido, depois deu meia volta meneando a cabeça. Doyle tinha sorte nesse momento de ser um homem de idade avançada com uma longa história de leal serviço a sua família, pois do contrário Rohan o teria jogado contra a parede por sua insolência.

—Se tivessem sido um pouco mais pacientes —disse com os dentes apertados— não teriam demorado para descobrir que não rejeitei sua solicitação, mas sim comecei a procurar ajuda de um modo diferente. —Lançou a Caleb um olhar severo—. Dá a casualidade de que estive fazendo negócios a fim de obter a devida licença para converter seus barcos em uma frota de pesca legal.

Desse modo poderão valer-se por si mesmos no futuro, sem ter que recorrer ao delito, embora comece a pensar que isso é o que preferem. Enquanto isso, são conscientes de que a moça que aprisionaram é acreditou que dirigem uma rede dedicada a sequestrar virgens para abastecer os bordéis londrinos? E fizeram com que ela acreditasse que eu sou o principal cliente!

— E não é? Bom, senhor, seus ataques são conhecidos daqui ate Cornualles.

Rohan levantou as mãos no ar com exasperação.

—Não posso evitar que o mundo inteiro tenha os olhos postos em mim, Caleb! É impossível que um homem de minha posição não esteja constantemente vigiado. É melhor que acreditem que eu seja um desalmado libertino a que se fixem em minhas atividades de índole mais grave... que sabe de sobra que não posso discutir, assim nem sequer me pergunte.

—Acredite, não quero saber —grunhiu Caleb.

Rohan guardou silêncio durante um momento.

—Se não me importasse, não estaria aqui —acrescentou proferindo um grunhido ao passar junto ao ancião enquanto ia de um lado a outro—. Bem, caso tenha terminado de me recriminar, diga-me por que acredita que Gerald Fox esteja vivo.

Caleb olhou o duque com receio.

—Ouvi rumores com o passar dos anos. —Encolheu os ombros—. E agora isto. A história de O'Banyon confirma.

—O que sabe de O'Banyon?

—Esse pestilento filho de cadela —resmungou o chefe dos contrabandistas—. Acredito que Fox confiava nele como em um compatriota. Bem sabe Deus que meus estúpidos sobrinhos também confiaram.

—Em algum momento seus sobrinhos revelaram a identidade do velho que supostamente tirou O'Banyon de Newgate?

Caleb meneou a cabeça.

—Não o conhecem. Eu tampouco.

—E o que me diz de Kate?

O homem bufou.

—Bom, é filha de seu pai, disso não tenho dúvida. A coloque na coberta de um navio e lhe dê um sabre e ela certamente cortará sua cabeça.

—Sabe usar uma arma? —apressou-se a perguntar.

Caleb agitou a mão.

—Não, não. Falava metaforicamente, mas não me surpreenderia que essa pequena bagunceira saiba usar, agora que menciona. Por pouco castra Denny com um pontapé. Diabos, se não fosse uma fera, não a teríamos drogado.

—Bom, tem sorte de lhe haver dado suficiente láudano para que ontem à noite ficasse inconsciente. Do contrário... —Sacudiu a cabeça olhando para Caleb com expressão severa—. Isso foi muito ruim de sua parte, Caleb.

—Sim, bom, não há muitos Santos pelos arredores —disse mordaz.

Rohan sabia que não podia discutir- —Você ficará alegre ao saber que Peter decidiu cooperar. A menos que também me engane, trabalharei para que obtenha clemência. Entretanto, seus sobrinhos vão receber uma carta de O'Banyon com instruções. Quando esta carta chegar,terá que me trazer imediatamente. Entendeu?

O ancião assentiu.

—De acordo, então. Pode ir.

Caleb permaneceu olhando para o duque com incerteza.

—Agora o que, senhor Doyle? Há algum outro insulto que queira acrescentar antes de sair desta sala?

O velho grosseiro franziu o cenho.

—Eu não gostei de ter que enganá-lo, senhor, mas parecia o único modo.

—É essa a sua forma de se desculpar ou simplesmente tem medo de represálias mesquinhas?

Ao ver que Caleb trocava o peso de pé com certa hesitação, Rohan exalou um prolongado e sardônico suspiro.

—Parece que por aqui ninguém me conhece absolutamente! —disse a ninguém em particular. Logo agitou a mão—. Parte antes que eu recupere o juízo e faça você pagar o que merece por suas mentiras.

—Hummm.

—E não esqueça de me trazer essa carta quando chegar, ou talvez eu faça algo terrível a todos vocês. Como libertar meus cães do inferno ou jogar um de seus bebês em meu caldeirão.

Caleb lançou no duque um olhar turvo por cima do ombro enquanto partia caminhando com dificuldade.

Rohan sorriu com o sangue-frio de um sicário. “Sim, realmente acreditam que sou uma besta”.

Sentou-se pausadamente na grande cadeira de seus antepassados, semelhante a um trono, e começou a pensar no passado. Juntamente com muitas perguntas a respeito de Kate, a aguda recriminação de Caleb o fez lembrar de seu pai. Apoiou a cabeça contra o respaldo, os detalhes da última missão de seu progenitor para a Ordem davam voltas em sua cabeça.

O assunto DuMarin.

O conde DuMarin foi um destacado membro do Conselho Supremo dos “prometeos” durante a Revolução Francesa, e se a teoria de Rohan a respeito da verdadeira identidade de Kate fosse certa, esse homem seria seu avô. E o sangue aristocrático Frances que corria em suas veias explicaria muitas coisas sobre ela, pensou com ironia.

Em todo caso, assustado pelo caos que viu apoderar-se da França, DuMarin foi em segredo à Ordem com o desejo de converter-se em informante contra os sinistros conspiradores que tomaram parte até então.

O pai de Rohan foi o agente atribuído ao caso. O conde francês proporcionou à Ordem informação crítica concernente aos futuros planos dos “prometeos”: Como estavam incitando com

supremo cuidado as turbas ensandecidas com a intenção de utilizar o caos, para difundir seu despótico sonho além das fronteiras francesas.

Graças ao pai de Rohan e a sua equipe, junto com os esforços coordenados da Ordem, as revoltas foram impedidas em vários estados germânicos e italianos apoiando-se na informação de DuMarin.

Naturalmente, os antigos e malvados colegas do conde acabaram fazendo com que ele pagasse com sua vida sua recém descoberta consciência. Um ano depois de sua traição, DuMarin foi assassinado em Londres apesar dos impetuosos esforços da Ordem para protegê-lo.

DuMarin deu sua vida pelo que afinal compreendeu que era o correto e, nesse sentido, Rohan tinha que reconhecer que a linhagem "prometeo" de Kate não carecia de certo heroísmo.

Por outro lado, um homem bom em gerações não o tranquilizava o mínimo.

A única condição que DuMarin impôs à Ordem antes de contar o que sabia foi a de que mademoiselle Gabrielle, sua filha de dezessete anos, recém saída de um colégio religioso, fosse levada com seus familiares para Nova Orleans. DuMarin acreditava que na América, com um oceano no meio, sua filha estaria a salvo das represálias dos "prometeos".

O pai de Rohan, como era natural, aceitou suas condições, e entre o desperdício de talento para a navegação dos contrabandistas locais, selecionou o capitão Gerald Fox com o fim de que levasse a beldade francesa para a América.

O navio de Fox era veloz e estava bem armado, e ele era um lutador temerário e muito preparado, que serviu na Marinha Real, e que ainda trabalhou lealmente para a Ordem no passado com total e absoluta discrição.

Rohan, que tinha dez anos naquela época e encontrava-se em casa durante as férias de Natal, sabia de tudo aquilo porque escutou os assuntos privados que seu pai tratava no grande salão da galeria dos trovadores.

Afinal das contas era a sombra do grande homem, pois sempre aproveitava a menor oportunidade de estar perto de seu idolatrado pai. Este normalmente não ficava incomodado de que escutasse às escondidas, sabendo que isso ajudaria seu filho a assimilar as sutilezas de como administrar os assuntos da Ordem quando chegasse a hora de ser duque.

Rohan ainda recordava ter visto a dama francesa coberta com um negro véu de luto segurando um grande livro encadernado em couro, que conforme supôs tratava-se de uma Bíblia.

Não cabia dúvida de que a necessitava, considerando que antes de abandonar Paris tinha visto passar por diante de sua janela a cabeça de seu tutor pendurado em uma lança.

O aventureiro capitão Gerald Fox havia chegado com passo firme. Devido a sua idade naquela época, Rohan lembrava-se do capitão com mais claridade que da dama, posto que tinha o audaz pirata como exemplo a seguir, superado tão somente por seu pai; os dois eram a classe de homem que qualquer moço gostaria de ser quando completasse a maioridade.

O capitão e sua valiosa passageira foram apresentados e, muito pouco tempo depois, Fox escoltou à aflita dama até seu navio para levá-la ao mar rumo à América.

Entretanto, essa foi a última vez que alguém soube deles. imaginaram que algo ocorreu com

eles, que os "prometeos" teriam conseguido alcançá-los.

Mas o destino deles ficou relegado ao esquecimento, pois também seu pai teve os dias contados depois dessa noite. Rohan não demorou para embarcar de retorno ao colégio militar privado na Escócia, onde recebiam sua educação todos os membros da Ordem. Somente alguns meses depois, comunicaram-lhe a notícia de que seu poderoso pai havia falecido.

O anterior duque de Warrington morreu como um herói levando a cabo, junto com sua equipe, uma incursão contra os "prometeos" fundamentada na informação proporcionada pelo conde DuMarin.

Rohan exalou um suspiro perguntando a si mesmo se Kate poderia realmente ser o fruto de tudo aquilo e se fosse, como se encaixava na atualidade em tudo isso.

Caso os "prometeos" tivessem acabado caçando Fox, empenhados em matar à filha do traidor DuMarin junto com seu aventureiro protetor, teriam levado uma surpresa ao descobrir o casal cuidando de um bebê?

Em caso de que os "prometeos" tivessem posto as mãos em cima de Kate quando pequena, matando seus pais, mas salvando-a, poderiam tê-la criado para convertê-la em uma de suas maquiavélicas impostoras. Uma tentadora bem adestrada, enviada especialmente atrás de um dos homens mais perigosos da Ordem.

Parecia uma possibilidade verossímil, ao menos para alguém um tanto paranoico como ele. A parte mais surpreendente era que, recordava-se corretamente, o antepassado medieval dos DuMarin não era outro que Valerio o alquimista: O mesmo feiticeiro que jogou uma maldição à família Kilburn.

Aquele legado converteria Kate virtualmente em um membro da realeza entre os "prometeos"... e podia fazer com que fosse ainda mais perigosa para ele. Pois deixando a um lado a superstição, a moça parecia ser excepcionalmente idônea para encantá-lo.

Mas em sua cabeça rondavam ainda um montão de perguntas óbvias.

Quais seriam as repercussões se, em efeito, Gerald Fox ainda estivesse vivo? Sobreviveu a seus perseguidores "prometeos" convertendo-se em traidor? Era esse o motivo de que a Ordem não tornou a saber nada sobre ele? E mademoiselle Gabrielle? O que aconteceu com dela? E o mais importante de tudo, onde encaixava-se Kate?

Se formava parte da organização do inimigo, por que James Falkirk necessitava que a raptassem? Ou era somente uma história falsa para proteger suas costas ? Era possível que fosse tão inocente como aparentava ser?

A doce vulnerabilidade que percebeu nela... era essa a verdadeira Kate ou tratava-se de outra máscara? Não havia forma de ter certeza até que averiguasse muitas mais coisas sobre ela. Que era justamente o que pretendia fazer. Nesta mesma noite.

CAPÍTULO 8

A noite colocou o castelo numa escuridão negra e densa. Kate deu uma olhada para o relógio. Estava quase na hora de descer para jantar com a Besta.

Só esperava não descobrir que ela era o prato principal do menu, quando em breves momentos fosse encontrar-se com ele na sala de jantar.

Sentada diante do espelho do dormitório que lhe atribuíram, sentia-se cada vez mais nervosa por causa desta noite enquanto terminava de arrumar o cabelo e lutava com o vestido de pronunciado decote que arrumaram para ela.

Passou um dia bastante agradável; o primeiro em semanas que parecia de certo modo com a normalidade. Descansou placidamente a parte da tarde recuperando-se de seu longo calvário; comeu alguma coisa; colocou um vestido suave do baú com roupas que os criados levaram para ela, e depois dormiu a sesta... até que um pesadelo sobre o porão dos contrabandistas a despertou de repente.

Ao abrir os olhos e perceber que estava a salvo, que não era mais que um sonho, havia começado a chorar, algo impróprio nela.

Sua reação a desconcertou, mas o terror e a raiva contida por tudo o que sofreu exigiam algum tipo de desafogo, embora um pouco tardio. Apesar de tudo, seu orgulho não teria suportado que os guardas postados fora de seu quarto a ouvissem... Abafou seus soluços com o travesseiro, chorando a lágrima viva em segredo. E pensar que quase tinha morrido nesse mesmo dia!

Jamais esqueceria enquanto vivesse o desgraçado momento em que a terra desmoronou sob seus pés nem como Rohan a abraçou para salvá-la. Naquele instante em que lutava para subir para a beirada do precipício, quase cega pelo pânico, a única coisa que via no momento era seu rosto: Sua mandíbula tensa e os olhos brilhantes. Pura ferocidade e ousadia no resgate.

Possivelmente por isso agora sentia-se unida a ele de uma maneira inexplicável, como tivesse contraído uma dívida de honra... ou um vínculo de sangue. Mas, ao mesmo tempo, não estava totalmente segura de que Rohan não fosse malvado. Nesta manhã, justamente quando começava a pensar que havia algo de bom nele, ele ordenou que partisse da masmorra para que sozinho pudesse fazer mingau ao pobre e desventurado Peter Doyle.

Meneou a cabeça com inquietação.

Não cabia a menor duvida de que, talvez, Peter merecesse que seu olho ficasse roxo ou quebrassem o seu nariz por sua participação no sequestro. Mas, a seu modo de ver, que Rohan tivesse dado nele uma surra brutal arrojaria uma inquietante sombra sobre o caráter do duque, uma sombra que não pressagiava nada bom para ela. Pois se a descomunal Besta de músculos de ferro não tinha escrúpulos em espancar um homem desarmado, menor e débil que ele, desvelaria uma inclinação à crueldade em sua protetora e certa disposição a ceder a seus impulsos mais primitivos; algo que faria que resultasse duvidoso que continuasse tratando-a de forma honrada durante muito tempo.

Só teria que olhar o duque de Warrington para saber que ele era um homem que tinha o poder para conseguir tudo que o interessasse. Era muito forte para que ela pudesse lutar contra

ele e além disso, devia-lhe a vida, assim o que poderia fazer a não ser render-se em caso de que exigisse que ela fosse para seu leito?

Nem por um segundo esqueceu que a levaram para aquele lugar como um "presente" para o duque; e Kate sabia no fundo de seu ser que ele continuava enxergando-a como tal.

Até o momento, comportou-se como um cavalheiro, mas desconfiava absolutamente dele. O que esperava o duque dela essa noite?

O que poderia querer ainda ou ainda, que direitos teria por ter salvado a vida dela?

A questão fez que deixasse a escova enquanto seu estômago encolhia-se com temor e confusão. Permaneceu ali sentada durante um longo tempo, sentindo-se apanhada, mas depois meneou a cabeça. "Só tenho que utilizar minha inteligência". Enquanto procurava ficar serena, olhou seu reflexo no espelho com olho crítico.

Talvez fosse ingratidão de sua parte desconfiar desse modo de seu salvador, mas era importante encarar essa noite sem iludir-se. Não era uma estúpida. Tinha motivos de sobra para saber que aquele jantar íntimo com um decadente homem mundano levantasse suas suspeitas... principalmente depois do acontecido entre eles na noite anterior.

Continuava vestindo-se como a amante de um homem. O formoso vestido de cetim cor esmeralda que tirou do baú de viagem era sem dúvida caro, mas o efeito era indecente porque não ficava bem. Não era somente as mangas que deixavam os ombros descobertos, parecendo muito finas para o mês de janeiro, ou que a saia fosse cinco centímetros mais curta do que o aceitável, proporcionando assim uma vista generosa de seus tornozelos.

Não, o mais preocupante era a forma em que aquele sutiã, muito apertado e baixo, esmagava e levantava seus peitos mostrando um amplo decote. Franzindo o cenho, tratou de subir de novo o decote. "Maldição!"

Pelo que sabia sobre a última moda na cidade, imaginava que era assim que deveria ser. Mas preocupava-lhe que seu anfitrião pudesse lhe dar muita importância.

Oh!, bom. Quando se tratava de mercadoria roubada ele não podia queixar-se porque sua altura não era adequada. A julgar pelos borrifos de sal disseminados pela saia, não precisava perguntar como aquelas elegantes roupas francesas foram parar nas mãos dos contrabandistas. Com certeza, alguma elegante desconhecida em Londres esperava em vão a chegada deste vestido de Paris.

De qualquer forma, o vestido acrescentava uma enorme melhora com respeito ao uniforme de pajem. Possivelmente fosse muito revelador, mas depois de ter enfrentado à morte nesse mesmo dia, um vestido que não era de sua altura resultava um assunto muito corriqueiro para preocupar-se. Logo estaria em casa, e isso era a única coisa que importava.

O mais provável era que o pior já tivesse acontecido, e breve estaria de retorno em sua acolhedora casinha junto ao páramo, com seus livros, seus escritos e seu leal bule ao lado. Só teria que aguentar um pouco mais, talvez mais uns poucos dias, para esclarecer as causas de seu rapto e que os responsáveis arcassem com as consequências.

Rohan prometeu-lhe justiça, e ela precisava acreditar com todo seu coração que o duque

falava a sério.

Se quisesse conseguir dela o que desejava antes de permitir que ela retorne ao seu lar, ao menos sabia que, no mínimo, ele asseguraria de que ela desfrutasse da experiência.

O duque estava esperando. Não devia zangá-lo chegando tarde.

Colocou o último grampo no cabelo, tomou ar profundamente para acalmar-se e a seguir deu uma última olhada no espelho. Iluminada pelo suave resplendor das velas, achou seu aspecto bastante elegante. Não era culpa dela que o vestido resultasse um tanto sedutor.

Livrando-se na medida do possível da ansiedade virginal que sentia, levantou-se da penteadeira e cruzou o quarto e as saias de cetim sussurravam com cada passo que dava. Quando agarrou o pomo da porta sentiu que certa espera se mesclava com o temor que a embargava.

Ao sair do quarto surpreendeu-se imediatamente ao encontrar os dois guardas, Parker e Wilkins, postados diante de sua porta.

—Continuam aqui? —exclamou, mas antes que pudessem responder, sobreveio-lhe uma ideia surpreendente. "Então, sou uma prisioneira?"

Por que outra razão o duque teria colocado guardas armados diante de sua porta? Fechou com um golpe com uma enxurrada de novas dúvidas dispersas em sua mente. Acaso Warrington acreditava que tentaria fugir de novo ou simplesmente decidiu que também não confiava nela?

Qualquer que fosse o motivo, não era bom sinal; não obstante, já sabia que não tinha sentido perguntar para aqueles homens. Comprovou com antecedência que seus guardas não moviam um dedo sem a autorização de seu senhor. Teria que guardar suas perguntas para a Besta. Os dois guardas observaram seus movimentos com cautelosa indiferença, em posição de alerta.

—Cavalheiros, fariam o favor de me indicar a direção da sala de jantar?

Seu tom civilizado pareceu sobressaltá-los depois de ter presenciado sua violenta exibição de cólera suicida naquela manhã, por não mencionar seu estado narcotizado da noite anterior.

Parker limpou a garganta e abaixou o olhar para seus seios.

—Vamos acompanhá-la, senhorita. Por aqui—respondeu com gravidade.

Kate olhou para os guardas com certa suspeita quando os dois abandonaram o posto flanqueando a porta do dormitório. Conduziram-na pelo longo corredor na penumbra, passaram diante da entrada da antecâmara do duque, onde a noite anterior a jogaram sem a menor consideração para que fizesse frente a seu destino.

"Cretinos desalmados".

Movida pela indignação ao pensar que poderia ser uma prisioneira ali tanto como eram aqueles homens na masmorra só que retida em circunstâncias mais agradáveis, desceu pela escada esculpida em pedra escoltada em ambos os lados pelos guardas.

A penumbra apoderou-se da escada com a chegada da noite. O pulso começou a ficar acelerado diante a expectativa do iminente encontro com a Besta, mas programou-se a que não devia mostrar suas cartas tão cedo, ao menos até que descobrisse o que o pilantra trazia entre as mãos.

Eldred recebeu os guardas e a ela ao pé da escada.

—Senhorita Madsen. —Saindo das sombras, saudou-a com uma reverência—. Sua excelência a espera no salão. Tenha a bondade de me seguir.

Ela inclinou a cabeça cortesmente. O mordomo despediu os guardas com um gesto e prosseguiu seu caminho. Kate foi atrás dele imersa ainda em um extremo estado de alerta.

Evitaram atravessar o deserto grande salão, que elevava-se como se de uma caverna se tratasse, e continuaram pelo sombrio corredor gótico. Várias portas abriam-se para outras salas, mas a maioria estava fechada para conservar o escasso calor naquele frio e úmido castelo.

Eldred a precedeu até uma ampla lugar de paredes vermelhas que demonstrou ser a sala de jantar. Uma vez na soleira, o mordomo foi para um lado e anunciou sua chegada ao único ocupante da sala, mas até antes que Eldred falasse, o olhar de Kate recaiu no magnífico homem que estava sentado sozinho diante da chaminé.

Rohan olhava as chamas enquanto saboreava um conhaque. A sensualidade que gotejava o modo em que segurava a taça na palma da mão provocou nela um estremecimento totalmente inesperado, o selvagem desejo de que percorresse todo seu corpo, pois a ternura com que agarrava aquele recipiente de cristal fez com que lembranças dos cuidados que na noite anterior ele prodigalizou em seus peitos, retornassem a sua cabeça.

E quando levou a taça aos lábios e tomou um pausado e lânguido gole, Kate teve que fechar os olhos um instante para acalmar-se. “Santo Deus!”

O mordomo a anunciou com formalidade.

—Excelência, a senhorita Madsen.

Kate abriu os olhos de maneira pausada, mas suas faces ficaram rubras quando o duque a olhou.

Rohan a obsequiou com um sorriso perigoso, e uma sensação de vertiginosa debilidade estendeu-se dos joelhos para o resto de seu corpo. Kate fortaleceu as pernas e deu para si mesma a ordem silenciosa de mover-se e que, definitivamente, esquecesse o tato das carícias proibidas do duque subindo por suas coxas.

Quando ele levantou-se sem pressa da poltrona de pele, Kate entrou no salão com a cabeça erguida. Tratou por todos os meios de dissimular seu constrangimento. Seria extremamente mortificante que ele tivesse notado a luxuriosa confusão que provocava nela.

E perigoso, além disso, pois sem dúvida interpretaria como um convite. Coisa que não era. Ao menos não acreditava que fosse...

Notou que um nó se formava em sua garganta quando Rohan aproximou-se dela, embelezado de maneira elegante com calça negra e jaqueta escura de cor ameixa. Usava uma camisa branca e um lenço negro seguro com um reluzente alfinete de pérola. O comprido cabelo cor de carvão recolhido em um rabo de cavalo, e em seus olhos ardia uma expressão apreciativa quando Kate reuniu-se com ele diante da lareira.

—Senhorita Madsen —a saudou com voz profunda e sedutora ao mesmo tempo em que a percorria com o olhar—. Está encantadora.

—Obrigado.

—Confio em que seu quarto seja confortável.

—Sim, muito. —O coração dela palpitava fortemente do modo mais alarmante.

Rohan a estudou.

—Conseguiu descansar?

—Sim. Obrigado —Respondeu receosa da deferência que refletia no olhar do duque.

Este franziu o cenho de repente.

—Tem os olhos avermelhados.

—Não, não tenho... ou sim? —Empalidecendo, abaixou a cabeça desgostosa porque ele percebeu que havia chorado como Santa Madalena... Suponho que como estive hoje a ponto de morrer, afetou-me mais do que pensava —repôs entre dentes.

—Ah, bom. É compreensível —disse em um tom risonho—. Mas tudo isso é passado.

Kate sobressaltou-se quando ele tomou sua mão como se fosse uma delicada flor e depositou um terno beijo nos nódulos.

Olhou fixamente para ele, com os olhos bem abertos.

Antes que Rohan soltasse a mão dela que segurava com delicadeza, ocorreu a ela dar uma rápida olhada nos nódulos do duque em busca de sinais reveladores que denotassem quão forte poderia ter sido a surra dada em Peter Doyle.

Não havia nenhuma marca neles. O alívio mitigou a tensão pouco a pouco.

—Bem —disse Rohan soltando sua mão—, depois de ter burlado com êxito à morte, pela manhã, esta noite você e eu vamos celebrar a vida.

“Ai, Meu deus”.

—Seriamente? —replicou com apenas um fiozinho de voz.

—Sim —assentiu Rohan com firme domínio—. É algo que costumo fazer quando enfrento a morte. Encontro certo prazer nisso. Recordo o que significa estar vivo. Uma taça? Parece que cairia bem.

Rohan roçou nela quando passou ao seu lado a caminho do aparador dos licores. Kate voltou-se para observá-lo com cautelosa fascinação.

—Faz... faz isto com frequência?

—Celebrar? meu Deus, sim. —Brindou-lhe sorriso velhaco.

—Referia-me A... enfrentar à morte.

Ele simplesmente riu.

—Gostaria de um conhaque?

—Hum, não tomo bebidas alcoólicas fortes. —Além disso, tinha um bom motivo para manter a cabeça limpa essa noite.

—Uma taça de vinho, pois?

—Por que não? —Aceitou encolhendo-se os ombros com reticência.

—Excelente. —Fazendo caso omisso de sua pergunta, Rohan agarrou uma taça de cristal da prateleira inferior com um fluido movimento e alongou a mão para o balde, onde repousava uma

garrafa desarrolhada—. Mas devo adverti-la de que fique preparada para ficar deslumbrada.

Kate temia já estar deslumbrada.

—Este é meu vinho predileto, e não o compartilho. —Seu sorriso velhaco virtualmente a cativou.

—Sinto-me honrada—disse fracamente observando-o com precavido embora crescente deleite.

Tinha passado muito tempo encerrada naquele porão temendo por sua vida, e ninguém foi tão amável com ela há séculos.

—Aqui tem. Um delicioso borgonha branco entregue diretamente da França. —Inalou seu buquê enquanto retornava para junto dela e lhe oferecia a taça—. Desfruta-o.

—Obrigado, excelência.

Kate aceitou a taça com grande curiosidade, sem ter certeza de que Rohan estava flertando ou se simplesmente tratava de tranquiliza-la. Com um sorriso, Rohan a observou levar a taça aos lábios... mas então ela parou de repente.

Uma pontada de temor atravessou a mente dela ao recordar o vinho narcotizado que os contrabandistas lhe deram a noite passada e que a deixou indefesa.

Rohan aguardou com expectativa.

—Vamos, prova-o.

Kate tentou ocultar sua angústia, sem saber o que fazer ou o que dizer. Fingiu inalar o buquê do vinho para ganhar tempo enquanto tratava de detectar algum rastro de láudano que ele pudesse ter vertido no líquido.

O duque arqueou uma sobrancelha.

—Acontece algo?

De repente Kate recordou sua vacilação diante da escada que descia para a masmorra. Ele não tinha traído sua confiança então; só a guiou até ali embaixo para ajudá-la a procurar justiça. Compreendendo que estava sendo irracional, riu de si mesma com bastante desconforto e procurou coragem para tomar ao menos um primeiro gole.

O vinho a recompensou lentamente com seus complexos e sutis matizes: Pêssego, pera, um pingo de baunilha... e algum indecifrável sabor que a fez pensar em prados banhados pelo sol coalhados de flores.

—É maravilhoso —murmurou ao fim, levantando o olhar para a dele. Sentiu-se compungida por sua desconfiança—. Parece que o engarrafaram no verão.

—Sim. É uma descrição muito acertada. —O sorriso dele alargou-se enquanto sustentava o olhar de Kate com expressão intensa—. E uma grata mudança de todo este gelo e esta neve.

Kate não podia afastar a vista dele, mesmo sentindo o rubor cobrindo as faces. Era impossível que um gole de vinho subisse tão rápido para sua cabeça, mas que o duque centrasse toda sua atenção nela tinha um similar efeito embriagador.

Deus Santo, era uma sensação entristecedora que um viril duque moreno e arrumado de quase dois metros de altura se mostrasse na aparência absorto em cada um de seus movimentos.

Olhou os lábios dela e, durante um instante fugaz, Kate conteve o fôlego, certa de que fosse inclinar a cabeça e beijá-la.

Não obstante, se aquela ideia lhe passou-lhe pela cabeça, Rohan refreou-se, abaixou o olhar e retrocedeu.

Depois deu meia volta.

—Nos servirão o jantar a qualquer momento. Vamos nos sentar? —Apontou para a mesa com um gesto cortês.

—Sim, é obvio. —Piscando para livrar-se da fascinação que a embargava, guardou silêncio brevemente e girou-se para ele—. Excelência... antes há algo que devo dizer.

—Sim? —virou-se para ela com olhar decidido—. Do que se trata?

Kate cravou os olhos nele.

—Obrigado por me salvar a vida. Sinto não ter dito isso antes, mas com tudo o que aconteceu...

—Não há de que.

—Falo sério. —Deu um passo para ele com suma gravidade—. Não posso acreditar que tenha arriscado a vida por mim. Apenas me conhece!

—Alegra-me ter podido agarrá-la a tempo —respondeu com voz suave.

—Bom... quero que saiba que jamais esquecerei o que fez por mim. Ambos sabemos que estou em dívida para com você.

—Cuidado, Kate. Não me dê ideias. Vamos —ordenou com um meio sorriso travesso —. Acompanho-a a seu assento.

Kate encontrou-se encurralada, de modo que abaixou o olhar e aceitou obedientemente. Rohan colocou a mão na parte baixa das costas para acompanhá-la em direção a larga mesa, disposta de maneira formal. Seu leve contato era inequivocamente possessivo. Kate era plenamente consciente dele enquanto a conduzia até sua cadeira e a retirava para que sentasse, coisa que fez sem elevar a vista.

Quando ele aproximou a cadeira, o roçar fugaz de seus dedos contra os ombros nus a fez estremecer. A seguir Rohan rodeou lentamente a mesa com uma sutil cadência arrogante em seus movimentos e sentou-se em frente a ela.

Kate sentiu imediatamente que ele a observava, mas negou-se a elevar as pálpebras; não tinha coragem para arriscar-se a olhar novamente nos olhos dele. A coragem a tinha abandonado diante a potente tentação de seu contato. Manteve o olhar encurvado de forma obstinada enquanto tratava de convencer-se em silêncio de que não devia sentir aquela febril atração por ele.

Era uma loucura! Não estava disposta a parecer ridícula por um homem a quem foi entregue como presente. Isso teria sido humilhante. Ao extremo. Ele era um libertino que utilizava às mulheres como prazer por uma única noite e que relacionava-se com criminosos; um duque, além disso, com uma posição muito elevada para que se importasse o mínimo em arruinar a vida de uma moça descente.

Esse homem era perigoso.

Decidida a não cair na tentação, distraiu-se estudando a baixela de porcelana que estava diante dela: Pratos pintados com o brasão da família do conde e bordas de ouro. Do mesmo modo, todas as cobertas de prata tinha gravado em suas pontas um trabalhado "W". A mesa estava adornada com um artístico centro elaborado com uma fonte de cristal repleta de maçãs e peras vermelhas e douradas que reluziam à luz das velas.

O silêncio dilatou-se e ele continuou olhando-a, como se esperasse para ver o que ela faria a respeito, como um cientista que realiza algum tipo de experiência.

Kate respirou fundo e levantou enfim a cabeça com a expressão severa.

—Está me olhando.

—Sua beleza me traz prazer —replicou.

Ela inclinou-se para trás franzindo o cenho com preocupação.

—Kate, procura relaxar...

—Como posso relaxar quando me diz essas coisas? —espetou.

—Preferiria que mentisse?

—Bom... não. —moveu-se com desconforto em seu assento.

—Bem, porque eu preferiria que fôssemos honestos um com o outro.

—Eu também! De fato, possivelmente possa responder a uma pergunta.

Rohan encolheu os ombros.

—Pergunte o que quiser.

Kate olhou para ele com receio enquanto ele a contemplava com o divertido interesse de um homem que está familiarizando com a mecânica de um brinquedo novo.

—Por que havia guardas postados diante de minha porta?

—Para me impedir de entrar, é obvio.

Kate não sorriu ante sua brincadeira.

—Disse que seríamos honestos.

—Estão aí para protegê-la, Kate. Pensei que, depois de tudo pelo que você passou, contar com certo amparo faria com que você se sentisse mais segura.

—Ah.

Kate duvidava disso.

Rohan a estudou com atenção.

—Espero que não a tenham incomodado.

—Não, não me incomodaram absolutamente. O que acontece é que ao ver dois guardas armados na porta de meu dormitório... não posso evitar perguntar para mim mesma caso eu seja uma espécie de prisioneira.

—Se fosse uma prisioneira, a teria junto a mim para jantar?

O débil sorriso de Kate desapareceu frente ao enganador modo com que ele formulou a pergunta. Esse homem a estava olhando como se pretendesse comê-la de sobremesa.

Rohan exalou um suspiro mundano ao notar que ela ficou pálida.

—Ai, Deus bendito, senhorita Madsen. Agora pensará que a comida está drogada.

—Está? —sussurrou com os olhos cravados em seu rosto.

—Certamente que não. —Sua expressão tornou-se séria. A seguir inclinou-se para frente enquanto seu olhar se intensificava—. Quero que confie em mim, Kate.

—Muito bem. Se não for uma prisioneira, me diga então quando posso voltar para casa.

—Hum. —recostou-se contra o respaldo da cadeira. Em seus olhos cintilava uma faísca de ardilosa especulação—. Temo que não seja tão simples.

"Sabia!" O sangue de Kate gelou

—Por que não?

—O'Banyon continua livre —replicou com um tom excessivamente razoável—. Se for para casa agora, não há nada que o impeça de retornar para capturá-la novamente.

—É isso o que disse Peter Doyle?

—Sim. Entre outras coisas.

—Quais? Que mais disse ele? Conta-me por favor! Mereço saber!

Rohan a olhou durante um prolongado momento, depois escolheu suas palavras com supremo cuidado.

—O'Banyon vai contatar com os Doyle para fornecer instruções. Acredita que eles ainda a tem em seu poder. Bem, ordenei a Caleb que me traga a carta de O'Banyon assim que a receba. Esta revelará o paradeiro dele. Uma vez que eu saiba onde ele esteja, acredite, o enfrentarei pessoalmente.

Kate olhou para o duque assombrada.

—Enquanto isso —adicionou sombrio—, acredito que é melhor que permaneça aqui. Onde estará a salvo.

Kate ficou pálida.

—Aqui... com você?

Rohan arqueou uma sobrancelha ao ver sua expressão desolada.

—Farei o que estiver em minhas mãos para não resultar uma companhia desagradável.

—Não, é obvio, excelência. Não se trata disso. O que acontece é que... estava desejando ir para casa.

—Bom, ainda não pode ir. Não é seguro.

—Não queria abusar de sua hospitalidade.

—Prometi justiça, Kate. Além disso, não é somente por você. —recostou-se novamente e tomou sua taça de vinho—. Sou o senhor destas terras, e cometeram um grave delito. Cuidar de você converteu-se em minha responsabilidade. —Fez uma pausa—. É meu dever.

—Entendo. —Abaixou o olhar para seu prato vazio. Esperava que o fato de que o duque apelasse ao dever fosse menos provável que optasse por passar o tempo submetendo-a a uma pausada sedução—. Tem... tem ideia de quanto tempo poderia permanecer esta situação? —aventurou, olhando com receio e com os olhos entreabertos.

Ele meneou a cabeça.

—Não há modo de saber. —Kate acreditou detectar uma faísca de irritação em seu olhar—. Percebo de que é um grande inconveniente, senhorita Madsen, mas meu pessoal e eu faremos o que estiver em nossas mãos para nos assegurar de que sua estadia aqui não seja desagradável.

—Por favor... não pretendia ser ingrata... mas depois de todas estas semanas no porão dos Doyle eu... tenho muitas saudades de meu lar. —Abaixou o olhar envergonhada por ter que fazer aquela vulnerável confissão, mas não podia permitir-se a ofender o único aliado que tinha no mundo—Lamento, excelência. Não pretendia ser grosseira. Estou muito agradecida por me ajudar, certamente. Obrigado... uma vez mais.

Rohan guardou silêncio durante um longo momento, mas Kate pôde sentir que a estudava.

—Compreenda, Kate. Sei que não deseja estar aqui mais que eu. Mas, em definitivo, não tem outra opção que confiar em mim.

"Isso é o que eu temo". Olhou para ele com uma mescla de angústia e gratidão.

—Talvez possa me dizer que mais disse Peter Doyle.

Antes que ele pudesse responder, Eldred entrou na sala e realizou um anúncio formal:

—Excelência, senhorita Madsen: O jantar está pronto.

Enquanto os dois estudavam-se mutuamente de seus assentos, um em frente ao outro, com atração e suspeita, um exército de criados, embelezados com librés, desfilou pela sala de jantar levando terrinas cobertas com tampas de prata, cestas de pão, um sortido de molhos e uma esplêndida seleção de vinhos.

Eldred, com as mãos cobertas por luvas brancas sujeitas as costas, anunciou cada prato com tom lúgubre:

—Ostras ao gratin. Rodada de vitela recheada ao forno com couves, cenouras e batatas. Capão assado com salsichas diil...

Enquanto prosseguia com voz monótona, os criados trabalhavam em excesso ao redor da mesa colocando as terrinas com precisão geométrica. Logo que retiraram as tampas, outros avançaram como autômatos a, dispondo-se a servir os vinhos em suas taças correspondentes e deixando ao alcance as garrafas que acompanhavam cada prato.

—Esturjão ao vapor com feijões franceses, cenouras e couve-flor. Fricasé de coelho, ostras e cogumelos. Pombas com aspargos. E finalmente... —fez uma reverência ao duque—, pasteizinhos de frutas.

—Magnífico —murmurou sua excelência com aprovação.

Eldred aproximou-se, cortês.

—Deseja alguma outra coisa, senhor?

—Obrigado, Eldred. É tudo por agora.

O mordomo realizou uma reverência e fez gestos aos criados, que desfilaram ordenadamente pelo salão, salvo dois que ocuparam seu lugar nas sombras da parede do fundo, à espera de que os necessitasse.

Rohan desviou a atenção a transbordante mesa inspecionando sem pressa aquele desdobramento, como um lobo contemplando um rebanho de ovelhas.

—Por onde quer começar?

—Não me explicou como não está tão gordo como o regente.

—Mantenho-me ativo —disse com voz lânguida e uma faísca maliciosa nos olhos—. Brindo a você, querida.

—Por favor! —balbuciou, embora não pôde resistir quando ele levantou sua taça cheia de vinho tinto para ela.

—Pelas novas amizades —continuou ele—. E por burlar à morte uma vez mais. E, sobretudo, pelas jovens de notável coragem. Bebo a sua saúde.

Quando Rohan piscou os olhos o para ela com extravagante encanto, Kate não soube se o estrangulava ou desmaiava.

—Não vai dizer o que mais contou Peter Doyle? —exigiu saber.

—Não na presença de comida tão deliciosa, querida. Bom, é comida inglesa. Mais um motivo para consumi-la antes que esfrie. Saúde. —Estendeu o braço e brindou chocando sua taça contra a dela com uma expressão descarada que Kate percebeu que o assunto foi transferido para mais tarde.

—Warrington.

—Vamos, Kate. Não discutamos durante o jantar. Não é civilizado.

A Besta ia criticar suas maneiras de etiqueta?

—Ao menos me diga se Peter explicou...

—Kate! Sem dúvida pode desfrutar de uma simples comida —a repreendeu—. Veja quanto trabalho teve meu pessoal da cozinha por você.

—Por mim? —exclamou—. Não sou mais que uma prisioneira!

—Prisioneira, convidada... só é semântica. Meus criados desejam impressioná-la. Vamos, fique tranquila. —Apanhou a faca e o garfo—. Vamos comer, de acordo? Bem sabe Deus que há poucos prazeres na vida, assim bem que poderíamos desfrutá-los.

Kate apertou os dentes. Parecia que acabavam de lhe dizer, mais ou menos, que fechasse o bico e comesse.

Mas enquanto os deliciosos aromas daquele festim tentavam seu olfato, reconheceu que suas perguntas não obteriam respostas no momento. Ao menos estava fora daquele porão, e estava viva.

Possivelmente poderia permitir-se aproveitar a primeira noite de relativa liberdade que possuía em semanas.

Rohan apontou persuasivo para o banquete como faria um homem que tratasse de fazer comer um animal selvagem.

Era nisso que converteu-se depois do calvário sofrido? Em seu lar nas proximidades do páramo, só com os falcões e os potros selvagens, jamais teria se mostrado tão submissa.

Contemplou o duque com desconfiança, mas de forma reticente e incerta tomou o garfo e se dispôs a jantar com ele.

CAPÍTULO 9

À medida que transcorria a noite e as velas consumiam-se inundando o salão na penumbra, salvo pela luz do fogo na lareira, Rohan começava a perguntar para si mesmo se a atração que sentia por essa mulher poderia converter-se em um problema.

O propósito dessa noite tinha sido o de ter a oportunidade de estudá-la detalhadamente de perto, mas começava a pensar que embora ela tivesse sido enviada pelo inimigo para o destruir, poderia não ser um mau modo de deixar este mundo.

A reticência da jovem o intrigava. Seguia sem confiar nela, mas sua evidente vulnerabilidade, do abafado pelas lágrimas que derramou até a confissão da saudade que a embargava, chegava a uma parte de seu coração que acreditava que havia sido arrancado há muito tempo.

Observou-a e a escutou durante duas horas, tratando de determinar se o que afirmava sobre si mesma era certo, se estava sendo honesta ou sua aparente inocência era somente fachada.

Familiarizado por completo com cada indolente movimento de seu corpo sedutor coberto por aquele impressionante vestido, Rohan ignorou seu crescente desejo por ela enquanto esforçava-se em decifrar cada brilho de emoção que surgia no rosto e nos olhos de Kate. Tentando entrar em sua natureza por meio da observação reflexiva, analisando-a constantemente em busca de sinais de engano ou má intenção, examinou cada sutil mudança em sua conduta e escutou sua conversa informal com absoluta concentração.

De fato, suas reservas a respeito dela fizeram com que prestasse muito mais atenção do que normalmente dedicava a qualquer mulher. Mas apesar de todas as suas dúvidas sobre Kate, quando levaram o deliciosa e vistosa sobremesa colorida, estabeleceu-se entre eles a camaradagem natural de duas pessoas que estavam a ponto de morrer... sem importar o fato de que suas famílias estavam a centenas de anos lançando-se ao pescoço uns dos outros.

O pescoço de Kate o interessava enormemente, aquele encantador arco que descia do delicado lóbulo da orelha, a pele branca, a sedosa cascata de cabelo perfumado...

Seus pensamentos dispersaram-se, o vinho esquentou seus sentidos. Já passaram três dias que esteve pela última vez com uma mulher, e não tinha esquecido a sensação de ter Kate embaixo dele na noite anterior. Ainda a desejava apesar de tudo.

Seus lábios, como rosas cobertas de orvalho, cativavam-lhe, juntamente com o tentador brilho daqueles olhos da cor da esmeralda, emoldurados por negras e aveludadas pestanas. A luz das velas arrancava brilhos dourados das profundidades de seu cabelo castanho claro e dançava com o passar do delicado contorno de seus ombros nus.

Seria errado desejar lamber o molho de caramelo em seu esplêndido decote em vez de regar educadamente o doce de queijo com ele? Fez o quanto pôde para controlar a perigosa luxúria que inspirava apesar do ofegante comichão em suas mãos para acariciar toda aquela pele cremosa e resplandecente.

Enquanto tomava outro bom gole de vinho refletiu a respeito de que somente havia um

modo confiável de descobrir se era realmente tão inocente como o tinha feito acreditar.

Caso tomasse parte da sinistra conspiração de seus antepassados, era improvável que fosse virgem. sentia-se verdadeiramente tentado a verificar pessoalmente atraindo-a para sua cama e concluindo o que tinham começado na noite passada. Mas embora sentisse que uma oportuna insinuação de sua parte poderia não ser recebida de maneira desfavorável, negava-se a fazer algo semelhante.

Só havia dois desenlaces possíveis, e já sabia que lamentaria qualquer um deles. Se fosse uma desalmada agente dos ”prometeos”, odiar-se-ia a si mesmo por unir seu corpo ao dela. Se não fosse, e fosse pura como o instinto lhe dizia... bom, isso seria mau também.

Seu pai o ensinou de menino que teria que pagar o que rompesse de alguém. Caso deitasse com Kate e acabasse arrebatando-lhe a virgindade, teria que encarregar-se dela. Motivo pelo qual jamais perdia tempo com virgens. Gostava das mulheres mundanas e com experiência, tão capazes como ele de seguir seu caminho com indiferença depois de dormirem juntos, sem olhar para trás com sentimentalismo.

Não obstante, palpitava de desejo enquanto observava o lânguido risco que o dedo de Kate desenhava na beirada da taça de champanha.

Rohan serviu vinho tinto para ela constantemente pensando em conseguir que ela se abrisse para ele e agora, estavam passando um momento muito agradável.

Kate conversava sobre suas afeições, pois ele perguntou para ela do que ela gostava de fazer para divertir-se. como parte de seus sutis esforços para soltar a língua de Kate.

—Acontece que sinto uma terrível afeição pelos livros.

—Que tipo de livros?

—De todos os tipos. —Encolheu seus brancos ombros de forma encantadora cativando Rohan por um instante—. Historia, Ciência, Biologia.

—Seriamente?

Nascido e criado para a ação, Rohan jamais foi muito erudito.

—Oh!, sim. As culturas antigas. Historia de viagens. E... as novelas góticas —reconheceu, mordendo os lábios com um brilho travesso nos olhos—. Fantasmas e maldições, e essa classe de coisas.

—Ai, Senhor.

—Não resmungue! —protestou rindo—. Não sabe o que está perdendo! Tem certeza de que nunca leu uma!

—Vivo em uma —balbuciou.

—Como diz?

—Não chegou á você nenhum rumor? O castelo está encantado. Tome cuidado com a Dama de Cinza —disse com secura—. Descobrirá que gosta especialmente da escada. Não brinco! —acrescentou com suavidade ao ver que ela ridicularizava.

—Excelência! —Inclinou a cabeça, seus olhos verdes cintilavam quando os entreabriu—. Você não acredita em fantasmas.

—Há coisas mais estranhas entre o céu e a terra, Horacio.

—Muito bem, seguirei seu jogo... embora saiba que esteja me enganando. Quem é esse fantasma?

—A primeira duquesa de Warrington, Matilde... que morreu supostamente estrangulada por seu marido.

Kate observou Rohan durante um momento.

—Agora que menciona isso, lembro que os contrabandistas trataram de me assustar com um disparatado conto a respeito de que sua linhagem era maldita. O que é isso tudo?

Rohan a olhou durante um longo momento tamborilando lentamente os dedos sobre a mesa. Se Kate fingia ignorância, talvez pudesse conseguir que se delatasse; possivelmente já conhecesse a história, posto que era descendente do vilão da mesma.

O certo era que, dada sua natureza supersticiosa, Rohan não gostava de falar disso, pois tinha a impressão de estar atraindo a má sorte. Mas a história da maldição dos Kilburn lhe proporcionava um modo perfeito e oculto de abordar os assuntos mais infames que ainda teriam que discutir.

Exalou um suspiro quando finalmente começou a falar.

—Faz muito tempo, o primeiro lorde Kilburn era um cavalheiro a serviço de Eduardo, o Príncipe Negro, e um de seus amigos de farra. Meus antepassados eram condes de Kilburn antes que lhes outorgasse o ducado —explicou em um à parte—. Lorde Kilburn era meu título de cortesia enquanto meu pai vivia.

—Entendo.

—Em todo caso, descobriram uma conspiração para matar o príncipe Eduardo. A justiça era rápida nesses dias, e todos os implicados foram perseguidos e levados de volta, vivos ou mortos. Meu antepassado, lorde Kilburn, ofereceu-se voluntariamente para ir atrás de um dos conspiradores que ninguém atrevia-se a enfrentar: Valerio o alquimista. Nenhum outro cavalheiro quis persegui-lo por medo da magia negra do feiticeiro.

Kate mordeu o lábio durante um instante.

—Valerio o alquimista... por que me parece tão familiar esse nome? Juraria que o ouvi antes.

—Seriamente?

Rohan a estudou com muita atenção durante um momento, mas não pôde achar rastro algum de falsidade ou engano em seus olhos.

—O que era? uma espécie de astrólogo?

—Oh, o típico feiticeiro medieval. Um homem de certo renome.

—Devo ter encontrado seu nome em algum de meus livros de história —repôs brindando-lhe com um sorriso, e serviu-se de um pouco mais de champanha—. Continue, por favor. Eu gosto da história.

—Quando lorde Kilburn encurralou por fim o alquimista, uma grande batalha foi travada. Pode acreditar, mas segundo a lenda houve vários demônios envolvidos, invocados pelo poder dos escuros conjuros do alquimista.

—Demônios também! Está certo de que não tirou isto de algum livro da senhora Radcliffe?

Rohan olhou para ela displicentemente.

—Embora os demônios do feiticeiro só atacassem unicamente nosso bravo lorde Kilburn, finalmente ele conseguiu apontar com sua besta para o negro coração do feiticeiro. Por desgraça, em seu lugar alcançou à esposa do alquimista.

—Oh!, que lástima! Que fazia ela no meio de uma batalha?

—Era seu lar. Kilburn havia seguido Valerio até seu castelo e o sitiou. Ela morreu nos braços de seu marido. Oficialmente, meus antepassados tem sustentado que Valerio pôs à moça diante dele para utilizar seu corpo como escudo.

—Que pouco galante!

—Muito. Veja você, sua morte foi na realidade obra do próprio Valerio... embora isso só tenha aumentado sua cólera. Em seu estado de aflição, não se defendeu e caiu depois de alguns minutos. Mas com seu último suspiro lançou uma maldição aos varões Kilburn pela qual todos matariam suas esposas em vingança por ter acabado com a vida da sua.

Kate olhou boquiaberta para Rohan.

—Nossa Dama de Cinza, a duquesa Matilde, foi a primeira, embora temo que não seja a última esposa Warrington a morrer nas mãos de seu marido.

—Ai, Meu Deus. Agora nunca poderei conciliar o sono.

Rohan deu um sorriso, mas a expressão de seus olhos era séria.

—Em todos os poucos séculos, volta a acontecer de algum modo. É uma autêntica desgraça. Lorde Kilburn que matou o alquimista acabou estrangulando sua pobre esposa Matilde... supostamente.

—Supostamente?

—Alguns afirmam que quem a atacou foi um criado descontente. Outros dizem que na realidade ela mesmo enforcou-se depois de perder um bebê, mas Kilburn ficou com a culpa para que ela pudesse ser enterrada em lugar sagrado.

—Que triste!

Rohan sacudiu a cabeça e exalou um suspiro.

—Também aconteceu com o terceiro duque, que supostamente jogou sua dama pelo telhado da torre.

—Supostamente?

—Rajadas de vento. Pedras soltas. Poderia ter tropeçado.

—Esperemos que tenha sido assim.

—O sétimo duque descobriu a sua esposa em flagrante com seu melhor amigo e, lamento dizê-lo, disparou nos dois. E não é nenhuma hipótese.

—Isso é terrível! —Kate abaixou o olhar para sua taça de champanha durante um instante de pensativo silêncio—. Bom —disse olhando novamente com uma insolente faísca travessa—, ao menos sua maldição deve manter a raia às caçadoras de maridos. —Começou a rir alegremente—. A sério, é brilhante! Que plano perfeito para impedir que as mães casamenteiras aproximem de

você. É a desculpa perfeita!

Rohan a olhou atônito.

—Perdoe, como diz?

—Agora compreendo como conseguiu ficar solteiro todo este tempo. É verdadeiramente engenhoso! Unicamente desejo saber é se você urdiu este conto sozinho ou se teve ajuda através de seus antepassados. Deve ser um problema perpétuo para os duques casadouros.

—Acredita que inventei isso? —exclamou.

—Bom, não pode falar a sério! —Riu com vontade—. Quanto devem torturá-lo! Todas essas altivas debutantes que anseiam prendê-lo... mas não são bastante valentes para arriscar-se a que a maldição dos Kilburn caia sobre elas? —perguntou com fingido dramatismo—. Acredite, não acredito nisso. Estou segura de que jamais teria paz sem algum tipo de estratagema como esse para espantaras as debutantes, pobrezinho! Mas isso não o libera por completo —adicionou com expressão travessa—. Não tira todo o seu charme. De fato, poderia fazer com que algumas jovens sintam-se mais atraídas. As novelas góticas estão na moda, no fim das contas, e as maldições são muito glamorosas.

Rohan franziu o cenho e agarrou a colher de sobremesa, desconcertado por seu irreverente júbilo.

—Me fez uma pergunta e eu a respondi. Ninguém lhe pediu que acreditasse.

—Bem. Porque não acredito. É um disparate —acrescentou com um sorriso de orelha a orelha—. Não sou tão ingênua como algumas pessoas pensam.

Rohan não estava acreditando; essa mulher estava escarnecendo dele: A aterradora e terrível Besta. Teria que estar pálida e dando gritos, correndo como se fosse a vida dela, do horror que ele era, do sicário e de sua maldição, mas em vez disso estava aí, sentada, olhando para ele como o maldito gato que comeu o canário.

Sem acrescentar outra palavra sobre o tema, Rohan tomou iradamente um bom pedaço de bolo de queijo e comeu com um gole de vinho.

—O que acontece?

—Nada —resmungou.

Kate franziu o cenho.

—De verdade acredita nisso tudo?

—É obvio que não —replicou com fingida mofa.

—Claro que acredita! —disse assombrada—. Os fantasmas, a maldição, e todo o resto! Ai, Meu Deus. —Olhou boquiaberta para ele—. Que terno!

—Importa-se? —Arrojou o guardanapo.

—Então é por isso que nunca vem ao castelo! Ouvi os contrabandistas queixarem-se a respeito. Mas não parece que temas ao enfrentar em duelo o Diabo, ou mesmo algum estúpido fantasma...

—Não tenho medo de fantasmas! —declarou.

Mas ela simplesmente sorriu para ele... e Rohan de repente surpreendeu-se rindo.

Maldição!, tinha-lhe desarmado.

—Só sou um pouco supersticioso, isso é tudo! A defunta duquesa quer vingar-se supostamente do atual duque. Como se sentiria você?

—Não se preocupe, Rohan, eu o protegerei dos fantasmas.

—Pequena fanfarrona! —Meneou a cabeça com vontade de pular a mesa e pôr fim a sua risada com um apaixonado beijo. Em troca, olhou para o aparador—. Vê o bolo de merengue de limão que está ali? Vou jogá-lo em seu rosto se insistir.

—Oh, não! Um disparo de advertência.

—Uma justa advertência. —Olhou-a mal-humorado—. Bem, coma o bolo ou o que seja e procura ser uma boa menina.

—Para sua informação, é bolo de maçã. Já provou? Está delicioso. Toma. —Inclinou-se sobre a mesa lentamente e lhe deu um pouco com a colher.

Rohan não pôde evitar dar uma pausada olhada em seu decote enquanto abria a boca e aceitava.

—Mmm. Está bom.

—Eu disse isto. —Seus olhos cintilavam quando retornou a seu assento com relaxada satisfação.

—Acreditei que havia dito há alguns momento que já não tinha espaço para as sobremesas.

—Vou pouco a pouco. Além disso... —tomou outro salgadinho—, não há espartilhos no baú que seus criados me trouxeram, assim, como vê, disponho de plena liberdade para me converter em uma glutona.

Aquele pequeno detalhe monopolizou toda a atenção do duque. Pousou o olhar na figura de Kate... no que podia ver por cima da mesa.

—Quer dizer que...?

—Com certeza, excelência. Esta noite estou ao natural. —Riu como se desfrutasse provocando-o. Com certo remorso, pegou mais um pedaço de torta de maçã.

Rohan a observou com uma estranha sensação de prazer.

Deus bendito, era uma mulher exasperante. Uma imprevisível mescla de inocência e paixão. Inteligente, volúvel. Seu lado irritável o divertia, embora gostasse ainda mais quando comportava-se de um modo espontâneo e depravado como nesse momento.

Quando não se mostrava tensa.

Com seu faiscante humor, resplandecia como a luz da vela que dançava sobre as facetas do cristal esculpido das taças de vinho. Em poucas palavras, cativava-lhe. Talvez tivesse herdado algo da magia de seu antepassado Valerio.

Rohan tinha a sensação de estar condenado.

Poderia sentir um inesperado vínculo forjando-se entre eles e não sabia o que pensar.

—Olha-me de novo, excelência?

—Acabo de decidir que é muito travessa. E eu gosto.

Ela encolheu os ombros.

—Disse que estávamos celebrando. De toda forma, a culpa é sua. Se sua intenção era que me comportasse, não deveria ter me deixado provar tantos vinhos.

—Por que demônios eu deveria fazer tal coisa? —perguntou com voz suave.

—Hum.

Com o nó do dedo ela apanhou uma gota de líquido que descia pelo pé da estreita taça de champanha e a levou aos lábios.

Maldição, só de observá-la ficava duro.

—Rohan.

A forma em que Kate ronronava seu nome fazia ferver seu sangue.

—Sim, Kate? —respondeu com apenas um fio de voz.

—Podemos falar já de temas sérios?

Olhou-a fixamente nos olhos obrigando-se a deixar de um lado a luxúria, junto com seu prato de sobremesa.

—Sim. Acredito que deveríamos fazer isso.

—Ainda tenho muitas perguntas.

—Também eu.

—Seriamente?

Ele assentiu preparando-se para jogar uma partida de xadrez.

—Há alguém com quem queira comunicar-se? Alguém a quem deseja avisar de que está a salvo?

—Não, não há ninguém. —Meneou a cabeça e abaixou o olhar, mas manteve a cabeça erguida orgulhosamente apesar de sua dolorosa resposta.

—Deve haver alguém...

—Não há, disse com aspereza—. Quero saber o que disse Peter Doyle. —Levantou a vista de novo com ar desafiante, como se o desafiasse a ter dó dela.

Rohan viu que retornou a seu lado irritável, com as defesas elevadas e preparada para proteger seu orgulho.

—Eu tinha razão? —insistiu—. Estão sequestrando mulheres para as vender a homens depravados?

—Não.

Kate entreabriu os olhos.

—Com certeza?

—Confie em mim, estou completamente seguro.

Ela franziu o cenho e afastou lentamente o olhar.

—Mas, então, isso significaria que eu... era o único objetivo de seu plano.

—Sim.

Nos olhos dela acendeu um alarme.

—Mas por que?

—Diga-me isso você.

Kate olhou para ele confusa.

—O que você quer dizer?

Rohan guardou silêncio, logo acrescentou:

—Peter Doyle parece pensar que alguém está atrás de seu pai.

—Mas isso é impossível. —Sacudiu a cabeça com incredulidade—. Meu pai está morto. Está morto há mais de uma década.

—Está segura disso?

—É obvio que estou! Que pergunta!

—Importa-se de que eu saiba como morreu?

—No mar. Era capitão mercante. Realizava a rota da Índia. O navio dele encontrou-se com uma terrível tormenta ao sul da África. por que me olha assim?

—Assim? Como? —perguntou com voz seca.

—Parece que imagina que eu estou mentindo!

Rohan reclinou-se contra o respaldo da cadeira unindo os nós dos dedos de ambas as mãos.

—Diga-me uma coisa. —Fez caso omisso do cenho beligerante que apareceu no rosto de Kate—. Que opinião você tem a respeito de que Peter tenha afirmado que seu sobrenome é Fox?

O cenho dela suavizou-se lentamente; seus olhos abriram-se e adquiriram uma expressão triste.

—Kate.

Era óbvio que aborreceu-se com a pergunta. Seu rosto ficou pálido e parecia um pouco emocionada.

Rohan não passou por cima do fato de que ela não tentava esconder suas emoções. Estavam escritas claramente em seu semblante, e nenhum agente ”prometeo” permitiria jamais tal coisa.

Além disso, ninguém era tão bom ator, principalmente depois de três taças de vinho. Evitando seu escrutínio, Kate desviou o olhar.

—De acordo —sussurrou mais para si do que para ele, assentindo—. Há algo que ...tenho que contar para você.

Inabalável até a medula, Rohan negou-se a revelar qualquer tipo de reação, embora as palavras serenas da jovem o afetaram tanto quanto a um murro no estomago.

—Eu a ouço.

—Não consigo encontrar sentido nisso. Nenhum que me tranquilize. Trata-se de uma velha lembrança de infância...

—Sim? —apressou-a ao ver que sua voz apagava-se—. Prossiga.

—Não estou bem certa de por onde começar. Não acredito que queira escutar a história completa de minha vida.

—Eu gostaria muito, na realidade. —Apoiou o cotovelo na mesa e a cara sobre os nós dos dedos.

—Bom, está bastante imprecisa, porque devia ter somente cinco anos —começou com voz hesitante—. Acabavam de me enviar para viver em terra firme depois da morte de minha mãe.

Espera... permita-me que volte atrás —corrigiu-se agitando a mão—. Como disse, meu pai era capitão mercante.

—Como chamava-se?

—Michael Madsen.

"Ou Gerald Fox?", perguntou-se Rohan. Peter havia dito que "Madsen" era só o apelido do capitão do capitão.

—Nasci no mar —continuou—. Durante meus primeiros anos vivemos a bordo da fragata de meu pai. Nosso lar flutuante. A tripulação era como uma família para nós. Aquele navio e quem estava nele eram todo meu mundo.

—Parece uma infância pitoresca.

—Suponho que sim. Mas isso não é nem a metade. —Brindou-lhe com um sorriso pensativo—. A história de meus pais é mais romântica do que tudo que tenha escutado.

—Seriamente? Conta-me Kate . Tem toda minha atenção.

Apoiou os braços cruzados na mesa.

—Minha mãe era uma emigrante francesa, filha de um conde na época da Revolução francesa.

—Sabe como se chamava seu avô? —perguntou contendo a respiração.

—É obvio... embora não cheguei a lhe conhecer. O conde DuMarin.

Rohan poderia ter jurado que sentiu que as pedras do castelo rangiam e sacudiam-se a seu redor diante daquele nome. Dissimulou sua estupefação para ouvir que se confirmavam suas suspeitas.

Kate não tentou ocultar de modo algum.

—O que acontece? — Ela inclinou a cabeça franzindo o cenho levemente—. Não o agrada que seja meio francesa, não é isso? —Proferiu um sussurro—. Sei, estou muito familiarizada com os prejuízos que tiveram os ingleses. Mas asseguro, excelência, que meus parentes não eram jacobitas. Tem que saber que meu avô era monárquico, e amigo pessoal do rei.

"Aquele homem havia sido muito mais que isso".

—Acredite, Kate, não tenho nada contra a França nem contra os franceses. Têm suas virtudes e seus defeitos, igual a nós e tal qual qualquer outra nação do planeta. Esteve alguma vez ali? —adicionou—. Na França, refiro-me. Na pátria de sua mãe.

—Nunca estive em nenhuma parte —respondeu zangada—. levei a vida mais tediosa que possa imaginar. —Então exalou um suspiro e arranhou distraidamente uma sobrancelha—. Estava acostumada a viajar e viver aventuras com meus pais quando era pequena... então vivia no navio de meu pai. Mas desde que me mudei para a casa de Dartmoor, meu tutor, o velho Charley, reteve-me ali, em meio de nenhuma parte, como se fosse uma maldita ermitã. Nunca quis me levar a Londres, nem a nenhum lugar interessante. —Fez uma pausa—. Morreu há mais de ano e meio, e então pensei em partir, mas... —Sacudiu a cabeça, suas palavras interromperam-se devido à frustração.

—Mas o que?

—Não conhecia ninguém! Não conheço o caminho. Estava... muito assustada. —Olhou para Rohan consternada—. Não sei como nem quando Charley conseguiu me converter em uma covarde.

—Talvez seja muitas coisas, Kate, mas covarde não é uma delas. —Observou-a com olhar intenso.

—O que sei eu... ao menos quando fui sequestrada tiraram-me de meu pequeno e seguro ninho, verdade? Suponho que soa estranho. —Riu com cinismo—. Mas está acostumado a dizer que tudo tem uma razão de ser.

Kate não falava como um membro dos "prometeos", pensou. Era muito sincera e não fazia nenhum esforço para ser sincera.

—Não é que me alegre de que me sequestrassem, claro —corrigiu-se —, mas estava tão... aborrecida e só naquele lugar. Embora muito assustada para partir. Tinha a sensação de estar apanhada.

—O que tanto temia? —murmurou.

Ela considerou a pergunta encolhendo os ombros, logo meneou a cabeça.

—Nem sequer sei. Charley sempre me inculcou que o mundo exterior era muito perigoso. Que as pessoas não eram confiáveis. Não cabe dúvida de que isso resultou ser verdade! Bom... salvo por você —adicionou com cautela.

Rohan deu um sorriso precavido enquanto começava a perguntar para si mesmo se a afastada casinha de Dartmoor, o falso nome e os esforços de seu tutor para retê-la naquele lugar eram todas medidas que pudesse ter tomado Gerald Fox para ocultar sua filha dos "prometeos".

Ela abaixou o olhar.

—Seja como for, estava falando de minha mãe.

—Sim, por favor, continue.

—Quando explodiu a Revolução francesa, minha mãe estava ainda em um colégio religioso, a ponto de fazer sua estreia e, tendo levado uma vida tão protegida, não estava preparada para o caos que apoderou-se da França. Meu avô, o conde, não demorou para decidir que já não era seguro para ela continuar no país, de modo que dispôs tudo para que a levassem para a América. Devia reunir-se com nossos parentes na Vieux Carré, o distrito francês de Nova Orleans.

"Tudo encaixa". Rohan estava atônito de que ela estivesse sendo tão sincera com ele. Tudo que dizia correspondia com o que sabia sobre o assunto DuMarin, o que significava que não estava mentindo. Ao menos ainda não.

Incitou-a a continuar com um gesto.

—Meu avô contratou o capitão Madsen para que levasse sua filha a Nova Orleans —disse com um suave sorriso nostálgico—. A fragata de meu pai era célebre por sua velocidade. Além disso, meu pai tinha estado na infantaria da Marinha, de modo que, caso surgissem problemas, saberia usar a espada.

Rohan soube naquele preciso momento com toda certeza que Michael Madsen tinha que ser Gerald Fox. Mas não foi o conde DuMarin quem lhe contratou, e sim seu pai.

—O que aconteceu quando foram para o mar ninguém poderia ter imaginado. —Seu sorriso a tornou sonhadora—. Os dois se apaixonaram durante a viagem. O audaz capitão inglês e a delicada senhorita francesa. Fugiram juntos para casar-se... e eu sou o resultado desta união.

Rohan devolveu-lhe o sorriso com cautela, mas profundamente emocionado ao ver suas suspeitas totalmente confirmadas. Sobressaltava-lhe ainda mais pensar que se seu heroico pai não tivesse tomado a decisão de que Gerald Fox levasse a mademoiselle Gabrielle a América, a formosa Kate jamais teria existido.

Tirou o assombro de cima, pois precisava certificar-se de que isso era tudo o que contaram sobre suas origens.

—Tem razão —disse brandamente—é muito romântico. Bom, o que aconteceu depois?

—A tragédia, é obvio. —encolheu os ombros com um ar decididamente francês—. A vida no mar é perigosa. Não ajudou que a impetuosa influência de meu pai conduzisse a minha mãe a tentar certas aventuras para as quais não estava absolutamente preparada. Verá, meus pais compartilhavam um passatempo: Procurar tesouros entre uma viagem comercial e outra.

—Tesouros? —repetiu surpreso.

—Mmm. Isso os levou por todo mundo. Assim foi como ela morreu. Um dia entraram em uma caverna junto com parte da tripulação. Não sei quanto ouro escondido acreditaram que estavam procurando nesta ocasião... nunca encontraram nada. Mas era seu modo preferido de divertirem-se, um entretenimento, sua paixão comum. Eu era muito pequena para participar. Ficava a bordo com Charley… era o contramestre de meu pai e como um avô para mim. Lembro-me que estava no corrimão observando os botes a remo avançar para essas cavernas.

—Onde foi?

Kate pensou nisso.

—Realmente não sei. Havia focas. É a única coisa de que tenho lembrança. O resto está impreciso. Entraram nessas cavernas em busca de algum estúpido tesouro pirata, e quando meu pai saiu trazia nos braços o corpo sem vida de minha mãe.

—Santo Deus... o que aconteceu?

—Houve algum tipo de acidente dentro da caverna. Parte do teto de rocha desmoronou e caiu sobre ela. Tentaram impedir que eu visse o corpo. —Kate olhou a taça de vinho vazia—. Jogaram o corpo de minha mãe ao mar antes que caísse a noite, envolta em um sudário e com uma bala de canhão como lastro. Não deixei de gritar como uma possessa porque estava convencida de que ela estava dormindo.

—Quantos anos tinha? —sussurrou Rohan.

—Cinco. —Olhou Rohan com expressão sombria—. Sua morte mudou tudo. Sobre tudo a meu pai. Já não me queria a bordo por medo de que algo ocorresse. Em questão de meses comprou uma casa e me enviou para viver nela com Charley para que velasse por mim. O velho estava preparado para aposentar-se e havia chegado o momento de começar minha educação. O maior desejo de minha mãe era que recebesse a classe de educação normalmente reservada para um filho varão.

—Por que motivo?

—Ela detestava ter vivido tão protegida no colégio religioso. As monjas queriam moldar às jovens para que fossem virtuosas, não cultas, e quando ocorreu a loucura na França, não ficou satisfeita que a tivessem convertido em uma rapariga bela e indefesa que não estava preparada para cuidar de si mesma.

"Convenceu a meu pai de que nunca devia permitir que isso acontecesse comigo. Que deviam me inculcar uma grande independência e me criar para que fosse capaz de me cuidar sozinha. Queria assegurar-se de que, se eu fosse viver em outra época em que o mundo tornasse a ser um inferno, como aconteceu com ela, eu fosse capaz de sobreviver.

A dolorosa verdade de suas palavras, com seu profundo amargor, chegou-lhe ao coração. Rohan a olhou durante um momento.

—Isso explica sua integridade depois de tudo pelo que passou.

Ela olhou para Rohan com os olhos transbordantes de gratidão.

—Não sou tão valente como pensa.

Rohan a contemplou com expressão terna e inquisitiva, mas ela não explicou suas palavras, mas sim prosseguiu com a história:

—Tão logo nos instalamos em Dartmoor, Charley começou a contratar babás e instrutoras e, mais adiante, a tutores. Pobre Charley. Agora também ele morreu. Meu último vínculo com meus pais. Não só foi contramestre de meu pai, sabe?, mas também seu confidente e coproprietário de seu navio. —Sorriu com ar nostálgico—. Era muito resmungão. Não falava muito, mas debaixo daquela fachada de velho grosseiro escondia um coração de ouro.

"O'Banyon e os Doyle tiveram sorte de que o velho Charley esteja morto e não pudesse me defender na noite em que entraram em minha casa —acrescentou—. Ele os teria picado em pedaços com sua escopeta —murmurou em voz alta—. Ele me ensinou a usá-la como parte de minha educação masculina.

—Seriamente?

Kate assentiu.

—Por desgraça, esses cretinos me agarraram antes que eu pudesse usá-la.

Rohan arqueou uma sobrancelha ante a perspectiva de que uma coisinha como ela disparasse uma escopeta.

—O retrocesso deve lançar você ao outro lado da sala.

—Fico preparada para o coice da arma. Mas sim, saio voando —reconheceu com um sorriso.

Rohan riu brandamente tratando de imaginar suas elegantes conquistas londrinas mantendo uma conversa com ele sobre armas.

"É filha de um pirata da cabeça aos pés", havia dito Peter, e Rohan estava de acordo. Em sua cabeça começava por fim a formar uma imagem clara e coerente de quem era essa jovem tão peculiar.

—Em qualquer caso, meu pai voltou para o mar deixando Charley para cuidar de mim. Charley, por sua vez, contratou um sem-fim de babás e instrutoras para que o ajudassem a cuidar

de mim... e isso me leva de novo ao que no princípio queria contar.

Rohan assentiu para lhe dar fôlego enquanto esperava que falasse com seu ritmo.

—Em toda minha vida, só houve uma ocasião em que Charley levantou a voz para mim, de verdade... e me refiro a gritar seriamente.

—Gritou para você? Ao pequeno anjinho? O que fez? —perguntou bastante divertido imaginando-a como uma menina travessa com lacinhos e cachos.

—A primeira babá que contratou estava tentando comprovar o quanto eu já sabia a fim de poder determinar por onde iniciar minha educação. Perguntou-me se eu sabia escrever meu nome. E eu escrevi. Mas ela não aceitou. Escrevi de novo e ela começou a me repreender. —Fez uma pausa cravando o olhar nele—. Eu escrevi que me chamava Katherine Fox.

Rohan ficou paralisado, completamente centrado nela.

Kate meneou a cabeça.

—Neguei-me a ceder. A instrutora imaginou que eu fosse mentirosa. De qualquer forma, não queria ter nada a ver com ela. Charley ouviu que eu gritava e que ela me repreendia. Foi ver o que estava acontecendo, e quando a mulher mostrou o que eu escrevi, a despediu no ato.

"Nunca esqueci o que aconteceu depois. Sentia-me muito satisfeita comigo mesma pensando que tinha ganhado, mas Charley me agarrou pelo braço e agachou-se para ficar com a minha altura. Olhou nos meus olhos e me disse que, daquela hora em adiante, meu nome seria Kate Madsen. —Fez uma pausa com uma expressão ligeiramente angustiada—. Ameaçou me abandonar caso me ocorresse voltar a dizer para alguém que me chamava Kate Fox.

Rohan notou que formou um nó na garganta da jovem pela emoção.

—Assim, como era natural, não o fiz. Aquela era a pior ameaça que pôde me fazer. Ele era o único que restava. —Sacudiu a cabeça—. Passou o tempo e acabei por me esquecer do assunto. Meu nome era Kate Madsen... mas então, O'Banyon apresentou-se naquela noite e me chamou de Kate Fox. Isso fez com que eu recordasse aquele incidente depois de tantos anos. É como se ele soubesse algo sobre mim que nem sequer eu sei. —Olhou ao duque com temor nos olhos—. O que significa isso, Rohan? por que está acontecendo isto comigo?

Ansiava oferecer consolo para ela com todo seu ser, mas sabia que não podia sucumbir à tentação. Ainda não.

—O que opina você? —replicou.

—Bom... só existe uma explicação, verdade? —Kate empalideceu por segundos—. Logicamente... parece que meu pai ordenou a Charley que me criasse com um nome falso. Mas por que? por que Charley me pediu que mentisse? Meu pai e ele sabiam que alguém acabaria vindo por mim? meu deus! —exclamou de repente—. passei toda a vida enganada sem saber quem sou realmente?

—Fique tranquila —murmurou alongando o braço por cima da mesa para colocar a mão no antebraço de Kate—. vamos chegar ao fundo da questão, prometo-lhe isso. —Atendo-se ao bom julgamento, retirou seu contato consolador, pois queria manter um delicado equilíbrio—. Permite que lhe pergunte mais uma coisa.

Ela assentiu fixando seus olhos chorosos nele com expressão inquisitiva.

—Recebeu em algum momento confirmação oficial da morte de seu pai? —perguntou Rohan.

—Algo assim como um certificado de falecimento? Não... acredito que não. Mas não sei com certeza. Eu tinha somente dez anos quando recebemos a notícia de que seu navio havia naufragado —balbuciou—. Mas decerto aconteceu! Charley devia saber. Além disso, recebi minha herança! Uma soma considerável... quer dizer, sei que talvez não pareça muito para alguém como você, mas era toda a fortuna de meu pai, suficiente para eu viver com comodidade e independência. —Sacudiu a cabeça e afastou o olhar—. meu Deus, o que vou fazer? por que meu pai trocaria meu nome?

—Possivelmente para a proteger.

—Do que? De quem?

—Devia pensar que contava com alguns inimigos perigosos. Alguém a sequestrou muito recentemente. O que acha disso?

Kate parecia aflita.

—Está me dizendo que poderia estar todos estes anos me ocultando de alguém e nem sequer sabia? É por isso que Charley jamais me levou além dos limites de nosso povoado?

—Talvez. O.... —Detestava fazer aquilo, mas não via outra alternativa. Melhor acabar quanto antes—. Poderia ter outra explicação completamente distinta.

Kate levantou a vista com desespero e enfrentou seu olhar escrutinador.

Rohan sabia que aproximava-se o momento de deixar que ela visse algumas de suas cartas. Caso se tratasse de uma representação, então disporia de uma última oportunidade para surrupiar-lhe tudo empregando uma advertência mais agressiva.

—A que se refere? —insistiu Kate.

—Agora mesmo poderia estar mentindo —disse brandamente—. E se tal for o caso, quero lhe dar a oportunidade de que se justifique.

—Me justificar? Do que está falando? Rohan... está-me assustando.

—Não é minha intenção. Não se for inocente. Estou disposto a aceitar sua palavra de boa fé. Mas se está mentindo, se tudo isto for uma farsa e você veio até aqui pensando em me enganar, então advirto-lhe que se meteu em algo muito, muito grande.

—O que? —sussurrou.

Rohan negou-se a ceder, endurecendo o coração ao ver que seu rosto empalidecia e que uma expressão de desconcerto estampava-se nele, como se estivesse a ponto de tornar a chorar. No remoto caso de que fosse uma agente dos “prometeus”, Kate saberia do que estava falando exatamente e o escutaria, dando-se conta de que tinha descoberto suas verdadeiras intenções.

Se não, então não tinha por que compreender nada.

—Olhe a seu redor — aconselhou a ela—. Em seiscentos anos, minha família nunca evitou seu dever. Se apareceu aqui sem ter nada contra mim, aproveite esta oportunidade para confessar. Não voltará a apresentar-se. Prometo-lhe que receberá clemência caso confesse agora.

Mas se ao contrário, negar-se, não espere que a salve somente porque é bonita. Concedo-lhe esta oportunidade, mas caso acredite que pode enganar-me, temo que o que possa acontecer para você será sua culpa.

Kate olhou boquiaberta para ele enquanto Rohan aguardava pacientemente.

—Bem?

—Está louco! —vociferou e em seguida levantou-se da mesa afastando-se com passo firme. Parecia aterrorizada.

Rohan fechou os olhos; parecia que já possuía sua resposta. Ansiava com todo seu ser ir atrás de Kate, mas permaneceu na cadeira devido ao fato de que, em sua última tentativa de segui-la aconteceu a que ela saísse correndo para o escarpado.

—Volta, Kate.

—Acaba de me ameaçar? —exigiu saber enquanto voltava-se para olhar para ele a uma distância prudencial.

—Se não tem nada que ocultar, não tem nada a temer.

—Rohan, não tenho a mínima ideia do que está falando! —gritou.

Ele a olhou durante um longo momento.

—Espero que seja verdade.

—Deus bendito, tire-me daqui... Acreditei que podia confiar em você!

—Kate! —bramou. Ficou em pé quando ela afastou-se correndo dele, suas saias sussurravam com cada passo de suas finas sapatilhas—. Kate, volte, por favor —disse, controlando sua voz.

—Quero ir para minha casa! —gritou dando meia volta para ele e lançando um olhar desapaixonado com os olhos cheios de lágrimas.

—No meio da noite?

—Pela manhã, então! Ordene a seus soldados que amanhã me levem de volta para minha casa!

Rohan viu que ela estava tremendo.

—De retorno a sua solidão?

—Oh, agora joga minhas próprias palavras em minha cara! Quem é? por que tem tantos soldados aqui? Para que precisa soldados um duque? —vociferou—. O que está ocorrendo aqui?

—Kate, por favor. —Rohn desistiu, suavizando o tom—. Não pretendia assustá-la. Queria assegurar-me de que dizia a verdade. Venha sentar-se, peço-lhe isso. Não tenha medo. Não vou lhe fazer mal.

—Acaba de ameaçar a minha vida!

—Estava testando-a —insistiu com calma—. Jamais faria mal a uma mulher.

—Igual a seus antepassados?

—Por favor —disse direto.

—Por que? Para que me testava? exigiu saber enquanto duas lágrimas rolavam por suas faces—. por que fez isso ?Acreditei que podia confiar em você.

—E pode confiar Kate. —Não podia suportar vê-la chorar—. Kate... trabalho para o governo

desempenhando certas... funções secretas —disse com cautela. Era o mais próximo da verdade que estava autorizado a contar—. Por isso tenho soldados e também é a razão de que posso prometer para você que obterá justiça. Mas tinha que me assegurar de que estava sendo honesta comigo antes de poder compartilhar com você... a informação de aparência mais grave que averiguei falando com Peter Doyle.

—Bem? —exigiu saber.

—Volta e sente-se, por favor.

—Não! Ficarei aqui. —Com os punhos apertados nos lados do corpo, manteve-se firme—. Diga-me o que sabe! Se eu tiver passado por sua estúpida prova, mereço ouvir!

—Muito bem. —Observou-a com os olhos entrecerrados—. O'Banyon afirma que seu pai está vivo.

Kate sentiu-se enjoada, mas essas notícias a deixaram totalmente emocionada. Deu um passo vacilante para ele.

—Meu pai está... vivo?

—Alguém parece acreditar que sim.—disse—. Alguém com posição e dinheiro para conseguir tirar O'Banyon de Newgate e fez com que viesse atrás de você. Apesar de que a sequestraram, acredito que seu pai poderia ser o verdadeiro objetivo de tudo isto. É possível que a tomassem como refém simplesmente para que fosse o chamariz com o que atrair o capitão novamente para a terra firme.

—Como é possível? —sussurrou retornando à mesa como se estivesse em transe.

Kate sentou-se de repente, seu coração martelava com força enquanto tratava de assimilar tudo. Depois meneou a cabeça.

—Deve estar equivocado. Sei que meu pai está morto.

—Como sabe?

—Porque se estivesse vivo significaria que... abandonou-me há anos! —estremeceu ao pensar nisso—É impossível. Jamais teria feito tal coisa. Não me abandonaria sem mais nem menos. O que fez, fingir sua morte? me enganar? Não sabe o que diz. Meu pai me queria!

Com efeito, de menina tinha estado muito unida a seu carinhoso pai. Toda a tripulação sabia que, quando o duro e curtido capitão estava de mau humor, a única pessoa que sempre podia lhe derreter o coração era sua pequena filha.

—Kate —murmurou Rohan cravando os olhos nela.

A jovem negou-se a olhar para ele enquanto fervia de ira por dentro. Esse homem era uma besta desalmada. Nestes momentos, Kate o desprezava por atrever-se a insinuar que ela não significava nada para a pessoa que mais tinha amado neste mundo.

Kate sacudiu a cabeça. Rohan fazia com que se sentisse como se ela não fosse nada.

—Ao contrário do que sugere, excelência, meu pai jamais me abandonaria. Jamais teria se afastado de mim sem olhar para trás.

—Talvez tivesse um bom motivo.

—Como qual? —Lançou-lhe um olhar furioso levantando de novo a cabeça.

—Afastar de você os inimigos dele.

Kate abriu os olhos de forma desmesurada.

—Que inimigos? —Sentia que o sangue abandonava seu rosto. “Ai, Meu deus, isto não pode estar acontecendo”—. por que alguém queria apanhá-lo?

—É difícil dizer nestes momentos —respondeu com cautela—. Mas me parece evidente que o único modo de obter respostas é seguir o jogo.

—Como?

—Vamos esperar até a chegada da carta de O’Banyon e seguiremos suas instruções. A carta nos dirá qual vai ser nosso próximo passo. Onde temos que nos reunir.

—Você quer ir até ele? —Contemplou-lhe incrédula—. Que nos faça cair em uma armadilha?

—Conscientes do que fazemos, é obvio.

Kate olhou para ele consternada, logo deu meia volta sem responder. Deus Santo, se existia a mínima possibilidade de poder ver novamente seu adorado pai, não abandonaria o castelo Kilburn.

Abaixou a cabeça uma vez mais enquanto refletia sobre aquilo, logo levantou a vista.

—Poderia ter isto alguma relação com esses tesouros que meus pais sempre andavam procurando? Mas se nunca encontraram nada...

—Que você saiba —murmurou, e encolheu os ombros—. Tudo é possível. Não acredito que seja prudente tirar conclusões neste momento. Não podemos fazer nada até que não tenhamos notícias de O’Banyon. Uma vez chegue sua carta, saberemos qual será nosso próximo passo. Até então, teremos que ser pacientes.

Kate percebeu que, gostasse ou não, ele estava com a razão, mas a cabeça dela girava enquanto exalava um suspiro trêmulo. “Maldição!” Umas poucas horas de paz e, uma vez mais, seu mundo voltava a ser um caos.

Realmente seria possível que seu pai estivesse vivo?

Rohan aproximou-se olhando-a com o cenho um pouco franzido pela preocupação. Agachou-se junto a sua cadeira e pousou a mão sobre as dela para lhe proporcionar certo consolo.

—Está passando bem?

—Deixando a um lado que nem sequer sei qual é meu nome... sim, encontro-me esplendidamente.

—Kate. Sabe que não vou deixar que nada aconteça á você, certo?

Compungida pelo tom paciente de Rohan, enfrentou seu firme olhar azul cinzento e, imediatamente, lamentou seu sarcasmo. Assentiu a contra gosto, logo pousou a vista no inocente contato que os unia. A mão direita de Rohan cobria com delicadeza as suas, que agarravam-se com ansiedade sobre o regaço. a dele era muito maior e de aspecto mais curtido.

Reviveu em silêncio aqueles terríveis segundos no escarpado quando sua mão direita, tão terna agora, tinha impedido que se precipitasse para uma morte certa.

—Sinto —disse com brutalidade—. O que acontece é que estou... um pouco confusa por

tudo isto.

—Sei. Mas tudo vai sair bem. Vamos. Deixa que eu lhe mostre o castelo, já que vai ser nossa convidada durante um tempo. Talvez assim aprenda a mover-se em seu lar temporário.

Kate olhou Rohan com gratidão, mas ele assim que percebeu seu olhar levantou-se inclinando-se para a mesa para apanhar um candelabro. A seguir indicou a Kate com um gesto que o seguisse.

Kate observou enquanto ele afastava-se.

"É mais amável do que jamais pudesse imaginar". Sacudiu a cabeça para si mesma. Assim que lhe dava um susto de morte e no minuto seguinte comportava-se como o perfeito anfitrião. Mas tinha que reconhecer que parecia sinceramente preocupado por seu bem-estar.

Com certas reservas, levantou-se da cadeira e foi atrás dele.

A luz do candelabro piscava sobre os arcos esculpidos em pedra do escuro corredor mais à frente da sala de jantar, onde ele mostrou algumas das antecâmaras que havia depois das diversas portas fechadas: Duas salinhas distintas; uma sala de música; uma sala de estar para as damas; uma sala de bilhar para os cavalheiros; um salão formal.

Quando chegaram ao último par de grandes portas de madeira ao fundo do corredor, Rohan deu um pequeno sorriso.

—Acredito você vai gostar desta sala. —Com isso, abriu a porta e levantou o candelabro.

Kate ficou boquiaberta quando passou por diante dele e entrou na biblioteca.

—Oh, Deus... meu...

Bastou acreditar no que seus olhos viam enquanto percorria com a vista as amplas paredes em penumbra repletas de altas estantes góticas. As escuras prateleiras de madeira estavam abarrotadas de tomos recolhidos ao longo de vários séculos. O coração de Kate cresceu de alegria.

Havia um escritório e uma mesa de biblioteca com um enorme globo terrestre sobre a mesma, e mais à frente, quase ao fundo, um maravilhoso canto de leitura embutido na janela saliente. Um formidável relógio de pêndulo marcava as horas junto à parede. Kate acreditou que fosse possível que tivesse morrido e estivesse no céu.

—Isto deverá ajudá-la a passar o tempo enquanto estiver aqui, não acha? —disse ele.

Kate voltou-se sem fôlego para Rohan, que a observava divertido apoiado na entrada.

—Oh!, é... Importa-te se...? —Assinalou com entusiasmo o candelabro que ele segurava—. Hum, posso?

—Está em sua casa.

Com um gesto hospitaleiro, Rohan entregou o candelabro, que ela levantou no alto assim que o apanhou. Maravilhada, seus olhos foram de um lado a outro na medida em que entrava na biblioteca. Jamais tinha visto tantos livros em um mesmo lugar! A coleção que ela possuía em sua casa, e que tão apreciada por ela, caberia sem problemas em quatro daquelas infinitas prateleiras.

Era sublime.

—Importa-te se levar um livro ao meu quarto para ler antes de dormir? —perguntou

esperançosa.

Rohan arqueou uma sobrancelha com ar sardônico.

—Pegue quantos quiser. Ninguém mais os utiliza.

—Oh, obrigado.

Kate virou-se para as estantes com um sorriso.

—Qualquer pessoa poderia pensar que estou lhe emprestando alguns diamantes.

—A quem importam os diamantes, eu prefiro isto. Você gosta de livros, excelência?

—Prefiro a vida.

A Kate não interessava sua resposta, mas encolheu os ombros sem lhe dirigir um olhar.

—É um homem. É tua prerrogativa —respondeu entre dentes.

—Desculpa —repôs.

—Não entendi, o que disse?

Kate voltou a olhar para ele com indignação.

—Se for o medo o que a impeça de viver, deve enfrentar isso, Kate. Não coloque desculpas a respeito de por que você não pode tentar aquilo que deseja fazer. Ser mulher não a impede disso. Muito menos você, pois seus pais a educaram como um varão.

Kate piscou.

—Bom, obrigado por sua opinião, excelência —respondeu com bastante melindre.

Surpreendia-lhe que Rohan tivesse prestado tanta atenção no que confessou a respeito de seu temor a deixar a familiar segurança de sua casa depois da morte de Charley. Por certo que desejava enfrentar aventuras, mas uma vez que encontrou-se sozinha no mundo, unicamente teve coragem para viver o que continham os livros.

Não estava certa de apreciar que ele a fizesse responsável por aquele defeito íntimo e proferiu um bufo.

—Ao menos não temo os fantasmas.

O branco sorriso de Rohan resplandeceu entre as sombras.

—Terá medo depois de dormir algumas noites neste velho montão de pedras encantado.

Kate cravou o olhar nele, mas não pôde evitar de sorrir também. Era evidente que não pretendia ofendê-la. Somente parecia estar muito seguro de saber que conselhos devia dar para ela. “Homens!”

Meneou a cabeça e em seguida subiu à sólida escada da biblioteca para examinar o conteúdo da seguinte prateleira.

—Herói de Alexandria! Ainda não li seu tratado sobre pneumática e hidráulica! —exclamou entusiasmada.

—Que sorte.

Kate nem escutou seu comentário zombador, entretida como estava exclamando de alegria ao divisar um tomo muito estranho.

—Tem o livro do conhecimento dos engenhosos mecanismos Jazari?

—Eu tenho?

—Não posso acreditar! É a tradução original do árabe para o latim do século XIV?

—Não sei dizer.

Kate manipulou o antigo manuscrito com reverencial admiração.

—Quer dizer que não o leu?

—Ai de mim!

—Rohan! Sir Isaac Newton não teria formulado as leis do movimento a não ser por escritores como estes. —afastou-se quando outro volume de outra estante chamou sua atenção—. Vá, parece fascinante. Ooh... Matemáticos medievais. E este... —Agarrou três livros e logo quatro mais, que empilhou sobre o braço esquerdo enquanto segurava o candelabro—. Talvez que só um mais...

—Eu quero ajudar você. —aproximou-se dela.

Quando abandonaram a biblioteca, Rohan levava o candelabro, assim como alguns livros para Kate e ela carregava outro montão nos braços.

—Algum sinal da Dama de Cinza? —perguntou enquanto subiam a escada.

—Nenhum até agora —respondeu Rohan subtraindo importância com um breve sorriso irônico.

Kate sorriu por sua vez com cautela, embora imaginasse que ele deveria estar imaginando ser ela uma completa excêntrica e uma intelectual, além disso. Com certeza era, mas jamais envergonhar-se-ia de sua inteligência.

Quando chegaram ao dormitório, entrou com os livros e os empilhou sobre uma confortável cômoda antiga, deixando também o candelabro.

—Tudo bem.

Kate estava bem atrás dele. O poder de sua proximidade a pilhou despreparada quando Rohan deu a volta. Viu-se envolvida pela masculina aura de força que irradiava e de repente ficou muito consciente da cama que estava perto. Uma esmagante tensão surgiu entre eles de repente.

O coração do Kate pulsava com força dentro de seu peito. O resplendor das velas aprofundou o rosto de Rohan em sombras enquanto a olhava nos olhos com uma expressão quase melancólica. Apesar de tudo o que ele fez para que se sentisse segura, o desejo que sentia por ela apalpava-se naquele quarto, e isso a confundia. afastou-se um pouco dele, duvidando uma vez mais de suas intenções.

Rohan abaixou o olhar com gesto irônico e retrocedeu até o corredor, onde parou.

—Bem, boa noite, então.

—Boa noite, excelência. —Kate titubeou—. Obrigado... por esta noite.

Rohan virou-se novamente para ela apoiando lentamente uma mão no marco da porta.

—Não há de que. —Olhou-a nos olhos—. Eu... né... lamento tê-la assustado antes. Tinha que me assegurar de que dizia a verdade. Não pretendia arruinar sua noite.

—Não fez isso. Eu entendi. —Cruzou os braços e apoiou o ombro contra o marco da porta—. Apreciei muito esta noite. E quero que saiba que agradeço tudo o que tem feito. Dou-me conta de que você não queria nada disto.

Ele assentiu.

—Não é trabalho.

Kate ficou imóvel quando ele a olhava fixamente nos olhos, e sentiu que um calor tomava conta dela. Naquele instante soube que ele a beijaria.

Mas, pela segunda vez naquela noite, ele decidiu não fazer isso.

O coração de Kate continuava palpitando com força quando brindou ele sorriu debilmente entre as sombras.

—Bem, boa noite.

—Oh, espere, quero devolver o candelabro...

—Fique com ele. Tem muito que ler.

—Até manhã! —disse ela.

Rohan, que já estava caminhando, despediu-se com um gesto indolente.

Ainda com o rosto vermelho, Kate fechou a porta do dormitório; apoiou-se contra a porta do quarto enquanto seu coração batia descompassado. “Hum. Pergunto-me por que não me beijou”. Mordeu os lábios satisfeita com a contenção da Besta, mas quando afastou-se da porta e começou a tirar a roupa, parecia incapaz de apagar um sorriso tolo do rosto.

CAPÍTULO 10

Os agentes da Guarda Costeira chegaram depois de quinze dias e levaram todos os contrabandistas salvo Peter Doyle. Rohan negociou para evitar que o sobrinho de Caleb fosse detido, em troca de que este cooperasse quando chegasse o momento de enfrentar a O’Banyon, de quem ainda não haviam recebido notícias.

Enquanto isso, à medida que transcorriam os dias à espera de que chegasse a carta de O’Banyon, Rohan continuava sentindo-se perplexo por suas contraditórias reações com respeito a Kate. Detestava admitir, mas o efeito que exercia sobre ele não era o que se poderia dizer normal. Talvez fosse simplesmente porque não estava absolutamente acostumado a constante companhia de uma moça em sua casa, principalmente uma mulher que ele mesmo não se permitia tocar.

Mas o mais estranho era que não lhe importava. Seu crescente desejo por ela o deixava inquieto, embora não demorou muito para habituar-se com sua presença. Logo começou inclusive a despertar pela manhã impaciente para ver seu aquele rosto familiar e a perguntar-se que estranhas coisas ela diria nesse dia. A moça o divertia.

A influência de Kate em sua casa era inegável. Irradiava doçura e simplicidade, uma cativante calor que fazia com que a fria e sinistra força do castelo Kilburn começasse a parecer um lugar um pouco mais acolhedor.

Apesar de tudo, a preocupação que sentia pela moça o deixava um tanto perturbado. Sentir-se-ia mais tranquilo caso estivesse seguro de que sua fascinação por ela era meramente física, se

pudesse vê-la como em geral escolhia ver as mulheres: Pouco mais que um belo conjunto de sedutoras curvas para explorar.

Mas com Kate era impossível enfocá-la desse modo. Encontrava muitos rasgos puros para admirar em seu caráter: Coragem, independência. Até com todas as damas necessitadas e enjoativas que o esperavam em Londres, gostava especialmente da firme confiança em si mesmo que demonstrava Kate. A filha de Gerald Fox era muito inteligente e pragmática.

Não o deixava esgotado por tagarelar frivolidades; não sorria como uma boba; não era propensa às trivialidades nem era intrometida; nem sequer parecia saber como adular um homem de sua posição. Tampouco atuava como uma coquete, tática que tinha apreciado nas mulheres, mas que jamais havia confiado. Em vez disso, Kate dizia o que pensava quase com a franqueza de um homem e, como resultado, sua conversa mantinha-o interessado. Amadurecia sua linguagem com agudas observações, que de vez em quando fazia as suas custas. Admirava sua impertinente insolência estranhamente refrescante, e em lugar de o incomodar, a devolvia. Era extremamente divertido brincar e provocar-se mutuamente de forma irreverente, como haviam feito aquela noite durante o jantar; algo que tinham em comum era a disposição para rir de suas próprias debilidades. Kate ria de si mesmo por ser uma intelectual o tanto que ele sabia perfeitamente que era um parvo supersticioso.

Mas nem sequer tudo isso poderia descrever o efeito que causava nele.

Por ser criada nos páramos, isolada do mundo, possuía uma inocência que o fazia com que ele a desejasse com uma dolorosa intensidade impossível de explicar.

Sentia-se muito atraído por ela.

Aquilo o fazia sentir-se extremamente incomodado. Mas aquela noite durante o jantar, quando ela havia descrito a solitária vida que levava em sua casa, deu-se conta de que, a diferença de tantas outras, ela compreendia o grau de solidão que ele tão bem conhecia.

Rohan estava consciente de que seu coração jamais havia corrido um perigo tão grande, tendo em conta a linhagem de ambos, aquela era uma situação muito alarmante. Seu instinto sussurrava que a chegada de Kate foi coisa do destino. Entretanto, estava ainda para ver se ela era sua perdição ou a resposta à maldição que padecia.

Devido a sua reputação de sicário mais destro entre seus irmãos guerreiros da Ordem, a única coisa que sabia era que seus companheiros de equipe teriam ficado completamente atônitos ao ver como comportava-se com o Kate. Além disso estava bastante seguro de que ficariam horrorizados caso se inteirassem de que o pequeno "presente" que o cativava tinha sangue dos "prometeos". Mas a Ordem ainda não sabia absolutamente nada sobre Kate, e devido a isso sofria grande remorsos.

Sabia perfeitamente que, nessa altura, já deveria ter escrito ao instrutor de Londres para lhe falar sobre ela. Redigiu uma carta a Virgil e inclusive elaborou o tedioso processo de codificar certas passagens. Mas assim que terminou de escrever, fez uma bola com ela e jogou no fogo. Não queria dar a Virgil a oportunidade de que ordenasse a ele que levasse Kate para que fosse interrogada.

Fez a promessa de protegê-la.

Um interrogatório conduzido por seus colegas não seria uma experiência agradável, e Por Deus que a moça já havia sofrido suficiente. Se a entregasse a eles, a frágil confiança depositada nele ficaria destruída. Ela necessitava dele. Nesses momentos ele era o único amigo que tinha. Caso não a ajudasse, não poderia contar com ninguém, e talvez... em certo modo, também ele poderia necessitar dela.

Comprometeu-se de corpo e alma para protegê-la; que ela o agradecesse sem disfarces e que confiasse nele confirmava sua resolução. A absoluta dependência dele para sobreviver reforçava sua resolução.

Pelo menos desta vez tinha aceitado a missão de preservar uma vida em vez de aniquilá-la. Não era de estranhar de que todo seu ser aferrava-se a essa missão como se sua alma dependesse disso.

Portanto, tomou a decisão de que a Ordem teria que esperar até que ele soubesse mais sobre quem estava atrás de Kate e quais eram seus planos. Virgil ficaria furioso; que o leal Warrington não respeitasse o protocolo era um fato sem precedentes. Mas como protetor de Kate determinou que a jovem estava ainda muito fraca depois do penoso sequestro, para suportar o interrogatório de seus colegas. E essa era justamente a razão de que respeitasse sua decisão de não tocá-la.

A honra exigia isso, embora ardesse por ela. Deu sua palavra de que não a faria pagar com seu corpo a proteção que lhe prestava, de modo que reprimia as fantasias para estender seu corpo na cama para desfrutar de um segundo interlúdio.

Talvez uma parte dele desejava que Kate visse que, em certas ocasiões, podia ser algo mais que uma besta. apesar de tudo, sua tentadora presença era uma tortura deliciosa depois de havê-la provado brevemente aquela primeira noite e ver-se impedido depois para saborear todo o festim.

Não estava certo de que Kate estava consciente da atenção com que a observava. Esperava que não. Sem dúvida percebia sua fome, cada vez mais profunda, mas ela também mantinha uma distância prudente e cordial, e ficava entretida com os livros da biblioteca.

Em troca, Rohan continuava procurando motivos para não confiar nela, qualquer razão para continuar tendo-a perto. Até o momento isso foi uma batalha perdida.

Um dia, quando já estava há uma semana no castelo, decidiu levá-la para conhecer a imponente capela medieval da família. Desejava comprovar se a encantada descendente de Valerio, deixaria entrever algum brilho de reconhecimento quando contemplasse os antiquíssimos símbolos da Ordem ali exibidas. Foram a procura da cruz de Malta sobre o altar e à principesca estátua do arcanjo San Miguel, que dava nome à Ordem. Talvez tentasse testá-la novamente, com a esperança de descobrir que era uma impostora.

Possivelmente porque sua inocência envolvia uma ameaça muito séria.

Tomando-a frouxamente pela mão, conduziu-a até a capela, onde a maioria dos duques de Warrington haviam desposado suas noivas, e observou seu rosto com atenção enquanto ela

admirava a impressionante escultura do arcanjo.

São Miguel, o anjo guerreiro, estava representado com sua cota em estilo romano, uma espada flamejante na mão e com Lúcifer retorcendo-se sob a sola de suas sandálias. Embora Kate olhasse maravilhada, não parecia tomar conhecimento de que possuía um significado especial.

Kate deu um sorriso tímido apontando a estátua.

—Me faz recordar você.

Rohan a olhou em silêncio.

Ela deu a volta e seguiu empapando-se com a beleza da capela. Contemplou todas as velhas relíquias e as intrincadas talhas de pedra e madeira, depois rezou de joelhos. Rohan, plenamente consciente dela, observou-a pela extremidade do olho.

Quanto mais sentia o poder de sua inocência, mais percebia o muito que estava pedindo ao esperar que confiasse sua vida a um homem que pouco a conhecia, um homem a quem foi entregue como um brinquedo... e a uma besta, além disso.

Algumas noites depois estavam na biblioteca, a habitação favorita de Kate, tomando um chocolate perto da lareira enquanto fora das paredes do castelo a neve caia suavemente.

Rohan estava com os pés apoiados na mesinha baixa em frente à poltrona de couro e estava examinando com atenção os resultados dos últimos combates de boxe na página de esportes do Times.

Enquanto isso Kate, por razões que escapavam a seu entendimento, atormentava-se com os livros mais insuportáveis de toda a coleção pertencente a sua família: O volume em latim de quebra-cabeças lógicos populares escrito pelo antigo erudito Alcuino.

—Oh, aqui há um bom! O lobo, a cabra e a couve. Em que ordem devem cruzar a ponte para que nenhum deles coma o outro?

—É a moça mais estranha que conheci —comentou distraidamente passando a página do periódico.

Sentada no outro extremo da poltrona, Kate olhou com indignação para ele.

—Por que? Porque deleito-me usando o cérebro?

—"Deleitar" e Alcuino não podem estar juntos na mesma frase, céu.

—Entendo, mas boxear a punho descoberto é muito divertido, não é assim? —replicou inclinando-se para dar nele um golpezinho na parte posterior do periódico.

—Ganhar é.

Quando deu um sorriso, Kate sustentou o olhar dele por muito tempo e começou a ruborizar-se. Rohan percebeu a faísca de feminino interesse que brilhou nos olhos dela antes de abaixar o olhar para o livro com recato.

Kate virou a página.

—Muito bem, esquece o do lobo, a cabra e a couve. Possivelmente deva discutir o problema dos mestres e seus valetes. Ou o dos três maridos ciumentos.

—Todo seu, querida. Eu irei marcar uma entrevista para você com o doutor louco do rei louco.

—Sim, sim —replicou.

Rohan deixou o jornal enquanto ria e depois, apoiando a cabeça contra a poltrona, começou a estudar Kate. Tinha o pressentimento de que o interesse dela pelos quebra-cabeças de Alcuino não era mais que um modo de distrair sua aguda e inteligente mente das sérias ameaças que lhe aguardavam além da segurança dos muros do castelo.

—Como encontra-se ultimamente? —perguntou.

—Oh... de acordo. —Deixou o livro sobre seu colo e olhou para Rohan com um ar nostálgico—. Rohan...

—Sim, Kate? —murmurou em um tom algo rouco. Não podia explicar por que aquela moça fazia seu coração apertar-se.

Ela virou-se com inquietação para contemplar durante um momento o fogo.

—E se meu pai estiver realmente vivo? —Examinou-lhe um instante—. Não é estranho que nenhuma vez tenha tentado entrar em contato comigo para avisar-me que estava bem? E... esqueceu-se de mim?

—Ninguém pode esquecer-se jamais de você, Kate.

Um comovedor desejo de acreditar alagou seus olhos cor de esmeralda. Mas meneou a cabeça e afastou a vista.

—Eu não poderia agir assim. Se meu filho estivesse em perigo ficaria com ele, poderia acontecer o que fosse .

—Também eu —respondeu Rohan com gravidade.

Kate rodeou as pernas com os braços e cravou novamente o olhar no crepitante fogo que ardia na lareira.

—Dava-se bem com seus pais, Rohan? Compartilhavam uma relação estreita?

Ele refletiu sobre aquilo enquanto contemplava as chamas lambendo a escuridão.

—Sentia uma profunda admiração por eles —respondeu com cautela—. Principalmente por meu pai. Diabos, idolatrava esse homem.

—E sua mãe?

—Era uma dama refinada, mas... mmm... bastante distante. O que sei eu. Acredito que achava-me um tanto barulhento e irritante. Era um menino muito indisciplinado.

Os olhos de Kate cintilavam enquanto olhava para ele.

—Indisciplinado você, excelência? Não pode ser.

Rohan arqueou uma sobrancelha.

—Como ia dizendo... enviaram-me a um colégio quando tinha sete anos. Minha mãe faleceu quando completei oito, e meu pai... bom, quando estava em casa. Tinha... muitas responsabilidades. Mas sabe uma coisa?, meus amigos do colégio eram minha verdadeira família.

Sua relutância em revelar a existência de Kate a seus irmãos guerreiros resultava muito mais significativa... mas ela não sabia nada disso.

O estudou com surpresa apoiando o queixo no antebraço.

—Lamento sua perda. Como faleceu sua mãe?

Rohan a olhou de esguelha sem dizer uma palavra. Ela abriu os olhos diante seu revelador silêncio e, atônita, levantou a cabeça para cravar os olhos nele.

—A maldição dos Kilburn? Quer dizer que seu pai...?

—Não, não, não a matou ele na realidade. Mas sim se acreditava responsável por sua morte Y... não sem motivo.

—O que aconteceu? —perguntou com os olhos abertos como pratos.

Rohan não via nenhum motivo para calar-se nesse momento, depois de ter chegado tão longe.

—Enviaram meu pai em missão diplomática ao norte da África. —Quando falavam de uma "missão diplomática" supunha-se tratar com pessoas alheias à irmandade.

A Ordem encomendou ao pai de Rohan e sua equipe a missão de resgatar um dignitário inglês que havia sido capturado por piratas berberiscos na costa de Malta. O ajudante do embaixador estava sendo retido pelo temível Baía de Trípoli em troca de um exorbitante resgate. Alguém tinha que tira-lo dali sem implicar à Coroa.

—Meu pai acabava de terminar sua missão quando caiu doente com uma febre desconhecida, própria da zona. Passou um par de dias em Malta sendo sangrado pelos doutores, mas logo cansou daquilo. Declarou que havia ficado bom e empreendeu a volta a Londres. Meu pai era duro como uma rocha. Nunca foi um bom paciente. Por desgraça não estava tão recuperado como queria acreditar, e trouxe a febre com ele. Minha mãe acudiu correndo à cidade para o atender, mas adoeceu e morreu ao cabo de quinze dias.

—OH, Rohan, é espantoso! —sussurrou com uma envergonhada expressão compassiva que o desconcertou—. Rohan, meu pobrezinho. Deve ter sido terrível para você.

O duque afastou o olhar com desconforto.

—Não, foi pior para meu pai. Ele nunca acreditou na maldição familiar até que isso aconteceu. Mas a partir daí, começou seriamente a me advertir que era real. —Guardou silêncio durante um prolongado momento enquanto contemplava o fogo. Tratou de compreender como se comportaria se fosse o responsável caso Kate sofresse algum dano—. Não sei como viveu com isso —disse enfim—. Na realidade não fez durante muito tempo. Morreu três anos depois.

Assassinado pelos "prometeos". Mas isso tampouco disse para Kate. Simplesmente encolheu os ombros.

—Meu pai dizia que o único consolo dele era eu estar no colégio naquela época, porque então eu teria contraído também a febre e falecido. —Exalou um suspiro enfastiado ao extremo—. Mas, de todas as formas, sei que isso não teria me matado. Nada pode.

Kate olhou para ele inquisitivamente, mas aproximou-se pondo fim à distância que os separava; depois colocou uma mão sobre o rosto dele com ternura e afeto.

—Bom, ao menos eu me alegro com isso.

Rohan a olhou fixamente. Seu contato era tão suave que doía. Fechou os olhos quando seu controle esfumou-se e, inclinando a cabeça, depositou um fervente beijo na palma da mão de Kate. Em seguida escutou Kate sussurrar seu nome. Então ela fez com que ele voltasse a cabeça

para ela novamente e, sem avisar, ficou de joelhos e lhe deu um premente, embora virginal, beijo nos lábios.

O coração de Rohan martelava contra o peito.

Completamente assombrado por aquele inesperado ato, Rohan permaneceu sentado em um trêmulo silêncio, controlando-se enquanto lhe devolvia o beijo com suavidade e o pulso desbocado. Bem sabia Deus que apenas atrevia-se a respirar por temor a intimidá-la.

Animada pela contenção de Rohan, aproximou-se mais, enquanto o beijava uma, outra e outra vez. Sentiu aqueles lábios acariciando os seus, suaves, sedosos e doces. Rohan tremia pela necessidade de desatar sua paixão, mas conteve seu impulso, apesar de tudo, justamente quando ela parou com o aspecto de uma mulher que se reprime a base de um grande esforço.

—Sinto muito. — Sussurrou ofegante inflamando os sentidos de Rohan quando ela procurou separar-se um pouco dele—. Parecia... necessitar isto.

—Necessitava. Necessito. —Assentiu e a atraiu de novo para ele.

Mas antes de deixar que reclamasse sua boca, Kate olhou-o nos olhos e beijou docemente a última cicatriz. Ele fechou os olhos enquanto aqueles lábios permaneciam sobre sua sobrancelha esquerda. Logo os sentiu descer lentamente por seu rosto até alcançar sua boca. A paixão apoderou-se das mãos e os lábios dos dois enquanto se beijavam com tal intensidade que Rohan soube que ela tinha sonhado com aquilo tanto quanto ele. Kate segurou seu colete; agarrando o talhe como por vontade própria. Já não podia lutar mais contra isso.

Kate não protestou quando ele a sentou escarranchada sobre seu colo. O coração pulsava descontrolado quando a rodeou o pescoço com os braços e continuou beijando-a de forma incessante. Sentiu a suavidade de seus generosos peitos contra o torso e deleitou-se com o embriagador toque de sua doce língua sobre a sua. Não podia acreditar o que Kate estava fazendo, mas não suportava a ideia de que parasse.

O desejo acendeu seu sangue inflamando seu membro até excitá-lo por completo quando ela ajoelhou-se sobre seu colo. Foi consciente do instante em que Kate descobriu aguardando-a, palpitando entre suas pernas, e sentiu o feroz e estremecido ardor de sua resposta. A jovem afundou os dedos nos ombros dele.

Rohan absorveu com júbilo seu brusco sussurro quando agarrou brandamente os quadris dela para guiar seu sexo ofegante contra sua carne endurecida que apertava-se contra o cinto das calças.

Kate gemeu em sua boca enquanto começava a balançar-se sobre ele com pausada cadência. Seu corpo sabia por instinto o que devia fazer. Ele se dispôs a desabotoar a parte posterior do vestido antes sequer de dar-se conta do que fazia. Já não lhe importava. Não podia conter-se. Cada célula de seu ser tinha que sentir aquelas costas nuas e sedosas sob as mãos.

Depois de um momento, o sutiã solto escorregou até os cotovelos de Kate. Rohan percorreu aquelas costas com avidez, logo tomou os peitos, agora expostos, com ambas as mãos. Kate não protestou, mas sim aceitou seu contato com um sorriso sonhador. No mais recôndito de sua mente, Rohan perguntou a si mesmo que demônios acreditava que estava fazendo.

Kate tirou o negro cordão que segurava o cabelo dele sem deixar de o beijar fazendo-o enlouquecer quando enroscou os dedos na densa cabeleira. Respirando de maneira agitada, afastou a boca de Kate e abaixou a cabeça para saborear o cremoso pescoço que tanto tempo o estava atormentando.

Kate suspirou de prazer enquanto ele lambia e beijava o pescoço dela. Segurou-lhe a cabeça e separou as pernas sob as saias para acomodar-se firmemente sobre seu colo. Rohan compreendeu que ela desejava que a possuísse, mas não ia fazer isso.

Não, não, não ia fazer. Certamente que não. Ainda restava nele um pouco de decência, é obvio. Algo de bom julgamento.

Não era totalmente uma besta.

Os dedos de Kate desceram por seu torso e começaram a desabotoar o colete. Com o calor úmido de seu sexo filtrando-se através de suas roupas fazendo arder seu abstinente sexo, o controle de Rohan pendia por um fio por causa da intensa e selvagem luxúria, absolutamente irracional, que estava sentindo.

O que soube foi que tinha as deliciosas mãos de Kate sobre a pele nua. Tinha-lhe descoberto o peito e o estava explorando, aventurando-se sob sua camisa para acariciar o abdômen dele com voracidade. Rohan estremeceu ao sentir sua delicada palma descer para a cintura.

Exigiu toda sua vontade, mas encontrou a fortaleza necessária para impedir que continuasse descendo. Sabia que perderia a cabeça se ela tocasse se sexo, tal e como a curiosidade parecia impulsioná-la a fazer. Pôs fim ao beijo e separou-se dela perdido em uma violenta voragem de luxúria.

—Kate... sabe que isto é uma insensatez —resfolegou.

—Não... sei que... sim... tem razão —balbuciou com o peito agitado, sem retirar a mão do interior da camisa.

—Você deve dormir. Vamos, vá, céu.

A jovem fechou os dedos sobre o escasso pelo que cobria o peito de Rohan.

—Não quer...?

—Por favor, Kate. Corre —grunhiu e tirou a mão dela de dentro da camisa enquanto seu corpo palpitava de necessidade—. Agora. antes que mude de opinião.

Kate ficou paralisada, sustentando seu olhar com uma mescla de confusão e sobressalto tinto de excitação febril. Era a encarnação da inocência e a tentação, sentada ainda em seu colo, com o cabelo alvoroçado por seus dedos, o vestido desabotoado caindo por seus ombros nus em um sedutor estado de desalinhada sensualidade.

Rohan fechou os olhos enquanto a desejava desesperadamente. Acaso Kate não via que estava tentando com todas suas forças fazer o correto por seu bem?

—Vá dormir, Kate.

Em seus olhos verdes brilharam a recriminação, o desconcerto e os sentimentos feridos diante o que ela recebia como uma recusa.

—Como deseja —obrigou-se a dizer em um rouco sussurro e, obedeceu.

Levantou-se de seu colo segurando o vestido ainda solto contra o peito e fugiu da sala com um sussurro de saias e o som de seus apressados passos.

Rohan a viu partir com perverso desejo, seu sabor perdurava ainda em sua língua. Permaneceu sentado um momento mais refletindo enquanto contemplava as chamas. Talvez devesse pedir que fossem procurar uma prostituta de verdade no povoado, pensou à medida que recuperava a prudência.

Foi então quando se deu conta de que era pior do que imaginava, pois era ao Kate a quão única agora desejava.

O beijo tinha sido um engano.

Kate se sentia mortificada por haver-se deixado levar desse modo pelo desejo que lhe inspirava. E pensar que deles dois foi a Besta quem demonstrou um melhor comportamento!

No dia seguinte o evitou, incapaz de enfrentá-lo, escondeu-se na biblioteca enquanto Rohan estava em qualquer outra parte do castelo fazendo Deus sabe o que. Compungida por ter dificultado ainda mais seu trabalho de protegê-la, pensou que o mínimo que podia fazer era tentar ser útil. Passou toda a manhã instaurando certa ordem lógica na caótica e vasta coleção literária da biblioteca de Warrington. Parecia tratar-se de uma empreitada que ninguém se incomodou em terminar em mais de cem anos.

- Tratando de manter Rohan afastado de seus pensamentos, e perguntando-se constantemente se devia pedir desculpas quando o visse por ter subido em seu colo, deslocou-se de uma estante a outra reordenando os livros de forma prática segundo idioma, período histórico, tamanho, e por cima de tudo, alfabeticamente segundo o sobrenome do escritor.

Tinha encontrado múltiplos títulos de determinados autores dispersados de qualquer maneira por toda a coleção. Aquilo fez que lhe desse vontade de arrancar os cabelos. Era óbvio! O grosso da obra de um autor concreto tinha que estar em uma só prateleira, disposto por ordem alfabética segundo o título ou pelo ano de publicação ou, no caso dos dramaturgos, as obras agrupavam-se por gênero: Tragédias com tragédias, comédias com comédias, históricos com históricos, e assim sucessivamente.

Rohan tinha sido uma presença constante no fundo de sua mente, como uma tentadora sombra dominante que a atormentava apesar de saber que sua preocupação por esse homem não era mais que uma estupidez.

Logo terminaria tudo aquilo. A carta de O'Banyon chegaria pondo fim a sua estadia no castelo. No seu devido tempo, Rohan e ela chegariam ao fundo de por que havia sido sequestrada e quem a perseguia; depois de que tratassem dessa gente, seguiriam cada qual seu caminho. E depois, o que?

Com certeza não voltaria a vê-lo, assim para que expor-se a que ele quebrasse seu coração de maneira desnecessária? A lógica mostrou que devia acabar agora com aquele amor que começava a florescer. Tinha que lutar contra isso. O inteligente era centrar seus pensamentos em seu desejado objetivo final de retornar a seu lar.

De nada valeria o muito que pudesse desejá-lo, quão embriagada pudesse sentir-se por dentro quando estava perto dele; era primordial ter presente que jamais poderia tê-lo de verdade.

Rohan era duque, sua posição era muito elevada para ela. Nunca poderia ser para ele mais que uma amante privilegiada... embora, para falar a verdade, aquilo não parecia tão mal ultimamente. Era uma mulher adulta. Podia fazer o que tivesse vontade e quem poderia repreendê-la? Nunca viveu com plenitude no mundo exterior para que lhe importasse se alguém desaprovasse sua conduta. Em troca, depois de tantos anos de solidão, confinada em sua casa, por fim sentia-se unida a alguém. A alguém maravilhoso. Como ia ignorar o bondoso coração que descobriu embaixo da intimidante aparência da Besta?

Como não ia influir lhe um homem que lhe tinha salvado a vida, que lhe tinha brindado seu amparo, falado com ela como um verdadeiro amigo e a tinha encantado dia a dia... um homem grande e formoso que já lhe tinha dado um inesquecível espiono do que era aquela prazer primeira noite em sua cama?

Acaso Rohan acreditava que ela era de pedra? Que Deus a ajudasse, mas desejava mais. A noite anterior a tinha dominado uma urgente necessidade de saborear sua boca de novo, de acariciar aquele torso e aqueles braços esplêndidos, e se havia sentido se desesperada por aproximar-se dele tudo o que fora possível.

E quando Rohan se abriu a ela e lhe falou do que supôs para ele perder a sua mãe sendo menino, embargou-a a ternura. O afeto que lhe guardava tinha que transbordar-se de algum modo... tinha-lhe beijado unicamente porque acreditou que o coração lhe explodiria se não fazia algo para lhe demonstrar o muito que o sentia por ele.

Plenamente consciente da intensidade com que cada dia a observava, pensou que aquilo seria de seu agrado. Mas em vez disso a tinha afastado. Kate estava muito confusa, insegura de se ele a tinha rechaçado ou protegido.

Naturalmente, tudo que Rohan fazia obedecia ao único propósito de mantê-la a salvo, entretanto a atormentavam as dúvidas. Talvez ele a tivesse detido porque não tinha atuado como uma dama, arrastando-se a seu regaço como a prostituta que Caleb Doyle no princípio lhe havia dito que era. Talvez Rohan tinha decidido que não era bastante boa para ele.

Além disso sabia que era um inseto estranho. Solo uma intelectual excêntrica desfrutaria tanto ordenando livros.

Kate continuou divagando enquanto punha ordem nas estantes. Embora estivesse de péssimo humor pela vergonha que lhe produzia aquele beijo, a biblioteca era um consolo a pesar do pó que o fazia cócegas no nariz. O tic tac do relógio de pé era uma grata companhia na quietude que, junto com a fumegante taça de chá que lhe esperava na próxima mesa, ajudava a acalmar seus nervos.

—OH, seu sítio não é esse —murmurou a uma tradução de Tácito mal colocada na prateleira seguinte.

Tirou-a e a levou consigo ao outro lado da habitação para juntar o tomo histórico com seus homólogos romanos, mas ao retornar ao sítio onde tinha estado trabalhando, compôs uma

expressão irônica quando sua vista tropeçou com um título em concreto.

O Inferno de Dante.

Ainda sentia uma grande curiosidade pela relação do Rohan com o clube Inferno. Por fortuna, já sabia de primeira mão que sua teoria inicial sobre o abuso de virgens sequestradas por parte do clube não era mais que um produto gótico de sua transbordante imaginação.

Mas então se deteve, o leve sorriso deu passo a um cenho franzido quando reparou na inadmissível situação do tomo.

—Dante Alighieri, o que faz você dispersado por toda a biblioteca? —repreendeu-lhe ao tempo que se aproximava.

As três partes da incomparável Divina comédia italiana tinham sido se localizadas sem cuidado em prateleiras distintas repartidas por toda a estante: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso.

—Deveriam estar juntos! —balbuciou.

Não lhe ocorreu que lhe estava falando com os livros enquanto se trabalhava em excesso em deslocar a escada até a quarta das altas estantes da parede oriental. Jogou o seguro às rodas, subiu aos degraus e alargou a mão para agarrar o Inferno e colocá-lo com seus irmãos.

Mas então aconteceu algo do mais curioso.

Quando inclinou o lombo de livro para ela e atirou para tirá-lo, este ficou enganchado... e ao mesmo tempo escutou um misterioso clique em algum ponto do interior da parede. Kate ficou boquiaberta e retirou bruscamente a mão com um grito.

Não se tratava de um livro! Ai, ai, ai, era uma espécie de alavanca! Olhou-o boquiaberta justo quando o sargento Parker aparecia apressadamente na entrada.

—encontra-se bem, senhorita?

—O que? —voltou-se para lhe olhar tratando rapidamente de parecer despreocupada.

—gritou.

—OH... quase me caio da escada, isso é tudo. —Conseguiu esboçar um tímido sorriso.

—Necessita ajuda para baixar?

—OH... não. Não, obrigado. Estou bem. Pode partir.

—Tome cuidado, senhorita.

—Sim, é obvio... tê-lo-ei. Pode ir-se!

Depois de lhe dirigir um gesto tenso, Parker retornou a sua partida de cartas com o Wilkins no corredor. Quando teve desaparecido, Kate se girou de novo, maravilhada, para o Inferno. Logo que podia conter a emoção, pois sabia tudo sobre essa classe de coisas devido a que lia novelas góticas. Santo Deus, acreditava que a senhora Radcliffe se inventava todas essas histórias, mas Rohan tinha razão: Ele vivia em uma. Um castelo com um fantasma e uma maldição, e agora, certamente, algum tipo de passadiço secreto.

O coração lhe pulsava acelerado. Jogou uma olhada à habitação desde sua elevada posição na escada enquanto tratava de encontrar alguma sinal de que um passadiço oculto se estivesse abrindo.

Nada até o momento.

Talvez devesse provar com as outras duas partes da obra mestra de Dante. Desceu com um salto e provou o mesmo com o Purgatório. Atirou com cuidado do lombo, mas uma vez mais... clique!, o livro não saía mais desse ponto, sujeito de algum modo ao fundo da prateleira. Era uma segunda alavanca oculta simulando ser um livro.

O coração o martelava contra o peito quando se agachou para comprovar se o terceiro volume, o Paraíso, seria a chave para ativar o mistério que as alavancas secretas ajudavam a esconder. Atirou dele, embora esta vez não houve nenhum clique.

Kate franziu o cenho. “Hum, o que é o que tenho feito mal?” Alguma classe de quebra-cabeças ou sequencia? “Talvez tenha que atirar deles em uma ordem em particular”.

Experimentou com possíveis combinações subindo de novo a escada uma e outra vez, e descendo de um salto para acionar as alavancas seguindo uma ordem diferente até em seis ocasiões.

Ao ver que não acontecia nada, pensou em um último enfoque possível. Requeria certa habilidade ginástica, estirar braços e pernas mantendo de maneira precária o equilíbrio à pata agarre em cima da escada; mas quando conseguiu acionar as três alavancas ao mesmo tempo a de abaixo de tudo com o pé direito de repente uma enigmática sequencia de sons mecânicos amortecidos começou a chiar, deslizar-se e ranger detrás da parede.

“OH, o que é o que tenho feito?”

Assombrada porque tivesse funcionado, deslizou-se da plataforma superior da escada e se afastou da estante com os olhos abertos como pratos.

“Pop!”

Muito por cima dela, a prateleira superiora da estante se sobressaiu de repente, não muito, embora sim o suficiente para lhe fazer pegar um coice. Kate o olhou fixamente com o coração em um punho, enquanto se debatia entre o pasmo e o júbilo.

—Vá, vá —murmurou para si.

aproximou-se nas pontas dos pés com muita cautela para subir de novo à pequena escada de rodas. À medida que avançava descobriu que a prateleira superiora ocultava algum tipo de gaveta secreta.

Uma gaveta secreta no que sabia que não tinha direito a bisbilhotar.

OH, mas não podia conter-se!

“Aposto-me algo a que Rohan nem sequer sabe que existe”, pensou para seus adentro. Ele não se incomodou em ocultar que não sentia apenas interesse pelo conteúdo da biblioteca familiar. Era provável que se alegrasse de que o tivesse encontrado para ele.

Esporeada pela mesma audácia que a noite anterior lhe tinha impulsionado a lhe beijar, colocou a mão no compartimento secreto e apalpou a provas, pois estava muito alto para que pudesse ver o que havia dentro, embora se elevasse nas pontas dos pés.

“Há... algo aí”. Seus dedos agarraram as cobertas de couro de um livro. “Humm”. Com o coração acelerado, Kate o agarrou e o tirou do compartimento.

Imediatamente caiu sobre ela uma nuvem de pó, que se apressou a limpar agitando a mão

enquanto tossia, e jogou sozinho uma breve olhada ao frágil tomo antes de alargar de novo o braço e descobrir vários manuscritos ilustrados.

Ao parecer o que tinha descoberto eram as peças mais antigas da coleção Kilburn. Pareciam ter muitos séculos de antiguidade; podia cheirar o interior de cedro da gaveta secreta onde tinham estado escondidas, protegidas e a salvo dos estragos do tempo.

Não era de estranhar que as tivessem oculto. Eram na verdade inestimáveis. De um valor incalculável, pensou com a excitação própria de um erudito.

O mais seguro era que Rohan não tivesse nem ideia dos tesouros que se ocultavam na magnífica biblioteca que seus antepassados tinham reunido com o curso dos séculos. Estava impaciente por lhe mostrar o que tinha achado. Seu descobrimento era tão emocionante que talvez lhe fizesse esquecer por completo sua estúpida gafe da noite passada. Um esplêndido modo de deixar atrás o tema.

Levou seus achados até a grande mesa de biblioteca com ar impaciente e reverencial.

Tomou outro rápido gole de chá, logo deixou a taça com cuidado bem afastada dos preciosos volumes. Pondo extremo cuidado em manipular os antiquíssimos livros, tirou-se o branco xale que lhe cobria o decote; esse dia levava um precioso vestido de passeio, que tampouco era de sua talha, confeccionado em seda francesa procedente do baú de viagem da elegante dama. Utilizou o delicado pano a modo de lenço para proteger as quebradiças páginas e abriu o primeiro livro que tinha tirado: Dragões.

—OH, é maravilhoso! —murmurou para si contemplando as coloridas ilustrações de répteis alados gigantes que expulsavam fogo.

ia requerer certo esforço decifrar o inglês da época do Chaucer em que estava escrito. Teria que ver que textos de referência podia encontrar na coleção que lhe ajudassem a entender as lendas ao pé, mas nesses instantes lhe fascinavam as imagens.

A seguinte página mostrava um cavalheiro de brilhante armadura galopando a lombos de um cavalo de guerra branco. Armado com lança, estava retratado carregando contra um horrível dragão com chifres que se abatia sobre ele com as negras asas desdobradas, semelhantes às de um morcego.

No entanto, o cavalheiro da imagem contava com um camarada alado. No céu, por cima dele, sobrevoava nada menos que o arcanjo San Miguel, seu velho amigo da capela familiar do duque.

Agora que pensava nisso, refletiu, não era aquela cruz de Malta branca que luzia o pendão do cavalheiro, outro detalhe que tinha reparado na capela?

Passou a página e deteve-se ao ver a seguinte imagem em cores vivas: Um dragão sustentando um ovo nas garras. Dentro do ovalado contorno estava pintado um curioso símbolo. Kate franziu o cenho e chegou mais perto para estudá-lo. Um ligeiro comichão de reconhecimento desceu por suas costas.

“Eu vi isto antes”.

O símbolo mostrava a roda de uma carreta de oito rádios com uma tocha acesa no centro.

Sob a roda rezava um lema em latim: Non serviam.

Fácil de traduzir: “Não o servirei”.

Mas o desenho daquele misterioso símbolo provocou nela uma inexplicável sensação de pavor. Kate ergueu-se, sem saber a princípio por que a inquietava tanto ver aquilo. Logo apoiou os cotovelos sobre a mesa e olhou pela janela ao outro lado da sala, mas seus pensamentos vagaram a um milhão de quilômetros de distância, ao outro lado do mar...

Com os olhos irritados por culpa do pó, apoiou a cabeça sobre as mãos enquanto esfregava distraidamente a testa e torturava os miolos pensando onde tinha visto aquele funesto símbolo. Dolorosas reminiscências de sua mãe, vagos e tênues vestígios de lembranças, flutuavam em sua mente. Kate permaneceu sentada em silencio durante comprido momento escutando somente o tic tac do relógio. Sua mente voltou aos dias de sua infância a bordo do navio de seu pai...

Conteve o fôlego e levantou a cabeça olhando à frente com a vista perdida, aturdida enquanto tudo acudia de repente à sua mente.

“Recordo-me”.

Durante um momento, embargada pela mais absoluta e pasma incredulidade, quase deixou de respirar. “Ai, Meu deus. Tenho que contar a Rohan”.

A vergonha ficou subitamente relegada ao esquecimento, irrelevante diante a magnitude do que tinha recordado. Fechou com brutalidade o livro sobre dragões resistindo de repente a tocá-lo. Seu coração empreendeu um detestável ritmo desbocado, mas levantou-se da cadeira com um salto.

Kate começou a caminhar. Agarrou o livro da mesa, o pôs sob o braço e saiu com celeridade para o corredor, onde encontrou Parker e Wilkins jogando cartas para matar o tempo.

Os dois seguiam atuando em qualidade de guardas pessoais, mas ultimamente a seguiam a uma distância mais permissiva.

—Onde está sua excelência? —perguntou sem demora enquanto chegava perto deles.

—Praticando, senhorita. Na sala de armas. Mas não pode entrar aí...

—Devo vê-lo.

—Não pode incomodá-lo.

—É muito importante!

—O que acontece? —perguntou Parker.

—Parece que viu o fantasma —aduziu Wilkins com um amplo sorriso.

Kate olhou sombria para ele.

—Um pouco parecido.

O fantasma... outra recordação de sua infância. Por fim começava a recordar quem era na realidade.

O sorriso calmo de Wilkins desvaneceu ao ver a expressão lúgubre de Kate. Os dois homens trocaram um olhar cauteloso.

—Por favor. Tenho que vê-lo. —Notou um nó em sua garganta—. Ele entenderá. E se não entender, eu ficarei com a culpa.

—Muito bem; por aqui. —Parker fez um gesto com ar sério e principiou a andar pelo corredor.

Kate o seguiu apertando o livro de dragões contra seu peito, completamente emocionada.

CAPÍTULO 11

Os guardas conduziram Kate até uma ala do castelo que não tinha visto antes. depois de caminhar um breve lance pelo corredor, fizeram-na passar à sala de armas, uma vasta câmara de pedra, semelhante a uma catedral, com um alto teto abobadado e uma fileira de altas e estreitas janelas ogivais em uma parede.

—Está aí, no outro lado da passagem —apontou Parker.

Kate agradeceu com um gesto.

Segurando ainda o livro sobre dragões, Kate atravessou com passo hesitante o deserto salão de armas percorrendo com a vista os estranhos aparelhos para exercício físico repartidos por toda a câmara. Havia uma espécie de intrincado circuito de obstáculos que parecia repleto de perigos e um andaime com várias plataformas para subir ocupava uma das paredes. A contrária, carente de janelas, estava coberta por alvos cheios de palha de todas as formas e tamanhos, algumas penduradas em arames e outros dispositivos mecânicos para proporcionar brancos móveis para praticar.

Ata de ferro, sacos de boxe de couro. Cordas atadas aqui e lá suspensas a grande altura sobre o chão de pedra. No meio da sala elevava-se uma parede de mais de três metros para escalar. No canto do fundo havia um suporte repleto de utensílios clássicos de esporte: dardos e discos. Ao passar viu um fosso de briga cheio de areia para o equilíbrio ficar mais difícil, supôs Kate.

À medida que aproximava-se da passagem abobadada que Parker indicou, Kate ficou preparada para o que ia encontrar no escuro espaço que tinha frente a ela, fosse o que fosse. Ao transpor a soleira encontrou-se em uma estreita passagem, semelhante a um claustro, que dava a uma câmara quadrada de pedra pouco iluminada por um par de tochas.

Depois de aproximar-se pausadamente à parede da arcada que chegava à cintura dela, abaixou a vista para a estadia e conteve a respiração cravando o olhar nele com uma mescla de temor e desejo.

Rohan estava lutando contra inimigos invisíveis, brandindo aquela arma larga, similar a uma lança, que tinha visto em sua mão, na primeira noite no salão. Seu longo cabelo estava solto ao redor dos ombros, empapado de suor que envolvia seu corpo e ressaltava seu vibrante e intenso poder. Tinha o peito descoberto, e usava umas folgados calças negras que cobriam elegantemente as turgentes nádegas e as musculosas coxas.

Seus pés descalços moviam silenciosamente sobre os ladrilhos de pedra enquanto investia, saltava e girava; a luz da tocha refletia na larga e letal arma arrancando brilhos carmesins dela.

Kate observou fascinada, o jogo de sombras e o dourado resplendor das chamas que lambiam seu corpo escorregadio e suarento acentuando os tensos e musculosos contornos das costas e os largos ombros, o sólido torso e um abdômen esculpido, enquanto arremetia, retrocedia e atacava, depois girava em espiral para esquivar um golpe imaginário e agachar-se em seguida com um perfeito equilíbrio entre precisão e força letal.

A arma cortava o ar com pouco mais que um mortífero sussurro, exercendo um escrupuloso controle sobre os golpes que descrevia, igualmente seu corpo treinado.

Sem deter um só instante, executou os variados movimentos concatenados de sua rotina com formosa destreza, quase sobrenatural, como uma criatura selvagem transbordante de elegância.

Rohan atacou de novo proferindo um grito de guerra, mas repentinamente ficou imóvel com os dois pés cravados firmemente no chão e resfolegando.

Elevou a vista lentamente como sentisse sua presença. Foi difícil Kate olhar aos olhos daquele depredador, e ficou completamente paralisada.

—O que faz aqui? —exigiu saber Rohan com tom grave e entrecortado. Em seguida depôs a arma.

—Eu. ..eu... não pretendia incomodar...

O olhar pensativo e cético com que Rohan olhou para ela, fez que de novo o acanhamento pelo que havia acontecido na noite anterior se apoderasse de Kate.

—Não... não teria incomodado se não fosse importante.

"Mais vale que seja", respondeu o olhar receoso de Rohan. Levantou de novo a espada e a apoiou sobre o ombro.

—Muito bem. O que é?

Deu meia volta e caminhou para a mesinha situada no canto da câmara, estirando o pescoço de um lado para outro e encolhendo os ombros para distendê-los.

O pouco entusiasta recebimento preocupou bastante Kate, mas percorreu com celeridade a arcada em direção à pequena escada que descia até a câmara de pedra embutida no chão.

Rohan estava intimidante naquele momento, depois dessa exibição de devastadora destreza. Kate se perguntou se sua rigorosa prática era o modo que tinha de desafogar a frustração produzida pelo desejo mútuo.

Não ajudava nada que a gloriosa exibição de sua destreza como guerreiro tivesse nublado sua mente de ardente desejo. O coração pulsava com força, mas recordou a si mesmo que tinha ido ali com um fim. Afastou a vista do provocador físico de Rohan, pois nesse instante teve a sensação de que ele não apreciaria que olhasse para ele embevecida.

"Recupere a compostura".

Fazendo um enorme esforço, centrou-se de novo na tarefa que a tinha levado até ali. Por sorte conseguiu temperar a luxúria que empanava seu cérebro antes de chegar ao pé da baixa escada e cruzou a câmara levando o livro sobre dragões.

Rohan estava de pé junto à mesinha do canto e fechou a tampa do estojo de mogno que

havia sobre a mesma quando ela chegou mais perto... embora não antes que ela pudesse ver o sortido de engenhosas e afiadas ferramentas que descansavam no interior forrado de veludo da caixa.

Ficou pálida e levantou rapidamente a vista para ele; a expressão fechada de Rohan não convidava às perguntas. Kate se conteve enquanto ele jogou a chave e deixava o estojo no chão.

—Do que quer me falar?

Rohan apanhou uma pequena toalha em cima da mesa e secou o suor do rosto e do pescoço, seguindo depois para o peito, que ainda estava agitado por causa do esforço. Continuando, voltou-se para Kate com renovada desconfiança detendo-se quase no momento.

—Tenho algo para contar.

Ele assentiu de forma inquisitiva.

—O que é? —A escuridão desapareceu de seus olhos, embora não totalmente.

Fazendo um alarde de valentia, aproximou-se mais e chegou bem perto dele junto à mesa.

—Olhe.

Colocou o livro sobre a superfície de madeira enquanto Rohan passava os dedos pelo cabelo retirando as largas mechas negras da cara. Algumas gotas ainda estavam em sua pele úmida e quente.

O calor que irradiava seu corpo, grande e duro, e seu masculino aroma almiscarado exerciam um exasperante efeito sobre seus sentidos, e Kate fez um esforçou para ignorar.

—Acredito saber por que alguém está atrás de meu pai, no caso de que esteja vivo.

—Seriamente? —Rohan a olhou com severidade.

—E —adicionou— por fim recordo onde escutei falar pela primeira vez sobre Valerio o alquimista.

Os olhos ferozes de Rohan cravaram-se nela.

—Este símbolo. —Passou as páginas até que encontrou a ilustração onde aparecia o ovo do dragão e deu um toque com o nó dos dedos—.Eu vi isto antes. Sabe o que significa?

Rohan decidiu dar uma surra em Parker por ter permitido a vinda da jovem antes de abaixar a vista para a imagem que ela assinalava. Não queria que nenhuma mulher visse aquela faceta dele, embora Kate parecia destemida depois da olhada em suas... habilidades ocultas. Logo seus olhos pousaram no odiado símbolo que aparecia dentro do ovo do dragão que ela assinalava e sentiu que tudo ficou gelado em seu interior, enquanto a olhava com expressão penetrante.

—Sabe o que significa? —repetiu com pressa.

—Não —respondeu Rohan, sem deixar transparecer inflexão alguma em sua voz.

Entretanto, conhecia muito bem, é obvio. chamava-se a Marca do iniciado. O símbolo principal do Conselho ”Prometeo”. Representava tudo que ele odiava, todo aquilo que desejava destruir e pelo que se uniu à Ordem.

Representava à família de Kate.

E isso despertou parte da desconfiança que tinha conseguido superar quando convenceu a si

mesmo de que ela era inocente.

Olhou para ela de esguelha com perspicácia.

—De onde tirou isto? —inquiriu.

—Hum... bom... estava na biblioteca e... né... encontrei um pequeno compartimento.

—Encontrou? —voltou-se lentamente o olhar para ela enquanto cruzava os braços à altura do peito. Negava-se a pensar no que aconteceu na noite anterior, na dolorosa doçura de seu beijo—. Que compartimento?

Com os olhos muito abertos, Kate encolheu levemente os ombros sob seu sinistro olhar.

—Estava ordenando os livros da biblioteca —explicou— quando tropecei com Dante... as três partes da Divina Comédia. Estavam espalhadas em vários lugares e isso não tinha sentido, de modo que me dispus a colocar em ordem e quando fui pegar... mas eram alavancas, Rohan! Livros falsos!

—Não me diga.

Ela assentiu de maneira enérgica.

—Tirei os três livros de uma vez e a prateleira superior abriu!

—Entendo. Assim olhou dentro.

—Como poderia não olhar? —replicou com um sorriso nervoso, encolhendo os ombros na defensiva—. Não pensei que fosse incomodá-lo! La dentro havia um tesouro oculto! Manuscritos ilustrados assombrosos! Sabia que sua biblioteca possuía um compartimento secreto?

Rohan a olhou com desconfiança.

—Não.

—Pensei nisso! Parece que não foi aberto em anos! Quer que ensine para você? Bom, lamento seriamente... sei que foi uma grosseria de minha parte bisbilhotar, mas só tratava de ajudar. —Franziu o cenho de forma muito atraente—. Por favor, não fique zangado comigo. Não pretendia fazer nada ruim.

Rohan abaixou o olhar e proferiu um grunhido incoerente que não era nem um sim nem um não. Maldição, por que não tinha escrito a Virgil falando sobre Kate quando devia?

Ali estava ela, com o sangue dos “prometeos" correndo por suas veias, informando alegremente que descobriu a coleção de obras secretas de sua família, codificadas e relacionadas com a história da Ordem. Sabia perfeitamente o que ia dizer o escocês: “Essa mulher o agarrou pelo pênis e você permitiu”. Expulsou de sua cabeça o pronunciado acento escocês de seu supervisor.

—E bem? Qual é sua opinião com respeito a este símbolo, Kate? —perguntou com suavidade.

—Bom, verá, o desenho disparou minha memória. Na realidade não posso acreditar que tivesse esquecido... mas claro, era muito pequena então.

—Que esquecesse o que? —perguntou impaciente.

—O livro de minha mãe!

Rohan a olhou com receio recordando em seguida o livro que tinha visto mademoiselle

Gabrielle, a filha do conde DuMarin, apertar contra seu peito na noite em que a entregaram ao ciumento cuidado do capitão Fox.

Rohan supôs que fosse uma Bíblia.

—Minha mãe trouxe com ela um livro da França que continha este mesmo símbolo! —revelou Kate—. Era um livro grande e grosso, com toda classe de símbolos, diagramas e escritos estranhos. Continha também pequenos mapas e distintos quebra-cabeças para resolver. Quando era pequena, meus pais passavam o tempo estudando minuciosamente este livro.

Ele franziu o cenho.

—Rohan, estava relacionado com Valerio o alquimista! —exclamou—. Desconheço se ele escreveu o livro ou se simplesmente versava sobre ele, mas contem pistas sobre o lugar secreto de sua tumba. Estavam procurando um tesouro!

O duque entrecerrou os olhos. "A tumba do alquimista?" Mas fazia muito tempo que isso passou a ser uma lenda.

—Alquimia... já sabe! —dizia-lhe Kate presa da emoção—. Transmutar os metais comuns em ouro? Imaginaram que havia um grande tesouro enterrado com ele. —Sua expressão ficou séria—. Isso era o que meus pais procuravam quando minha mãe morreu.

Rohan abaixou o olhar esforçando-se para dissimular a surpresa. A tumba do alquimista era um dos maiores enigmas perdidos do inimigo. Esconderam-na tão bem que, com o passar dos séculos, principalmente durante a guerra civil inglesa, sua localização foi esquecida; Valerio levou seus segredos de ocultismo para a tumba.

Sem dúvida os "prometeos" fariam qualquer coisa para pôr as mãos em cima, não pelo ouro, mas sim pelos pergaminhos que encerravam seus feitiços de magia negra.

Se Gerald Fox tinha achado a tumba e sabia onde estava, isso explicava por que James Falkirk queria atrair o pirata de novo para a terra.

Então um pensamento veio de repente à sua cabeça.

"Se de verdade existir, a tumba também deve guardar o segredo de como romper a maldição dos Kilburn".

Rohan olhou para Kate com expressão dúbia.

—E acaba de recordar tudo isto agora?

—Sim, quando vi este símbolo no livro sobre dragões. Só que agora começo a me perguntar se de verdade trata-se sobre dragões —murmurou maravilhada—. E se tudo for simbólico?

De fato, era.

Os "dragões" pintados no livro representavam às diversas famílias dos "prometeus" contra as que a Ordem levava séculos lutando.

Como a de Kate.

—Não seria assombroso? —repôs com suavidade ao tempo que a escrutinava.

—Caso este símbolo tenha algo a ver com o alquimista —particularizou, assinalando a Marca do iniciado—. Tendo-se em conta de que ele amaldiçoou sua família, deve ser essa a razão de que seus antepassados tenham este livro. Com certeza essa é a conexão.

Sua teoria aproximava-se muito, embora não totalmente certa, mas nada mais longe de sua intenção que revelar os segredos da Ordem.

Kate meneou a cabeça enquanto olhava assombrada para Rohan.

—É extraordinário, não é? Que probabilidades tinha que nos conhecêssemos e tivéssemos vínculos com um ridículo feiticeiro medieval?

A coincidência não era tão grande como ela acreditava.

—Hum, sim, é surpreendente —conveio fingindo ignorância—.Diga, ainda o tem? Refiro-me ao livro de sua mãe.

—Devo tê-lo —disse com impaciência—. Tenho todas suas coisas armazenadas em minha casa.

O coração do Rohan pulsava com força diante a perspectiva de possuir um prêmio semelhante para a Ordem. Mademoiselle Gabrielle devia ter herdado o livro, já que Valerio era seu antepassado. O mais seguro era que este tivesse passado de pai para filho na família DuMarin... até ser legado a Kate.

—Podemos apanhá-lo? —insistiu em tom de urgência—. Acredito seriamente que deveríamos ir —adicionou antes dele responder—. Se o livro de minha mãe assinala o caminho para um tesouro em ouro, poderia ser essa a razão de que alguém esteja atrás de meu pai! Possivelmente me sequestrassem por isso! Para obrigar meu pai a dizer onde está a tumba e assim pudessem conseguir o tesouro! Mas não devem saber nada sobre o livro porque, do contrário, não necessitariam de meu pai. Nem de mim.

Rohan refletiu sobre aquilo durante um momento.

—Disse que a noite em que a sequestraram O'Banyon e Denny Doyle entraram uma segunda vez em sua casa em busca de objetos de valor. Algum deles retornou para a carruagem levando o livro?

—Não! De todos os modos não estava na casa. O livro está oculto no mezanino que Charley construiu em cima do abrigo onde trabalhava, em uma das edificações anexas. Deve estar ainda ali junto com o resto das posses de minha mãe, tudo o que ela trouxe da França. Bom... menos as coisas de maior valor. Meus pais empenharam grande parte de suas joias quando tiveram apuros econômicos.

Rohan franziu o cenho.

—Seriamente? Possivelmente seja esse o motivo de que fossem à tumba do alquimista. Se pensaram que havia ouro dentro...

Kate encolheu os ombros, logo cruzou os braços.

—Charley me contou uma vez que meu pai achava difícil em muitos aspectos estar casado com uma aristocrata. Ele era um simples capitão de navio e minha mãe provinha de uma família muito rica, acostumada só ao melhor.

—As mulheres francesas são de fogosas segundo minha experiência... —Fechou a boca de repente quando Kate olhou para ele arqueando uma sobrancelha.

Ela abaixou a vista para o livro sobre Minha mãe não importava-se com coisas caras. Amava

meu pai e isso era a única coisa que importava. Mas meu pai, bom... o típico orgulho masculino. —Olhou de esguelha—. A coisa é que temos que ir lá pelo livro de minha mãe, antes que alguém venha atrás de mim para verificar. A fim de contas, se se fizerem com o livro poderão encontrar o caminho até a tumba sem ajuda, e não necessitarão a meu pai. O que significa que O'Banyon pode matá-lo por vingança por tê-lo colocado em Newgate. Não vou deixar que assassine meu pai... se é que está vivo.

Rohan a estudou impressionado por suas deduções e bastante divertido pela feroz promessa de proteger ao antigo e curtido marinheiro, Gerald Fox. Logo assentiu.

—Tem razão —murmurou—. Não podemos deixar que o livro de sua mãe caia em mãos erradas.

Não lhe custava grande coisa imaginar por que os "prometeos" quereriam agora mais que nunca descobrir os segredos ocultos na tumba do alquimista.

A Ordem tinha dizimado suas filas ao mesmo tempo em que Wellington derrotava Napoleão. Os "prometeos" infiltraram-se no império de Bonaparte para obter o comando de forma sutil e paulatina e convertê-lo em seu veículo para obter enfim, o controle de todo o continente.

Esses planos foram todos desbaratados.

No verão anterior, enquanto o exército de Wellington combatia no campo de batalha na Bélgica contra o pequeno imperador, os cavalheiros da Ordem apanharam os agentes "prometeos" infiltrados em todas as cortes europeias.

Depois daquilo, Rohan foi bastante estúpido para abrigar a esperança durante mais de uma hora de que tudo tivesse acabado de uma vez. Mas não. Aqueles vis bastardos não desapareciam. Simplesmente retiravam-se, como gordas e sanguinárias aranhas ocultando-se em suas teias.

Ao longo dos séculos jamais retrocederam em seu empenho de fazer sua realidade retorcida, o sonho de um mundo unido sob sua cruel tirania. Dispostos a interessar-se nos enigmas ocultos para alcançar seus objetivos, os "prometeos" podiam utilizar o descobrimento da tumba de seu reverenciado alquimista como vínculo para congregar de novo todos seus crentes dispersados, os poucos que sobreviveram ao último e devastador ataque da Ordem.

Sem dúvida o Conselho Supremo estava ansioso para conseguir algo que pudesse aproveitar para reagrupar e arranjar sua próxima estratégia.

—E bem? O que opina? —apressou-lhe Kate.

—Estou de acordo —repôs—. Deveríamos ir apanhar o livro de sua mãe antes que descubram sua existência.

—Oh, seriamente podemos ir? Vai me levar finalmente para minha casa? —Kate bateu palmas com entusiasmo infantil, e a radiante dita que resplandecia em seu rosto quase privou o fôlego dele—. Oh, Rohan, significaria muito para mim estar de novo em minha própria casa, embora seja só de visita! Posso ir com você? Devo... Sei onde encontrá-lo! Além disso, assim terei oportunidade de recolher algumas de minhas coisas... —continuou tagarelando, mas Rohan começou a divagar.

Assentiu distraidamente, escutando-a só pela metade, pois agora via que se de fato havia

sido enganado por seu doce rosto, se de algum modo seus piores temores com respeito a Kate estavam certos, então ela estaria tramando alguma coisa para ele.

Por isso sabia, poderia armar uma embocada em sua casa. “Maldição!”

Bom, se esse fosse o caso, não estava disposto a esconder-se. levaria consigo um contingente de homens competentes e terminaria com aquilo para bem ou para mau.

Com certo sarcasmo, deixou a surra ao Parker para o momento certo, já que precisava dos serviços do sargento. Enquanto isso, dissimulou suas molestas suspeitas sobre Kate e sua aparente inocência, sem saber com certeza se era o instinto de sobrevivência que o advertia ou tratava-se da paranoia típica dos varões Warrington.

—Ponha roupa de lã —aconselhou ele mascarando sua desconfiança—. vamos ficar fora o dia todo, e com certeza não vamos retornar até a noite. Sabe montar a cavalo?

Ela assentiu.

—Sempre e quando não for muito arisco.

—Bem. Não tenho dúvida de que poderemos encontrar uma bem adequada.

—Rohan... —Escrutinou seu rosto com o que parecia ser uma franca preocupação, ao menos na aparência—. Sinto... sinto se extrapolei lá na biblioteca, e também... né... o de ontem à noite. Quero me desculpar por mi... inapropriado... —Suas palavras ficaram fracas quando ele a olhou arqueando uma sobrancelha—. Se ofendi você... —começou de novo.

—Não. Certamente que não —disse sucinto—. Não seja ridícula.

—Então, por que me afastou? —perguntou com voz fraca.

Rohan abaixou o olhar enquanto lutava uma vez mais contra o desejo que o invadia. Ameaçou a combatê-lo... agora mais que nunca.

—É por seu próprio bem, Kate.

—Não tenho medo.

—Não me conhece na realidade.

—Mas desejo conhecer—sussurrou.

—Não, não deseja. Confie em mim. —Deu meia volta e desmontou friamente as peças de sua arma com um giro de punho—. vá se vestir para a viagem, por favor. Devemos aproveitar as horas claras. Anoitece logo nesta época do ano, e é melhor para os cavalos que tenhamos retornado quando cair a noite.

Kate continuou estudando o rosto dele, abatida confusa, sem mostrar a menor intenção de partir. Rohan a ignorou até que ela rendeu-se depois de um momento. A jovem meneou a cabeça fazendo caso omisso da reservada postura do duque e partiu deixando o livro sobre dragões para que ele o examinasse.

Rohan fechou os olhos enquanto escutava o som dos suaves passos de Kate reverberar na câmara de pedra. “Por favor, Senhor, não permita que ela me traia”. Estremeceu só de pensar no que poderia ter que fazer a Kate se ela estivesse planejando enganá-lo.

CAPÍTULO 12

A neve rangia sob os cascos dos cavalos enquanto os seis cavaleiros do castelo Kilburn atravessavam a campina.

Faziam duas das três horas que aquele trajeto deveria levar, mas Kate seguia sem ter vontade de conversar, nem sequer para matar o tempo. Não podia acreditar que, uma vez mais, Rohan a tivesse deixado de um lado. Era um homem insuportável.

Com suas tentativas de desculpar-se conseguiu apenas sentir-se ainda mais estúpida enquanto que sem dúvida ele estava desejando poder deixá-la em sua casa quando chegassem. Assim não poderia continuar sendo incomodado.

Pouco imaginava Rohan que enquanto prosseguiam viagem rumo ao norte, Kate estava mantendo uma silenciosa discussão com ele em sua cabeça.

Afinal alguém não podia discutir com outro em voz alta quando sua vida dependia dessa pessoa. Para falar a verdade depender dele começava a irritá-la. Mas guardou seus comentários para si, bulindo com aturdido ressentimento.

“Não me conhece realmente, nem desejas fazê-lo”, disse Rohan.

“Ah, seriamente? por que não? Como sabe o que quero ou não quero? Não é que tenha me perguntado isso, verdade?”, replicou mentalmente.

Mas uma parte dela pensava que talvez deveria dar atenção a isso. Possivelmente tinha um bom motivo para espantá-la.

Estava claro que não tratava-se do comprador de virgens sequestradas que no princípio tinha temido, mas talvez houvesse ainda algo sinistro que ela ignorava.

“Bom, nunca pensei que fosse um santo”, pensou mal-humorada. Mas, por outro lado, não precisava ter uma imaginação transbordante para conjeturar que ele tinha segredos que, se chegasse a conhecê-los, bem poderiam fazer que se afastasse dele por decisão própria. Exalou um suspiro que formou uma nuvem de bafo no gélido frio da tarde de inverno.

Sabia apenas que ele chamou de ridícula sua desculpa, e isso foi uma autêntica grosseria... e talvez absurda, mas ao menos ela tentava ser honesta sobre a atração que sabia que ambos sentiam. Sua excelência, por outro lado, parecia decidido a ignorá-la, a fingir que aquilo não era mais que trabalho e a excluir de tudo.

Kate estava perdendo a paciência. por que suas respostas eram sempre tão críticas? Supôs, sentindo-se ofendida, que Rohan não confiava nela, mas por que? Por bisbilhotar em sua biblioteca? Ou tratava-se de um algo um pouco mais grave? Acreditava acaso que queria seu dinheiro, que planejava conquistá-lo por seu título? Era um disparate. Não lhe importava o mínimo nenhuma dessas duas coisas.

Somente queria... ficar perto dele. Desejava que admitisse que o que sentia por ele não era totalmente unilateral.

Ao menos, certamente, que assim fosse. Em todo caso Rohan estava fazendo o correto, reconheceu tratando de pôr freio ao apego cada vez maior que sentia por ele. Possivelmente

Rohan não a considerasse mais que uma carga.

Seus pensamentos não deixavam de dar voltas enquanto atravessavam o nevado campo e Kate ficou surpreendida ao desejar a liberdade que gozava em sua antiga vida, antes que tivesse ouvido falar sequer de Rohan Kilburn ou de sua estúpida maldição. Sentiu saudades da independência de não ter que responder diante de ninguém, principalmente diante de um importante aristocrata taciturno e superprotetor, em cujas palavras encontrava-se um exasperante o profundo despotismo.

Esse homem não era bom para sua paz mental.

Deixando a um lado a frustração que a embargava, fez de tudo para ignorá-lo, embora ele cavalgasse a seu lado montado em seu cavalo negro, com todo o aspecto de um guerreiro.

Na verdade era muito consciente dele, mas não queria deleitar-se saboreando a lembrança de seu magnífico corpo cheio de suor, a forma em que o encontrou nesse mesmo dia na sala de armas do castelo.

Era agradável saber que, ao menos, esforçava-se para ter todos esses músculos. Já nasceu com uma altura imponente, mas aperfeiçoar esse físico de semideus sem dúvida requeria certa fadiga...

Maldição, por que estava pensando outra vez em seu corpo? Não era tão perfeito. Ou sim? Olhou-o fugazmente, e teve que reprimir um suspiro melancólico. “Temo que sim, é perfeito”.

O negro cabelo de Rohan, solto sobre os ombros, agitava-se levemente com o movimento do cavalo. Levava o colete desabotoado, e embaixo do colete podia ver a coleção de armas que selecionou para a viagem. Depois de presenciar seus exercícios dessa manhã não ficava a menor duvida de que era um mestre com cada uma delas.

Sua pele estava avermelhada por causa do frio, mas sua expressão era severa e hermética, seu olhar penetrante percorria incansavelmente a desolada paisagem nevada com sombrio zelo, atento ao mínimo sinal de problemas.

Antes de abandonar o castelo advertiu Kate de que O’Banyon, e possivelmente alguns de seus capangas, poderiam estar espreitando a casa, razão pela que foram acompanhados por uma escolta formada por quatro guardas. Nesse momento, dois deles cavalgavam diante e dois atrás.

Parker e Wilkins, seus guardas habituais, deviam tirar Kate dali e a salvar sem demora caso encontrassem com seus sequestradores; enquanto isso Rohan planejava ficar e lutar se fosse preciso.

Em todo caso, esse era o plano. Kate não acreditava provável, mas há muito tempo percebeu que seu amigo o duque era um homem que gostava de planejar com precisão como responder diante qualquer situação determinada caso o desenlace fosse o pior possível.

Unicamente se por acaso ele estivesse com a razão, vestiu-se com a libré de criado que emprestaram para ela. Não só era quente e mais adequada, pois lhe permitia cavalgar escarranchada durante as três horas de viagem, mas além disso ajudava a ocultar sua identidade em caso de que o folgazão do O’Banyon estivesse acomodado em sua casa.

Uma ideia deplorável. Enfurecia-se por isso. Tinha que acreditar na situação mais provável:

que encontraria seu lar tal e como havia deixado. Estava impaciente para chegar. Nem sequer a atitude sombria e distante de Rohan podia esmagar a ilusão que borbulhava em seu interior com cada metro de terra que cobriam os cavalos.

Depois de tudo pelo que passou, estava desesperada para ver-se rodeada uma vez mais da familiar vista, sons e aromas de seu lar. Além disso, pensando de um modo prático, sua breve visita a casa lhe proporcionaria a possibilidade de recolher sua roupa e assim poder deixar de usar enfim aqueles vestidos roubados do baú de viagem.

Perguntou-se o que pensaria Rohan de sua humilde morada quando chegassem. Nunca amais pensou que receberia nela um duque. Mas embora sua excelência estivesse acostumado ao esplendor, não era absolutamente pretensioso, refletiu enquanto olhava novamente para ele com o canto dos olhos.

Ele a pilhou.

—Está tudo bem? —perguntou distraidamente.

Por nada do mundo pensava queixar-se.

—É obvio.

—Já reconhece o terreno?

—Na realidade não.

Ele assentiu com cautela.

—Darei uma olhada daquela colina. —Estalou a língua ao cavalo e se adiantou para explorar o território que estendia-se até o outro lado da suave colina.

Kate observou um tanto contrariada Rohan afastar-se a grande velocidade. Na verdade seria muito mais fácil quando acreditava ser uma degenerada prostituta ébria do povoado. Meneou a cabeça. Bom, logo acabaria tudo e, então, desfar-se-ia dela.

“Quase cheguei a meu lar”, assegurou-se enquanto continuavam caminhando para Dartmoor. Mas, muito a seu pesar, não pôde evitar perguntar para si mesma se sua casa continuaria parecendo um lar depois que a Besta já não formasse parte de sua vida.

Passou outra hora.

Quando por fim chegaram ao pé dos páramos e divisaram sua casa a umas centenas de metros de distância, Rohan ficou atônito pelo inóspito lugar. Talvez Gerald Fox soubesse o que fazia, pensou, pois aquele remoto ponto parecia justamente o lugar que ele mesmo teria elegido como casa segura, se tivesse tido o dever de ocultar alguma coisa valiosa.

A casa estava situada sobre uma leve colina, em uma clareira rodeada de altos pinheiros. Não viu rastros de pegadas na capa de neve que cobria tudo, mas sentiu um comichão estranho e familiar na nuca, um sexto sentido que geralmente sempre o alertava de que algo não ia bem.

Muito em breve saberia, assim que entrasse na casa e tivesse revistado a fundo. Primeiro certificar-se-ia de que não havia ninguém mais ali.

Indicou a seus homens que parassem lhes fazendo um sinal com o punho no alto. Então foram para perto das árvores, onde lhes deu ordens em voz baixa.

—Findlay, Mercer, vocês vão comigo. Parker, Wilkins, fiquem com Kate. Fiscalizaremos o perímetro e avisaremos uma vez esteja tudo bem. Se houver problemas, empreendam a retirada enquanto nós lutamos. Tirem-na daqui e a levem de volta ao castelo e ali nos reuniremos. Do contrário, caso tudo esteja tranquilo, voltaremos logo.

—Sim, senhor.

—Parece-me bem —murmurou Kate esquadrinhando com ansiedade sua propriedade.

Rohan deteve-se para observá-la. Aproximava-se o momento da verdade. Estavam a ponto de verificar se tudo seria uma emboscada ou não.

—Há algo que queira me dizer antes de irmos?

Ela franziu o cenho.

—Como o que?

—Não importa. Não faça ruído —advertiu—. E não se preocupe —acrescentou concedendo a contra gosto o benefício da dúvida—. Estará a salvo com meus dois guardas. Siga as instruções deles e tudo irá bem.

Kate assentiu.

—Farei isso.

—Bem. —Rohan fez um sinal com a cabeça a Findlay e a Mercer enquanto desencapava a pistola, depois sua faca—. Vamos.

Podia sentir Kate l observando-o enquanto afastava-se.

Algumas estrelas madrugadoras piscavam no prematuro crepúsculo invernal enquanto ele e seus homens aproximaram-se da casa. Via a simples silhueta através das árvores, uma sombra negra contra a nacarada neve e o resplendor cinzento do meio da tarde.

Avançaram como espectros silenciosos em coluna da três seguindo com o reconhecimento das edificações. Explorando a área, examinando cada sombra entre as árvores, Rohan não demorou para concluir que estavam sozinhos.

Não havia inimigos, não havia emboscada.

Kate havia dito a verdade. Aquele lugar estava tranquilo, sua pequena casa tão silenciosa como uma tumba. Não escutaram vozes nem viam luz alguma através dos ramos. E quando cruzaram o claro com passo tranquilo, fez-se evidente o porquê.

Os três homens estacaram. Findlay e Mercer olharam para Rohan com inquietação. Mas ele olhava para frente com uma sensação de angústia no peito. Não havia nada que os ameaçasse ali. O dano já estava feito. Agora voltaria para dizer a Kate que...

Sua casa foi incendiada.

Restou apenas uma armação calcinada e vazia, como o casco de um navio naufragado destroçado contra as rochas. Assoladas ruínas dormitavam sob uma densa capa branca de neve de Devon. Rohan amaldiçoou num sussurro e guardou a faca na capa que levava presa à cintura.

Naquele momento odiou a si mesmo por duvidar dela. Agora só poderia acreditar que ela era inocente. De repente compreendeu que ela esteve dizendo a verdade desde o começo. Era completamente inocente.

E agora não tinha onde viver.

Rohan sentia-se furioso consigo mesmo ao pensar na pequena e doce Kate naquela primeira noite no grande salão. Narcotizada, aterrada, arrancada de seu lar.

Entregue a ele como presente.

E o que ele fez? Ele, a viva estampa da galanteria, colocou à moça sob vigilância.

"Besta".

—Sabe o que aconteceu, senhor? —perguntou Mercer com a vista fixa nas ruínas, os restos que ficavam da vida de uma jovem mulher.

—É difícil saber. Viu-se obrigado a responder.

Aquilo podia ser obra dos "prometeos", ou poderia simplesmente ser que o fogo da lareira tenha ficado aceso depois de que a arrastaram de sua casa. A questão era que o único lugar do mundo que realmente pertencia a ela ficou reduzido a cinzas. Kate ficaria desolada. "Quanto mais teria que suportar?"

Inspirou fundo e elevou a vista às estrelas em busca de conselho. Logo exalou de forma pausada a fim de serenar-se para comunicar a notícia à jovem.

—Dêem uma olhada —disse a seus homens—. Verifiquem se podem encontrar algo útil. Mas tomem cuidado ao entrar. Essas vigas calcinadas parecem bastante instáveis.

—Sim, senhor. —Os homens embainharam as armas e foram fazer o que Rohan havia dito.

Rohan afastou-se das ruínas carbonizadas da casa e voltou para onde os dois guardas o aguardavam. Preparou-se para a dolorosa tarefa que tinha adiante e atravessou a neve com passo decidido e ânimo sombrio. "Deus, permite que faça algo com delicadeza por uma vez em minha vida".

—Está tranquilo —disse a Parker e a Wilkins quando chegou perto—. Somos os únicos aqui.

—Vê? Sabia que estava sendo exageradamente precavido... como de costume —brincou Kate recuperando seu habitual ânimo descarado.

Suas palavras doeram mais do que ela podia imaginar. Kate desceu imediatamente do cavalo e pegou na mão de Rohan.

—Vamos! Prepararei um pouco de chá para que nos esquente!

—Céu... espera.

Rohan agarrou com força a mão dela antes que Kate pudesse sair correndo impulsionada pela impaciência.

—O que aconteceu?

—Kate... tenho más notícias. —Logo acrescentou com voz entrecortada—: houve um incêndio.

—Um incêndio? O que...? —Suas palavras ficaram enfraquecidas.

Quando Kate decifrou a expressão sombria do semblante dele com um olhar inquisitivo, inspirou horrorizada e puxou sua mão com brutalidade para e correu para a casa. Rohan estremeceu ao pensar no golpe que ela estava a ponto de receber, mas a deixou ir. Não via sentido em atrasar o inevitável.

Foi atrás dela esmagando a neve sob suas botas. A capa emprestada de Kate agitava-se sob suas costas enquanto corria, como se a perseguisse um escuro fantasma. Rohan a viu chegar na clareia e deter-se em seco. De costas para ele, sua pose era completamente rígida. Quando a alcançou e olhou seu perfil viu o aturdido pavor impresso em seu belo rosto. Estava boquiaberta, tinha os olhos ligeiramente frágeis enquanto seu olhar emocionado percorria o esqueleto calcinado em que ficou reduzida sua casa.

—Kate... —sussurrou.

Ela nem sequer pareceu ouvir quando deu um passo adiante com ar aturdido. Não articulou nenhuma palavra e Rohan não a ouviu respirar, como se o ar tivesse abandonado seus pulmões. Estendeu a mão para segurá-la, mas apenas a roçou, pois ela começou a correr para a casa.

—Kate, não! Pode cair!

Foi atrás dela em um abrir e fechar de olhos, agarrou-a pelos braços e a deteve enquanto tratava de avançar. O pânico abriu passo através da comoção.

—Solte-me!

—Não pode entrar aí! Não é seguro!

—Meu deus, estou arruinada —exclamou com a voz quebrada—. O que vou fazer? —Revolvendo-se entre seus braços com violenta confusão, deixou de tentar escapar e desmoronou-se contra ele enquanto um agudo gemido escapava de seus lábios—. Perdi tudo. Meu lar!

Um nó na garganta formou-se na garganta de Rohan quando ela agachou a cabeça e seus delicados ombros começaram a sacudir-se enquanto soluçava de forma tensa, dilaceradora. Rodeou-a com os braços e a segurou, pois do contrário ela teria desabado no chão.

—Eu vou ajudá-la Kate —disse com firmeza enquanto ela chorava.

Kate nem sequer escutou o que ele disse.

—Não é justo! —soluçou—. por que está acontecendo isto comigo? Você acredita que eu seja amaldiçoada? Sou eu quem tem a maldição... perdi a minha mãe, meu pai. Perdi Charley, e agora isto! por que? —Tentou liberar-se, as lágrimas rolavam por suas faces—. Rohan, por que, por que tiveram que retornar e fazer isto... esta maldade... sem motivo!

—Ssh —a tranquilizou quando seus soluços raiavam a histeria—. Ainda não sabemos como aconteceu...

—Eu não fiz nada mau a ninguém. —revolveu-se tratando de afastar-se dele—. Sou uma pessoa solitária. O que fiz eu para merecer isto? Solte-me —disse de repente, empurrando-o e resfolegando com fúria—. Quero ver se posso encontrar algo que mereça a pena salvar.

—Deixa, Kate. —— É muito perigoso. A menos você está a salvo. Não deixarei que entre nem me arriscarei a que tudo caia sobre você. Vamos, logo escurecerá. Não tem sentido ficar mais tempo. Onde está o abrigo de Charley? Chegamos até aqui, bem poderíamos pegar o livro e partir.

—Partir para onde? Não tenho aonde ir —repôs embargada por uma profunda tristeza.

—É obvio que sim. —Agarrou-a pelos ombros e a olhou tratando de aliviar seu desespero—. Voltará para o castelo comigo.

—Esse não é meu lugar. Não pertenço a nenhum lugar.

—Pertence-me —respondeu sem a menor vacilação.

O queixo de Kate tremia enquanto sustentava o olhar de Rohan.

—Eu... eu não sou sua responsabilidade.

—É sim. É minha. Eles a entregaram para mim, recorda? E quero ficar com você. Vem aqui —ordenou com voz suave.

Ela levantou os braços e foi a seu encontro sem mais palavras. Rohan a estreitou com força contra seu corpo, com o coração pulsando a ritmo acelerado.

—Escute-me. Não quero que se preocupe nem um só momento com seu futuro, de acordo? Eu cuidarei de tudo. Darei a você o que necessitar. Tem minha palavra, Kate. Não está sozinha, entende? —sussurrou.

Depois de um momento sentiu que ela assentia contra seu peito.

—Essa é minha garota valente —murmurou depositando um beijo em sua testa.

Naquele instante soube o que faria quando retornassem ao castelo. A ideia o surpreendeu e inflamou seu coração apesar de que o encheu de um estranho alívio.

"É obvio".

Kate já estava sob seu amparo. Nessa altura qualquer pessoa fora do castelo sem dúvida já imaginava que ela era sua amante. Os dois desejavam-se desesperadamente. assim não via motivos para não lhe oferecer carta branca.

"Sim". Devia assegurar-se de que Kate fosse sua por inteiro.

Não tinha por costume manter uma amante concreta que atendesse suas necessidades. Mas se Kate fosse dele, não teria que preocupar-se com ela, até depois de concluídos seus assuntos com O'Banyon. Saberia onde ela estaria em cada momento, que teria comida para comer, vestidos para vestir e que estava protegida e bem tratada. O certo era que poderia considerar uma crueldade de sua parte lhe propor semelhante oferta num momento como aquele... como estivesse aproveitando-se dela sem piedade em um momento em que era em extremo vulnerável. Mas o que o motivava não era a luxúria.

Ao menos não totalmente.

Obviamente não podia casar-se com ela... pesando sobre ele a maldição e tendo Kate sangue dos "prometeos". Mas se Kate fosse sua amante poderia cuidar dela, e se alguma vez alguém a prejudicasse novamente, teriam que enfrentá-lo primeiro.

Além disso, já sabia como funcionava sua mente. Caso ele apenas se limitasse a lhe oferecer ajuda econômica, ela o rechaçaria. Era muito orgulhosa. Diabos, com seu espírito independente, Kate aborreceria qualquer oferta que considerasse como caridade. assim, que ganhasse.

Deus Santo, sonhou fazer amor com ela desde aquela primeira noite, quando Caleb Doyle a levou ao castelo para esse mesmo fim. Até nesse momento, tê-la em seus braços era uma verdadeira delícia. Se ela estivesse disposta, Rohan conhecia um modo seguro de consolá-la quando estivessem de novo no castelo. Poderia fazer que suas lágrimas e sua dor desaparecessem...

Depositou outro beijo possessivo em seu rosto enquanto a balançava entre seus braços.

—Vamos, me diga, onde está o abrigo do Charley? —perguntou com voz rouca pela expectativa.

—Por ali. No fundo do jardim. —Choramingando assinalou para uma modesta edificação localizada a certa distância da casa—. Deveria estar fechada com chave. A menos que quem fez isto, tenha entrado também ali. Ai, Meu deus, não posso olhar... e se levaram todas os pertences de minha mãe?

—Sabe onde Charley guardava a chave?

Ela negou com a cabeça.

—Esta na casa. Em algum lugar entre os escombros...

Rohan assentiu e depois chamou Finlay e Mercer.

—Inspecionem aquele abrigo! —Assinalou para a edificação que Kate indicou.

Os homens cruzaram o jardim nevado e a seguir tentaram abrir a porta sacudindo com força o fecho.

—Está fechada, senhor!

Rohan olhou para Kate.

—São boas notícias —particularizou—. É possível que signifique que o incêndio foi um acidente. Se intrusos tivessem feito isso, o mais provável é que também tivessem entrado no abrigo.

Kate olhou com incerteza.

—Lamento, mas vou ter que pedir aos moços que joguem a porta abaixo.

Kate encolheu os ombros meneando a cabeça com ar fatigado.

—Já não importa.

Rohan preocupou-se enormemente com o tom derrotado de sua voz.

—Abram esse abrigo! —vociferou a seus homens—. Uma vez estejam dentro, vou necessitar um pouco de luz. Quando terminar, podem me chamar.

—Sim, senhor.

A quietude do jardim nevado foi interrompida imediatamente com os primeiros rangidos e golpes quando os homens começaram a dar pontapés na porta para derrubá-la. A madeira ficou estilhaçada e as fechaduras metálicas gemeram em suas dobradiças sob as violentas pancadas.

—Não levará muito tempo —murmurou Rohan sofrendo ao ver como Kate estremecia com cada estrépito—. Quer vir comigo e me ajudar a procurar o livro?

Ela meneou a cabeça com veemência e deu a volta apertando os lábios.

—Agora mesmo não posso enfrentar isto.

—Compreendo. Não se preocupe, nós encontraremos...

—Você fará isto, Rohan —rogou com a voz quebrada voltando-se para ele—. Era minha mãe. Não quero que uns estranhos revisem suas coisas...

—De acordo. Eu me ocuparei. Não há problema —a tranquilizou. Kate tremia visivelmente por causa do frio—. Vem comigo, vamos providenciar que se esquente.

A jovem assentiu, mas lançou um último e choroso olhar por cima do ombro às ruínas de sua

casa. Então ele a rodeou com o braço e a acompanhou até as árvores onde deixaram os cavalos.

Quando chegaram perto dos animais, que afastavam com seus cascos a fina capa de neve em busca de um pouco de pasto, Kate aproximou-se do aprazível cavalo castrado em que veio montada e apoiou a cabeça contra seu quente e peludo pescoço.

Enquanto ela abraçava o animal, Rohan viu outra lágrima rolar por sua face; apertou os dentes reservando a cólera para todos aqueles que fizeram mal a ela. Estava ansioso para que eles pagassem. Aproximou-se com passo enérgico a seu alto e poderoso cavalo de caça para o saudar com uma palmada, logo abriu os cordões do alforje e tirou uma pequena garrafinha de uísque que havia levado consigo para manter o frio longe.

Depois de guardar no bolso do casaco desatou a manta enrolada presa na parte posterior da cadeira. Imaginou que Kate poderia necessitar da manta. Levou estas coisas até onde estava ela, desenrolou a manta e a colocou sobre os ombros tal e como tinha feito na manhã em que a salvou de despencar-se pelo escarpado. Depois lhe ofereceu a bebida e insistiu para que ela tomasse um gole.

—Adiante, vai ajudar.

Kate não pigarreou.

Enquanto contemplava como a levava aos lábios e tomava um hesitante gole, Rohan apoiou as mãos com naturalidade sobre as armas que levava no cinturão de couro que rodeava sua cintura: a culatra de sua pistola sob a mão direita, o punho de sua espada sob a esquerda.

Olhou para Kate perguntando-se se ela tinha ideia de quanto a apreciava. Ao menos agora podia retroceder em seus esforços para mantê-la a distância.

—Senhor! —Escutaram o grito longínquo do guarda além da casa em ruínas—. Conseguimos abrir!

Rohan voltou a cabeça e respondeu com ar distraído:

—Já vou!

Quando a olhou de novo encontrou com os comoventes olhos de Kate cravados nele. Rohan alongou o braço e com o nódulo do dedo apanhou uma lágrima furtiva de seu rosto.

—Volto em seguida, de acordo?

Ela assentiu com valentia, mas a vulnerabilidade que ocultava-se atrás de sua feminina resolução o desarmou. Entretanto, tratou de aliviar o sombrio ânimo com uma pequena brincadeira.

—Bom, cuidem dela para mim —ordenou assinalando os cavalos.

O leve começo de um sorriso de gratidão apareceu nos chorosos olhos de Kate ao escutar aquilo.

Rohan deu meia volta e empreendeu a marcha para o abrigo.

—Parker! Monta guarda ali— gritou gesticulando para Kate enquanto cruzava o jardim.

—E eu, senhor? —perguntou Wilkins, que encontrava-se próximo ao singelo cercado que delimitava o jardim.

—Você continua procurando qualquer sinal de como o fogo começou. Em caso de que fosse

um piromaníaco, poderia ter deixado algum rastro.

—Sim, senhor —respondeu Wilkins com gesto serviçal embora cético.

Rohan encolheu os ombros em resposta. Era impossível saber ao certo sem uma minuciosa investigação, mas o instinto lhe dizia que o incêndio foi acidental. As casas com telhado de palha como as que povoavam o campo se incendiavam com facilidade... e isso tendo alguém em casa pendente das velas e da chaminé. Mas a dura realidade era que talvez nunca chegassem a saber. Não queria dizer a Kate naquele momento, mas era provável que tivessem perdido há tempos a possibilidade de descobrir o que originou o fogo.

Voltou a vista para Kate uma vez mais enquanto Parker aproximava-se dela. Rohan sabia que os homens se afeiçoaram a essa jovem. Parker lhe deu um tapinha no ombro quando chegou a seu lado. Kate continuava de pé junto ao cavalo envolta na manta.

Satisfeito de que no momento estivesse bem, chegou ao abrigo que resplandecia a luz de uma lamparina.

—Pobrezinha —comentou Findlay quando Rohan entrou no lugar de trabalho de Charley—. Como está, senhor?

—Oh, é mais forte do que pensa. Espera aqui —adicionou olhando para eles—. Eu me ocupo disto.

Levantou a lamparina de azeite de baleia e esquadrinhou o poeirento espaço abarrotado de ferramentas de carpintaria, agricultura e de jardinagem até que divisou a escada que conduzia ao armazém do desvão que Kate mencionou. Aproximou-se segurando a lamparina em uma mão enquanto subia à escada. Ao chegar em cima, teve que agachar a cabeça ao encarapitar-se ao mezanino para não bater contra o teto.

Na frente havia um vulto grande e retangular abafado com um pano de saco que parecia ser caixas empilhadas, ou algo semelhante. Pendurou a lamparina em um gancho. Logo, sacudindo o pó das mãos, aproximou-se do vulto e retirou o pano.

Entrecerrou os olhos para proteger o rosto da nuvem de pó que levantou do lugar. Os pespontos rosados e as delicadas proporções dos diversos baús e arcas que ficaram descobertas sem dúvida pareciam indicar que tratava-se das malas de uma dama.

Rohan abriu os fechos de prata do primeiro baú do monte, depois levantou a tampa arqueada e empreendeu a revista. O conteúdo desprendia um aroma de mofo e umidade: vestidos, escarpins, pentes para o cabelo, luvas. Um frasco de perfume vazio. Uma escova para o cabelo com cabo de marfim e um espelho de mão.

Sentiu-se muito estranho bisbilhotando entre os pertences da filha do conde DuMarin. Até então ninguém relacionado com o Conselho do “Prometeo” parecido a ele uma pessoa atual. Dar-se conta daquilo só intensificou a culpa que sempre o acompanhava apesar de saber que foi seu dever, fazer aquilo que fez.

No entanto lhe resultava doloroso pensar em todas as mulheres e meninos que foram cruelmente afetados de forma indireta pela luta por causa de sua excelente destreza como sicário.

“Besta”.

Por Deus, o livro que procurava poderia conter a resposta a como romper a maldição dos Kilburn, mas quando pensava em todas as coisas que havia feito, não estava certo de merecer. De ser livre.

Ser livre para amar.

Com todo o sangue que havia derramado, o que o fazia pensar que era digno de tal coisa? Seu ânimo fraquejou, a cólera e a confusão dominaram sua mente. Depois de inspirar fundo, devolveu todas as posses de mademoiselle Gabrielle ao baú e passou ao seguinte. O mesmo processo se repetiu várias vezes até que chegou ao último que encontrou no fundo da pilha.

Esvaziou os objetos que continham um a um, depois examinou o fundo do baú com o cenho franzido. Puxou uma pequena correia pregada no canto e imediatamente, levantou-se um fundo falso.

Envolto em um discreto pano marrom encontrou o livro grande que viu mademoiselle Gabrielle aferrar contra si há tantos anos. O coração dele pulsava com força quando retirou o pano e contemplou os estranhos símbolos desenhados na capa de couro, junto com o título: O Journal de L'Alchimiste.

“O jornal do alquimista”.

Maravilhou-se ao abrir o livro e ver os escritos do homem que amaldiçoou sua família. Muito bem, a sorte estava lançada.

Fechou o livro com um calafrio agourento. Não fez mais nada, posto que estava impaciente para retornar junto a Kate. Colocou as coisas da mãe novamente no baú, fechou o trinco e depois empilhou toda a bagagem colocando em seu lugar cada peça e cobrindo outra vez com o pano de saco.

Com o livro sob o braço, agarrou a lamparina do gancho e foi reunir-se com seus homens. A busca o levou somente uns vinte minutos. Afinal de contas, e dado seu tipo de trabalho, estava acostumado a essa classe de tarefas.

Entregou a lamparina para Mercer e a Findlay, depois ordenou que fechassem a porta quebrada empregando as ferramentas e os tabuleiros que havia perto da mesa de trabalho de Charley. Não queria que ninguém entrasse e tocasse nas posses de mademoiselle Gabrielle antes que pudesse enviar um carro para recolher tudo e que Kate as guardasse em algum lugar.

—Quando terminarem, quero que me sigam. Devo levar Kate de volta ao castelo.

—Sim, excelência.

Rohan os deixou para que colocassem mãos à obra. Enquanto cruzava uma vez mais o jardim, viu Wilkins.

—Encontrou algo?

—Não, senhor. —O guarda meneou a cabeça com desalento.

—Muito bem. Parker e você podem esperar eles dois. Eu empreenderei a volta para casa com o Kate.

—Encontrou! —murmurou Kate com receio olhando fixamente o livro que levava sob o braço quando ele chegou.

Rohan assentiu.

—Vamos examiná-lo mais tarde. —Passou ao lado dela e o guardou no alforje—. Já está com calor?

—Acredito que sim. —encolheu os ombros—. Acredito que poderia me afeiçoar ao uísque.

Rohan e Parker intercambiaram um olhar malicioso diante sua pouco entusiasta tentativa de brincar.

—Vamos. Vamos. —Subiu Kate a seu cavalo de caça, depois disse a Parker que esperasse os outros.

—Sim, senhor —respondeu o sargento—. Tome cuidado ao voltar, senhor.

—Tenham cuidado vocês também.

Parker despediu-se dele com um gesto e em seguida foi ver se Findlay e Mercer necessitavam de ajuda.

Rohan agarrou as rédeas do cavalo de Kate e atou ao dócil castrado na parte posterior de sua cadeira. Por último, montou atrás dela e a atraiu para seu colo.

—Venha, céu —sussurrou—. Vou levar você para o castelo.

—Senti sua falta —murmurou ela apoiando-se ligeiramente contra Rohan.

—Agora estou aqui.

Enquanto tomava as rédeas podia senti-la tremer, devido a grave emoção que havia sofrido e também ao frio. O calor de seu corpo ajudaria a esquentá-la. Estava decidido a levá-la outra vez para sua casa, onde poderia cuidar dela.

Não detectou nenhuma ameaça quando esquadrinhou o campo iluminado pela lua, mas com Kate e O jornal do alquimista em seu poder sabia que devia estar alerta agora mais do que nunca.

Não importava. Tinha nascido para aquilo.

Com feroz determinação impressa em seu semblante e rodeando com um braço a cintura de Kate para segurá-la contra seu corpo, esporeou os flancos do cavalo com as panturrilha e estalou a língua ao castrado que ia atrás. Partiram para voltar ao castelo Kilburn quando a luz do dia começava a esvanecer-se pelo este.

CAPÍTULO 13

A viagem de volta foi fria, comprida e silenciosa.

A distância parecia muito maior, agora que seu mundo tal e como era antes, deixou de existir para sempre. A vida que conhecia havia acabado. A única coisa tangível que restou era o homem que guiava o cavalo que compartilhavam.

Kate fechou os olhos e apoiou-se contra ele aceitando a sólida proteção que Rohan oferecia, o consolo quente e duro de seu corpo.

Apesar de sentir-se comovida por sua promessa de protegê-la, não desejava ser uma carga. Ao menos seus inimigos não a despojaram de seu orgulho. Contudo, estava deprimida. A perda e o

gélido vento penetraram em seu sangue deixando-a insensível, exausta e apática.

Depois de outras três horas chegaram ao pátio em frente ao castelo Kilburn. Esgotados, os cavalos estacaram diante da mesma entrada, com seu restelo medieval, onde os contrabandistas a levaram na primeira noite. Não podia imaginar então que, duas semanas mais tarde, alegrar-se-ia de chegar ali; que aquele castelo de pedra de aspecto ameaçador é a coisa mais parecida a um lar que restava.

Rohan desmontou, tirou o livro do alforje e retornou para ajudá-la a desmontar. Kate segurou o volume enquanto ele a descia da cadeira sem nenhum esforço. Mas em lugar de deixar que seus intumescidos pés tocassem o chão, levou-a meigamente nos braços até a porta, que abriu antes que chegassem.

Uma cálida luz alaranjada fluiu sobre as lajes quando Eldred afastou-se para deixá-los passar enquanto dos estábulos saía com celeridade um ajudante para pegar os cavalos.

—Está ferida? —perguntou alarmado o mordomo com a vista fixa em Kate.

—Não fisicamente —murmurou o duque passando junto ao homem.

—Onde estão outros? houve problemas?

—Tudo está sob controle. Estarão aqui pela manhã —disse o duque.

Eldred andou apressadamente atrás deles visivelmente inquieto pelo ar derrotado da jovem.

—Há algo que eu possa fazer, excelência? Senhorita Madsen? um pouco de chocolate quente? Ou sopa...

—Não quero nada —conseguiu murmurar Kate—. Obrigado, Eldred.

—Entregue o livro para ele, Kate —disse Rohan em voz muito baixa—. Eldred, esconda isto na caixa forte. Daremos uma olhada amanhã —adicionou lançando um olhar a jovem.

Eldred pegou o livro sem articular palavra, depois Rohan agradeceu a seu servente com uma inclinação de cabeça. O mordomo ficou atrás enquanto seu senhor continuava seu caminho pelos escuros corredores com Kate nos braços.

Ainda coberta pela capa úmida, a jovem apoiou a cabeça sobre o musculoso ombro de Rohan entrelaçando as mãos enluvadas atrás de seu pescoço. Seu estado de abatimento era tal que não tinha forças para discutir por nada, nem ficou incomodada quando ele, com as abas do casaco negro de lã agitando-se em suas costas, subiu a escada na penumbra exibindo uma força implacável. Limitou-se a olhar para a sua mandíbula e inalar seu aroma enquanto a levava escada acima; seu aroma masculino e natural tornou-se muito familiar.

O castelo também tornou-se familiar. Fazia com que ao chegar novamente ali, sentisse maior segurança, pois sabia que ali estaria a salvo... mas por quanto tempo? E depois o que aconteceria?

Foi muito estranho saber que as coisas jamais poderiam voltar a ser como antes. Desejaria ter conseguido ao menos um pouco de tempo para dizer adeus a sua antiga vida antes que a sequestrassem. Agora era muito tarde.

Quando chegaram ao piso superior, Rohan parou diante da porta do dormitório principal em

lugar de levá-la ao quarto de hóspedes. O coração dela deu um salto, mas não protestou quando ele entrou no dormitório e fechou a porta com o cotovelo.

Rohan cruzou com ela nos braços até a lareira, em que crepitava o fogo, e a deixou brandamente sobre a cômoda poltrona de couro situada em frente a lareira.

—Vejamos —sussurrou avaliando seu estado com expressão intensa. Kate devolveu o olhar imerso em um aturdido e desanimador silencio—. De acordo.

Rohan exalou um suspiro e tirou as luvas de montar. A seguir foi trancar a porta, tirou o casaco e retornou para o lado de Kate. Então se agachou-se lentamente na frente dela examinando seu rosto com preocupação.

—Há algo que eu possa fazer por você?

Ele estava dizendo aquilo muito frequentemente, pensou ela, contemplando-o com tristeza. A bondade que demonstrava formou um nó em sua garganta, mas negou com a cabeça.

—Olhe para você —murmurou—. Está congelada, coitadinha. Quer uma manta, uma taça de chá?

—Obrigado, mas não.

—Com certeza deve ter alguma coisa que eu possa fazer por você. Peça alguma coisa, Kate. Ou eu vou ficar louco.

Uma das comissuras de sua boca de Kate elevou-se em um débil sorriso.

—Eu não tenho muito —adicionou persuasivo—. E acreditando em fantasmas, maldições e essa classe de coisas, já estou um pouco louco.

A outra comissura aumentou ligeiramente.

—Aí está esse precioso sorriso —sussurrou com os olhos fixos nela, mas quando colocou a mão em seu rosto, Kate ficou com a vista cheia de lágrimas de gratidão por sua amabilidade. Rohan franziu o cenho—. Não chore, Kate. Agora está a salvo. Isso é o que importa, não é? Sei que é doloroso, mas tudo o que você perdeu... não são mais que coisas materiais. As coisas materiais podem ser substituídas. Não ocorre o mesmo quando se trata da vida ou de ferimentos graves.

—Sei que tem razão. —Abaixou a cabeça, mas sentia que ele a observava—. Não fique preocupado comigo. Com certeza tudo vai melhorar.

Rohan a estudou com expressão carrancuda e incrédula durante um prolongado momento.

—Vou tirar seu capuz.

Estava molhada pela neve. Nem sequer incomodou-se em abaixar o capuz, mas sim sentou-se na poltrona como uma viajante extenuada. Rohan retirou o capuz do rosto dela com muita ternura. Depois desabotoou o grosso botão de madeira da gola do pescoço e tirou a capa deixando descoberta a libré emprestada.

Rohan sorriu fracamente.

—Minha pequena pajem. É uma criada encantadora, sabe?

—Salvo que eu não gosto que me digam o que devo fazer —resmungou.

—Isso notei. De fato, acho que é uma qualidade estranhamente atraente. —Colocou-lhe a mão na parte posterior da cabeça para desatar o laço com que prendeu o cabelo debaixo do

capuz.

Seus dedos espalharam com delicadeza algumas mechas em torno dos ombros.

—Pronto, volta a ser uma garota. —Deu um sorriso compungido, mas quando ela quis soltar o lenço que mantinha no pescoço, Rohan correu solícito a ocupar-se da tarefa—. Talvez um dia a ensine a atar uma gravata como é devido —comentou enquanto seus hábeis dedos desatavam o nó e a despojavam do objeto.

Sem a improvisada gravata, o profundo v da camisa branca pousou frouxamente sobre sua pele abrindo-se até a metade do peito, onde o colete prendia o busto. O olhar de Rohan desceu até seus seios, mas afastou a vista imediatamente com expressão decidida.

Enquanto o fogo crepitava ainda na lareira, sentou-se no divã em frente a poltrona ocupada por ela.

—Venha, Kate. Vamos superar isto, mas ainda temos que brigar. Não pode se render agora. Venha, necessito que fique bem.

—Não pretendo render-me —respondeu—. É que... agora o que? O que supõe que tenho que fazer?

—Eu disse que cuidaria de você.

—Rohan, bendito seja, mas não posso viver de sua caridade.

—Não estou oferecendo caridade —respondeu com voz grave.

Ela olhou para ele inquisitiva.

Rohan sustentou o olhar dela durante longo momento, depois inclinou-se para frente apoiando os cotovelos sobre os joelhos, e apanhou as mãos de Kate.

—Estava pensando em algo que me disse na noite durante nosso jantar de celebração, quando chegou aqui.

Kate arqueou as sobrancelhas.

—Foi algo que disse antes ou depois de provar todos aqueles vinhos deliciosos?

Rohan sorriu.

—O que eu disse?

—Não foi feliz ali, Kate. Sozinha nos páramos. Disse que sentia-se abandonada.

—É certo —reconheceu passando a mão pelo cabelo com gesto lento—. Suponho que terei que pensar no que vou fazer de agora em diante.—. Tenho ainda um pouco de dinheiro no banco, embora não seja suficiente para viver caso tenha que comprar uma casa e móveis. Pratos, cortinas. O básico para o dia a dia. E roupa. Não restou um só objeto.

Rohan observou Kate enquanto ela meneava a cabeça e exalava um suspiro cínico.

—Ah, bom. Imagino que minha única opção agora é procurar alguém com quem possa me casar. É o que fazem normalmente as mulheres, não é assim?

—Sim, normalmente.

—Por desgraça a maioria dos homens não desejam a uma literata por esposa.

—Não, isso é certo —conveio Rohan—. Ou uma esposa que seja mais inteligente que eles. Temo-me, senhorita Madsen, que é muito inteligente para a maioria dos homens que há por aí.

—Não estou envergonhada de ser quem sou! —replicou divertida ao ver que Rohan não disse o que ela desejava ouvir: Que podia encontrar um marido sem maior problema.

Deu um débil sorriso maroto de aprovação.

Kate esparramou-se na poltrona, começava a sentir-se muito melhor enquanto considerava suas opções. Rohan tinha algo que fazia com que tudo parecesse bem. Contemplou distraidamente o fogo.

—Talvez possa montar uma lojinha em Londres.

—Não quer fazer isso —disse com suavidade.

—Não quero?

—Não. É agradável ver que suas faces recuperam um pouco de cor, por fim.

—Por fim estou ficando com calor. Bom, por que não quero minha própria loja?

—Porque não quer ficar todo o dia atendendo a clientes resmungões. Ficar a sua inteira disposição? Nos tempos atuais os ricos passam anos sem pagar suas faturas, já sabe.

—Seriamente? —exclamou.

—OH, sim. Agora tudo se paga a crédito. Quando os comerciantes recorrem por fim à casa dos devedores para cobrar, inclusive os administradores temem ofender à classe alta. portanto, os piores devedores estão entre a aristocracia.

—Não tinha nem ideia!

—Além disso, pode acontecer que a ameaça contra você não se limite unicamente a O'Banyon —adicionou—, não quero que fique numa situação em que qualquer estranho possa encontrá-la.

A expressão de Kate ficou imediatamente séria.

—Também não pensei nisso.

—De qualquer forma, empreender um negócio, principalmente em Londres, requer um custoso investimento de capital desde o começo, coisa que você não tem, acredito.

—Hum. —Pela forma com que ele havia descrito, não parecia que a vida de um comerciante fosse a coisa mais certa para ela. Kate ficou animada—. Possivelmente possa ensinar os filhos de alguém! Ser instrutora.

—Meninos... hum.

—O que? —urgiu-lhe ao ver sua expressão cautelosa.

—Oh, nada.

—É óbvio que tem uma opinião a respeito.

—Bom, são uns bichinhos escandalosos, não é verdade? —disse arrastando as palavras—. É difícil concentrar-se nos livros com eles armando tanto alvoroço... e depois estão os pais. Criticando constantemente os esforços da babá para criar seus queridos pequeninos em seu lugar... apesar de que são muito folgados para que eles mesmos façam isso.

—Ah, é terrível! —exclamou rindo de seus irreverentes comentários.

Rohan meneou a cabeça.

—É verdade.

—Pretende jogar por terra qualquer opção para me salvar? Ou talvez tenha uma ideia melhor?

—Na verdade tenho.

—Haa. Do que se trata, Oh, grande sábio?

—Pensei que não fosse me perguntar isso nunca. Já vou dizer, Kate. Deveria deixar que eu cuidasse de você. —Sustentou-lhe o olhar com uma sedutora franqueza nas profundidades cinzentas de seus olhos, e lenta, muito lentamente, ela começou a compreender.

—Quer dizer... inclusive depois de que nos ocupemos de O'Banyon? —perguntou com cautela.

—Sim. Inclusive depois. —Cravou o olhar nela—. Entende o que estou oferecendo, Kate?

—Sim —disse com um fio de voz.

Estava claro que não era matrimônio. Embora tampouco esperava por isso. Não de um duque, muito menos de um que acreditava estar destinado por uma antiga maldição familiar a matar sua futura algema.

No instante em que percebeu que ele estava oferecendo carta branca aconteceu algo automático.

Kate abaixou o olhar ruborizando-se intensamente e emocionada pela oferta e por ele.

Só graças a tudo que até o momento havia feito Rohan para protegê-la soube em seguida que, na realidade, estava lançando um salva-vidas para ela. Mas era uma autêntica insensibilidade da parte dele pôr a seus pés aquele vantajoso pacto quando ela encontrava-se entre a cruz e a espada

—Não lhe faltará de nada —murmurou com voz grave e aveludada—. Não lamente a perda de sua casa. Era uma jaula. Mas agora será livre. Nada de maridos cansativos, clientes resmungões nem mucosos gritalhões. Eu posso dar uma boa vida para você, Kate. Londres, Paris, qualquer lugar. A única coisa que tem a fazer é saciar o desejo que sei que já sente por mim também. Que ambos sentimos.

O coração de Kate pulsava com força e seu rosto adquiriu um tom encarnado.

Jamais em toda sua vida teria imaginado que ela, Kate Madsen, receberia uma proposta indecente de um duque mundano, bonito e possuidor de uma grande fortuna.

No princípio sentiu que o calor poderia matá-la e tão confusa que nem sequer foi capaz de olhar para ele. Não desejava que Rohan visse em seus olhos que quase a seduziu por completo, e que isso aconteceu a partir da noite de sua chegada.

Um nó formou-se na garganta de Kate.

—Excelência... sou virgem.

—Sei disso —ronronou— e me agrada. Acredite, posso ser tenro com você.

—Não... não é isso.

Não podia acreditar que Rohan estivesse fazendo aquilo, que a estivesse colocando nesse dilema... e, pior ainda, que isso não a incomodava quase nada. Na verdade não imaginava nada mais doce do que Rohan levando-a para a cama e fazendo com que ela esquecesse todos seus

problemas com uma incrível noite de prazer. Mas ele estava oferecendo muito mais que uma só noite.

A possibilidade de tê-lo em sua vida durante algum tempo num futuro imediato resultava uma perspectiva emocionante. Era a prova que esteve procurando naquele homem duro e implacável que sim, estivesse interessado nela, a seu modo.

—No que pensa? —perguntou Rohan.

Kate olhou timidamente por debaixo das pestanas.

Não tratava-se de matrimônio, algo que, conforme acreditava, era provável que não demorasse muito para conseguir. Não era difícil dar com homens formais, aborrecidos e dóceis... mas Rohan? Uma criatura feroz e selvagem como um lobo?

—Seja minha —sussurrou olhando-a nos olhos.

Ela levantou-se da poltrona e caminhou para longe dele, enjoada pela potência de seu olhar.

"Pense".

Seu magnetismo era totalmente irresistível.

É obvio, caso tomasse o caminho correto, de todas as formas teria que deitar-se com algum homem algum dia. Ao menos desse modo conservaria sua apreciada independência. Depois de viver com Rohan duas semanas percebeu que, além de ser um pouco paranoico com respeito a sua segurança, não exigia quase nada dela.

Ele respeitava seus estudos. Davam-se bem.

Então compreendeu que estava enganando a si mesmo acreditando que um marido, por agradável e bonachão que fosse, passaria por cima do fato de que tivesse passado duas semanas no castelo Kilburn como convidada pessoal da Besta.

Tiraria conclusões.

"Diabo, Esqueci disso. Já estou arruinada".

Pouca importância tinha que a situação em que estava não fosse culpa dela e que ele apenas a tocou.

Isso significava que suas opções nesse momento eram mais limitadas do que havia suposto. A seguir, o único respeito que poderia esperar de outros era a sombra desbotada do que ele demonstrasse devido a sua posição.

Não cabia dúvida de que seu destino estava nas mãos de Rohan. E ele já sabia disso; Daí que, por escandalosa que parecesse sua proposta, o amparo que lhe oferecia transcendia o plano meramente físico. Estava oferecendo a ela um lugar dentro de um exclusivo e reduzido círculo que existia na sociedade, mas do qual ela pouco sabia.

O mundo das queridas dos homens ricos.

"Santo Deus, Caleb Doyle é um profeta".

O coração dela pulsava com força, e Rohan estava esperando uma resposta. Armando-se de valor, decidiu obter mais informações. Depois de passear pelo quarto, voltou-se para olhar para ele apoiando os quadris contra a cômoda.

—Desculpe-me, excelência, mas devo ser pragmática.

—Sim?

—Bom... resumindo, quanto está disposto a pagar?

A pergunta suscitou uma faísca de sardônica aprovação nos olhos do duque.

—Hum. —Rohan uniu os nós dos dedos e a avaliou de forma pausada e marota—. Oh, digamos que quinhentas libras ao ano.

Kate abriu os olhos como pratos, mas ocultou rapidamente sua surpresa. Tratava-se de uma fortuna arrepiante... mas só um parvo aceitaria a primeira oferta.

—Dois mil.

Rohan esboçou um sorriso de lobo.

—Feito.

—E se eu tiver algum filho? Ou vários?

—Quinhentas ao ano por cada um até que alcancem a idade adulta.

Kate arqueou uma sobrancelha. Não cabia dúvida de que tinha uma pronta resposta. Possivelmente o mundo estivesse cheio de filhos ilegítimos de Warrington.

—É o que paga o regente, Kate. Ao menos isso é o que entendi.

—Parece que já fez isto antes —murmurou cruzando os braços sobre o peito e escrutinando seu rosto.

—Na realidade não. Mas sei como funciona o mundo, certamente.

—Alguma vez antes teve uma amante? —perguntou cética—. Um homem são e robusto como você?

Rohan encolheu os ombros.

—Geralmente não comungo com a ideia de prender-me a uma mulher em particular.

—E entretanto acha conveniente fazer uma exceção comigo.

—A entregaram para mim como um presente. Simplesmente eu gosto de cuidar bem de minhas posses.

Ela entrecerrou os olhos. Era evidente que Rohan não gostava de dar explicações, nem estava acostumado a fazer, mas Kate não estava disposta a deixar que evitasse o tema.

—O risco não poderia ser maior para mim, Rohan. Rogo-te que entenda. Não procuro floridas adulações. Unicamente preciso saber é se está falando sério. Se for depender de você...

—É obvio que falo a sério —a interrompeu franzindo o cenho ligeiramente—. Muito bem, se quer saber, você me impressionou, Kate. Acredito que possivelmente em certos aspectos é... boa para mim —reconheceu com voz entrecortada. Logo voltou a conduzir-se com a aspereza habitual olhando-a com o canto dos olhos com luxúria—. Além disso, acredito que sabe que a desejo desesperadamente há muito tempo

Sua agressiva sexualidade masculina a intimidava, mas pensou que talvez deveria ser assim. Olhando-a de forma lasciva podia conseguir distraí-la e evitar que ela lhe perguntasse por seus sentimentos. Nem imaginava que estava começando a descobrir todas as artimanhas dele.

Decidiu realizar uma ousada experiência negando-se a permitir que seu olhar faminto a afetasse.

—Acredite, excelência, o sentimento é mútuo —repôs—. Mas confesso que me confunde um pouco esta mudança radical, tendo em conta que ontem à noite me rechaçou.

A curiosidade que cintilou nos olhos de Rohan indicou que sua nova tática estava intrigando Rohan. Ele esboçou um malicioso sorriso.

—Ao menos um dos dois teria que comportar-se.

—Você não queria ligar-se emocionalmente a mim, não é verdade? —murmurou Kate, observando-o com fascinação.

—Sim. —encolheu os ombros enquanto sustentava o olhar de Kate—. Mas depois desta noite, francamente, rendo-me.

—Parece inevitável —conveio ela em voz baixa.

Rohan assentiu.

—É a solução ideal para nós dois.

Olharam-se fixamente um ao outro durante um longo tempo.

Kate conteve a respiração.

—Muito bem, aceito.

—Esplêndido! Então vem aqui e me dê um beijo —ordenou Rohan com repentino e brusco ânimo. Kate negou-se a sorrir quando ele bateu com as mãos em sua musculosa coxa convidando-a a sentar-se ali.

—Antes redige o acordo —disse maliciosa, talvez somente para conseguir mais algum tempo. E quero o selo ducal estampado junto a sua assinatura para que seja duplamente oficial.

Rohan gargalhou como um pirata.

—Katy, céu, acaso não confia em mim?

—Se for vender meu corpo para você, excelência, ao menos quero um contrato de ligação.

—Quelle femme —murmurou levantando-se do divã. Mas a olhou com admiração—. Como queira.

Uma pequena parte de sua alma estava deixando-se levar pelo pânico, mas Kate negava-se a permitir que o medo a dominasse. Essa era sua melhor opção.

"E olhe bem para esse homem", pensou. Aquele magnífico físico de guerreiro estava a ponto de converter-se em seu pátio de recreio.

Percorreu com descaramento sua alta silhueta de largos ombros enquanto Rohan apanhava um escritório portátil do alto do armário. Tirou pluma e tinta e escreveu os detalhes de seu acordo em uma folha de papel; deu por concluído o contrato depois de uns minutos pressionando seu selo de bronze sobre o atoleiro de lacre fundido, ao pé da página.

—Aqui tem. Assinado, selado e legalmente vinculativo.

Aproximou-lhe o documento com a tinta ainda fresca. Kate o aceitou e deu uma olhada à luz do fogo.

—Satisfeita? —murmurou Rohan deixando entrever certa diversão mundana em sua profunda voz.

Ela assentiu.

—Isso acredito.

—Então eu gostaria de seduzi-la agora, a menos que tenha alguma outra pergunta.

—Só uma.

—Sim?

—Sabe que não tenho a experiência que você tem, Rohan. —Ruborizando-se ante sua proximidade, manteve o olhar baixo—. Eu não possuo sua mesma capacidade para separar meus sentimentos das coisas que vamos fazer.

—E?

—E se eu me apaixonar por você? Então, o que acontecerá?

Rohan riu indolente enquanto tomava a mão.

—Considero que é muito improvável que isso aconteça.

—Vai incomodá-lo?

—Não acredito. Não muito. Sempre e quando não colocar nós dois em ridículo como fez Caro Lamb. Além disso... ——. É sua prerrogativa.

—Quem é Caro Lamb?

—Oh, é uma mulher da alta sociedade que apaixonou-se por lorde Byron há algumas temporadas. A boba fez pedacinhos da poncheira em um baile e ameaçou cortar as próprias veias com os fragmentos de cristal se ele continuasse ignorando-a. Você não faria algo tão estúpido, verdade?

—Por você? —replicou—. Não. Por lorde Byron talvez. Mas não por você.

—Bem, porque você já ameaçou despencar-se por um precipício no pouco tempo em que nos conhecemos —devolveu a brincadeira pousando as mãos brandamente sobre os ombros dela—. Bom, meu pequeno presente, fique em silêncio e permita-me que a desembrulhe.

Kate olhou fixamente, sua brincadeira a fez recordar-se de como tinha salvado sua vida naquele dia nos escarpados.

—De verdade vamos fazer isso? —aventurou com um fio de voz—. Fala a sério, deseja-me como amante? Pode ter quem quiser.

Rohan desviou o olhar para seus lábios.

—Kate, minha doce sedutora, sonhei com este momento do preciso instante em que você cruzou minha porta. —inclinou-se e a beijou com uma ternura que a surpreendeu enquanto ele a estreitava em seus braços—. Não fique nervosa —sussurrou pondo fim ao beijo—. Confie em mim.

Ela assentiu levantando o rosto para lhe oferecer seus lábios, que Rohan reclamou com um beijo perito que aturdiu seus sentidos. O coração de Kate martelava contra seu peito quando rodeou o pescoço dele com os braços, cruzando os pulsos sobre sua nuca. Sentir o corpo de Rohan apertado contra o seu, avivou o fogo longamente reprimido em seu sangue.

Não serviria de nada pensar muito nisso. Mas enquanto a acariciava suavemente e beijando-a uma e outra vez, sua capacidade de raciocínio foi se dissolvendo para dar passo a um prazer absoluto. Os problemas insolúveis que ameaçavam sua vida, pareciam agora pertencer a outra pessoa.

Seus sentidos despertaram invadidos pela sensualidade. Ele era tudo. Adorava o sabor de sua boca, seus lábios suaves acariciando os seus, seu corpo duro sob suas mãos. O aroma do inverno impregnava seu longo cabelo negro e a forma hipnótica como a tocava fazia que lhe encolhessem os dedos dos pés enquanto que aquela mão, grande e quente, pousava-se em sua nuca por debaixo do cabelo.

Rohan continuou beijando-a, lambendo sua língua e deixando-a sem fôlego quando os nós de seus dedos abandonaram sua nuca e desceram sobre sua clavícula para seu agitado peito.

A camisa de homem que formava parte de seu uniforme de criado continuava aberta em um profundo v até onde começava o colete. Rohan não parava de beijar, e só seu contato fez com que subisse a sua temperatura quando começou a desabotoar com paciência cada botão metálico do colete.

Então tomou consciência de algo.

Embora no princípio pareceu-lhe uma insensibilidade que ele aproveitasse de que sua vida havia tocado fundo para fazer a escandalosa proposta de tomá-la como amante, nesse momento Kate compreendia que ao menos ele lhe deu uma alternativa.

Agora que estava entre seus braços, embriagada por seus beijos, via quão fácil que teria sido para ele seduzi-la primeiro e impor o mesmo acordo depois. Poderia ter imposto as condições e ela nem teria tomado consciência.

Mas, em lugar disso, foi sincero com respeito a suas intenções, dando assim a oportunidade dela pensar bem e decidir por si mesma.

Com certeza Rohan tinha razão. Desejava-lhe com o mesmo desespero com que ele a desejava.

—Já está —sussurrou Rohan quando terminou com o último botão.

—Se...seria um bom ajudante de quarto—elogiou com acanhamento. Então conteve o fôlego quando seus dedos tocaram o vale entre seus seios.

—Sua jaqueta, senhor —brincou Rohan dedicando sua atenção a libré que formava parte do traje.

Agarrou o punho de uma larga manga e a ajudou a tirar a peça, primeiro o braço direito seguido pelo esquerdo. Jogou a jaqueta e tirou a sua, depois do qual as levou até a poltrona em frente à lareira. Sem mediar palavra alguma, fez com que ela sentasse. Kate sustentou o olhar dele, e seu coração bateu acelerado quando ele inclinou-se para tirar as botas liberando os pés dela daquele frio calçado de pele. Com a luz do fogo nas suas costas projetando um halo avermelhado sobre seu cabelo negro, Rohan parou e envolveu os pés de Kate com suas mão quentes.

Enquanto isso, Kate tirou o colete cada vez mais ansiosa para desprender-se da roupa. As mãos de Rohan subiram por suas pernas, seus quadris, até chegar à cintura, depois do que maneira considerada desabotoou o cinto do calção enquanto que ela encostava as costas contra a poltrona observando-o com ávida fascinação.

—Levanta os quadris para mim —sussurrou.

Kate mordeu o lábio inferior e levantou os braços para agarrar à parte superior do respaldo; quando ela arqueou o corpo, Rohan tirou lentamente seu calção.

Não usava nada por baixo.

Sua pele estava quente apesar da única camisa branca e as meias de lã que vestia. Tirou estas peças também, primeiro uma e depois a outra e inclinou a cabeça para depositar um beijo no joelho dela. Rohan permaneceu naquela posição durante um momento, inclinado diante dela e os lábios sobre sua pele.

Kate o acariciou de forma indecisa no princípio, deslizando a mão por seu cabelo úmido, tão negro como a noite. Então amoldou os dedos sobre a mandíbula dele, ásperas pela barba incipiente. Rohan levantou a cabeça e a olhou com uma paixão vizinha da adoração que a deixou sem fôlego.

Então Kate levantou-se e tirou a camisa pela cabeça oferecendo-se a ele em um virginal e tímido silêncio.

Rohan teria que saber que teria feito tudo sem que estivesse no meio uma compensação econômica.

Do mesmo modo que Kate sabia que ele a teria protegido sem esperar nada em troca. Rohan sussurrou seu nome aceitando de coração o presente que Kate lhe dava. Levantou-se para reclamar sua boca uma vez mais enquanto a envolvia em seus braços.

Kate sentiu os lábios de Rohan sobre os seus e a suave leveza de suas mãos acariciando suas costas nua, os braços, os flancos. Devolveu-lhe os beijos com feroz e temerário abandono enquanto ardia por ele, tocava-lhe por toda parte e desfrutava da e sólida dureza de seus ombros largos e de seus enormes braços.

Não restou ninguém para censurá-la, nem delírios de respeitabilidade para salvar. Além disso, sua aristocrática mãe francesa seguiu a paixão ao invés do decoro, por que não deveria seguir seus passos?

Um desejo voraz a impulsionava a unir-se em um só ser com ele essa noite, enquanto correspondia a seus beijos com febril desespero. As mãos dela tremiam e sua pele ardia depois do frio que passou, quando começou a despir Rohan. Primeiro a gravata. Acariciou-lhe o pescoço, agora descoberto, explorando com avidez. Acariciou também a mandíbula, sua pele áspera pela barba incipiente depois de um dia tão longo.

Sentada na poltrona em frente a lareira, rodeou-lhe com os braços quando ele ajoelhou-se entre suas pernas. A língua dele em sua boca e as mãos nos peitos. Desatou com delicadeza o cordão que segurava seu rebelde cabelo para que caísse sobre os ombros, e enredou os dedos naquela cabeleira morena deleitando-se com sua virilidade.

Jamais tinha encontrado um homem tão incrivelmente excitante, principalmente naquele estado; cada momento que passava aumentava a avidez, a luxúria que Rohan sentia por ela, e cada vez mostrava-se menos civilizado. Pediu para que continuasse, encantada com sua força feroz e indomável, a dura e implacável energia do guerreiro. Perdida em seu desejo por ele, deslizou os dedos dentro da abertura de sua camisa folgada desejando a oportunidade de tocar

por fim aquele magnífico corpo que durante tanto tempo tinha ansiado.

Percorreu seus músculos com as mãos e eles pareciam esculpidos em pedra, mas sua suave pele tinha o sedutor tato da pelica. Gemeu fracamente maravilhada por aquele torso cinzelado que agitava-se, para respirar com dificuldade.

Rohan grunhiu em resposta.

—Estou ficando louco. Desejo-lhe —ofegou contra seus lábios.

—Sim.

Kate tentava tirar a camisa dele com impaciência, mas quando ele parou para tirá-la pela cabeça, ela sobressaltou-se ao contemplar aquele abdômen esculpido. “Ai, Meu deus”.

As surpresas não cessavam.

—Vem aqui —sussurrou Rohan com voz grave e rouca.

A ordem a excitou num grau supremo. Nesse momento não a incomodava mais nada que ele lhe dissesse o que deveria fazer.

Abrangeu o traseiro feminino com as mãos e a atraiu contra si, em seus olhos ardia uma paixão que não admitia negativas. Kate rodeou com os braços e as pernas o corpo dele, dando um festim com seus beijos enquanto a levava até sua cama e a estendia nela.

Rohan posicionou-se em cima dela. Com certeza ele perceberia o forte batimento de seu coração, pensou Kate quando este tomou seu rosto entre as mãos e a beijou apaixonadamente uma vez mais.

—Deus, Kate —sussurrou parando brevemente para desabotoar as calças—Tenta-me irresistivelmente.

—Então, faça —murmurou. Certa de que Rohan saberia nessa altura que, na verdade, foi sua desde o começo.

Rohan morria por reclamá-la. Arrebatou seus sentidos até levá-la virtualmente à loucura; não podia suportar mais a vida que sempre levou antes de conhecê-la, estando tão sozinho. Que Deus o perdoasse, não pretendia aproveitar-se dela depois do calvário que havia padecido, mas por nada no mundo ia parar agora.

Desejava estar dentro dela.

Derrubar os últimos muros que restavam entre os dois. Jurou que uma vez visse a prova de seu sangue virginal, e soubesse que finalmente fosse sua definitivamente, contar-lhe-ia tudo. Tudo que pudesse. A guerra encoberta entre a Ordem e os “prometeos” formava parte do legado de Kate tanto como do dele. Tinha direito a verdade. Quem era. De onde procedia.

Ele podia dar isso a ela.

Mas nesse instante desejava dar um prazer como nenhum outro que tivesse conhecido. Não compreendia essa selvagem e irracional necessidade que Kate despertava nele, que corria por suas veias. Uma fome que não limitava-se somente a saciar sua luxúria, mas também a ligá-la de algum modo a ele... e somente essa mulher e não outra. De fechar o círculo que havia começado entre eles até antes que ela nascesse. Em seu foro intimo, soube desde o início que ela lhe

pertencia. Que era sua para protegê-la, curá-la, para consolá-la. Kate necessitava dele como nunca ninguém necessitou, e Rohan a consolaria da forma mais física que conhecia.

Possivelmente esse fosse o destino de ambos. "É um supersticioso". Talvez. Esforçou-se para encontrar uma razão coerente para aquele brutal desejo que lhe inspirava, alguma explicação lógica do porque sentia a dor dela como se fosse sua dor e por que sua presença podia dissipar a escuridão de qualquer lugar, ao menos para ele.

As respostas lhe escapavam zombando, dissolvendo-se no prazer de seus beijos. Kate emoldurou seu rosto entre as mãos para beber de sua boca enquanto sua beleza e sua doce e absoluta inocência a envolvia em um halo de fogo quase sagrado.

O corpo de Kate arqueou-se em um sedutor convite quando as mãos de Rohan começaram a vagar por todas aquelas curvas femininas e seus peitos incharam sob seu contato errante. Roçou os eretos mamilos com os polegares, mas foi incapaz de resistir seu provocador feitiço. Abandonou seus lábios e desceu para lhes render homenagem.

Saboreou cada um com fome insaciável, pausada, deliciosa. Ela estava com a respiração entrecortada quando ficou sobre os cotovelos para observar Rohan. Enquanto reverenciava seu seio com a boca, a mão gozava de liberdade para descobrir e conquistar novos territórios.

E sabia muito bem onde desejava ir. Desceu pouco a pouco por seu abdômen provocando-a à medida que aproximava-se do monte de Vênus. Riscou círculos brincalhões com os dedos na parte baixa do ventre assegurando-se de que ela ardesse em desejos de sentir seu contato, antes de dignar-se a dar-lhe. Quando Kate grunhiu com manifesta frustração enquanto elevava os quadris para ir ao encontro de sua mão, Rohan fez uma caricia em seu sexo com sua mão direita.

Esteve a ponto de perder o controle ao entrar um pouco mais e encontrá-la completamente molhada. Seus dedos se ungiram com o néctar da jovem. Kate exalou um suspiro premente de prazer e deixou cair a cabeça para trás no momento em que Rohan afundou um dedo em seu interior. Sentia o sangue rugindo em suas veias, pois ela estava tão preparada para o amor como nenhuma mulher que conhecera, insistindo em suas explorações com ofegantes movimentos. "Tão molhada". E assim, naquele preciso instante, Rohan ficou escravizado por sua inesperada luxúria, preso de coração e mente e de corpo e alma.

Ele foi arrastado por seus doces gemidos. Jamais em toda sua vida desejou alguém com uma necessidade tão profunda e primária. Liberou seu acalorado membro, depois capturou os delicados dedinhos de Kate e os guiou até sua carne febril fechando-os a seu redor.

Um pequeno grito de assombro escapou dos lábios da jovem. Rohan não sabia se ria ou se contorcia de paixão, mas aquela mulher o enchia de alegria. Estremeceu com grande violência quando aqueles delicados dedos rodearam seu membro demonstrando um efusivo entusiasmo por sua nova tarefa. Rohan fantasiou com sua boca, mas havia um momento e um lugar para cada coisa.

Essa noite tinha diante dele o grande desafio de ocupar-se com a iniciação dela sem causar uma excessiva dor.

Abaixou as calças pelos quadris, mas ficou rígido enquanto dos lábios dele escapava um

grunhido de prazer quando a mão de Kate o apertou e começou a acariciá-lo com maior vigor e pressa. Ela estava dobrada de lado para poder acariciá-lo melhor. Era uma mulher assombrosa.

—É bom? —aventurou ansiosa para fazer com que ele perdesse o controle.

—Muito. Mas... —sussurrou —sei de algo que é... ainda melhor. —Impulsionado pela crescente luxúria, estendeu-a de costas e colocou-se em cima dela, cuidando de não esmagá-la com seu peso. Depois colocou um braço por baixo do pescoço, cavou a mão sobre a parte posterior de sua preciosa cabecinha e a olhou fixamente durante um segundo—. Agora vou possuí-la Kate.

—Mmm, sim, Rohan, por favor. —retorceu-se debaixo dele.

Rohan abaixou a cabeça e devorou sua boca com beijos, enquanto a penetrava. Empurrou centímetro a centímetro dando-lhe aquilo que os dois desejavam com tanto desespero. Kate o acolheu embora pudesse sentir sua febril incerteza.

Moveu-se lentamente enquanto palpitava dentro dela. Só introduziu até a metade, agradando-lhe com leves ataques, acariciando suas apertadas paredes internas. Os seios dela agitavam-se contra seu peito enquanto aceitava a intrusão com cautela. Rohan sentiu o momento em que ela necessitou mais.

Afundou-se profundamente resolvido a tomá-la. Ela umedeceu os lábios e abriu-se para ele, mas Rohan continuou contendo-se. Seguiu sem pressa até perceber que ela sacudia a cabeça sobre o travesseiro e seu corpo retorcia-se embaixo do seu com trêmula frustração.

Então entrou nela com força e acelerou o ritmo. Kate arqueou as costas cravando as unhas nos trementes quadris dele e proferindo uma furiosa maldição em voz baixa. Rohan não pôde continuar contendo-se por mais tempo. Enquanto Kate jazia estremecida debaixo dele, apoiou as mãos de ambos os lados, cravou o olhar em seus olhos, e investiu de novo tomando-a por inteiro.

Desta vez introduziu até o fundo em seu interior, e ela proferiu um débil grito de dor. Rohan lamentou imediatamente mas, quando começou a retirar-se, Kate segurou com os braços sua cintura empapada de suor.

Depois de abaixar rapidamente a vista para o lugar onde seus corpos estavam unidos, Rohan notou que se formava um nó na garganta, ao ver uma mancha vermelha na cama, do sangue dela.

“Santo Deus!” Não tinha esperado sentir a intensa emoção que o embargou nesse instante, como só então percebesse realmente de que acabava de deflorá-la. Era a criatura mais formosa e incrível que havia conhecido. E entregou livremente sua virgindade para ele.

De repente Rohan não soube o que fazer; sentiu-se perdido, embora só por um breve segundo. Devia parar? Devia continuar? Acabava de cometer um terrível pecado ao tomar sua inocência quando a única coisa que tinha para dar a ela em troca era a escuridão?

Kate tomou a decisão por ele arqueando o corpo para beijá-lo no peito uma e outra vez, com tal doçura que quase perdeu o controle.

Apertou a cabeça de Kate contra ele de forma reverencial e fechou os olhos. Sem necessidade de palavras aquela jovem lhe disse que era digno dela e que, embora pudesse ter doído, era assim como desejava, dentro dela por completo. Disse-lhe que era o eleito. Mas aquele

anjo não tinha ideia no que estava se colocando.

Rohan estremeceu acariciando o cabelo de Kate com a mão, que tremia ligeiramente pela violenta intensidade de sua paixão. Jamais uma amante o comoveu até esse ponto.

Depois de um momento estenderam-se lentamente sobre o colchão. Tendo piedade de sua inexperiência em vista de seu notável tamanho, Rohan caiu a seu lado enquanto olhavam um ao outro, com seus corpos ainda unidos.

Ela enroscou a perna sobre o quadril de Rohan e lhe deu prazer impondo um ritmo mais lânguido., fechando os olhos e deixando que a amasse.

Mas não passou muito tempo antes que ele inflamasse seu fogo até fazê-la arder novamente. Kate fez com que ele ficasse de barriga para cima e, intrigada com as possibilidades, montou escarranchada sem que ele abandonasse seu corpo. Parecia saborear aquela posição triunfal em cima dele... e o poder, recém descoberto, que possuía sobre Rohan.

Era inegável. Naquele momento ele era dela, de corpo e alma. Tanto se Rohan estivesse preparado para isso como não. E com certeza ele não estava preparado para admitir.

—Rohan —murmurou—, por que já não fizemos isto durante todo este

tempo em que estou aqui?

Ele deu um sorriso licencioso.

—Tentava convencê-la de que eu era um cavalheiro —respondeu com a voz rouca de desejo.

Ela sorriu diante sua irreverente resposta e seus delicados dedos desceram por seu peito.

—E para que eu ia querer um cavalheiro quando posso ter uma Besta?

—Perdão, como diz? —protestou com fingida indignação. Depois virou a insolente moça sobre o colchão—. Terei que dar uma lição em você visto ter me chamado por esse apelido.

—Faça isso, rogo-lhe. —Sorriu olhando nos olhos dele, enquanto Roham posicionava-se novamente entre suas pernas.

Aquilo era como estar em casa; essa era a pura verdade.

—Bom, meu pequeno presente. Se não tiver nenhum inconveniente, vou levá-la ao orgasmo. Acredito que esteja familiarizada com essa palavra.

—Que excitante! É obvio que estou —respondeu com voz entrecortada—.Advirto-o de que não sou uma dissimulada. —Quando Rohan arqueou uma sobrancelha, ela adicionou com toda naturalidade—: Orgasmo, do grego orgasmos. Chegar a cúpula. Sentir luxúria. A pequena morte.

Ele soltou uma suave risada.

—Teoria, minha pequena erudita. Isso é tudo... pura... teoria —sussurrou com malícia enquanto que beijava o pescoço dela várias vezes.

Depois começou a instruí-la para que sua pequena erudita pudesse aprender com a experiência. Seus corpos deslizaram em trêmula harmonia. Pele quente, rítmicos ofegos e o palpitar de seus corações. Fizeram amor como se suas vidas dependessem disso.

—Oh!, Deus... Rohan!

—Sim, Kate —sussurrou com voz quebrada e com entusiasmo.

—Ai... meu deus...

— Renda-se para mim—ofegou contra seus lábios.

Rohan não opôs resistência quando ela o atraiu para si aferrando-se com força a ele; sentia-se embriagado por aqueles gemidos arrebatados, como uma suave voz de soprano para seu ouvido. Sepultou o rosto naquela sedosa cabeleira lutando para resistir um pouco mais até que ela saciasse por completo.

Os espasmos de um intenso clímax assolaram o ágil corpo de Kate e as doces convulsões de seu sexo o deixaram totalmente louco.

Kate venceu. Não sabia como teve a presença de ânimo para retirar-se de seu corpo, pois o êxtase o dominava, mas se negava a correr o risco de deixá-la grávida com todo o perigo que ainda lhes aguardava.

O prazer estremeceu e sua explosiva liberação empapou com sua semente no abdômen e nas coxas abertas de Kate.

Rohan não se importava. Jamais o incomodaram as tediosas inibições. Deixou que seus grunhidos e gemidos de prazer enchessem o abrasador espaço entre eles. Obstinado a seus quadris em todo momento e desejando com todas as suas forças ter conseguido saciar seu corpo.

A ideia de que ela engendrasse um filho causou tão forte impressão que seu velho amiguinho, depois de um clímax de tão violenta magnitude, não mostrava sinal algum de relaxamento.

—Oh... Rohan —ronronou Kate depois de um glorioso silêncio.

Rohan abriu os olhos com esforço e contemplou seu rosto resplandecente com a luz do longínquo fogo da lareira. Tranquilizou-a com respeito a seus sentimentos com um sorriso aturdido e um terno beijo. Kate proferiu uma gargalhada enquanto seus lábios continuavam ainda suspensos sobre os dela.

Quando a olhou com expressão inquisitiva, ela mordeu os lábios como se quisesse evitar dizer algo que soasse estúpido.

—Do que ri? —brincou Rohan em voz baixa, esfregando o nariz contra a dela enquanto seu comprido cabelo formava um véu criando um espaço privado em que os dois olharam-se aos olhos. Desejava que aquele momento não acabasse jamais.

Mas sabia terminaria.

Supôs que, inclusive nesse instante, era impossível livrar-se do enfastiado pessimismo, da lôbrega sensação de fatalidade que albergava o coração de todo sicário.

—É maravilhoso —sussurrou timidamente.

—E um inferno —respondeu ele com um sorriso contrito nos lábios e a satisfação refletida em seus olhos.

“Nem sequer me conhece. Não de verdade. Ainda... Embora possa conhecer brevemente, minha doçura”.

Quando apoiou a cabeça entre seus sedosos peitos e elevou o olhar ao dossel de veludo escuro que os amparava, uma tênue fresta de inquietação cruzou por sua cabeça. “Veremos se continuará pensando o mesmo quando conhecer a verdade”.

CAPÍTULO 14

A manhã seguinte foi a segunda vez que Kate despertou na cama de Rohan a partir de sua chegada ao castelo. Mas, a diferença daquele desconcertante e longínquo dia, quando desta vez abriu os olhos naquele quarto banhado pela luz do sol, ele foi o primeiro que viu a seu lado.

Não queriam levantar, mas sim permanecer junto a ele calmamente na cama. Passou um momento de sonho acariciando com afeto as costas nua de seu sonolento amante.

Que contorno tão majestoso possuía, com aqueles amplos ombros até a suave e esbelta curva da parte baixa das costas. Certamente, tinha mais cicatrizes que ter qualquer outro corpo, pensou Kate, mas Rohan não queria responder suas sutis pergunta a respeito das mesmas.

—Como fez esta? —murmurou riscando o que parecia ser uma ferida de sabre ao longo da caixa torácica.

Virado de barriga para baixo, com o rosto apoiado sobre os braços cruzados, Rohan fingiu estar dormindo e não prestar atenção, embora não cabia dúvida de que estava desfrutando de suas carícias.

—Hum?

Kate sabia que a estava evitando, mas o perdoou com um sorriso cúmplice. Seja qual for o perigo que havia encarado, não o matou. Isso era o que importava. Inclinou-se um pouco e beijou todas as suas velhas feridas.

Aqueles beijos leves seguiram o mesmo atalho que realizaram suas mãos reverentes, até que por fim ele virou-se e lhe mostrou a régia evidência do efeito dela sobre ele. Atraiu-a contra seu corpo desejando novamente fazer amor, mas ela estava dolorida ainda e suplicou brandamente que tivesse paciência.

Com uma rouca risada diante sua desinteressada recusa, Rohan roubou um beijo, dirigindo-lhe um olhar contrito carregado de adoração. Depois levantou-se nu em toda sua magnífica glória para pedir aos criados que preparassem um banho.

Depois de tomar banho e refrescar-se, Rohan vestiu uma roupa e desceu para olhar seus homens. Desejava certificar-se de que Parker e outros haviam retornado sem contratempos e pegar o livro da caixa forte onde na noite anterior pediu a Eldred que o guardasse.

Prometeu retornar com o café da manhã.

Kate ficou no dormitório para terminar de seu asseio e desfazer os nós do cabelo. Envolta na enorme bata em estilo asiático de seu protetor, acomodou-se no acolhedor assento da janela para contemplar o profundo mar azul que estendia-se além dos muros do castelo dos escarpados, e a extensão do céu azul daquela limpa amanhã de inverno.

Estava com um ânimo tão esplêndido como o novo dia e uma serena satisfação enchia seu coração. A ausência de Rohan concedia a ela uns minutos a sós para refletir a respeito de sua nova existência e do ousado acontecimento que teve com ele a noite.

Bom, não podia voltar para sua casa. Ela pegou fogo até os alicerces e ela já não era mais virgem. “Teoria”, pensou reprimindo uma riso ao saborear a lembrança.

Certamente resultava irônico que o velho Caleb Doyle tivesse rido por último, tendo em conta que ele a levou ali para cumprir com essa mesma função. Uma “boa meretriz” para sua excelência. Nunca poderia imaginar que rapidamente desempenharia esse papel.

Mas não lamentava. Afinal, já não estava sozinha.

Animou-se ao escutar que batiam na porta com golpes rápidos e espaçados e olhou para lá, do seu assento na janela.

—Quem é? —perguntou com um tom travesso.

A porta foi aberta e a cabeça de Rohan apareceu .

—Está apresentável?

—Depende de quem pergunta.

—Não está nua. Estou desolado.

—Faz frio aqui!

—Posso atiçar o fogo.

—Acredite —ronronou—, faça isto.

Rohan esboçou um amplo sorriso diante seu trocadilho, mas Kate não ficou vermelha e dirigiu um olhar sedutor e faiscante para ele. As amantes podiam dizer essa classe de coisas, pensou Kate. Depois ele entrou no quarto levando uma bandeja com o café da manhã como se fosse um galanteador inoportuno.

—Tem fome?

—Do que? —replicou.

—Meu Deus —disse com ar lânguido—. criei um monstro. Estou muito feliz.

Kate riu enquanto ele deixava a enorme bandeja sobre a cama e aproximou-se dela. Inclinou-se imediatamente para capturar seu rosto entre as mãos e lhe deu um longo e sedutor beijo depois de sua breve separação.

Embora esteve somente vinte minutos ausente, Kate já sentiu muito a sua falta. Suspirou de prazer acariciando seus braços enquanto Rohan punha fim ao beijo pouco a pouco.

—Por acaso você já ficou doente?—sussurrou com um brilho maroto em seus claros olhos.

—Quase.

—Muito bem, recupere as forças. —ergueu-se e apontou para a enorme bandeja transbordante—. Seu café da manhã, madame.

—Obrigado, estou esfomeada! —levantou-se sem demora fazendo uma carícia em Rohan quando passou a seu lado e examinou com avidez a comida.

Sentaram-se na grande cama com a bandeja entre os dois. Kate ficou com água na boca vendo o que tinha diante: um bule de chá e pasteizinhos brilhantes, torradas com manteiga e presunto; quando levantou a tampa que conservava quente o prato principal, descobriu ovos e salsichas.

Serviram-se e começaram a comer, mas enquanto mastigava um pedaço de torrada Kate

apontou finalmente com seu delicado dedo a vasilha maior de todas, que continuava tampada.

—O que tem dentro dela?

—Voilà —respondeu Rohan retirando a tampa. Kate ficou imóvel, deixou de mastigar e engoliu tudo de uma vez.

—O livro de minha mãe!

O estragado volume encadernado em pele jazia dentro da terrina, livre do tosco pano em que estava envolto quando Rohan o encontrou. Leu o título impresso na capa, provavelmente um aplique realizado por algum proprietário anterior para ajudar a preservá-lo: O Journal de L'Alchimiste.

—Ai, Senhor —murmurou Kate—, quase me esqueci com toda esta... né... excitação. —Lançou-lhe um olhar coquete, logo desviou para o livro, mas decidiu no ato que havia algo nele que não estava gostando. Cravou os olhos em Rohan com expressão receosa— Deu uma olhada nele?

—Comecei ler. Então caiu isto de dentro das páginas e pensei que seria melhor esperar. —Estendeu o braço para o livro, abriu a capa e tirou uma carta que com o passar do tempo adquiriu um tom amarelado e esteve guardada dentro daquelas páginas—. Parece que é melhor que a leia quando estiver preparada .

Kate tirou a carta de sua mão, intrigada.

—Minha mãe escreveu?

—Não, seu avô, o conde DuMarin, escreveu para ela. me perdoe por ter lido antes de você, mas queria ter certeza de que não havia nada aí que pudesse feri-la.

—Ooh. —Com um sorriso de adoração, beijou os dedos e alongou o braço por cima da bandeja para pousá-los sobre os lábios de Rohan—. Suponho que estou tão preparada como poderia estar.

Começou a percorrer com a vista a nítida caligrafia.

—Meu Deus —murmurou—, parece que meu avô escreveu isto para minha mãe na ocasião de sua partida.

—Tem certeza de que está preparada?

Rohan observava Kate com o cenho franzido. Ela respondeu assentindo, passando mentalmente ao francês, a língua em que estava escrita a carta. Aprofundou na leitura enquanto ele tomava outro gole de chá.

"Minha queridíssima Gabrielle:

Não voltaremos a nos ver nesta terra. Oxalá tivesse anos ou inclusive meses para explicar o que devo revelar, mas não tenho tempo nem ânimo para confessar e lhe falar sobre a caixa de Pandora que ajudei a abrir. Talvez um dia o duque de Warrington possa contar isso".

Kate elevou o olhar de repente.

—O duque de Warrington? —Confusa, desviou a vista de Rohan para a carta—. Meu avô... conhecia seu pai?

Ele assentiu lentamente enquanto Kate olhava emocionada para ele.

—Não me disse isto!

—Continue lendo —murmurou—. Logo saberá por que.

O coração começou a pulsar com força quando fixou novamente a vista na carta.

—Ao que referia-se meu avô com... essa "caixa de Pandora" que diz que ajudou a abrir? Sabe?

—Siga lendo, Kate.

A jovem olhou com receio. Algo estranho estava acontecendo. Prosseguiu com a leitura, consumida pela curiosidade.

"*Minha única esperança agora é ajudar aqueles a quem sempre considerei meus inimigos. Temos que impedir, custe o que custar, o que colocaram em marcha, antes que aumente o pânico".*

Estava desconcertada e podia sentir que pouco a pouco alterava-se. O que significava todo aquilo?

Ao menos a seguinte frase tinha certo sentido.

"Na América estará longe de tudo isto, e acredito que lá estará a salvo".

Aquilo concordava com o pouco que sabia sobre o passado de sua mãe.

"Confie nestes homens de bem a cujo cuidado a encomendo. Como poderia saber que eram nossos inimigos que sempre tiveram razão e que nós quem estávamos equivocados? Não consinta que a arrastem a esta mesma loucura como fui eu. Tudo é o contrário do que eu acreditava. Dirijo-me para minha morte arrependendo-me de tudo... de minha vida inteira, cego pelos enganos do Conselho e por minha própria cobiça... mas, principalmente, lamento o que permiti que fizessem a você em nome das crenças que agora sei que não são mais que mentiras e maldades".

—Santo Deus, do que está falando? —sussurrou levantando a vista para Rohan e empalidecendo—. Sempre acreditei que meu avo ficou na França para lutar contra os jacobinos!

—Não exatamente.

—Você sabe do que está falando?

—Sei.

—Como?

—Porque minha família também está envolta nisso.

—Esses "homens de bem" que ele faz alusão... fala de seu pai?

Rohan assentiu estoico.

Kate percebeu que ele estava esperando que terminasse de ler a carta antes de responder suas perguntas.

Sentia um pouco de enjoo pela repentina incerteza ao notar que Rohan sabia coisas sobre ela e sua família e que não havia dito uma só palavra para ela até o momento. Rohan devia ter suas razões mas, por Deus bendito, concedeu sua virgindade para ele na noite anterior.

Não podia evitar sentir-se de certo modo traída por seu segredo. Emocionada por aqueles repentinos sentimentos de desconfiança para o homem de quem dependia sua vida, concentrou-se novamente na carta.

"Minha filha, de agora em diante deve tomar cuidado com a cólera do Conselho. Há quem poderá castigá-la pelo que seu pai está a ponto de fazer. Já conhece seus nomes; compartilharam a mesa conosco muitas noites. Foram como tios para você. Mas acredito que sentia a verdade no fundo de seu puro coração infantil: suas almas são escuras. Tem que saber que vou revelar seus segredos a nossos rivais. Não tenho alternativa. A Ordem de San Miguel é a última esperança da Europa."

—São Miguel —repetiu enquanto recordava a magnífica talha em mármore do arcanjo que havia na capela do duque.

Rohan mantinha uma expressão impassível no rosto; Kate continuou lendo.

"*Quanto a você, minha querida menina, este livro que confio a seu cuidado deve ser-usado como último recurso para protegê-la. Se alguma vez for ameaçada por meus antigos colegas, utiliza O jornal do alquimista para conseguir salvar-se. O Conselho não lhe fará mal sempre e quando menti-lo longe de suas garras. Mas leia este livro o menos possível, não seja infectada pela maldade que contém. Não fale dele a desconhecidos, e não confie em ninguém que obrigue a entregá-lo. Deve permanecer em nossa família, posto que Valerio é de nosso sangue."*

Kate ficou boquiaberta. Olhou para Rohan, atônita.

expressão mordaz.

Kate assim que foi capaz de falar não soube o que dizer. Sua cabeça rodava.

E isso não era tudo. Folheou a carta e apressada recomeçou a leitura até terminar enquanto rogava que não houvesse mais revelações impactantes.

—Meu antepassado...? —gritou—. Valerio o alquimista? É por isso que minha mãe tinha este livro? É... o feiticeiro que amaldiçoou a sua família? Sou descendente dele?

—Ainda bem que não acredita em maldições —murmurou Rohan com

"E assim, minha preciosa menina, devemos nos separar. Queira que o Deus que criou o firmamento e você, me perdoem pelos enganos que cometi sendo seu pai. Passarei o resto de minha vida tratando de reparar os danos... por escasso que seja o tempo que o destino me conceda antes que o Conselho fique ciente de minha traição.

Mas não chore por mim. A informação que posso proporcionar à Ordem será minha

penitência pelo papel que desempenhei no inferno que se desatou em nossa amada França. A tirania se aproxima, Gabi. Por isso tem que partir para a América. Temo que nos esperam dias cheios de sangue na Europa".

Seu avô não se equivocou nisso.

A carta estava datada de 1792, e quase vinte e cinco anos de sangrentas batalhas aconteceram após essa data. As ambições de Napoleão estenderam a agitação por todo o continente, da costa francesa, cruzando o fértil vale do Rin dos principados germanos, passando aos Alpes e além de Viena, o bastião dos Habsburgo, até as gélidas fronteiras da Rússia, e também ao sul, para os planos espanhóis e para a Itália. Tinha entendido que nem sequer o Império turco livrou-se.

O único lugar seguro foi a Inglaterra embora, é obvio, até que o almirante Nelson tivesse esmagado à armada naval de Napoleão, os sentinelas tinham montado guarda cada noite nas atalaias costeiras para prevenir uma possível invasão por mar.

Rohan a observava atentamente esperando quase com a paciência de um depredador. Nesse instante compreendeu que ele estava de algum modo envolto em tudo aquilo. O que ele disse na noite do jantar de celebração?

"Trabalho para o governo desempenhando certas... funções secretas." Notou que um nó formava-se na garganta e continuou lendo com pressa para chegar ao final. Começava a ter a sensação de que topou com algo que superava em muito seu conhecimento.

"As Coroas europeias cairão uma a uma até que todas tenham sido conquistadas e estejam sob o governo dos "prometeos". Mas nem tudo está perdido ainda. Não podemos permitir que o Conselho leve a cabo seus planos sem lhes colocar um freio, e eu posso proporcionar à Ordem informações cruciais sobre seus projetos futuros.

Recorda, como frequentemente disse à você, que não tem que acreditar nada do que vê. O caos deste mundo não é mais que um espetáculo, uma ilusão, um truque de magia para distrair e afastar seus olhos da verdade: a mão invisível que há atrás de todos os tronos e poderes deste mundo.

Eu sei bem, já que ajudei a fazer isso.

Adeus, meu carinho. Tomei esta decisão *por você e por seus filhos. É o único fruto de minha vida de que sinto orgulho. Queira Deus que tenha uma vida longa e em paz, e que encontre tanta sorte quanto possível neste escuro mundo, minha querida menina.Se não fosse por você, há muito tempo a escuridão teria me devorado.*

Com amor e lágrimas.

Sempre seu,

PAPAI"

Kate ficou sentada em completo silêncio durante momentos sumida em um estado de

atordoamento.

Quando por fim olhou para Rohan através da confusão que a embargava, este contemplou o desconcerto refletido em seus olhos com uma expressão serena e firme.

—Então... meu avô —disse com voz entrecortada—, era uma espécie de... informante?

—Correto. E meu pai era o agente que puseram a cargo de seu caso.

—O que é esse Conselho e o que faz referência... a Ordem?

—Kate... não pode repetir jamais o que estou a ponto de lhe contar. A ninguém. Unicamente estou disposto a falar porque afeta diretamente sua pessoa, principalmente agora que é um objetivo. Mas também porque merece saber a verdade a respeito de sua família. Tem que me dar sua palavra de que jamais contará a alguém a informação que vou revelar para você. Muitas vidas dependem disso, incluindo a sua e a minha. Pode prometer isso? Do contrário, já falei muito.

—É obvio que prometo —murmurou com os olhos muito abertos.

—Bem. —Sentado ainda na beirada da cama, Rohan inclinou para diante, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e se agarrou frouxamente as mãos. Guardou silêncio durante um momento enquanto considerava como começar. Em seguida a olhou de esguelha—. Recorda o livro sobre dragões que encontrou?

Ela assentiu.

—Tinha razão —disse—. Não trata realmente sobre dragões. Trata-se da luta entre o bem e o mal que tem sido travada há centenas de anos. Uma guerra secreta que é disputada nas sombras. —levantou-se e começou a passear pelo quarto—. Meus antepassados formaram parte desde o começo, que se remonta à Idade Média. Do mesmo modo, sua família francesa, os DuMarin, formaram parte dela durante muitas gerações, desde Valerio o alquimista até que seu avô mudou de ideia.

—Formaram parte do que? —murmurou enquanto seu rosto ficou pálido.

Rohan a estudou durante um segundo.

—De uma sinistra e extremamente perigosa organização de conspiradores conhecidos como o Conselho dos “Prometeos”. Estimamos que há menos de um milhão, todos...

—Quem estima? —interrompeu.

Rohan olhou severamente para ela pedindo-lhe que fosse paciente.

—Os líderes dos “prometeos” pertencem à aristocracia, são muito ricos e estão estrategicamente repartidos em postos importantes por todas as cortes europeias. Alguns usam coroa, mas a maioria de nossas casas reais não são mais que simples marionetes. ——. Olhando para os outros, estes homens aparentam servir a seus distintos governantes, mas na realidade seguem em segredo sua própria e bem organizada agenda.

—Que agenda?

—Infiltram-se de forma ardilosa e discreta nas altas esferas do poder. Podem ocupar qualquer posto, desde generais até conselheiros, tesoureiros, juízes do tribunal supremo, médicos reais, párocos, membros de confiança da aristocracia... inclusive destacados artistas. Mas atrás de suas máscaras, sua lealdade está em outra parte. Esse desenho que viu no livro de dragões. O ovo

do dragão. Recorda?

Ela assentiu muda de assombro.

—Denomina-se a marca do iniciado. Cada conversão ao culto dos "prometeos" recebe a marca do "Non Serviam" em seu corpo. Tem que compreender que o que impulsiona a estes demônios é mais que simples ambição política. Têm suas raízes no ocultismo. Por isso sentem tal veneração por gente como Valerio e sua magia negra.

—Meus antepassados estavam no bando do mal? —gritou aflita—. Jamais me convencerá de que minha mãe era malvada!

—Não, não, mademoiselle Gabrielle não tinha nada a ver com isso. Por isso eu sei, era inocente. —Rohan vacilou—. Prefere que pare? depois de tudo o que passou, talvez isto seja muito...

—Não! quero escutar tudo! Disse-me mais sobre minhas origens nos últimos minutos do que soube sobre mim mesma em toda minha vida. Necessito desta informação, Rohan. Preciso saber quem sou. Por favor, continue.

Ele assentiu olhando-a com ternura.

—Os "prometeos" não se consideram malvados, o que, sinceramente, faz que sejam muito mais letais. Conforme as pessoas os vêem, são caridosos, só utilizam os poderes escuros para impor o "bem universal" de seu reinado supostamente progressista. Mas a prova do que são, está aí, em tudo aquilo no que acreditam. Para eles, o fim justifica qualquer tipo de meios brutais.

—No que acreditam? —perguntou com voz fraca.

—Não reconhecem o valor da vida, nem a dignidade humana. Todo mundo é dispensável, qualquer um pode ser sacrificado em nome do que gostam de denominar o bem maior. Naturalmente, o verdadeiro motivo atrás de sua filosofia de elevados princípios não é mais que a absoluta avidez pelo poder. —Estudou-a durante um segundo com os olhos entreabertos, logo continuou andando de um extremo ao outro do quarto.

"Para eles, a humanidade inteira não é mais que peões em seu tabuleiro de xadrez, com o mesmo valor que um atalho de ovelhas, ou uma praga para erradicar com o tempo. Dá no mesmo se seus discursos s]ao ou não bonitos, o que os impulsiona é a arrogante convicção de sua própria superioridade. Embora, por sorte, não carecem de oposição.

Fez uma pausa e foi sem pressa para a janela enquanto ela o observava boquiaberta.

Rohan olhou fora um pouco, a seguir girou para ela.

—Pertenço a uma ancestral ordem secreta que jurou erradicar os "prometeos" e destruí-los antes que possam consolidar seu poder. Chama-se a Ordem do Arcanjo San Miguel.

—A estátua da capela.

—Sim. —Assentiu com um brilho de endurecido orgulho familiar nos olhos—. Minha linhagem é parte dela desde que tudo começou durante a Terceira Cruzada, no tempo do reinado de Ricardo Coração de Leão. Meu pai foi um dos maiores guerreiros da Ordem. Ele me treinou desde o dia em que nasci. Sou formado e moldado para seguir seus passos.

Kate pensou na sala de armas e em seu feroz treinamento com sua habitual espada

semelhante a uma lança.

Ao menos tudo começava a mostrar sentido.

—Era um menino quando explodiu a Revolução francesa. O mundo inteiro estava escandalizado pela Tomada da Bastilha e a detenção da família real francesa. Mas os líderes da Ordem não demoraram para começar a ver sinais de que as mãos dos "prometeos" dirigiam os fios que se ocultavam atrás do crescente caos.

"A equipe de meu pai deu com o paradeiro de alguns agitadores do conselho que foram enviados para incitar à turba de exaltados. Como vê, quanto mais sangue e caos pudessem semear nas ruas, mais desesperada estariam as pessoas para encontrar alguma autoridade benévola que restaurasse a ordem. Seu plano era que o povo clamasse por uma nova forma de governo que logo se transformasse em uma opressão de que seria impossível escapar.

"Os "prometeos" não se preocupam com a liberdade, a igualdade e a fraternidade... os ideais da Revolução. Posso assegurar que a liberdade das pessoas é a coisa mais afastada entre os pensamentos deles. Mas são muito espertos recorrendo às paixões políticas e as correntes filosóficas do momento em seu proveito. Não lhes importa o ardor religioso nem os prejuízos. Tampouco a perseguição dos judeus ou de outras raças... desde que possam cravar suas garras em um grupo de fanáticos dóceis com certa cólera que possam enfocar em uma direção útil.

—Malvados.

—Sim, eles são. Estão a centenas de anos utilizando esta mesma estratégia. Neste caso, o resultado foi a matança sistemática da classe alta na França e de qualquer coisa próximo a ela. Não é que não fossem necessárias as reformas, mas sem dúvida era desnecessário acabar com mulheres e crianças em execuções públicas.

Kate meneou a cabeça, estremecendo.

—No momento em que seu avô viu os excessos do terror, soube que as coisas estavam completamente fora de controle. Foi então quando procurou à Ordem.

—Procurou seu pai.

—Sim. Nós, os duques de Warrington mantivemos uma larga relação com a parte de contrabandistas do local. São úteis para nós. O conde DuMarin necessitava um navio para levar sua filha a América. Meu pai ofereceu seus préstimos para conseguir o mais preparado e intrépido capitão para levá-la a Nova Orleans sem que ninguém soubesse de sua chegada. Escolheu então Gerald Fox.

Kate ficou boquiaberta.

—Meu pai... era um dos contrabandistas de Caleb Doyle?

—Eu não diria dessa forma, mas sim, conheceram-se na juventude. Por isso Caleb estava tão empenhado em desfazer-se de sua pessoa. Se o capitão Fox estiver vivo, tal como agora acreditam, Caleb não deseja zangá-lo. Entregou você para mim porque teve medo de enviá-la para sua casa ou prendê-la. Não sabia que outra coisa fazer.

—Mas sempre me disse que meu pai chamava-se Madsen... Como está tão certo de que o tal Gerald Fox foi quem levou minha mãe?

—Estava presente na noite em que seus pais foram apresentados.

—O que?

—O conde DuMarin permaneceu em Londres protegido no quartel geral da Ordem, mas trouxeram sua mãe ao castelo Kilburn para sua partida a América. Eu tinha uns dez anos e estava escutando da galeria dos trovadores os assuntos de meu pai no salão, quando a vi.

—Viu minha mãe? —O quarto passou a girar enquanto ela olhava fixamente com absoluta incredulidade—. Esteve aqui? Aqui mesmo... no castelo Kilburn?

Rohan assentiu apoiando-se contra o dossel da cama, cruzando os braços.

—Estava coberta por um véu e seu vestido era preto.. de luto suponho, devido a que quase todas as pessoas que conhecia acabaram na guilhotina, pobrezinha. Assim não cheguei a ver seu rosto. Mas levava esse livro nas mãos. —Assinalou com a cabeça o volume que tinham recuperado do mezanino sobre o abrigo de Charley—. Foi a noite em que meu pai a apresentou ao capitão Gerald Fox. O futuro esposo dela e seu pai.

—Papai...

—Sim. Estiveram aqui muito pouco tempo. Fox escoltou mademoiselle Gabrielle até seu navio e essa, foi a última vez que a Ordem os viu. Seu destino continua sendo um mistério para nós. Pouco depois disso, enviaram-me de retorno à escola para começar com meu adestramento. Quando a Ordem percebeu que os "prometeos" começaram a atuar de novo compreenderam que necessitariam de futuros guerreiros. Assim, o localizador empreendeu sua exploração e eu fui um dos moços selecionados. Enquanto isso, meu pai era enviado junto com sua equipe para semear o caos entre os "prometeos" apoiando-se na informação que seu avô tinha fornecido.

Kate olhou sobressaltada enquanto a expressão de Rohan ficou sombria, perdido em seus pensamentos.

—Meu pai morreu naquela missão —disse—. Isso só redobrou meu desejo de ser o melhor caçador que a Ordem jamais teve.

—Caçador? O que quer dizer? —insistiu—. Qual é seu papel concreto em tudo isto, Rohan?

Ele cravou os olhos em Kate durante um momento.

—Persigo e caço os "prometeos" e acabo com eles.

—Você os mata? —sussurrou.

Rohan assentiu com serenidade, sem sombra de remorso em seus olhos.

Kate afastou a vista estremecida por seu silêncio e incapaz de suportar a intensidade de seu olhar.

—Eu tenho sangue dos "prometeos". Isso converte-me em sua inimiga?

—Não. Sei que é inocente e sua mãe também era.

Ela observou Rohan com olhos entreabertos.

—Durante um tempo não esteve certo disso, não é assim?

Rohan sustentou o olhar dela com expressão tempestuosa.

—Jamais poderia fazer mal a você, Kate. Com maldição ou sem ela.

—Entendo. —Sopesou suas revelações durante um prolongado momento, e depois olhou de

soslaio—. Como você acaba com eles? Refiro-me a seus inimigos.

Rohan estremeceu.

—Não quer saber disso.

—Sim quero.

—De maneira eficaz —replicou.

—Ah. —Talvez Rohan estivesse certo. Possivelmente fosse melhor desconhecer os detalhes sangrentos—. Alguma vez... pergunta para si mesmo se algum deles não merece?

—Todos merecem —respondeu com uma certeza que ela entendeu que essa era uma questão que Rohan não podia permitir contemplar—. São malvados. Matar um deles pode significar salvar milhares de pessoas inocentes. Além disso, minha função não é a de fazer perguntas. Há outros especializados em solicitar informação. Também me dedico a isso em parte, mas minha especialidade é eliminar objetivos.

—Refere-se a matá-los.

—Sim. As decisões vêm de cima. Quando a Ordem me dá um nome, cumpro com meu objetivo. —encolheu os ombros.

—Entendo.

—Seriamente? —inquiriu olhando-a fixamente nos olhos.

—Sim. —Notou que estava se formando um nó em sua garganta—. O que está Me dizendo é que é uma espécie de sicário.

—Nada de “espécie”.

—Ah.

Era uma sorte que ela não fosse propensa a desmaios. Por todos os Santos, acabava de converter-se na amante de um sicário profissional do governo.

A cabeça lhe dava voltas mas, embora estivesse completamente chocada, de algum modo não ficou surpresa. As coisas que antes pareciam carentes de lógica começavam a ter sentido.

Apesar de tudo, não podia acreditar que Rohan deixou que se entregasse a ele sem antes lhe confessar algo de tal magnitude. Devia saber que isso poderia ter mudado sua resposta, e não queria arriscar-se.

Começava a pensar que seu duque tinha uma faceta que poderia ser um tanto canalha. É obvio, tendo em conta sua profissão, tinha que ter, não era assim?

Rohan estava olhando para ela de maneira um tanto intimidadora, com os braços cruzados sobre o peito, enquanto esperava sua resposta.

Kate não sabia bem o que dizer. Não estava furiosa com ele, mas quantas coisas mais ignorava a respeito desse homem? Sabia que não tinha sido sua intenção fazer-lhe mal, mas uma parte dela sentia como se a tivesse enganado para que dormisse com ele sob falsos pretextos.

Em todo caso, Rohan não era a classe de homem que nenhuma pessoa sensata deveria zangar. E, de todos os modos, já era muito tarde para arrepender-se.

—Diga algo —grunhiu o duque.

—Bom... agora entendo por que os contrabandistas tem tanto medo em causar-lhe desgosto —Respondeu fazendo uma tentativa cautelosa de minimizar a questão.——Eles desconhecem esse meu lado.

—Não obstante... explica muitas coisas a seu respeito.

Ele franziu o cenho, como se não estivesse seguro de como lidar com aquilo.

—Por que a Ordem escolhe um duque para uma empresa tão perigosa? —perguntou—. Não é muito valioso?

—Para proteger a minha pátria? —replicou—. Não. Além disso, é uma questão de acessibilidade. A maioria das portas do mundo abrem-se para um homem de minha posição. Para mim é fácil me aproximar dos estúpidos dirigentes que nem sequer se dão conta de que estão em perigo...

—Ah.

Kate abaixou o olhar tratando de refletir sobre isso. Recordava aquela primeira noite em que ele deu um magnífico jantar para os dois, como tinha brincado cinicamente sobre como enganar a morte.

Agora aquela brincadeira fez que um calafrio percorresse suas costas.

Podia sentir como Rohan a olhava de forma penetrante.

—Está arrependida do que fez ontem à noite Kate?.

—Não. —Levantou o olhar bruscamente para ele—. Mas, Por Deus bendito, Rohan, deveria ter contado isso para mim.

—Conto agora. Era-me impossível falar até ter certeza de que podia confiar em você.

—É por isso que fez amor comigo? Para averiguar se eu era virgem? —levantou-se cheia de cólera.—. Estava me testando novamente? Como fez na noite do jantar quando me deu um susto de morte?

Rohan apenas a olhou fixamente.

—Ai, Meu deus.

—Kate... trate de compreender o risco que estou correndo ao contar estas coisas. Só um punhado de ministros do gabinete e alguns membros da realeza sabem da existência da Ordem. O resto acredita que não é mais que uma lenda. O segredo é parte de que nos permita ser efetivos. Respondemos diretamente para a Coroa, mas nem sequer o ministro Prinny soube a verdade até que a enfermidade do rei ficou agravada. Não quero nem imaginar o que meus colegas de Londres vão dizer quando descobrirem que eu a arrastei para tudo isto, principalmente tendo você sangue dos “prometeos”.

—O que fariam com você? —murmurou receosa.

Ele encolheu os ombros e meneou a cabeça.

—Isso dá no mesmo. O caso é que não tinha por que contar nada disto para você. Falei porque me importa, de modo que não me acuse de ser indiferente. Sei o inquietante que foi não estar segura e nem sequer saber seu nome verdadeiro. Dou-me conta de que não é fácil escutar estas respostas, mas esperava que ao menos você pudesse achar certa sensação de paz ao saber

por fim a verdade. Quanto ao de ontem à noite, bom... maldição, sinto não ser lorde Byron. Não escrevo poemas de amor. Mas juro por minha honra que o que aconteceu ontem à noite significou mais para mim do que jamais acontecerá.

Kate olhou para ele durante um momento.

—Não me interessam os poemas de amor —declarou com um fio de voz.

—Bem —balbuciou—. Porque não receberá nenhum de minha parte.

"OH, Rohan. Minha Besta." Suas revelações eram difíceis de aceitar, mas reconhecia que ao menos sua explicação tinha sentido. Também demonstrava por que sempre a afastava dele apesar da atração mútua que sentiam. Até a noite passada não estava completamente seguro de que ela não era sua inimiga.

Doía-lhe sua desconfiança, mas agora estava sendo sincero com.

Rohan limpou a garganta e adotou uma expressão séria.

—Bem. Há um último ponto que tem que entender.

—Ai, Senhor. —preparou-se—. Agora, o que?

—Há muitas probabilidades de que O'Banyon esteja trabalhando para os "prometeos". Um dos líderes mais importantes da seita, James Falkirk, foi visto em Londres recentemente, e é possível que possa ser o "velho" que O'Banyon mencionou na frente dos sobrinhos de Doyle.

Kate franziu o cenho recordando as peças que conseguiu unir até aquele momento.

—Ah, claro... o aristocrata sem nome que tirou O'Banyon de Newgate e pagou para que me sequestrasse?

—Sim.

—Então, talvez seja possível que o tal James Falkirk queira atrair meu pai para a terra firme? —Procurou parecer serena, mas seu coração pulsava com força.

Rohan assentiu.

—Segundo a informação que dispomos, Falkirk é um verdadeiro crente em todas essas frescuras ocultistas. É justamente a classe de pessoa que ficaria obcecado para descobrir a tumba do alquimista. Já falamos de que seu pai pode ser o único homem vivo que conhece sua localização.

—Certo —murmurou—. Disse que por isso me sequestraram. Para obrigar meu pai a retornar a Inglaterra e a levá-los até a tumba.

—Bom, para complicar um pouco mais as coisas, há alguns meses os "prometeos" também capturaram um de nossos agentes. Acreditamos que James Falkirk é que tem Drake como prisioneiro e que provavelmente o esteja torturando para tentar colocá-lo contra nós.

—É terrível —sussurrou.

—Sim, mas tudo isto poderia funcionar em nosso proveito. Se O'Banyon responde diante Falkirk e este tem Drake, então nosso esperado encontro com seu sequestrador poderia nos ajudar a localizar o agente desaparecido. Por isso nossas fontes nos informam, que a única razão de que Drake ainda não quebrou é porque abusaram dele até o ponto de fazê-lo perder a memória. Seja o que for o que lhe fizeram, a mente do pobre diabo se fechou.

Kate ficou pálida enquanto olhava Rohan.

—Não poderia suportar que algo assim acontecesse com você.

—Não se preocupe, não acontecerá nada comigo. Drake jamais deveria ter deixado que o pegassem com vida, e ele sabia, mas por alguma razão descumpriu o protocolo. —Suas palavras cessaram bruscamente e Rohan abaixou o olhar.

—Quer dizer que ele deveria ter tirado a própria vida? É isso o que faria você?

Ele ignorou sua pergunta.

—Não tem nada a temer, Kate. Se tentarem aproximar-se os desmembrarei pouco a pouco.

—Sei que fará —murmurou—. Não é por mim que me preocupo, mas sim por meu pai... se é que realmente está vivo.

Rohan sacudiu a cabeça.

—Não pode acreditar nisso, verdade?

Olhou com expressão angustiada para ele.

—Pode menti-lo também a salvo?

—A seu pai?

—Eu não sou mais que um refém, como você disse. Ele é o verdadeiro objetivo. Agora que me contou como são os "prometeos", aterra-me pensar o que poderiam fazer a ele.

—Kate, é Gerald Fox. Seu "papai" devora ganchos de ferro oxidados para tomar no café da manhã. Só a menção de seu nome fez com que Caleb e seus meninos ficassem tremendo. A raposa do mar, como o chamam, é o maldito terror dos mares.

Kate não pôde reprimir um sorriso nostálgico.

—Assim é como eu o recordo.

—O que recorda dele?

—Para mim era o velho grosseiro mais amável e bondoso do mundo.

—Bom, você foi sua garotinha. Não existe dúvida de que conhecia um lado dele que poucos chegaram a conhecer.

—Vai ajudá-lo, Rohan?

—É obvio que sim. Por você.

—Obrigado —sussurrou.

Então, o chamaram bruscamente à porta do dormitório.

—Excelência! —Era Eldred; o tom de sua voz parecia premente—. Caleb Doyle acaba de trazer a carta... a que esteve esperando!

Kate conteve o fôlego e seu olhar foi direto para Rohan.

—De O'Banyon?

Rohan foi abrir a porta com um passo enérgico e então, pegou uma pequena nota dobrada da bandeja do mordomo.

—Obrigado, Eldred.

—Alguma instrução para o senhor Doyle? Está esperando abaixo.

—Não. diga-lhe que pode subir ao quarto da torre e visitar seu sobrinho se assim deseja,

como recompensa pela cooperação dos dois.

—Muito bem, senhor.

Rohan assentiu e fechou a porta olhando o anverso da carta enquanto retornava pausadamente para perto de Kate.

—Bom, vai ser interessante. Está dirigida a Denny Doyle. —Lançou-lhe um olhar sardônico, depois rompeu o lacre, uma suja gota de cera branca manchada.

Kate enrugou os lábios enojada ao recordar a expressão lasciva do rosto de O'Banyon.

—Golpeou-me, sabe? —repôs com aspereza.

Rohan a olhou com grande serenidade.

—O que?

—Ui! —Disse com um sussurro—. Não pensava contar isso para você.

—O'Banyon a golpeou. Na cara? —exigiu saber.

—Esbofeteou-me porque opunha resistência a ele.

—Entendo. —Rohan dirigiu a vista para frente, com todos os músculos tensos. De repente transformou-se no destro sicário que era—. Bom, não voltará a fazer isso.

—O que vai fazer?

Ele arqueou uma sobrancelha que dizia tudo.

—OH, não me fez tanto dano! Estou bem. Não há necessidade de fazer algo excessivo.

—Fique fora disto, Kate —disse educadamente, depois sacudiu a nota para desdobrá-la com mão firme.

Kate olhou de esguelha com curiosa satisfação.

Quase podia saborear a justiça que ansiou constantemente desde seu sequestro. Mas agora que sabia que virtualmente estava garantida, ignorava por que, já não lhe importava muito. Bastava-lhe saber que Rohan estava disposto a ser seu caudilho.

—O que diz em sua carta esse canalha? —perguntou enquanto ele percorria com os olhos as três linhas rabiscadas.

Rohan entregou a nota para ela.

—Parece que vamos a Londres.

—Nós dois? —Exclamou erguendo-se imediatamente—. Sempre quis ir a Londres! Embora possivelmente não nestas circunstâncias.

—Não se preocupe —disse lhe tirando uma mecha de cabelo com afeto—. Tudo acabará logo, e então vou mostrar para você a Londres que eu conheço.

—Eu adoraria —murmurou.

Rohan levantou-se e cruzou o quarto. Muito a seu pesar, Kate distraiu-se por um instante com sua poderosa figura masculina. Percorreu com o olhar o magnífico corpo, as reluzentes botas, a elegância do traje, os cabelos negros e quando Rohan deu meia volta, aquele rosto bonito.

—O que acontece? —perguntou ele.

—Nada.

Kate reprimiu um suspiro sonhador. Inclusive nesse momento, sabendo a verdade sobre o

duque —que era uma espécie de espião a serviço da Coroa, um sicário, um pouco embusteiro, e um exímio canalha por necessidade— a atração que sentia por ele era tão forte como foi desde a noite anterior.

Senhor, devia estar um pouco louca quando converteu-se voluntariamente em sua amante. Mas, na verdade, embora tivesse que perder a virgindade uma dúzia de vezes, a entregaria gostosamente a ele em todas as ocasiões.

Era inútil. Para ela, Rohan era completamente irresistível.

Afastou com preocupação o olhar de seu protetor e a fixou na carta. Não lhe agradava tocar o papel que as imundas mãos de O'Banyon haviam tocado.

Denny:

Traga o pacote para Londres. Tenha a precaução de mantê-lo oculto, principalmente na cidade. Quando chegar aqui, passe ao anoitecer pela loja do exterminador de ratos no Shadwell. Esse tipo sabe onde me encontrar. Leve o pacote. Eles me avisarão e me reunirei com você. Tudo está disposto para este fim. Venha rápido. O velho não gosta que o façam esperar.

O.

—Pacote? —Kate jogou a nota a um lado proferindo um bufido de indignação—. Como se atreve a me chamar assim? Um estabelecimento de desratização nada menos? Que oportuno.

Rohan não respondeu. Nesse momento era um profissional; trabalhou em excesso recolhendo vários artigos que pretendia levar, incluindo aquele estojo que estava com ele na sala de armas.

—Quando vamos partir? —perguntou turvada.

—Amanhã à alvorada. Vamos preparar tudo hoje. Com o tempo que faz nesta época do ano a viagem levará ao menos três dias. Uma demora maior poderia levantar suspeitas.

Kate exalou um suspiro melancólico enquanto o via pegar outro de seus objetos pessoais.

—Temos que ir? —perguntou de forma pausada—. Não quero partir.

—Ah, seriamente? —Rohan deu um sorriso—. Deve recordar que, não faz muito tempo, este castelo era o último lugar do mundo em que gostaria de estar. Não é você a moça que ameaçou jogar-se no mar para escapar de minhas vis garras?

Kate deu um olhar travesso, mas bem a tempo reprimiu a resposta que tinha na ponta da língua. "Isso foi antes de me apaixonar por você."

"Santo céu!"

Abaixou o olhar imediatamente. Por sorte Rohan não reparou em sua estupefação ao dar-se conta daquilo, mas sim continuou fazendo a mala.

Vá Por Deus! Temia que fosse certo. Esse tinha sido o verdadeiro motivo pelo que havia permitido o acontecimento da noite anterior. Também era a razão de que lhe tivesse perguntado concretamente se ele ficaria muito incomodado caso ela se apaixonasse por ele. Não queria admitir diante de si mesmo porque, até a escandalosa oferta da noite passada, acreditou que não

havia maneira de poder tê-lo.

Abrigou-se na quente e enorme manta de Rohan, pois de repente sentia-se perdida e sem saber o que fazer.

—Bom, vista-se Kate —ordenou ele com um pequeno e altivo sorriso quando a viu titubear—. Como pode um homem pensar na presença de uma sedutora mulher nua? Você, querida minha, distrai minha atenção.

O ardor que refletiam seus olhos, cheios de desejo por ela, a estremeceu de cima abaixo. Podia fazer que lhe ardesse o sangue naquele dia gelado de inverno só de olhar para ela.

Kate se derreteu apesar do bom senso lhe dizer que tivesse muitíssimo cuidado com ele. Ah, poder conquistar semelhante homem.

Então imaginou que poderia morrer se não pudesse prendê-lo... e isso foi razão suficiente para partir.

Enfim, era só seu amante... e deveria atuar como tal.

Levantou-se da cama deixando que a bata deslizasse um pouco sobre seus ombros enquanto corria descalça, para a porta.

—Como deseja, excelência.

Ela seguiu com o olhar vítreo; Rohan parecia tentado a deitá-la novamente sobre o colchão e conseguir dela o que desejava. Mas Kate não deu tempo a ele para fazer isso, lançou-lhe um beijo da porta antes de levantar os ombros da bata. A seguir saiu para o corredor, cheio de correntes de ar, e foi para o quarto de hóspedes para recolher as poucas e rodadas roupas roubadas.

Deteve-se no caminho para dar uma olhada no oco da escada gótica deixando que seu olhar descesse sobre a antiga madeira esculpida. Por estranho que parecesse, teria saudades daquele lugar e perguntou-se se retornaria algum dia.

“Adeus, Dama de Cinza, em qualquer lugar que esteja. Se por acaso servir de algo, estou segura de que seu lorde Kilburn não foi quem a matou.”

Kate hospedou-se no castelo o tempo suficiente para formar uma opinião sobre a suposta maldição dos Kilburn. Sua conclusão como descendente do alquimista era que tratava-se mais de um autêntico disparate. Como nas novelas da senhora Radcliffe, afinal tinha que haver alguma explicação lógica para o que parecia ser um fato sobrenatural só a primeira vista.

Os varões da família Warrington não eram amaldiçoados ; muita honra corria por suas veias. Se o resto deles assemelhava-se pelo menos um pouco a Rohan, sem dúvida foram incapazes de fazer dano a uma mulher. Tudo o que ele fez centrou-se em mantê-la a salvo. Não eram mais que contos.

Convencer Rohan daquilo provavelmente seria impossível... mas claro, enquanto ele acreditasse, jamais se casaria. Jamais teria que compartilhá-lo com outra.

“Hum.” Essa sim era uma ideia digna de uma cortesã. Seguiu seu caminho sem pressa para seu quarto.

CAPÍTULO 15

A viagem a Londres levou quatro dias, em lugar dos três que Rohan havia previsto, por causa do clima do final de janeiro. O grupo viajava em duas carruagens: Rohan e Kate em uma ampla e luxuosa; Eldred e Parker ocupavam outra fechada, que compartilhavam com Peter Doyle. Alguns guardas do castelo os escoltavam, convertidos agora em lacaios, condutores de carruagens e pajens.

De vez em quando a caravana estacionava porque a neve bloqueava o deserto caminho rural em que transitavam. Os homens desembarcavam, agarravam as pás e limpavam o caminho para que os cavalos e as carruagens prosseguissem viagem.

Kate não se importava com essa demora. A carruagem não carecia de comodidade, e saboreou todas aquelas horas a sós com Rohan. Parecia que saiam de férias e não para enfrentar pessoas que pensavam em destrocá-la. Certo que sua confiança nele adquiriu um pequeno contratempo depois de suas revelações, mas se propôs a pensar com calma.

Passaram o tempo conversando, desfrutando da mútua companhia e tratando de decifrar alguns dos enigmas do jornal do alquimista.

Era um exemplar muito revelador. O livro continha escritos de várias gerações distintas dos DuMarin e deixava entrever algumas das atividades dos "prometeos' durante os últimos séculos.

Algumas páginas estavam escritas em código, mas nas passagens em francês averiguaram que os conflitos religiosos e políticos dos séculos XVI e XVII facilitaram aos "prometeos" numerosas oportunidades para progredir. Havia certos detalhes impactantes sobre sua intervenção no Grande Incêndio de Londres acontecido em 1666, um ano aparentemente chave para suas crenças ocultistas. Mas no princípio do século XVIII, fez-se necessário para eles mudar o lugar de repouso do alquimista, que estava a ponto de ser descoberto pela Ordem.

O livro dizia que quando escolheram a nova convocação que albergaria os restos do reverenciado feiticeiro, estimou-se que o enclave seria ideal para estabelecer um amplo e elaborado recinto subterrâneo onde os "prometeos"pudessem terminar o adestramento, as iniciações e outros rituais diversos.

Foram necessários trinta anos para construir o complexo, que denominavam simplesmente a tumba do alquimista, e o emprego de todo o gênio daqueles homens do Século das Luzes.

O sarcófago de Valerio e os pergaminhos secretos estavam selados em uma câmara secreta dentro do recinto subterrâneo. O livro não mostrava sua localização, mas Kate conseguiu averiguar por que as misteriosas instalações ficaram desativadas.

Durante o exílio na França de Carlos Eduardo, conhecido como o jovem pretendente, os "prometeos" mostraram interesse no direito dinástico do príncipe escocês ao trono da Inglaterra. Em outras palavras: viram um modo de tirar proveito. O Conselho, os líderes dos "prometeos", decidiu então apoiar o príncipe Eduardo em seu empenho para arrebatar o poder do rei Jorge II. Então começaram a interferir, seguindo as mesmas táticas que Rohan viu durante a Revolução

Francesa, que teve lugar em datas mais recentes.

Mas depois da desastrosa batalha de Culloden em 1746, a Ordem começou a perseguir os diversos "prometeos"cujas desalmadas maquinações causaram devastadora ruína nos magníficos clãs escoceses. A Ordem os aniquilou um por um até que o recinto da tumba foi abandonado; os poucos "prometeos" que conheciam sua localização foram assassinados. Com o tempo caiu no esquecimento.

Apesar daquela instrutiva história, ainda restava muita coisa para decifrar. Kate intrigava-se especialmente nas anotações do livro que mostravam apontamentos científicos para componentes químicos.

As largas e complicadas sequencias de elementos faziam com que se perguntasse que tipo de substâncias produziam esses ingredientes. Conseguiram seus antepassados preservar algumas das antigas fórmulas de Valerio para elaborar poções de alquimia?

Kate ignorava. Não parava de dar voltas nesses quebra-cabeças, mas à medida que chegavam perto de Londres, tentou não deixar que interferissem no valioso tempo que passava a sós com Rohan.

A melhor parte da viagem foram as quentes noites de paixão que viveram nos acolhedores quartos dos postos que tiveram que parar durante o trajeto. Passaram as horas sob a luz do fogo da lareira cativados em uma deliciosa exploração, aprofundando-se no mútuo conhecimento de seus corpos e suas almas.

Por desgraça chegaram a Londres antes do que imaginavam e de repente viram-se imersos na maré de carruagens que pululavam com grande estrépito em toda parte, percorrendo o infinito labirinto de ruas cobertas de neve meio derretidas e repletas de lojas e casas de hóspedes.

Kate sentia que a separava todo um mundo, da austeridade de Dartmoor e a quietude do castelo junto ao mar em Cornualles. Ela olhava com entusiasmo pelo guichê entrelaçando suas mãos enluvadas com a de Rohan. Jamais viu tanta gente em um mesmo lugar.

Vendedores oferecendo suas mercadorias em voz alta, moços vendendo periódicos em cada esquina, carruagens de aluguel recolhendo passageiros enquanto os carrinhos de mão faziam sua ronda com suas variadas entregas. Os veículos postais avançavam lentamente pela cidade enquanto as diligências saíam velozes de suas garagens carregadas de viajantes rumo a condados longínquos.

Nesse instante, as torres dos campanários das inumeráveis Igrejas que abundavam na magnífica metrópole anunciaram o meio-dia em qualquer parte. Ela virou-se para Rohan encantada por aquele glorioso clamor e este a presenteou com um sorriso, mas Kate meneou a cabeça ao olhar outra vez pelo guichê, pois a ocupada multidão não prestava a menor atenção a tão jubiloso bulício.

Não demoraram para atravessar a caótica agitação do coração mercantil da cidade e a entrar nos refinados arredores de West End. As lojas davam lugar a elegantes ambientes cercados por gigantescas mansões senhoriais.

Em lugar de carrinhos de mão, cruzavam-se com velozes e elegantes faetones atrelados por

cavalos puro sangue com andar gracioso. Avançaram diante de reluzentes carruagens em mogno e distintas carruagens urbanas com lacaios de librés na parte traseira e aristocráticos brasões adornando as portas, não muito diferentes do veículo em que transitavam.

Enquanto percorriam com presteza a estilosa avenida salpicada de luxuosas boutiques a serviço dos enriquecidos, um par de damas que saíam de um estabelecimento avistaram o carro de Rohan passar.

Embora Kate tenha apenas olhado brevemente para as mulheres, a desmedida reação delas não ficou despercebida para ela.

—Oh, olha! É Warrington!

A primeira mulher apontou freneticamente para a carruagem que afastava-se pelo caminho e a outra dama agitava seu lenço no ar, como estivesse tentada a correr atrás dele.

—Excelência! Oi... oi! Querido Warrington! volta, carinho!

—Diabo! —sussurrou Rohan olhando para trás, empanando o cristal do guichê com seu fôlego.

Kate, surpresa, passeou o olhar das damas da sociedade ricamente vestidas para Rohan, que saiu do guichê e manteve-se fora da vista.

A jovem começou a rir.

—Quem são?

—Não tenho nem ideia.

—Claro.

Contemplou Rohan com condescendente diversão, mas ao olhar pelo guichê traseiro viu que as duas damas aproximavam-se fazendo drama ao falar com outras mulheres que estavam na rua. O elegante grupo de beldades perfeitamente polidas voltou-se e contemplou com ar sonhador a carruagem que afastava-se até que esta virou a esquina.

Rohan limpou a garganta e apontou para frente.

—Quase chegamos. Só umas quadras a mais.

Kate olhou para ele de forma direta e franca, mas Rohan não fez comentário algum e ela teve uma ideia mais clara do por que Caleb Doyle acreditou oportuno presentear sua excelência com uma mulher. Sentiu uma pontada de ciúmes, embora decidisse esquecer disso com certa ironia. Aquela desagradável emoção não faria bem a nenhum dos dois.

Entrelaçou os dedos com os dele e relegou à multidão de admiradoras a um canto de sua mente. Depois de um momento, a carruagem aproximou-se de uma grande mansão urbana.

—Chegamos —anunciou Rohan.

—Ai, Meu deus —murmurou ela.

Depois de uma elaborada grade de ferro forjado elevava-se um esplêndido bloco cinza de pedra de Portland, com altas janelas retangulares brancas e urnas de pedra com arbustos ornamentais flanqueando a porta principal.

As carruagens estacionaram em frente à grade, mas Parker desceu para abrir com a chave.

Depois da breve espera, a carruagem avançou sob o pórtico branco a um lado da casa,

onde parou.

Kate alegrou-se enormemente de poder sair do enclausuramento da carruagem, enquanto que Parker e Wilkins apressavam-se a colocar Peter Doyle na casa, antes que alguém o visse.

Enquanto Kate estava ali de pé, olhando ao redor, sentindo a excitação do ar de Londres e contemplando a beleza dos jardins ornamentais, Rohan a pegou pelo cotovelo e a conduziu para dentro.

—Não esqueça as poucas regras que falamos —advertiu-lhe em voz baixa.

—Sim, sei. Não poderei deixar que me vejam. Não devo falar com ninguém além de Parker e Eldred. Nem sequer estou aqui —Assegurou Kate recitando como um papagaio as diretrizes que Rohan estabeleceu para sua própria segurança quando partiram de Cornualles.

—Boa garota —respondeu abrindo a porta para que entrasse—. Agradeço sua paciência. Sei que é um pesadelo para você estar encerrada, mas espere e verá. Vou mimá-la muito quanto tudo isto terminar.

—Seriamente?

—Todas as mulheres de Londres vão odiar você —repôs Rohan com um sorriso, mas Kate franziu o cenho.

—Não estou segura de que isso seja necessário.

—Não fique preocupada, jamais se atreverão a lhe dizer isso frente a frente. Estarão muito ocupadas prostrando-se em sua frente.

—Quem se curva diante de uma amante? —perguntou com secura.

Rohan riu e rodeou seu corpo com o braço.

—Meu pequeno anjo de Dartmoor, sua ingenuidade é adorável.

—Por que? O que esta falando? —exclamou Kate.

—Ah, muito em breve aprenderá como funciona este lugar. —Com um olhar mundano segurou a porta para que ela passasse—. Vamos entrar antes que os vizinhos percebam. E seja bem-vinda... a minha humilde morada.

—Humilde? —murmurou olhando a seu redor.

Caramba, em toda sua vida nunca tinha visto um edifício tão opulento. Não assemelhava-se em nada ao austero castelo medieval. Luxo sobre luxo, cada estadia era testemunho da riqueza e da posição do proprietário.

Kate o seguiu aturdida enquanto ele a guiava pela parte baixa da mansão com seu piso de mármore branco e preto e salas de recepção decoradas em azul marinho e majestoso vermelho, com certas pinceladas em tons nata, dourado e preto. Tetos com uma altura de seis metros. Colunas coríntias e com torre dourada, ornamentadas chaminés de alabastro esculpido.

A pompa da residência ducal estendia do chão luxuosamente atapetado aos magníficos tetos engalanados com afrescos. As paredes estavam recobertas por painéis de rica madeira e adornadas com esplêndidas obras de arte. Aquele lugar era orgulhoso testemunho de força e de nobres serviços ao reino, mas tudo estava em um estado tão impecável que Kate não quis sentar em qualquer das peças do mobiliário. Pelo amor de Deus, só o valor da poltrona estofada em

cetim e brocado situada junto a uma mesa de pau rosa com incrustações de madrepérola e que repousava um abajur de azeite de cristal esculpido, superava sem dúvida o da sua casinha.

Dava-lhe medo tocar algo e começava a sentir-se completamente desconfortável.

Certamente que aquelas damas da alta sociedade de Bond Street teriam sentido ali como em sua casa. Kate perguntou-se de repente quantas delas estiveram entre essas paredes, sobre tudo no piso superior, onde estavam os dormitórios...

—Vamos, tranquilize. Fique à vontade. —disse Rohan quando chegaram ao vestíbulo.

—Hum? —Kate ficou olhando com certa confusão a impressionante escada de mármore que conduzia ao primeiro andar.

—Sinta-se livre para relaxar. Escolha um dormitório e durma um pouco, caso tenha vontade, ou avise ao serviço se tiver fome e prepararão algo para você comer. Tenho que informar à Ordem.

—Ficará muito tempo fora?

—Algumas horas. Também desejo dar uma olhada nesse estabelecimento de extermínio de ratos aonde vamos nos encontrar com O'Banyon. E reconhecer o terreno.

Kate estremeceu ligeiramente diante da menção da confrontação que teriam pela frente.

—Tome cuidado aí fora, de acordo?

—Não se preocupe, voltarei antes que sinta minha falta.

—Duvido —murmurou Kate dando um sorriso afetuoso, e ele inclinou-se e lhe deu um beijo de despedida.

Kate rodeou o pescoço de Rohan com os braços e, quando lhe devolveu o beijo, assegurou-se de fazê-lo com tal paixão que Rohan desejasse voltar logo para casa. Nenhum dos dois prestou atenção aos guardas e criados que trabalhavam de um lado para outro; Rohan rodeou a cintura dela e reclamou seus lábios com imperturbável ardor deslizando sua boca sobre a dela.

A jovem estava sem fôlego quando ele pôs fim ao beijo sem pressa alguma.

—Não demore para voltar —sussurrou Kate—Estarei esperando.

—Mmm.

Rohan percorreu seu corpo com as mãos enquanto cravava em seus olhos um olhar ardente, a que Kate respondeu com um sorriso cúmplice. Depois deslizou um dedo travesso sobre o peito dele quando este a soltou a contra gosto e afastou-se.

—Talvez dedique-me a procurar o caminho até seu dormitório.

—Maldita seja, faz que me resulte difícil partir. —Olhando luxurioso os lábios úmidos da jovem, piscou um olho e em seguida foi dar algumas instruções a seus homens.

A jovem escutou Rohan dizer a Eldred que tivesse certeza de que ninguém entrasse e que, continuando, Parker havia confirmado que Peter Doyle foi encerrado em um quarto seguro. Com isso, o duque abandonou a mansão e, depois de uns minutos, afastou-se a cavalo.

Kate o viu através da janela até que recordou que tinha ordens de ocultar sua presença. Exalando um suspiro de resignação, separou-se dos reluzentes painéis de cristal e decidiu dar uma olhada nos andares superiores do lar de Rohan.

Segurou a saia do vestido e aventurou-se pela antiga escada, apoiando uma mão sobre o corrimão esculpido. No primeiro andar havia uma galeria que se via através do vestíbulo na entrada da parte de baixo, mas além desta, a disposição dos quartos fluía com formal elegância.

Enquanto perambulava da principesca sala de estar à esplêndida sala de música anexa, a seus ouvidos chegou de repente o estalo continuado das rodas de uma carruagem seguida pelo som de vozes de mulher.

"OH, isto não pode estar acontecendo", pensou recordando o que viu.

Apesar de Rohan dizer-lhe que não deixasse ninguém vê-la, cruzou a sala de música e deu uma olhada às escondidas pela janela atrás das cortinas.

Para seu assombro, viu que havia não uma, a não ser duas carruagens na entrada e que delas desciam formosas mulheres. Todas usavam fabulosos chapéus e casacos debruados com pele, possuíam uma tez sem mácula e vestiam à última moda. As mulheres caminharam com passo elegante e delicado para a porta adiantando umas a outras com ar brincalhão.

Kate observou morta de curiosidade que uma delas desabotoava o comprido abrigo e mexia ligeiramente no sutiã para baixar o decote a fim de destacar seus peitos. Outras afastaram os cachos que se sobressaíam dos bonés enquanto lutavam para ser primeira em chegar à porta.

Kate meneou a cabeça sem deixar de olhar; ao corno com a regra de Rohan de manter-se oculta. Ela enxergava as mulheres conversarem mas, simplesmente, tinha que ouvir o que diziam. Tirou o fecho da janela e, com discrição, abriu uma fresta para escutar a conversa.

—E, Lucinda! Imaginei mesmo que a encontraria aqui.

Presenciou que as duas mulheres davam um beijo na bochecha uma da outra mais cheio de falsidade que jamais tinha visto.

—Pauline. —Outra das damas saudou com um ar altivo uma recém chegada—. Não deveria estar em casa ajudando seu querido e velho esposo a procurar sua dentadura?

Lucinda proferiu uma gargalhada irritada.

—Ao menos meu marido está em casa, não inconsciente debaixo de uma mesa em algum bordel. Não é que seja de sua incumbência, céu, mas Warrington pediu que eu viesse vê-lo —congratulou-se—. Tenho um convite formal.

—Ah, seriamente? —replicou a outra com voz lânguida e um cepticismo igual ao que invadiu Kate ao escutar aquela afirmação.

—Oh, sim! Não sabia? Warrington sempre foi fabuloso.

—Então deve saber onde ele esteve nestas últimas semanas, não?

—Bom, não, não exatamente. E você?

—Não lhe diria isso embora soubesse —espetou ela.

Várias das mulheres começaram a rir.

—Oh, vamos —interveio outra de suas belas rivais enquanto seguiam seu caminho para a porta—. As duas sabem que saiu voando sem nos dizer uma só palavra.

—Bom, sim... mas estou certa de que não é nada.

—Pois eu me alegro de que tenha retornado!

—Que mosca o terá picado? Já sabem quão indômito é.

Uma dama vestida de azul claro exalou um suspiro.

—Adoro isso nele. Nunca sabemos o que ele vai fazer em seguida.

—Ou a quem.

As demais sufocaram um grito e seus risinhos afogados encheram o ar.

Kate franziu o cenho.

Um total de oito mulheres chegaram em turba à mansão, como abelhas rainhas atraídas por alguma irresistível e cheirosa flor. Kate em parte desejava rir, mas principalmente fervia de indignação.

Quando soou a campainha da porta, abandonou seu lugar junto à janela e apressou-se para a galeria sobre o vestíbulo de entrada para escutar sem ser vista o que Eldred ia dizer para conseguir espantá-las.

O mordomo evitou com valentia, que entrassem na casa.

—Lamento muitíssimo, senhoras, sua excelência não está em casa —anunciou Eldred de costas para Kate.

Para surpresa dela, nenhuma fez o menor caso de sua declaração.

—Olhe, bom homem, acabamos de ver sua carruagem!

—Sim, madame, sua excelência retornou à cidade mas, infelizmente, teve que voltar a sair imediatamente.

—Aonde foi? —exigiu saber uma princesinha mimada e petulante.

—Quando retornará? —perguntou Lucinda, esperançosa.

—Né... não estou seguro em nenhum dos dois casos, senhoras, mas se tiverem a bondade de me deixar seus cartões de visita...

O vestíbulo se viu alagado por abatidos protestos de descontentamento.

De repente, uma das damas mais buliçosas estirou o pescoço para dar uma olhada dentro, mais à frente do esguio corpo de Eldred, e deu um solavanco.

—Quem é essa? —espetou apontando para Kate, que estava de pé na galeria.

"OH... OH." As faces de Kate ficaram vermelhas, mas ela ergueu-se quando Eldred olhou por cima do ombro com uma careta.

Uma das mulheres abriu a porta com um tranco e todas olharam a jovem, absolutamente indignadas, pensando que outra mulher tivesse passado a frente delas.

—Vá com o demônio de olhos azuis! Já está com alguém!

—Warrington, maldita Besta! Ah, nos deixe entrar, ancião. Sabemos que o duque está aqui!

—Madames! —espetou Kate com impaciência, incapaz de suportar um só momento mais aquela intromissão. Plantando uma mão no quadril, levantou o queixo e jogou a mão com toda a arrogância francesa que herdou de sua mãe—. Sua excelência não está em casa. Tenham a bondade de deixar seus cartões de visita e me assegurarei de que ele receba seus... respeitos —concluiu com cinismo.

Nenhuma das mulheres moveu um dedo de onde estavam. Ninguém falou.

Olharam para Kate presas de emoção e ela lhes devolveu o olhar sem ceder um ápice apesar de que seu coração pulsava escandalosamente.

Não podia acreditar que acabasse de lhes dar uma ordem. Não cabia dúvida de que estava passando muito tempo com Rohan. Inclusive começava a falar como ele.

Nem acreditou no que viam seus olhos quando as mulheres dispuseram-se a obedecer.

Uma nervosa incredulidade embargou aquelas damas caprichosas, que olharam umas a outras com incerteza enquanto cochichavam em voz baixa. Depois voltaram a olhar para Kate.

—Bom —disse Lucinda recuperando a compostura e alisando a bolsinha que estava pendurada em seu braço—. A... lamentamos havê-la incomodado,por certo.

Kate inclinou a cabeça aceitando suas desculpas.

Eldred sustentou a bandeja de prata para que elas depositassem aí seus cartões de visita. A maioria pareceu pensar melhor, mas fizeram o esforço de dar mais uma olhada em Kate antes de retroceder até a entrada.

Kate, por sua vez, negou-se a ceder. Rohan ficaria furioso, pois ela violou duas de suas regras: não deixar que a vissem, não falar com ninguém, mas seu orgulho não lhe permitia abandonar a cena. Não quando ela, a diferença dessas mulheres, tinha todo o direito de estar ali!

Então Lucinda lhe fez uma reverência, e as demais a imitaram antes de desfilar pela porta, e de repente Kate adivinhou a conclusão a que chegaram essas damas. Esteve a ponto de engasgar-se. “Ai, Meu deus. Acreditam que sou sua duquesa!”

Com renovado respeito, as altivas damas da aristocracia abandonaram a mansão. subiram em suas elegantes carruagens e afastaram-se bem depressa dali, colocando seus desiludidos rostos pelas janelas da carruagem e olhando para a casa.

Eldred fechou a porta, deu meia volta de forma pausada e lançou a Kate um olhar de desaprovação.

—Bom, você fez mal, não acha?

Kate apertou os lábios por um instante, tão aturdida por sua sossegada marcha como ficou com sua aparição, mas obrigou-se a sorrir desempenhando ainda o papel de duquesa.

—Isso é tudo, Eldred. Continua com o que estava fazendo!

O mordomo arqueou uma sobrancelha.

—Quer colocar sua excelência ao corrente sobre o incidente você mesma, senhorita Madsen, ou prefere que eu o faça?

No rosto da jovem apareceu uma repentina e zangada careta.

—Não me importa o que ele diga! —exclamou, mas um terrível pensamento apareceu de repente na cabeça dela, um frio e desalentador peso que a fez pôr os pés de novo na terra depois do sonho impossível que esteve vivendo nos últimos dias.

Sentou-se com lentidão na escada, como estivesse presa de comoção. Como podia ser tão estúpida?

Se Rohan divertiu-se com todas essas formosas mulheres e terminou abandonando todas, sentia-se uma parva ao pensar que com ela seria diferente.

CAPÍTULO 16

Jamais em toda sua vida tinha imaginado que ocultaria informações à Ordem para proteger uma descendente dos "prometeos", mas enquanto dirigia-se para casa sabia que isso era o que faria.

Com O'Banyon esperando, não podia esbanjar o tempo tratando de convencer os outros de que Kate, apesar de ter sangue de seus inimigos, não era uma ameaça. Explicaria suas ações mais tarde, quando houvesse tempo para revisar todos os detalhes. No momento, confiava em seu próprio julgamento e, na realidade, devido a seu histórico, eles também deveriam agir da mesma forma.

Aproveitou a altura e docilidade de seu cavalo de caça para desviar-se do tráfico a passo ligeiro, segurando com firmeza as rédeas em suas mãos enluvadas, apoiadas sobre a cruz do animal, com o chapéu bem ajustado e o casaco inchando-se levemente com o movimento.

Refletiu sobre os últimos dias com Kate. Continuava sem poder compreender que mostrou-se pormenorizada quando disse sem rodeios o que era.

Por que não fugiu dele presa do horror?

Era óbvio que Kate não tinha entendido ainda da sinistra realidade. Como poderia fazer isso? Essa jovem era inocente. Nunca tinha visto sangue.

Mas logo veria. E então, o que? O mais seguro era que ela nunca mais deixaria que ele a tocasse, pensou sombrio.

Desceu do cavalo quando chegou ao clube, atou o animal a um poste e atravessou a alta e negra grade de ferro forjado, cobrindo o curto caminho de entrada de Dante House.

Para o comum dos mortais, a mansão estilo Tudor de aspecto sinistro e abandonada junto ao Tamisa, era o lugar de reunião do escandaloso clube Inferno. Na realidade o Dante House era uma fortaleza sólida e bem guarnecida que ocultava o quartel geral da Ordem do Arcanjo San Miguel.

Com o observatório de cristal em forma de cúpula sobressaindo-se por cima do telhado, flanqueado por duas agulhas negras gêmeas que elevavam-se como chifres, dando a impressão de que houvesse um demônio gigante oculto na casa, muito grande para caber dentro, não era de estranhar que os londrinos a chamassem a "residência de Satanás". A sinistra fachada tinha como objetivo manter longe os curiosos; também respirava as acidentadas histórias que corriam sobre os vis libertinos da alta sociedade e os diabólicos pilantras que supostamente frequentavam o lugar.

Os "prometeos' punham tanto zelo em manter uma imagem respeitável que era óbvio que jamais ousariam aproximar-se de tão ímpio e célebre edifício.

O ardil de Dante House funcionava há várias décadas, embora a Ordem possuísse aquela mansão há muito mais tempo. Como era natural, acabariam fechando a mansão com o tempo e

escolheriam uma nova localização para que a Ordem continuasse com seu trabalho secreto.

A aldrava da porta, que simulava a cabeça de um letrado, parecia sorrir com um ar jactancioso quando Rohan entrou sem chamar. Imediatamente viu-se rodeado pelos alegres latidos dos cães.

Os ferozes cães guardiães da casa Dante House sempre o apreciaram. Compreendiam-se bem mutuamente.

Rohan tirou o chapéu quando o senhor Gray, o esquálido mordomo, apareceu com urgência no vestíbulo para atendê-lo.

—Bem-vindo, excelência. Permite-me seu casaco? —perguntou elevando a voz para que o ouvisse apesar dos latidos.

Assentindo, Rohan entregou o chapéu, desprendeu-se do casaco e deixou que o mordomo o pendurasse no cabide.

Quando os robustos animais dançaram em volta de Rohan com descarada adoração, ele inclinou-se para saudá-los.

—Virgil está?

—Perdão, senhor, o que disse?

—Silêncio! —Ordenou aos cães em alemão—. Onde está Virgil, Gray?

—No salão com lorde Rotherstone e lorde Falconridge, excelência.

—Magnífico.

Perfeito, pensou detendo-se arranhando afetuosamente o focinho de um dos enormes cães de pelagem negra e canela, antes de passar a mão com carinho na cabeça da outra fera.

Endireitou-se de novo e quando abandonou o vestíbulo de entrada, a matilha trotou mansamente atrás dele.

Percorreu o corredor com passo enérgico, sem prestar atenção à opressiva e florida decoração em cor vermelha. O pesado estilo estava inspirado em um bordel; a enjoativa atmosfera gotejava decadência e excesso. Isso ajudava a fomentar a charada.

—Olha quem retornou de Cornualles! —Saudou-lhe Max, o líder de sua equipe, quando Rohan entrou na sala—. Ouvimos o alvoroço e pensamos que só poderia ser você.

—O que faz aqui? —replicou o duque enquanto aproximava-se de forma pausada e parava entre eles—. Acaso sua esposa já o abandonou a pontapés?

—Só vim pela comida—respondeu com voz lânguida o marquês, recém casado, que conservava o aspecto absurdamente feliz desde a última vez que o viu.

O moreno e sardônico Max St. Albans, marquês de Rotherstone, ao que chamavam Midas, estava sentado no sofá limpando um par de magníficas pistolas Xale, as peças desmontadas estendidas ordenadamente diante dele sobre a mesa baixa.

Além de ser o líder da equipe composta por três homens, Max era uma espécie de mago das finanças e todo um mestre seguindo o rastro das maldades dos ”prometeus” através de suas transações bancarias. Também ajudou a encher as arcas da Ordem para custear futuras operações graças a seus hábeis investimentos.

Rohan também saudou com um gesto o outro membro de sua equipe, Jordan Lennox, conde de Falconridge.

—Jord.

Jordan, outro agente consumado, era o perito em códigos; um homem reservado e casto, de sóbria elegância e fria habilidade. Levantou a vista dos anúncios do periódico que estava examinando atentamente em busca de mensagens ocultas, como acostumava fazer diariamente.

—Aproveitou da agradável visita de seus fantasmas?

Rohan respondeu com um sorriso irônico e um gesto grosseiro ao estilo italiano. Jordan riu entre dentes e virou a página do Times.

Virgil proferiu um suspiro diante daquela troca de palavras, mas suas ofensivos maneiras não enganavam a ninguém. Gostava deles como se fossem seus próprios filhos.

Naquele dia, o diretor da Ordem em Londres estava apoiado na janela, cortando com uma navalha partes de uma maçã e comendo os pedaços. Alguns fios prateados salpicavam o rebelde cabelo ruivo do curtido e velho guerreiro escocês.

Virgil os selecionou com supremo cuidado a todos eles e os recrutou ainda moços entre as filas da aristocracia, também dirigiu o adestramento deles no antigo castelo da Ordem na Escócia além de coordenar suas diversas missões.

Rohan o saudou inclinando a cabeça.

—Senhor.

—Controlou seu bando de contrabandistas? —perguntou Virgil, taciturno como de costume, enquanto jogava uma parte de maçã aos cães.

—É obvio. Está arrumado. —Rohan assentiu plantando frouxamente as mãos na cintura—. A Guarda Costeira ficou satisfeita. Entreguei todos os imbecis que provocaram o naufrágio. O restante deles ficaram livres. Não voltarão a fazer isso.

—Bem. Esses contrabandistas não nos servem de nada mortos —particularizou, mal-humorado, o escocês.

Rohan assentiu abaixando o olhar, sentindo a primeira pontada de remorso por sua inquebrável decisão de não dizer nada sobre certo “presente” que o chefe dos contrabandistas lhe deu em Cornualles.

—E bem? O que perdi?

Não demorou para inteirar-se de que não havia muitas novidades.

Ficou ausente menos de um mês, e durante esse tempo não tornou a ver o assassino “prometeo”, Dresden Bloodwell. A Jordan havia sido encomendada a tarefa de o vigiar em sociedade e ir atrás dele se reaparecesse.

—Continuamos sem ter sinais dele —informou Jordan.

Enquanto isso Max dedicou-se a vigiar Albert Carew, o novo duque de Holyfield, de quem suspeitavam estar relacionado com os “prometeos”, tendo em conta de que seu irmão mais velho faleceu em circunstâncias muito suspeitas deixando para ele, o ducado, pois era o segundo filho.

Como era natural, Albert possuía um álibi sólido, e ninguém desejava pôr em dúvida a

palavra do antigo dandi, que converteu-se, da noite para o dia, em um dos homens mais ricos da Câmara dos Lordes.

—Agora que Carew tem uma posição tão elevada —explicou Max— esteve adulando o regente, mais do que o habitual. Parece que está tentando acessar dissimuladamente o grupo de Carlton House. Não é de se estranhar que o Conselho tente pôr alguém perto de Prinny outra vez depois que liquidamos seu último espião. Acreditem, tenho Carew submetido a uma estreita vigilância.

Rohan olhou para ele de esguelha.

—Confio em que agora ele esteja mantendo distância de sua esposa.

—É obvio que sim —bufou Max, posto que Carew cortejou à formosa Daphne antes que Max casasse com a exigente beldade... e bem sabia Deus que tinha suado muito para conseguir isso.

Em vista de sua recente relação com Kate, Rohan já não encontrava as agonias românticas de Max tão graciosas como antes pareciam .

Mas desterrou com resolução Kate de sua mente uma vez mais, decidido a que nenhum deles, detectasse a mínima mudança em sua conduta. E essa jovem sim, havia mudado sua vida.

. No fundo de sua alma de bárbaro, Rohan estava consciente disso. Kate o fazia... qual era essa palavra estranha...? Ah, sim!

“Feliz.”

—O que sabemos de Drake? —perguntou fazendo caso omisso da lembrança de seus suspiros quando na noite anterior a possuiu—. Souberam um pouco de James Falkirk ou dele?

—De nenhum. —Virgil abaixou a cabeça com ar pensativo. Rohan apoiou o cotovelo no respaldo de uma poltrona.

—Bem, e a outra equipe que você estava esperando?

—A equipe de Beauchamp —recordou Jordan.

—Certo. Já retornaram do continente?

—Beau e seus homens estão a caminho —respondeu Virgil—. Chegarão em dia ou dois. Enquanto isso, enviaram-me algumas notícias interessantes. Conseguiram seguir a pista de Tavistock.

—O banqueiro dos “prometeos”, não é assim? —Esclareceu Rohan—. O ladrão e canalha da bolsa?

—Exato —repôs Max enquanto continuava dando brilho ao canhão de sua pistola—. Sir Richard Tavistock foi quem deu milhões para os “prometeos” quando provocaram o desabamento do mercado justamente depois de Waterloo.

—Bem, o que averiguaram?

—Tavistock está morto —declarou Virgil sucinto—. Seguiram sua pista até o vale do Loira, aonde alguns aldeãos os conduziram a uma tumba pouco profunda. Tavistock estava enterrado nela. O estrangularam.

—Não fui eu —apostilou Rohan de improviso. Max fixou Rohan com olhar sardônico e Rohan respondeu franzindo o cenho—. O vale do Loira... não é o mesmo lugar onde foi assassinado o

irmão mais velho de Carew?

—Sim,. Justamente no jardim traseiro do Malcolm.

Todos dirigiram a vista para Virgil, pois Malcolm Banks não só era o diretor de Conselho Supremo dos lhes "prometeos", mas também era o irmão caçula do escocês.

O robusto ruivo abaixou o olhar zangado como sempre, quando mencionavam o traidor.

Jordan levantou a voz para dar explicações:

—Acreditam que Malcolm convocou uma reunião do Conselho em seu castelo francês depois da batalha de Waterloo. De acordo com Beauchamp, Tavistock não saiu dessa reunião com vida.

—Que curioso —comentou Rohan enrugando a testa—. depois de comportar-se tão bem com eles ingressando milhões em suas contas?

Jordan encolheu os ombros.

—Talvez já tenha servido a seu propósito, ou talvez queiram cobrir seu rastro. Seja como for, desfizeram-se dele. E seja qual for a razão, expõe a possibilidade de que iniciou-se uma luta interna no Conselho para adquirir o poder. É provável que Malcolm esteja sentindo que periga sua posição como chefe dos "prometeos".

—Faz sentido... tendo em conta que era ele quem presidia o Conselho durante sua maior derrota —interveio Max.

—Em minha opinião Malcolm assassinou Tavistock para deixar clara sua posição: que não pretende tolerar a dissensão entre suas filas —expôs Virgil.

—Hum. —Rohan considerou tudo aquilo durante um momento—. Alguma ideia sobre quem poderia querer derrotá-lo?

Os outros três agentes trocaram olhares sombrios. Rohan compreendeu por que.

—Acreditam que seja James Falkirk? —apressou-se a perguntar.

—Esses dois nunca deram-se bem, segundo nossas fontes —replicou Max—. E Falkirk tem muita influência nos círculos dos "prometeos".

Todos ficaram em silêncio enquanto refletiam sobre o assunto.

Rohan cruzou os braços e tamborilou os dedos enquanto meditava um instante. Aquela nova informação constituía um motivo muito verossímil e concreto de por que James Falkirk poderia estar tentando descobrir a tumba do alquimista.

Se na verdade fosse Falkirk quem estivesse conspirando para desafiar Malcolm a fim de converter-se em líder dos "prometeos", poderia utilizar os legendários pergaminhos ocultistas da tumba de Valerio para arrebatar seguidores do atual dirigente.

Contemplando o chão, Rohan pensou que se conseguisse apanhar os pergaminhos antes dele, talvez Falkirk estivesse disposto a trocá-los por Drake. Enquanto isso precisava assegurar-se de que Gerald Fox não caísse nas garras dos inimigos. A mente dele dava voltas, mas nenhuma das teorias que tomavam forma dentro de sua cabeça poderia ser confirmada até que enfrentasse O'Banyon.

Ficou extremamente impaciente para ir a Shadwell e reconhecer os arredores da loja do

exterminador de ratos. “Tenho que colocar mãos à obra.”

—Então não perdi nada —concluiu.

——Na realidade não, aduziu Jordan—. É condenadamente frustrante.

—Pois não me incomoda a tranquilidade. —Max montou novamente as peças de sua pistola.

—Hoje tampouco aconteceu alguma coisa interessante por aqui. —Jordan fechou o periódico e o deixou a um lado.

—Tenho que partir —murmurou Rohan voltando-se para a porta.

Max o estudou com peculiar atenção.

—Encontra-se bem? —perguntou sem olhar o marquês.

Rohan olhou surpreso para ele, por cima do ombro.

—O que?

—Está... estranho.

—Estranho? —repetiu rogando não levantar suspeitas. Detestava enganá-los, mas meneou a cabeça e manteve a expressão inescrutável—. Não, estou bem.

—Só perguntei —replicou Max—. Está convidado a jantar esta noite, por certo. Jordan também virá. Virgil recusou, como de costume, mas você é bem-vindo.

—Obrigado, mas tenho que verificar alguns assuntos que surgiram em minha ausência —declarou Rohan.

—Pois reúna-se a nós depois. Mais tarde vamos participar de uma emboscada para vigiar Carew e ver se reaparece Bloodwell.

—Não será possível, sinto muito. A menos que necessitem de minha ajuda.

—Não, temos tudo sob controle. Está seguro de que está sentindo-se bem?

—É obvio. De lembranças a Daphne de minha parte. —Rohan despediu-se de seus perspicazes amigos.

Deixando a um lado sua consciência pesada, rumou para Shadwell. Uma vez ali passou certo tempo realizando uma inspeção pormenorizada do terreno. Tomou algumas decisões estratégicas quanto a como abordar a confrontação dessa noite, e depois partiu para procurar as diversas provisões que ia necessitar.

Alugou um quarto para as próximas noites em uma pensão de Shadwell a fim de utilizá-la como esconderijo, e guardou nela armas, munições, água e gêneros médicos de primeira necessidade. Eldred estaria postado ali, Kate e Peter Doyle poderiam retirar-se para o quarto seguindo suas ordens caso fosse preciso. No improvável caso de que ele caísse, daria instruções a Eldred e a Parker para que os levasse a Jordan. Não queria incomodar Max agora que o líder de sua equipe estava casado.

Depois de resolver todos os preparativos, foi ao Banco da Inglaterra para abrir a conta de Kate, tal e como prometeu a ela.

Por último, retornou para casa ansioso para vê-la. A reação da jovem ao horrível disfarce que teria que ficar essa noite seria, sem a menor duvida, divertida. Embora, para falar a verdade, duvidava de que fosse possível conseguir que sua deusa de olhos verdes parecesse uma garota

pouco atraente.

—Katherine! —Chamou com malicioso afeto enquanto subia a escada apressado—. Onde está?

Depois de chamá-la várias vezes mais, recebeu enfim uma resposta um tanto distante, procedente da sala de música.

—Estou aqui.

Quando chegou na sala, apoiou-se na entrada durante um instante e sorriu enquanto estudava a sedutora imagem de sua encantadora amante reclinada no sofá de cor verde clara.

Enfeitada com um vestido rosa com a saia de cetim listado, Kate folheava distraidamente o livro de sua mãe, aberto sobre o colo. soltou o sedoso cabelo castanho, que lhe caía sobre os ombros em suaves ondas marcadas pelo coque que usava.

—Aqui está você—a saudou com a admiração refletida em seus olhos—. E está tão bonita como uma flor.

Kate olhou para ele de esguelha com receio.

Pensou muito durante sua ausência. Como aconteceu quando ele contou que era um sicário, sua reação diante a chegada das damas a sobressaltou, mas não ficou surpresa. Depois de tudo, desde aquela noite em que a levaram ao castelo de Kilburn para servir como rameira do duque, Caleb Doyle deixou muito claro que sua excelência via as mulheres como objetos de prazer.

Portanto, não podia dizer que não soubesse em que se estava se metendo. Mas enfrentar à realidade, conhecer cara a cara suas antigas conquistas —Pauline, Lucinda e as demais— fez com que suas emoções ficassem um caos.

Sua primeira reação tinha foi sentir raiva, raiva e mais raiva, ao ver quão libertino egoísta e insensível foi no passado. Seguiu-lhe um desanimador desencanto sabendo que ela possuía tudo para fazer com que ele a esquecesse.

O temor a dominou em sua maior parte, porque a paixão que compartilhavam sozinho podia acabar em um devastador desengano para ela. Com essa sensação de fatalidade, obcecou-se com a certeza de que, cedo ou tarde, acabaria igual às demais, como outra parva que deixava seu rastro. Mas ela era ainda mais estúpida, pois cometeu o grave engano de apaixonar-se por ele.

Felizmente, Rohan esteve bastante tempo ocupado com certos assuntos essa tarde,. Sua ausência deu tempo para ela serenar-se e armar-se de coragem. Quando por fim foi capaz de pensar com mais calma em como poderia agir, pôde considerar com maior atenção o que todas aquelas aventuras sem sentido diziam sobre Rohan e suas necessidades.

E foi então quando toda sua perspectiva da situação mudou. Teve a impressão de que a venda que estava em seus olhos, havia caído.

O arrebatamento de medo e da raiva inicial deu passo a um inesperado pesar pela solidão que descobriu nele, uma profunda pena ao ver quanto ele estava necessitado de amor.

Tinha que ser assim. Como podia ligar-se a alguém se possuía aquela profissão? Mesmo que desejasse, como podia deixar que alguém se aproximasse?

Por isso que somente sabia utilizar e deixar-se utilizar pelas mulheres. Uma triste e sórdida paródia do amor.

Kate sentiu-se compungida por aquela revelação, e jurou que deixaria que aquele homem valente e galante saboreasse o amor verdadeiro.

Ter ciúmes era uma estupidez , pois chegou mais longe com Rohan de que qualquer emoção de nenhuma delas. Essas mulheres de seu passado não eram nenhuma ameaça para Kate.

No entanto, seu encontro com as damas expos uma turbulenta questão: se aceitasse seu dinheiro para fazer amor com ele, não a convertia isso em uma prostituta até pior que aquelas libertinas da alta sociedade?

De um modo ou de outro, não merecia Rohan ter alguém que o tratasse como faria uma verdadeira dama? Mostrando gentileza e compaixão para as necessidades que era muito orgulhoso para expressar? Uma dama da cabeça aos pés jamais aproveitar-se-ia do ponto mais vulnerável de um homem, e Kate sabia agora que o ponto débil de Rohan era o amor.

O amor era o tendão de Aquiles do duque guerreiro, sem a menor duvida. Refletindo a respeito de tudo que sabia sobre ele pressentiu que ele tinha medo de amar, em parte porque era um pouco desconhecido para ele, e em parte devido aquela condenada maldição.

Teria que lhe ensinar o que era real.

Teria que advogar por algo mais elevado.

Teria que ter coragem para amá-lo ainda mais. Amá-lo não pelo que ele poderia dar a ela, pois qualquer um poderia lhe oferecer coisas materiais. Teria que amá-lo apesar da escuridão que habitava nele e da arrepiante ameaça de que talvez, ele nunca correspondesse a seu amor, que possivelmente nem sequer fosse capaz de amar.

Que aterradora possibilidade.

Mas enquanto a esperança atravessava a sombra do temor, como a luz os buraquinhos da cúpula de uma de lâmpada, soube que tinha que tentar “Ame-o. Não o julgue. Esqueça todas essas mulheres de seu passado.”

“Eu sou seu presente. Sou seu futuro.”

Rohan entrou na sala de música com um sorriso nos lábios e inclinou-se para dar um beijo no rosto de Kate.

—Olá.

Ela ficou tensa. Embora estivesse completamente segura do que era o correto, o que o amor exigia dela a deixava aterrada.

Pelo bem do próprio Rohan, teria que abandonar o lugar repleto de comodidades que enfim tinha encontrado. Do contrário ele jamais a veria de um modo diferente das mulheres que o usaram e havia usado. Caso cumprisse a risca o contrato, Rohan nunca saberia que ela o amava de verdade.

Ao ser tão generoso no momento de maior necessidade ajudou Kate a superar seus medos mais profundos. Agora tocava a ela ajudar Rohan a vencer os seus medos.

Mas sentia que Rohan não gostaria disso.

—Trouxe uma coisa para você —murmurou ele desprendendo o mochila que levava no ombro—. Na realidade são muitas.

Aquela voz grave e aveludada bastou para despertar o desejo nela. Rohan cheirava a cavalo, a couro e a um sutil almíscar inerente dele e que Kate viciou-se, tanto quanto um fumante de ópio à fumaça de sua pipa. Mordeu os lábios quando sentiu uma onda de desejo no instante em que ele aproximou-se mais e a abraçou afetuosamente.

—Sentiu falta de mim? —sussurrou-lhe ao ouvido de forma sedutora.

Ela não respondeu. "Coragem, Kate", falou para si mesma, depois o contemplou com atenção e certo receio.

—O que trouxe?

—Você chorou? —perguntou ele de repente franzindo o cenho ao notar que os olhos dela estavam avermelhados.

—Estudando o livro, nada mais. —Abaixou o olhar imediatamente—. Está cheio de pó.

Rohan olhou para ela atentamente com o cenho franzido.

—Encontrou alguma coisa?

Kate deu um toque com o dedo na página aberta do livro.

—Esta sucessão de elementos... são códigos. Cada elemento corresponde a uma letra.

—Que me crucifiquem! Bom trabalho, minha menina! —Estampou-lhe um beijo possessivo na testa—. Bom, o que é que diz?

—Não sei ainda. Continuo trabalhando nisso. —Fechou o livro tratando de não parecer preocupada—. O que há na bolsa?

Rohan sorriu e levantou-se.

—Toda espécie de coisas para minha garota. —Agarrou a mochila e colocou a mão dentro—. Primeiro isto. —Entregou um pequeno dossiê de documentos cuja capa estava estampada com o emblema do Banco da Inglaterra—. Abri uma conta em seu nome. Agora tem recursos, para que possa retirar dinheiro quando desejar. Isto também. —Extraiu um maço de notas de dinheiro novas e entregou para ela.

—Rohan...

—Espere, há mais —advertiu com um sorriso diabólico.

Kate abaixou o olhar para os documentos bancários, mas os deixou a um lado com desgosto, junto com o rolo de dinheiro.

—Para você! —Rohan sustentou no alto um insípido vestido e uma faísca travessa dançava em seus olhos.

Ela inclinou a cabeça enquanto contemplava com cepticismo o tosco vestido cinza.

—Que demônios...?

—Tem que se transformar, carinho.

—Espera que vista isto? —exclamou ela.

—Lamento, mas é inevitável. Esta noite devemos disfarçar sua encantadora pessoa.

Kate proferiu um bufido.

—É um pouco grande! Imaginei que a esta altura já soubesse melhor as medidas de meu corpo, excelência. Ou talvez me confundiu com outra?

—É um número maior de propósito. Isto vai com isso. —Colocou a mão na bolsa outra vez e tirou o seguinte objeto de seu disfarce, uma espécie de extravagante recheio—.e... voilà.

—Não penso usar essa velha e andrajosa peruca.

—Ah, sim que vai usar isso. E também esta espantosa touca. —Rohan esboçou um amplo sorriso—. E espera, não se esqueça dos óculos.

—Vou ficar parecendo um inseto estranho —disse consternada.

—Essa é a intenção. Apresentar... a pobre filha solteirona de Gerald Fox.

Kate olhou com resignação.

—Seriamente é necessário?

—Caso contrário não a faria passar por isso —respondeu com certa picardia em seus olhos negros.

—O'Banyon já sabe que aspecto tenho —recordou.

—Sim, mas James Falkirk não. E se por acaso nos topamos com ele e com seu encantador guarda-costas torto, digamos que este disfarce é melhor que ter que andar olhando por cima do ombro durante o resto de sua vida.

Kate ficou séria.

—Oh!.

—Se por acaso servir de consolo, eu também irei disfarçado. Serei o outro contrabandista, em substituição a Denny Doyle. portanto, tenho que dar a Peter instruções sobre seu papel desta noite. —encaminhou-se para a porta—. Procure descansar um pouco. Com certeza a noite vai ser longa.

—Rohan... espere. —Abaixou as pernas da poltrona e ficou em pé. Tinha chegado o momento—. Durante sua ausência tivemos um pequeno..... incidente.

Rohan parou imediatamente e deu a volta.

—O que aconteceu?

—Temo que não vai gostar.

Ele entreabriu os olhos de maneira inquisitiva.

—Recorda as regras que me impôs?

—Sim.

—Eu as quebrei —disse, erguendo a cabeça—. Me viram.

—Quem? —Exigiu saber enquanto dava um passo para ela—. Os vizinhos?

—Não, uma horda de damas que vieram buscá-lo.

Rohan teve ao menos a decência de ficar pálido.

—Damas?

Kate cruzou os braços à altura do peito.

—Lucinda, Pauline... desconheço o nome das outras.

—Kate —murmurou sério, olhando-a com expressão inquisitiva.

—Na realidade, a culpa não foi minha —declarou—. Virtualmente estavam jogando a porta abaixo. Eldred necessitava de ajuda! Eu estava no alto da escada, e foi então quando me viram.

—Maldição, Kate, impus essas regras por um motivo! —Bramou fulminando-a com o olhar—. falou com elas?

—Principalmente, escutei. —Afastou o olhar com recato—. E ouvi que algumas mencionavam seus próprios maridos.

—O que disse para elas? —perguntou bruscamente.

Ela encolheu-se com inocência.

—Só que você não estava em casa e que teriam que deixar seus cartões de visita caso desejassem. Não deixaram. partiram... com grande urgência depois que eu falei com elas.

—Kate, não posso acreditar que tenha feito isso. Impus essas regras para sua própria segurança!

—Assombra-me! Meia dúzia de suas antigas conquistas aparecem em sua casa, e é isso a única coisa que tem a dizer?

—O que acontece? —Olhou-a de modo ameaçador—. É agora que terá um ataque de histeria e vai me jogar objetos de porcelana na cabeça?

—Parece a você que estou tendo um ataque de histeria? —perguntou com frieza enquanto sustentava o olhar dele negando-se a ficar intimidada por sua estatura.

Rohan a olhou durante um longo momento, sem conseguir dissimular toda sua confusão.

—Não.

Kate agradeceu sua admissão com gesto seco.

—Então, o que? Agora me odeia? —inquiriu; o receio dele aumentou um pouco.

—Não, Rohan. —Kate estava começando a gostar de aturdir-lhe. Elevou a mão e a pousou meigamente no rosto dele—. O que acontece é que fiquei muito alegre ao ver que seu gosto melhorou muito.

Afastou a mão.

—Não sabe o que fez.

A jovem franziu o cenho.

—Kate, são damas da alta sociedade!

—Isso é evidente!

—O que significa que esta noite toda a cidade falará sobre a sedutora e bela jovem que está escondida na casa de Warrington... justamente quando estamos no meio de uma perigosa operação!

Kate deixou escapar um suspiro.

—Obrigado pelo elogio, mas temo que é ainda pior.

—Pior?

—Possivelmente utilizei um tom de voz um tanto autoritário quando me dirigi a suas amantes...

—Antigas amantes —particularizou em um grunhido.

—Seja como for, essas mulheres começaram a se curvar para mim enquanto saiam.

Rohan cravou o olhar nela.

—Fizeram-lhe reverências —repetiu.

—Sim.

—Lucinda é condessa. Pauline é baronesa.

—Bom. —Kate encolheu os ombros—. Parece que tiraram suas próprias conclusões com respeito a minha presença na casa de sua excelência.

Rohan ficou imóvel durante um momento.

—Acreditaram que era minha esposa?

—Parece que sim —repôs ruborizando-se um pouco—. Não tive culpa! Pergunte a Eldred! Tudo aconteceu tal e como contei.

"Bom, isto é condenadamente embaraçoso."

Rohan não sabia se ria ou estrangulava Kate ao imaginar suas altivas ex-amantes prostrando-se em uma reverência diante dela. limitou-se a menear a cabeça.

—Ausento-me da casa algumas horas e tudo é transformado em um enredo de maus entendidos —resmungou.

Kate pôs os braços em jarras e inclinou a cabeça.

—Está zangado? —perguntou com sua habitual franqueza.

Ele olhou aqueles olhos esmeralda e ,,,,como poderia ficar zangado?

—Não —reconheceu com cautela—. E você?

—Fiquei durante um momento. ——. Mas passou.

Rohan a contemplou assombrado e ainda mais cativado, se isso fosse possível, ao ver sua serena reação.

—Bendita seja —disse enfim agradecido por sua tolerância com supremo alívio. Se Kate tivesse aparecido enquanto estava com a Lucinda ou com qualquer das outras, ela teria um ataque de fúria digno de Carol Lamb—. Nem imagina as vezes que me gritaram —balbuciou.

—Posso imaginar —replicou. Então entreabriu seus ardilosos olhos e os fixou nele—. Mas não confunda minha serenidade com aprovação. Falando como alguém que entregaram a você como presente, seu comportamento para com as mulheres foi repulsivo. Sei que é melhor que tudo isso.

Rohan a estudou ficando imediatamente em guarda.

—Vá, vá, vá, começa a falar como uma esposa. É uma lástima que não esteja interessado em ter uma.

—Não, por que estaria? Está muito ocupado deitando-se com as esposas dos outros homens para não ter o trabalho de buscar uma para você. —Obsequiou-lhe com um sorriso.

—É uma prática muito comum por aqui —replicou ferido, embora negando-se a deixar que ela o visse estremecer—. Além disso, são elas que me perseguem .

—Dá no mesmo, você sabe que é errado. Não é de estranhar que seja um lobo solitário.

—O que quer dizer com isso? —Franzindo o cenho com crescente irritação, cruzou os braços

sobre o peito.

—Simplesmente que não pode esperar formar parte do mundo civilizado enquanto se dedicar a fazer estragos nas famílias dos outros. Por favor, Rohan! Não posso acreditar que tenha trinta e quatro anos e continua comportando-se como um pirralho de dezessete.

—E eu não posso acreditar que esteja sendo exortado por minha amante —replicou com brutalidade.

—Há... sim. Quanto a isso...

Kate dirigiu-se para a poltrona, recolheu a caderneta do banco e o maço de dinheiro. Rohan viu que inspirava fundo antes de virar-se;Depois voltou novamente para ele levando consigo ambas as coisas.

—Não posso aceitar isso. Toma. Estou devolvendo.

—Do que está falando? por que?

—Pegue isso, por favor.

Rohan resmungou um impropério.

—Sabia que estava furiosa!

—Não estou.

—Bom, pois deveria estar, maldição! —Seu rosto ficou vermelho por causa da raiva e da confusão quando a olhou arqueando uma sobrancelha—. Aceita, Kate. É seu. Não se preocupe, posso fazer isso .

—Esse é o problema —respondeu com voz fraca—. Temo que não posso.

—O que significa isso? O que diz não tem sentido. O que quer? Mais dinheiro?

—Não! Não quero nada. Por favor.

—Não Kate. Somos amantes. Tenho que dar alguma coisa para você.

—Já me deu —disse para ele com um olhar cheio de ternura que multiplicou por dez o desconcerto de Rohan—. Entende o que digo?

—Não tenho a mínima ideia.

—Bom... com o tempo entenderá.

Uma terrível explicação lhe veio à mente, como um sinistro fantasma, quando ela deu a volta e deixou ambas as coisas sobre a mesa próxima. O coração de Rohan começou a pulsar com força.

—Está me abandonando? É isso que significa? Essas mulheres não são nada para mim! Está-me castigando...

—Não! Rohan, O perdoei antes até de que retornasse para casa.

—Então, o que está acontecendo? Não entendo! Fiz algo errado?

—Não, carinho! —tranquilizou-lhe—. Este acordo está errado e nos dois sabemos disso. Não quero seu dinheiro. Prefiro ter seu respeito.

—Oh, por favor.

Kate fez caso omisso de seu bufido impaciente.

—Prefiro que, no fundo de seu coração, saiba que para mim nunca se tratou de dinheiro.

—Kate, isto é um completo disparate. Como demônios pretende viver?

—Meu pai me ajudará... se é que esteja vivo.

—Então, quer se afastar de mim.

—Não!

—Então, o que é que quer? —Rohan estava a ponto de explodir.

—Não quero acabar como uma dessas mulheres de seu passado! Não... Não quero perdê-lo.

Rohan jogou a cabeça para trás proferindo um grunhido gutural de exasperação. Contemplou o teto, como se nele pudesse encontrar alguma pista que o ajudasse a decifrar a lógica de uma mulher.

Depois abaixou o olhar para ela.

—Não quer me perder e então me abandona.

—Tento ajudá-lo, Rohan.

—Como? —sentia-se frustrado—. Está me deixando louco! Temos um acordo, Kate!

—Pois necessitamos um acordo diferente!

—Não compreendo.

—Não compreende ou não quer compreender?

Rohan ficou em silêncio durante um instante enquanto a estudava.

Ela queria chegar a alguma coisa, mas por alguma razão, não tinha intenção de dizer às claras. Isso não era nada habitual nela. Enquanto a escrutinava começou a enxergar a verdade.

—Caramba! —murmurou entreabrindo os olhos—. Quer se casar, não é assim? Quer ser duquesa. Essas mulheres incutiram essa ideia em você.

—Não! —exclamou. Kate pareceu sobressaltar-se por sua acusação—. Como pode pensar isso?

—Sinto desiludi-la, Kate, mas isso não vai acontecer. E não me agrada que tente manipular-me.

—Não estou tentando lhe manipular! Estou sendo o mais honesta possível com você! Só estou tentando não assustá-lo!

—Você? assustar a mim? Sim que é impertinente! Rogo-lhe que explique a que se refere com isso de “me assustar”.

—Você não quer ouvir o que tenho a dizer.

—Não, tenha a bondade de falar claro! Peço-lhe isso.

Kate olhou para ele, a paciência começava a abandoná-la.

—Dá no mesmo. Não estou procurando me casar. Sei que meu sangue não é bastante azul para você.

—Não é isso o que eu disse —a corrigiu sem demora—. Para ser sincero, minha negativa nada tem a ver com você.

A jovem olhou fixamente.

—A maldição.

Ele assentiu sombrio.

—Rohan. —Trocou o peso de um pé para o outro e cruzou os braços—. Não sei como vou dizer isto. Mas a maldição não é mais que um conto.

—Kate...

—Se não deixar de defender-se atrás dela para impedir que o amor entre em sua vida vais acabar muito sozinho.

—Então, acusa-me de mentir?

—Só para você mesmo, meu amor.

—Claro. Acaso foi uma mentira o que matou minha mãe? —Controlou sua crescente ira—. A maldição não é uma "desculpa", Kate. É real, e também é minha capacidade para fazer que se cumpra. Por isso prefiro ver minha estirpe morrer comigo a me casar, ou inclusive me apaixonar. coloque isso na cabeça.

—Não fala a sério —lhe reprovou com um fio de voz enquanto suas frias e cruéis palavras estavam suspensas entre eles—. Somente está assustado, Rohan.

—Maldição, não sou eu quem está assustado! —bramou—. Sou eu quem assusta os outros! Não sabe do que sou capaz! Mas eu sim. Sei o que sou, e até onde posso chegar... por isso fiz essa oferta a você. Assim, é pegar ou largar, Kate. Ou é minha amante ou nada. É o máximo que posso oferecer.

Rohan soube imediatamente que isso era o pior que podia ter dito. Kate entreabriu seus olhos verdes, que cintilavam desafiantes, ergueu seus preciosos ombros com lentidão, esses que tão frequentemente tinha coberto de beijos, e elevou seu delicado queixo.

Maldição!, Ele ainda não aprendeu que aquela jovem podia ser quase tão teimosa quanto ele?

—Muito bem —replicou ela.

Kate foi até a poltrona e recolheu as partes do disfarce que ele tinha levado. Rohan a observou consciente de que estava equivocado, mas três classes distintas de orgulho o impediam de ceder um ápice: seu orgulho como duque, como soldado e como homem. E estavam lhe afogando.

—Fará a honra de me responder, por favor?

—Quer uma resposta? É obvio, excelência. Aqui tem sua resposta! —Segurou o maço de dinheiro da mesa e lançou na cabeça dele.

O dinheiro atingiu seu ombro, e Kate encaminhou-se com passo irado para a porta. "Essa é minha garota."

—Nada, —disse arrastando as palavras.

Ela seguiu seu caminho.

—Kate, retorna.

—Muito em breve terá companhia de sobra. Desfruta de suas putas, duque, mas eu não penso ser uma delas. —deteve-se na entrada para voltar o olhar para ele—. Lamentará ter me perdido durante o resto de sua vida, Warrington.

—Oxalá tivesse uma moeda por cada vez que ouvi isso.

Kate meneou a cabeça, surpresa.

—Por que é tão cruel?

—Porque não tenho coração, senhorita Madsen! —Exclamou com um tom despreocupado e cortante como o fio de uma navalha—. Acaso não descobriu ainda? Pergunte ao último tipo que matei em Nápoles.

Kate ficou pálida ao escutar suas palavras e retornou à sala. Ele a olhou com severidade nos olhos enquanto Kate aproximava-se dele com passo vacilante.

Rohan ficou tenso, mas já não podia guardar por mais tempo o mais amargo de seus segredos.

—O objetivo que me enviaram a liquidar. Seus três pequenos e sua esposa estavam dentro da casa, assim que o levei ao jardim. Ele agarrou minha pistola, e eles ouviram o disparo. Logo escutei os gritos quando saíram e o encontraram morto. Claro que, então, eu já havia partido. E agora me diga que alguém assim merece isso que você chama amor —replicou apertando os dentes—. Não faça que deseje o que não posso ter.

—Mas pode ter sim.

Ele a olhou com os olhos transbordantes de desejo, mas naquele instante Rohan era como um animal enjaulado. Ansiava a liberdade, e Kate temia que a mordesse caso se aproximasse muito.

—Não compreendeu o que falei durante todo este tempo? —Perguntou ela brandamente aproximando-se com o olhar transbordante de deliciosa ternura—. O que precisa é amor, carinho, e eu posso lhe dar isso. Os olhos dela estavam alagados de lágrimas quando chegou até ele—.Eu o amo, Rohan...

—Basta de... tolices! —Afastou-a para um lado, depois virou-se com brutalidade. O coração dele pulsava desmedido—. Não sabe o que diz.

—Claro que sei. Eu o amo. Você já sabe.

—É uma ilusão, Kate. Não sou digno de amar e ser amado. Não torne a falar disso, lhe suplico —concluiu isso em um sussurro esmigalhado.

—Rohan.

Pela extremidade do olho viu que Kate olhava para ele com choroso desconcerto.

—Kate. Se eu enfraquecer, será você quem acabará ferida. —Fixou a vista à frente negando-se a contemplar as lágrimas que enchiam os olhos da jovem, enquanto meneava a cabeça—. Preferiria morrer antes de lhe fazer mal.

—O que acha que está fazendo agora?

—Deixe-me —sussurrou com voz quebrada, excluindo-a—. Não posso dar o que deseja;

Kate olhou para ele durante um momento, depois sacudiu a cabeça e deu meia volta encaminhando-se para a porta. O coração de Rohan continuava pulsando desbocado, mas apenas fechou os olhos.

Quando os abriu, ela já havia partido.

E a cólera explodiu convertendo-se em um dilacerador desespero. “Maldição!” Bateu com o

punho contra a parede mais próxima deixando uma marca no estuque.

Não podia acreditar que tenha machucado aquela jovem, mas parecia que havia nascido só para isso.

Enquanto estava ali de pé, com a respiração agitada e o sangue concentrando-se em seus nódulos, cravou seu feroz olhar no chão e fez um esforço para manter a cólera sob controle... no momento.

A utilizaria como incentivo essa noite, quando chegasse a hora de fazer o que melhor surgisse. Talvez então ela visse enfim a verdade sobre seu "amor".

CAPÍTULO 17

Doía dizer a alguém que lhe ama e esse alguém arroje suas palavras ao rosto. Doía como mil demônios. Mas Kate negou-se a perder a esperança. Armando-se de uma grande reserva de tenacidade, enxugou as lágrimas e jurou seguir tentando achar um modo de chegar até ele. Rohan a necessitava, soubesse disso ou não.

Certo que algumas das coisas que ele havia dito eram dolorosas e cruéis, mas sabia que não era intenção dele. Bravatas para defender-se. Simplesmente estava nervoso porque devolveu seu dinheiro, e isso significava que ele já não tinha o controle.

Rohan desejava poder estabelecer os termos de até onde podia permitir a intimidade com ela, tal e como havia dito, mas para Kate meias palavras não bastavam quando ela havia entregue tudo.

Manteve-se mentalmente firme e decidida a amansá-lo pouco a pouco. A domar à Besta selvagem. Afinal adquiriu certa astúcia para o persuadir de que confiasse nela, pouco a pouco.

Rohan acreditava que podia espantá-la com seus tolos bramidos, como um grande leão com um espinho na pata, ou que podia afugentá-la com a terrível historia do assassinato que cometeu em Nápoles. Mas tudo isso só revelou que necessitava de seu amor mais do que ela tinha imaginado.

Tanto fazia que graves fossem as advertências que o duque recorresse, pois ela sabia que era incapaz de lhe fazer dano, como tanto temia ele.

Como podia pensar que não era digno de amar e ser amado? Era um homem generoso, desinteressado e valente. Embora fosse incapaz de ver que era digno de sua devoção. Kate desejava que deixasse de lutar contra o que havia entre eles. Era uma mulher tão paciente como ele era teimoso.

De qualquer maneira, sua briga não tinha alterado os planos para essa noite. Os dois eram bastante adultos para deixar de um lado sua disputa a fim de enfrentar o problema que os preocupava.

Essa noite, tal como estava previsto, dirigiram-se à loja do exterminador de pragas, em uma velha e simples carruagem utilizada pelos criados. Parker conduzia enquanto Wilkins armado, ia

no alto do veículo. Eldred, por sua vez, estava postado no quarto da pensão que Rohan preparou como lugar alternativo em caso de que algo saísse errado.

Reinava uma profunda escuridão naquela crua noite de janeiro.

Rohan estava sentado a seu lado, distante e sombrio como os escarpados de Cornualles. Enquanto isso, Kate sentia-se bastante estúpida e coibida com seu disfarce. Não sabia como seu pai poderia reconhecê-la com aquela pinta.

Seu cabelo estava oculto embaixo da feia peruca e da touca branca de solteirona, adornada com babados e atada sob o queixo. Também usava óculos sobre o nariz, o melhor para mascarar seu rosto. Seu tamanho ficou duplicado graças ao recheio que usou por dentro do áspero vestido de lã cinza. Mas ao menos a mantinha quente.

Sentado em frente deles ia Peter Doyle. Kate esperava de coração que fosse de confiança. Caso os traísse, Rohan teria que matá-lo. O desalinhado e jovem contrabandista parecia muito nervoso, e motivos não lhe faltavam. Se O'Banyon não aceitasse o alto desconhecido que estava no lugar de Denny Doyle?

Kate olhou de esguelha para o duque, que, sentado junto dela, vestia-se como um contrabandista. Não cabia dúvida de que possuía todo o aspecto de um desumano rufião. De fato, encarnava o papel muito bem. Com seu traje de bandido parecia o pior salteador de caminhos da Inglaterra.

Mas sua cabeça não devia estar boa, pensou Kate cansada, pois inclusive com a aparência de um fugitivo que escapou do patíbulo, ainda o achava incrivelmente atraente. Representava a classe de proscrito que fazia com que uma moça desejasse ser raptada.

Rohan passou maquiagem cor de bronze que se utilizava no teatro para obscurecer sua tez e lhe dar a aparência bronzeada de um autêntico patife da costa. Passou um pouco de azeite de oliva e um pouco de pó sobre sua longa cabeleira negra, que agora apresentava um aspecto sujo e rebelde, como ele, sem barbear, com um lenço vermelho passado frouxamente ao redor do pescoço e um arsenal de armas presas na cintura.

Usava uma imunda e tosca camisa, um colete negro e calças de marinheiro, com uma corda como cinto. A calça chegava até as panturrilhas dele e dentro das botas velhas, ocultava uma pistola e embaixo da capa, atada ao tornozelo, trazia outra navalha.

Vestia um casaco largo que conseguia esconder as inumeráveis fundas e vagens para espadas, pistolas no ombro e bandoleiras de munição presas ao peito. O homem era um arsenal andante, e essa noite havia uma faísca diabólica em seus olhos claros.

Vendo-o agora surpreendia-se ter pensado que há algumas horas, fosse prudente lhe exortar. Provocar Rohan agora, parecia uma boa forma de conseguir um rápido encontro com são Pedro.

—Quase chegamos —informou Rohan olhando pela janela enquanto o veículo atravessava a escuridão em direção a zonas ainda mais perigosas da cidade—. Alguma pergunta? —Parecia muito mais calmo—. Peter, recorda o que tem que dizer?

—Sim, senhor.

—E recorda o preço que terá que pagar se nos trair? —adicionou com voz suave.

Peter olhou fixamente para ele.

—Não o trairei, senhor. Dei-lhe minha palavra.

—Perfeito —resmungou Kate—. Nossa vida depende da palavra de honra de um criminoso.

—Tenha coragem, senhorita Madsen. Já não há retorno. Lembre-se de não dar a entender que sabe quem são eles e o que realmente estão procurando.

—Poderia estar melhor se eu tivesse a escopeta de Charley comigo.

—Confie em mim, não vai precisar dela estando comigo—respondeu sombrio.

Atravessaram a cidade e entraram no excessivamente povoado East End. No caminho para os moles, onde reinava a anarquia, viraram ao sul aventurando-se nos escuros e perigosos labirintos de Shadwell, situado à beira do Tamisa.

Apesar da falta de iluminação das estreitas ruelas pavimentadas, Parker não perdeu a rua de estranho nome, Labor-InVain onde indicaram que se apresentasse ao exterminador de ratos.

Kate olhou pela janela com inquietação ao passar diante de um buliçoso e lotado botequim, em que o resplendor dos abajures e a estrondosa música chegavam até a rua, que de outro modo estaria escura como boca de lobo.

Viu uma mesa onde alguns marinheiros tatuados mediam a força do pulso rodeados por seus companheiros, em cujas mãos seguravam jarras de estanho cheia até a borda de espumosa cerveja preta, enquanto gritavam animando o competidor em que apostaram seu dinheiro. Enquanto isso um grupo de mulheres ébrias e maquiadas de maneira carregada entretinham os clientes dançando sobre as mesas.

Kate dirigiu um olhar sério para Rohan, mas não fez nenhum comentário sarcástico. Desejou ver o mundo que estendia-se além de sua pequena casinha e sem dúvida, estava fazendo isso.

A carruagem parou lentamente ao chegar no final da rua. Kate deu uma olhada pela janela e viu um letreiro de madeira pendurando sobre a loja, com o desenho de um rato dentro de uma jaula. “exterminam-se pragas. Desde 1784. Informações no local.”

Peter olhou para eles, pálido e com os olhos muito abertos.

—Será melhor eu entrar e avisar que chegamos.

Rohan assentiu.

—Acalme-se, moço. Tome um trago. Pode beber. —Passou a garrafinha ao jovem Doyle.

—Obrigado, senhor.

O menino bebeu um pouco e depois devolveu ao duque. A seguir respirou fundo, inclinou a cabeça e desembarcou da carruagem.

Levantou o olhar para o letreiro do rato, a seguir entrou no pequeno beco de passagem entre edifícios tomado pela mais absoluta escuridão. Kate supôs que era um lugar perfeito para perpetrar um assassinato, embora fosse melhor não pensar nisso enquanto estivesse sentada junto a um sicário.

Na escuridão só puderam distinguir os movimentos de Peter quando subiu a escada exterior e bateu na porta do exterminador de pragas.

Enquanto isso, na carruagem, o silêncio entre eles ficou mais incômodo a cada minuto que passava. Incapaz de continuar suportando, Kate rompeu o silencio com uma pergunta pouco entusiasmada, cuja resposta conhecia.

—Então, supõe que alguém nos deixará entrar aí? —sussurrou.

Ele assentiu.

—Vão chamar O'Banyon para que reúna-se conosco —repôs Rohan.

—Estou impaciente. —estremeceu agasalhando-se no feio xale. Logo falou de novo depois de um minuto—: Acredito que nunca estive dentro de uma loja de desratização.

—Nem eu —murmurou Rohan—. Mas esta provado que o negócio desse tipo não se limita ao extermínio de roedores.

—Com sabe?

O duque observou pela janela da carruagem como a porta abriu-se no alto da escada. Uma figura encurvada sustentando uma luz inspecionou Peter que, por sua vez, disse o que tinham ensaiado e apontou para a carruagem.

—O ancião aproxima-se dos navios mercantes que atracam no porto, para ver se necessitarem seus serviços a bordo —explicou em voz baixa—. Os capitães o contratam para livrar-se de algumas pragas, de modo que o tipo dirige-se diretamente ao local de carga, onde rondam a maioria dos roedores. Uma vez ali pode verificar que classe de mercadorias transporta o navio. Simula apanhar alguns ratos e retorna para dizer aos ladrões do porto que navio merece ser roubado. Quantos homens vigiam e assim por diante.

—É diabólico —disse.

—Bem-vinda ao mundo, senhorita Madsen. Vamos —ordenou fazendo caso omisso da expressão carrancuda da jovem diante seu irônico comentário.

Rohan desembarcou do veículo quando Peter descia a escada. O velho exterminador permaneceu no patamar de cima levantando a luz para que um moço jovem e robusto, talvez seu aprendiz, descesse com pressa os degraus e entrasse na noite, presumivelmente para avisar O'Banyon que tinham chegado.

—Diz que desembarquem e esperem dentro —informou Peter aproximando-se da carruagem.

A resolução de Kate fraquejou quando começou a descer, pois preocupou-se que ninguém acreditasse em seu disfarce. Rohan levantou seu frágil ânimo olhando-a fixamente nos olhos, como pudesse ler sua mente.

Mais calma, desceu os degraus da desmantelada carruagem. Ele a agarrou pelo braço imediatamente sem muita delicadeza, lhe recordando seu papel de prisioneira.

O moço de aspecto malicioso desviou a vista para eles por um breve instante quando passou ao lado deles, mas pareceu não duvidar da autenticidade do traje de nenhum dos dois.

Subiram a escada enquanto Parker afastava-se com a carruagem a fim de ficar em posição. Wilkins e ele prestariam apoio dos terraços em caso de necessidade, mas Rohan alegou categoricamente que não se deixassem ver.

A escada rangeu quando chegaram ao úmido e frio barracão do exterminador situado sobre a loja. Kate movia-se com supremo cuidado, por causa do preenchimento que levava debaixo do áspero vestido, flanqueada por Peter à frente e por Rohan na retaguarda. O velho de barba evitou o contato visual com todos eles enquanto os fez entrar e os conduziu até seu sujo escritório, balbuciando que esperassem no diminuto quarto traseiro.

Rohan deu uma olhada, e Kate viu refletido em seu rosto o imediato desagrado que lhe produziu a claustrofóbica habitação, cujas dimensões não superavam em muito as de um armário de limpeza.

—Disse-me que O'Banyon está em uma estalagem a pouca distância —murmurou Peter quando a porta fechou—. Chama-se A raposa e o ganso.

Rohan fez um gesto com a cabeça.

—Vi o lugar em minha visita anterior. Tendo em conta que deve estar nos esperando, duvido que demore muito. —Olhou para Kate—. Como está?

Ela parecia tensa.

—Estou bem. Salvo pelo fedor. —Imaginou que devia fazer muito tempo que não esvaziavam a bacia do canto—. É nauseabundo.

—Recorda onde tem que ir caso eu lhe ordenar?

Ela assentiu. Rohan desenhou um pequeno mapa do caminho para chegar à casa segura caso entrasse em pânico e se esquecesse de suas indicações verbais. Guardou o mapa no sutiã.

—Bem, quando O'Banyon chegar —disse em voz muito baixa—lembre-se de que esteve encerrada todo este tempo no porão de Cornualles.

—Vou lembrar-me. —Olhou a seu redor—. O que são todos estes trastes?

—Armadilhas para ratos. Breu —respondeu Peter, dando uma olhada à pilha de caixas e aos grandes barris de peixe tampados—. Prende-se uma tocha com breu para que a fumaça faça os ratos sair do lugar de carga. Depois os empurra para as armadilhas e golpeia com um pau os repugnantes roedores.

—Como você sabe de tudo isto? —perguntou Kate fazendo uma careta ao ver as ferramentas do exterminador.

—Passei toda a vida entre navios, e na maioria deles há ratos. Não podemos atirar nesses animais, claro. Não é conveniente disparar uma arma de fogo no casco de madeira de um navio. Alguém se expõe a fazer um buraco.

Peter ficou em silêncio.

O nervosismo impregnava o ambiente, mas Rohan era um apoio. Kate aproximou-se do fundo do quarto e ficou nas pontas dos pés para olhar pela alta e suja janela. Através da capa de imundície e fuligem viu um bosque de mastros através do rio. Havia inumeráveis navios ancorados. E pensar que, nesse instante, um desses veleiros poderia ser o de seu pai...

Uma tensão insuportável tomou conta dela, mas Rohan permaneceu completamente calmo. Frio e sereno. Um brilho mortífero iluminava seus olhos enquanto esperava com a paciência de um depredador.

Kate andou pela habitação na medida do possível.

—Um trago para os nervos?

—Por Deus, não —sussurrou—. Quero ter a mente limpa.

—Tudo vai sair bem, Kate.

Olhou para Rohan enquanto este olhava seu relógio de bolso e o guardava de novo.

—E se O'Banyon não estiver lá...?

Justamente nesse momento ouviram passos que ressonavam na escada exterior.

—É ele —murmurou Rohan.

Peter assentiu.

—Esses passos são muito pesados para que sejam do menino.

W na verdade, uns passos mais ligeiros seguiram os primeiros. Depois de um instante ouviram a porta do barracão abrir-se.

—Onde estão?

Kate ficou petrificada, presa do inesperado terror que causou nela a voz áspera de seu principal captor. Rohan levantou-se devagar e a tranquilizou colocando-se diante dela. Sua proximidade consolou a jovem. Depois fez um gesto o Peter e, imediatamente, a porta do quarto traseiro abriu-se de repente.

—Perdeu seu tempo. —O'Banyon, um ex-sentenciado corpulento e de cabelo gordurento, entrou com arrogância. Deu uma olhada em Rohan e tirou imediatamente a pistola de seu cinturão e apontou com ela.

Kate afogou um grito.

O duque ficou completamente imóvel, mas Peter exclamou sobressaltado:

—Vamos lá! Não há necessidade de...

—Que diabos trouxe aqui, Peter? —espetou O'Banyon—. Quem é ela e que demônios ocorre aqui?

—Senhor, é Kate Fox! Nós a disfarçamos!

—Disfarçada? —Apontando ainda para Rohan, O'Banyon olhou rapidamente para a moça—. por que?

—Seus vizinhos denunciaram seu desaparecimento —gritou Peter—. Não queríamos que a vissem. Mas é ela.

O'Banyon olhou para Peter com desconfiança, depois apontou para Rohan com a cabeça.

—E ele?

—É outro meu primo, senhor. Veio em substituição a Denny.

—Eu não dei minha autorização.

—Denny foi apunhalado numa briga de bar... na perna... quase não pode caminhar. Está incapacitado neste momento. Este é meu outro primo, Curtis Doyle. Sai-se muito bem em brigas. Pode imaginar isso por seu tamanho.

O'Banyon relaxou um pouco. Olhou para Rohan de cima abaixo com certa reserva.

—Curtis Doyle, né?

—Correto —grunhiu Rohan—. E espero que me paguem em dinheiro vivo.

—Seriamente?

—Abaixe a arma, por favor! —implorou Kate a O'Banyon.

O ex-sentenciado a olhou com receio, mas um momento mais tarde, fez o que ela pedia.

—Muito bem, pois. Se diz que posso confiar nele, Peter, aceito sua palavra. Afinal das contas não é tão parvo para me enganar. De toda forma, deveria ter me informado desta mudança e não me surpreender de repente.

—Não tinha meio nem tempo, de contatar você.

O'Banyon soltou um bafo, e inclinou-se para Kate para escrutiná-la divertido.

—Quanto a você, encanto... continua sendo a mesma que está aí debaixo?

—Sou—respondeu com frieza. Se esse tipo estava duvidando devido a seu disfarce, o tom de voz fulminante de Kate o convenceu de que era a mesma prisioneira rebelde que recordava.

—Está bem que esconda esse bonito corpo no momento. —Deu um sorriso libidinoso quando endireitou-se e permitiu percorrê-la com olhar obsceno por cima do disfarce—. Não é má ideia disfarçá-la para ocultar sua cara. Mas eu digo uma coisa, moços, mais tarde penso desfrutar desembrulhando este pequeno e roliço pacote. Não há nada como passar uma temporada em Newgate para fazer que um homem desfrute dos prazeres mais refinados.

Kate o fulminou com o olhar, enojada. O'Banyon riu com ironia e Peter ficou nervoso, mas na suave risada de Rohan aparecia um matiz claramente sinistro.

—Vamos —ordenou O'Banyon—. É hora de ir.

—Aonde me levam? —exigiu saber Kate quando a agarraram pelos braços outra vez, com menos brutalidade que parecia.

—Já verá. Mantém a boca fechada, moça. —O ex-sentenciado empreendeu a marcha e Rohan lançou a Kate um olhar que dizia tudo: o destino de O'Banyon estava escrito.

Abandonaram a sala, cruzaram o imundo escritório e saíram para fora, onde Kate divisou o exterminador na boleia do chofer de um velho e maltratado veículo.

—Entrem —mandou O'Banyon.

Percorreram uma curta distância através das ruas pessimamente iluminadas da zona do porto em direção ao rio. Rohan permaneceu firma, mas Kate estava aterrada e Peter também parecia assustado. A carruagem parou quando estiveram em frente ao rio Tamisa. Todos desceram.

—Bem. Já estão aqui. —O'Banyon olhou na escuridão para o rio—. Vamos, menina. É a convidada de honra.

—Me soltem!

—Deixa de alvoroçar! —replicou Peter representando seu papel como um de seus desumanos guardas.

—Não digam uma só palavra diante do velho aristocrata. É muito sério —lhes advertiu O'Banyon apontando de forma significativa para o porto—. Quando tivermos terminado aqui, a levem de volta para a loja. Eu me reunirei ali com vocês. Tomem cuidado para que não os sigam.

—Sim, senhor —murmurou Peter.

—Tragam —ordenou a seus captores.

Eles obedeceram. Com Peter à direita e Rohan à esquerda de Kate, seguiram a O'Banyon para o porto.

Algumas figuras de preto moviam-se na escuridão na beira do rio, um grupo de homens com rifles no ombro esperando sem fazer nada. Kate olhou de relance para Rohan e viu que ele estava contando os homens com os olhos entreabertos.

O vento gelado soprava com mais força à medida que chegavam perto do Tamisa e abandonavam o amparo dos edifícios de tijolo acinzentados ao longo da estreita ruela. O comprido e sinuoso percurso do porto estava deserto em ambas as direções.

Enquanto avançavam para lá, Kate reparou que Rohan subia o lenço que levava no pescoço, utilizando-o para ocultar a parte inferior de seu rosto. Indicou com um gesto a Peter que fizesse o mesmo, depois puxou a aba do chapéu para cobrir melhor os olhos.

O'Banyon olhou carrancudo para seus ajudantes.

—Por que fazem isso?

—Não é necessário deixar que vejam nosso rosto —respondeu Rohan, seus olhos claros cintilavam por cima da improvisada máscara.

Ao longe, os sinos de uma igreja começaram a badalar, e três silhuetas emergiram dos edifícios próximos.

—Bem a tempo —murmurou O'Banyon entre dentes—.Lembrem-se de ficar em silêncio como eu disse.

Dez sonoros e pausados tangidos reverberaram em toda Londres enquanto os três recém chegados aproximavam-se.

Kate estava consciente da tensa observação de Rohan. O coração dela martelava-se contra as costelas e ela perguntava para si mesma se estava a ponto de conhecer os autênticos "prometeos". Assim devia ser, pensou ao sentir a tensão depredadora que gotejava do musculoso corpo dele enquanto a segurava por um braço em sua função de guarda.

—Senhor O'Banyon. —Uma voz sardônica e culta saudou o ex-sentenciado—. É um prazer. —O dono da voz, um elegante e amadurecido cavalheiro, magro e com um montinho de cabelos grisalhos, saiu das sombras.

Havia outros dois homens com ele, cada um deles rondando os trinta anos de idade. O primeiro, um tipo corpulento com o cabelo loiro acinzentado, levava um tapa olho. O olho bom olhou para O'Banyon com absoluto desprezo, mas continuou observando tudo, escrutinando Kate e a seus dois guardas, dirigindo uma ordem silenciosa aos homens armados que rondavam na beira da água e aos que esperavam junto à escada do rio.

A jovem supôs que aqueles tipos estavam sob o controle do caolho, aparentemente um contingente de soldados de infantaria dos "prometeos".

O segundo guarda que acompanhava o homem tinha um ar ferido e uma atitude introvertida, embora fosse incrivelmente bonito; o cabelo negro muito curto deixava a descoberto

um formoso semblante de traços cinzelados. Estava com as mãos metidas nos bolsos do casaco, os ombros encurvados para se proteger do frio. Manteve o olhar baixo, mas permaneceu perto do aristocrata; possivelmente sua missão fosse a de protegê-lo.

Kate notou que Rohan olhava fixamente o homem taciturno e calado como se o reconhecesse, e de repente lhe ocorreu que poderia tratar-se do agente desaparecido que Rohan tinha mencionado.

Drake.

—Tem à filha? —inquiriu o distinto cavalheiro quando chegaram mais perto.

Se aquele era o magnata "prometeo" James Falkirk, o "velho" que Rohan referiu-se, O'Banyon, não podia descrevê-lo como um ancião, ao contrário do que sugeria seu apelido. Vestia-se de maneira elegante e parecia ter uns sessenta e poucos anos.

—Está aqui —respondeu O'Banyon apontando para Kate com a cabeça.

—Hum —murmurou olhando-a com certa lástima diante seu desafortunado aspecto.

—Quem é você? —perguntou Kate.

—Silêncio! —ordenou O'Banyon.

Entretanto Falkirk arqueou uma sobrancelha divertido diante a demonstração de caráter de Kate.

—Conhecia seu avô, senhorita Fox. É uma pena que escolhesse um péssimo caminho. Lamento dizer que o último conde DuMarin levou a desonra a sua distinta linhagem.

—Têm à pessoa equivocada, como já disse uma centena de vezes a estes cretinos. Meu sobrenome não é Fox, e sim Madsen —replicou sozinha para ver o que dizia ele.

—Não, querida. O descarado de seu pai colocou um apelido em você para protegê-la. —Sorriu—. Atrevo-me a dizer que com a esperança de que nós jamais a encontrássemos... mas, como vê.

—Meu pai está morto.

—Seriamente? —respondeu em tom afável—.Diga-me pois, quem é esse?

Falkirk virou-se com gesto cortês para a escada do rio, onde a solitária figura de um homem descia de um bote a remos.

Kate ficou olhando absorta ao perceber algo familiar na forma em que a corpulenta figura movia-se.

O'Banyon proferiu uma gargalhada de indignação com a vista cravada no homem.

—Vá, vá, vá. Chegou a raposa dos mares.

"Papai?"

O tempo pareceu andar mais devagar. Com o coração desbocado, notou que se formava um nó em sua garganta. Pode sentir a mão de Rohan exercendo uma sutil pressão no cotovelo para tranquiliza-la. Estava fascinada com a alta e forte figura que subia pausadamente a escada do porto.

—Está certo de que é ele? —perguntou o caolho dando uma olhada.

O'Banyon assentiu.

—Sim, claro que é ele. O ilustre capitão Fox.

Kate deixou escapar um débil grito quando os homens armados rodearam seu pai, e percebeu de que eles estavam esperando por ele ali embaixo.

Então compreendeu. Compreendeu de verdade.

Seu pai não só estava vivo, mas sim apresentou-se ali disposto a sacrificar-se para que ela pudesse ficar livre.

—Vamos —indicou Falkirk com um tom de voz excessivamente cortês—. Deixem que veja que a temos. Depois podemos proceder sem demora a assuntos mais importantes.

O cavalheiro abriu a marcha para a borda do rio flanqueado por seus dois sócios.

Rohan deu um suave empurrãozinho em Kate para que começasse a andar, e todos foram ao encontro dos outros.

—Capitão Fox! —Saudou-lhe Falkirk—. Muito sábio de sua parte vir sozinho, tal como pedi. Sem dúvida imagina por que está aqui, mas basta dizer que me inteirei por seu colega de que está em posse de uma valiosa e assombrosa informação... concretamente o paradeiro da tumba do alquimista. O que tem que fazer para obter que sua filha fique a salvo é nos levar até a tumba. Nos encarregaremos do resto.

—Afirma você que tem minha filha —repôs com audácia o recém-chegado—. Quero vê-la primeiro.

Kate sentiu que sua cabeça girava ao escutar o familiar som da voz grave e desafiante de seu pai.

—Aproximem a jovem.

—Vamos —sussurrou Rohan.

Muda de assombro, Kate caminhou como se estivesse em transe para a proeminente silhueta do capitão Gerald Fox. Ele manteve-se erguido, ainda parecia robusto e bastante em forma para dar uma surra em qualquer marinheiro indisciplinado.

À medida que se aproximava viu que o rosto quadrado e rude de seu pai estava agora sulcado de rugas e mais velho do que recordava. Estava calvo e esta reluzia à luz da lua. O mesmo cavanhaque retangular de sempre rodeava sua boca e queixo, e este agora estava branco.

Mas quando ficou de frente para ele, foram seus olhos, tão verdes como os seus, que não deixaram lugar a dúvidas de quem era. Neles ardia o mesmo espírito combativo que recordava daqueles tempos, quando ficava ao leme da fragata de seu pai fingindo capitanear o grande veleiro, embora a roda fosse muito mais alta que ela.

Seu pai a olhou com incerteza, entreabrindo os olhos na escuridão.

—Essa não é minha filha—disse mal-humorado.

—Sim, papai, sou eu —repôs com voz entrecortada.

—Bom, espero que seja —interveio Falkirk, sardônico—. Do contrário, temo que não nos servirá de nada.

Kate abaixou os óculos com cuidado deixando que seu pai visse seus olhos.

—Não me reconhece, papai?

Um profundo assombro refletiu-se nas feições do homem.

—Katy, minha pequena —sussurrou—. É você.

A jovem aproximou dele e o abraçou com força, apertando os olhos para conter as lágrimas. Quando sentiu que os braços dele rodeavam sua cintura, avultada de forma artificial, conseguiu deixar de um lado o torvelinho de emoções. Devia avisá-lo de que contavam com uma ajuda de que ele nada sabia.

Enquanto continuava abraçada a seu pai, sussurrou-lhe a mensagem ao ouvido para que só ele ouvisse: "Warrington está aqui".

Sentiu que seu pai ficou imóvel assimilando as notícias.

—Bom, estou convencido de que esta reunião é realmente comovedora —interrompeu Falkirk com secura—, mas temos um horário a cumprir, caso não se importem.

Ardiloso como era, o capitão Fox nem sequer dirigiu o olhar ao "contrabandista" que estava ao lado de sua filha, e manteve a vista cravada em Kate enquanto a liberava do abraço e ela retrocedia até colocar-se entre seus guardas.

Seu pai contemplou Falkirk com expressão sombria.

—Muito bem, farei o que quer. Agora já me tem e não necessita dela. Solte minha filha.

—Oh, vamos ficar com ela até que tenha completado sua parte do trato, capitão Fox —disse O'Banyon com a voz desprezível, com diante de seu antigo patrão.

O pai de Kate o fulminou com o olhar.

—Deveria tê-lo matado quando tive a ocasião.

—Sim, deveria ter feito. Porque quando tudo isto acabar, tenho uma dívida a saldar concernente a Newgate.

—Aí é onde pertence, rato de esgoto!

O'Banyon simplesmente sorriu com ar orgulhoso frente ao insulto, depois olhou para Peter e Rohan.

—Vamos. levem-na, tal lhes disse.

—Não tão rápido —falou o caolho. Fez gestos a seus capangas armados para que se aproximassem e capturassem Kate—. Meus homens tomarão conta dela de agora em diante.

O'Banyon voltou-se para ele indignado.

—O que pretende com isto? Esse não é o acordo que fizemos! Meus homens têm que vigiar à garota!

—Acordo? —replicou o desumano caolho, membro dos "prometeos" —.Foi você quem descumpriu o acordo. Ninguém disse para que colocasse desconhecidos nisto. Acredito que os serviços de seus homens já não são necessários... e, francamente, muito menos os seus, pedaço de esterco, agora que temos o bom capitão.

Enquanto dizia aquilo, o caolho tirou uma pistola e disparou em O'Banyon.

Kate ficou boquiaberta, mas enquanto o corpo de seu captor desabava no chão, o homem voltou-se com uma segunda pistola na mão para fazer o mesmo com os ajudantes do ex-sentenciado.

Rohan empurrou Kate para as costas dele, introduzindo a seguir ambas as mãos dentro de seu casaco de onde tirou duas pistolas. Apontou e fez um buraco na frente do homem com o tapa olho, que caiu ao chão. Levantou o braço esquerdo de maneira simultânea e disparou no primeiro capanga dos "prometeos" que apontavam para ele.

Tudo aconteceu em um abrir e fechar de olhos.

As balas voavam por toda parte, chamas ofuscantes, agudos disparos impactando e fazendo saltar os tijolos dos abarrotados edifícios à borda do rio.

O duque tirou uma terceira pistola e mirou em Falkirk, mas Drake colocou-se diante do ancião atrapalhando sua mira. Amaldiçoando, Rohan não atirou. Drake colocou Falkirk a salvo rapidamente colando-se atrás de uma parede a sua direita enquanto que do rio chegava o clamor de gritos.

Meia dúzia de marinheiros do capitão Fox saíram de seus esconderijos e correram para unir-se na refrega contra os capangas dos "prometeos".

Quando os dois grupos começaram a lutar um contra o outro, Kate, que continuava atrás de Rohan, esticou o pescoço para ver o que estava acontecendo. Divisou seu pai no meio do tumulto tirando uma pistola e disparando nas costas de um soldado "prometeo" que apontava para Peter que estava agachado no chão cobrindo a cabeça.

Estalou outro disparo da direita e Gerald Fox amaldiçoou violentamente.

—Papai! —gritou Kate presa de terror ao ver que este caía quando Falkirk disparou na perna dele para impedir que escapasse.

Os "prometeos" não tinham chegado tão longe para fracassar em sua tentativa de conseguir a informação que possuía o capitão Fox.

Rohan girou para Kate; uma expressão gélida cintilava em seus olhos por cima do lenço que fazia as vezes de máscara, e então ele agarrou Peter pelo braço.

—Saiam daqui os dois! Andem !

—Rohan, salve meu pai! Não posso perdê-lo agora!

—Sim. Agora, vai!

Rohan voltou-se novamente para vários capangas, posicionando-se de forma a cobrir a retaguarda de Kate e Peter. Tirou aquela larga arma, que estava entre uma espada e uma lança, para repelir os inimigos enquanto eles empreendiam a fuga.

Enquanto os dois se escondiam na esquina atrás do edifício mais próximo, Kate olhou para traz aterrorizada. "Deus, suplico-te que não permita que lhe aconteça nada." Mas imediatamente percebeu que não tinha por que ficar preocupada. Até esse preciso momento não havia compreendido de verdade a Rohan.

Este empreendeu um ataque feroz, arremetendo com tão repentina e selvagem agressividade que faria encolher de medo a qualquer homem.

Rohan acabou com eles.

Kate observou fascinada, incapaz de afastar o olhar enquanto seu amante atravessava um homem com sua lança, extraía a folha coberta de sangue e girava para fazer frente ao seguinte,

arremetendo contra ele com a adaga que brandia na mão esquerda. O horripilante alarido do primeiro ainda não havia se apagado quando o segundo "prometeo" caiu de joelhos, agarrando a garganta e com o sangue brotando entre seus dedos.

Rohan jogou o segundo ao chão com um pontapé e encaminhou-se com passo enérgico para a briga, procurando um terceiro competidor que tentou bater em retirada. O terror tomou conta da face do homem quando Rohan avançou velozmente e lhe trespassou com sua espada.

Peter puxou Kate pelo braço.

—Vamos!

—Espere —ela disse.

Sentia náuseas, mas não podia deixar de olhar Rohan. Ele abria caminho entre o tumulto de marinheiros e capangas "prometeos" enfrentando-se, em direção ao capitão ferido. Seu pai tinha um joelho fincado no chão e utilizava a espada para manter longe os inimigos que queriam capturá-lo. Quando Rohan aproximou-se, os inimigos vieram um após o outro para enfrentá-lo; uma vez mais iniciou uma luta encarniçada contra três inimigos ao mesmo tempo. Mas quando chegou até Fox e se dispôs a ajudá-lo a levantar-se, Peter pegou no cotovelo de Kate com maior insistência.

—Venha, temos que ir!

Peter a levou da esquina e desta vez, ela o seguiu por conta própria.

Kate e Peter correram pelo labirinto de estreitas ruas portuárias em busca do refugio. Atravessaram uma escura passagem entre dois edifícios e um pátio pavimentado, onde a passagem deles despertou um enorme cão guardião.

O animal ficou a ladrar como um possesso, mas colaram as costas na parede contrária, onde a corrente que segurava o cão não lhe permitia chegar, e conseguiram passar.

Ao chegarem ao outro extremo do pátio, Peter deu uma olhada ao seu redor e apontou para a direita.

—Lá está! Vamos depressa!

A casa de hóspedes ficava no final da rua. Fizeram o resto do caminho correndo e subiram a escada exterior a toda pressa, cruzando sem parar, a larga galeria de madeira até que chegaram à porta do quarto.

Eldred devia tê-los ouvido chegar, pois abriu a porta e após eles entrarem, imediatamente fechou a porta com chave.

—Chegarão de um momento a outro —disse Peter resfolegando.

—Senhorita Madsen, está bem? —perguntou Eldred com seriedade.

—Meu pai está vivo!

—Sim, e você tem mau aspecto.

—Seriamente?

Deixou-se cair em uma cadeira próxima, com a vista à frente, enquanto diversas imagens sangrentas se incidiam em turba em sua mente. "meu Deus, é verdade —pensou ainda tremendo—. De verdade é um sicário."

Peter olhava pela janela, escondido atrás das puídas cortinas à espera de que o duque e o capitão aparecessem.

—Já os vejo!

—Atiraram na perna de meu pai. Duvido que seja capaz de subir essa escada.

—Pois vamos descer para segurá-lo—replicou Peter.

—Perguntem antes a sua excelência o que quer que façamos. Não deixem que vejam vocês—murmurou Eldred dirigindo-se para a porta.

O mordomo saiu à galeria no momento que Rohan apareceu na rua mal iluminada ajudando o capitão a caminhar, porque ele estava coxeando. Eldred retornou imediatamente.

— Disse que podemos descer.

—Pegue a maleta médica! —disse Kate.

Eldred assim o fez enquanto Peter agarrava outra pistola. A jovem foi a primeira a sair, descendo a escada como uma exalação.

—Está ferido? — Ela perguntou a Rohan quando chegou até eles.

Para seu alívio, o duque negou com a cabeça.

—Papai, como está?

—Nunca estive melhor —disse com uma careta no preciso instante em que Parker detinha a carruagem entre eles.

—Subam.

Rohan abriu a porta, indicou a Kate que entrasse e depois ajudou o capitão a subir no veículo. Eldred os seguiu após um momento, levando a maleta médica. Depois Rohan ordenou a Peter que subisse na parte de cima com Wilkins e, por último, subiu agilmente com um salto. Fechou a porta quando a carruagem iniciou a marcha.

—Alegra-me muito ver os dois —declarou Kate—. Seguiram vocês?

—Não —murmurou Rohan.

—Esses sanguessugas fugiram... dele! —Disse o capitão Fox com uma estrondosa gargalhada e um olhar de aprovação a Rohan—. Seu pai estaria orgulhoso, moço.

—Aonde vamos? —perguntou Kate com voz tremula.

—Recolher o livro em minha casa —respondeu Rohan.

Não levaram O jornal do alquimista para não arriscarem-se de que os “prometeos” o roubassem.

—Assim que o tenhamos —adicionou— viajaremos por mar.

—Quer dizer... rumo à tumba do alquimista? —Inquiriu Kate, desviando o olhar de Rohan para seu pai com inquietação—. Tão rápido?

—Não temos outra opção. Eles pegaram Tewkes —aduziu Fox fazendo uma careta de dor quando Eldred lhe enfaixou a perna—. Posso fazer isso sozinho, diabo!.

—Quem é Tewkes, papai?

—Não se lembra dele? Meu velho contramestre, depois de Charley. Usava óculos e o cabelo branco encrespado como as penugens de um pintinho.

—Ohh! O velho Tewkes! Senhor, continua ainda com você? —exclamou a jovem recordando vagamente—. Já deve ter oitenta anos! Como o capturaram?

—Já não é tão rápido como antes. Malditos imbecis, eu disse a eles que ficassem no navio. Mas minha tripulação temia por minha vida. Vieram correndo ao ouvir os disparos. O problema é que Tewkes sabe tão bem como eu onde está a tumba. —Meneou a cabeça—. O'Banyon deve ter dito a esses canalhas que alguns de meus veteranos estavam presentes quando descobrimos o maldito lugar.

—Sim, temos que andar o quanto antes possível —confirmou Rohan—. O que vimos por último foi que os "prometeos" subiam em seu navio. Levaram a senhor Tewkes a força. Tendo em conta que eles já embarcaram, estão em vantagem. Assim, penso que teremos que fazer uma corrida contra o tempo. Precisamos chegar na tumba antes deles.

—Sim, bom —apostilou Fox—, embora obriguem Tewkes a lhes mostrar onde está, não sobreviverão às armadilhas desse sinistro lugar sem o livro de sua mãe.

—Armadilhas? —murmurou Kate.

—Sim, o lugar está cheio de engenhosas armadilhas e dispositivos mecânicos... como aquele que acabou com a vida de sua mãe. O jornal do alquimista contém as pistas que Warrington necessita para poder entrar e sair vivo dali. De qualquer forma, tome cuidado —advertiu ao duque—. É muito fácil interpretar errado esses códigos.

Kate virou-se para Rohan alarmada, mas ele ficou em silêncio.

Então seu pai grunhiu de dor quando a carruagem passou por um buraco.

—Está ferido gravemente, papai? fale a verdade —exigiu Kate preocupada, olhando na escuridão para ver as ataduras na perna do capitão.

—Não é mais que um arranhão. Acredite, tive piores. Alegra-me ver que as ruas de Londres estão igual como as recordava... cheias de buracos.

Kate sorriu diante sua queixa e depois o abraçou sem prestar atenção em sua ferida.

—Não posso acreditar que esteja vivo —sussurrou. Depois olhou para Rohan—. Obrigado.

O duque parecia impassível quando sustentou o olhar dela com seus cintilantes olhos, frios e sobrenaturais e uma expressão impávida em seu rosto. Não articulou nenhuma palavra. Kate abaixou o olhar lentamente para as escuras manchas e salpicos de sua roupa, e conteve o fôlego ao perceber que estava tudo coberto de sangue.

Rohan olhou pela janela.

A carruagem continuou seu caminho na noite. Um abismo tão largo como o Tamisa parecia separar Rohan de Kate enquanto Eldred tratava de ajudar a seu irritado pai a ocupar-se de sua ferida.

Ao chegarem à mansão de Rohan desenrolou-se uma vez mais, com celeridade, eficiência e agitação.

Rohan proibiu Kate que tirasse o disfarce até que estivessem salvos a bordo do navio de seu pai e bem longe de Londres. Depois foi trocar de roupa enquanto ela corria escada acima para seu dormitório e pegava o livro de sua mãe no fundo do baú de viagem emprestado.

Exalou um suspiro ao ver seu desalinhado aspecto quando olhou rapidamente no espelho do quarto, e continuou fazendo a bagagem, colocando os poucos objetos de lã outra vez no baú. Mas quando tocou nos mesmos vestidos emprestados que usou, os olhos dela encheram-se de lágrimas.

Não sabia por que algo tão insignificante como uma roupa deveria afetá-la tanto nesse momento, estava consciente de que não tinha visto seu pai há muitos anos e nem sequer usava um traje decente para recebê-lo.

O guarda-roupa da desconhecida parecia um aviso de tudo que havia perdido... e temia que esta noite tivesse perdido Rohan.

Talvez ele fosse realmente incapaz de amá-la.

Depois do que tinha visto... possivelmente a escuridão de Rohan era maior que sua luz.

Ele afirmou que não era digno de amar e ser amado. Ao menos agora compreendia enfim o que ele queria dizer com aquilo.

—Está bem?

Piscou com rapidez para conter as lágrimas e virou-se surpreendida, e encontrou Rohan apoiado no gonzo da porta. Não sabia quanto tempo ele a estava observando, posto que não o viu chegar.

Limpou a garganta e assentiu enquanto alisava as saias.

—Sim, certamente.

Rohan havia trocado de roupa e parecia mais intimidador que nunca, vestido de negro dos pés a cabeça. Entretanto a expressão ferida de seus olhos claros a preocupou, e reparou, além disso, que tinha uma vendagem ao redor da mão direita.

—Está ferido.

—Fiz um pequeno corte. Não é nada. Apenas se nota. —Entrou no dormitório e agarrou o baú de viagem.

Kate esforçou-se ,para dizer algo e tentar construir uma ponte sobre o abismo que os separava. Já o viu nesse estado antes. Sério, distante, formidável. Recordava o dia em que o viu exercitando suas habilidades em combate na sala de armas do castelo.

Rohan não ficou feliz de que ela o visse desse modo, e retraiu-se quando ela mostrou o livro sobre dragões com a marca do iniciado. Mas apesar de mal terem se falado no dia em que a acompanhou a sua casa, não estava tão fechado em si mesmo como nesse momento. Parecia que estava afastando-se dela e entrando na noite.

Tocou-lhe o braço tratando de fazê-lo voltar.

—Obrigado por salvar a vida a meu pai.

Ele apenas assentiu com a cabeça para depois afastar-se carregando o baú para fora do quarto.

—É melhor se apressar —balbuciou quando passou junto dela.

Kate o viu partir com o cenho franzido, mas o seguiu depois de um instante. Enquanto descia a escada pôde escutar seu pai amaldiçoar com o temperamento de um marinheiro, de pé no

vestíbulo de entrada, ao apoiar com cuidado a perna enfaixada. Sem mediar palavra, Eldred entregou uma muleta de madeira para que ele a usasse, pois levava na mão um fornecimento de vários artigos médicos devido à ocupação de seu senhor.

—Há algo que possa fazer para dar uma mão? —ofereceu Kate quando chegou até eles.

—Estou como novo —Gabou seu pai dando um amplo sorriso.

—Temos que ir. —Rohan os apressou para que fossem para a porta antes de desaparecer de novo.

—Já vamos —respondeu o capitão. Fox agradeceu ao mordomo com gesto cortês.

—Adeus por enquanto, Eldred. —Kate deu um sorriso para o mordomo.

Parker os aguardava com a carruagem embaixo do pórtico quando saíram.

—Todos a bordo —disse o sargento com pesar abrindo a porta do veículo.

Kate deixou que seu pai fosse na frente e esperou para ajudá-lo no caso de que fosse necessário. Mas sua atenção estavam em Rohan, que estava de costas para eles junto ao pórtico, com ar inquieto, fumando um cigarro.

Não recordava tê-lo visto fumar antes.

De repente escutou uns passos apressados atrás dela.

—Esperem!

Rohan e Kate voltaram-se imediatamente enquanto Peter Doyle saía atropeladamente da casa agarrando sua bolsa de provisões.

—Vou com vocês! —declarou.

—Já cumpriu sua parte do trato, Peter. Está livre para retornar a Cornualles —disse Rohan com um leve indício de diversão.

—Mas cheguei até aqui, não é, senhor?

—Hum. Acho que você transformou-se em um aventureiro, Peter. Depende do capitão Fox. O navio é dele.

—Capitão? —perguntou esperançado o moço.

—É o menino de Caleb, verdade? —replicou Fox.

—É meu tio, senhor.

—Muito bem. Venha.

—Obrigado, capitão! —Peter esboçou um amplo sorriso e subiu na carruagem.

Kate vacilou aguardando com incerteza Rohan. Enquanto ele arrojava o cigarro ao chão e o apagava com o pé, uma elegante carruagem urbana guiada por quatro cavalos da mesma cor deteve-se diante da casa de Rohan.

Ele olhou enquanto a alma de Kate lhe caía aos pés.

“Oh não!”, pensou, temendo a volta de uma das insistentes conquistas do duque. E no momento mais inoportuno.

Mas então, para surpresa dela, quando a porta se abriu, um bonito cavalheiro moreno desembarcou do veículo.

—Rohan Kilburn, duque de Warrington! Desejo falar com você, senhor! Não, tenho que

insistir. Imediatamente!

—Também eu! —exclamou um segundo homem, magro e de cabelo loiro, que também desceu da carruagem.

—Max, Jordan —saudou Rohan com desconforto.

—Aí está o trapaceiro! —espetou uma dama de cabelo dourado de dentro do veículo.

—Daphne... —balbuciou o duque plantando as mãos nos quadris.

Kate ficou preocupada de que aqueles dois pudessem ser os inumeráveis homens a quem Rohan tinha enganado. Maridos furiosos que o enfrentavam.

—Não me culpe , excelência! —Interveio uma delicada mulher ruiva de dentro, agitando a mão para Rohan—. Eu disse que nos contaria isso quando estivesse preparado! Não ligaram para mim...

—Vil bastardo! —saudou-lhe o homem moreno com um tom de jovial indignação.

Kate lançou um suspiro de alívio ao apreciar o alegre matiz de humor que aparecia em sua voz.

—O que estão tramando? —perguntou- Rohan.

—Ah, não! Não se atreva a fazer-se de inocente conosco! —advertiu-lhe o cavalheiro de cabelo loiro acinzentado.

—Sabia que atuava de um modo estranho quando nos vimos!

Kate deixou escapar furtivamente um grito afogado. Agentes da Ordem!

—Como pode nos olhar nos olhos e não dizer uma só palavra do que está acontecendo?

—Não faça caso de meu marido, Warrington. Alegramo-nos muito por você... e por sua senhora! Olá! Sou lady Rotherstone e esta é minha amiga, a senhorita Portland! Estávamos ansiosas para conhecê-la!

As duas encantadoras mulheres agitaram a mão para Kate, que desejava esconder-se debaixo de uma pedra junto com seu horrendo disfarce.

Mas os dois amigos do duque não tinham terminado de repreendê-lo.

—E pensar que nós, que o conhecemos desde crianças... que somos o mais parecido que tem a uma família... tivemos que nos inteirar das notícias através de terceiros em uma maldita festa!

—Desta vez nem sequer foi necessário que a senhorita Portland nos contasse os falatórios. Toda a sociedade comenta que... você se casou! —exclamaram os dois virtualmente ao mesmo tempo e com a mesma afetuosa indignação.

—Maldição—murmurou Kate tomando emprestada uma das expressões prediletas de Rohan.

—É esta a dama afortunada? —O cavalheiro loiro dedicou uma elegante reverencia a Kate.

—A noiva da Besta. Que Deus a ajude, pobrezinha —apostilou o moreno com voz lânguida.

Kate começou a retroceder com cautela.

—Hum, na realidade... acho que houve certo..... mal-entendido.

Aquele a que chamavam Max arqueou uma sobrancelha enquanto seu amigo, Jordan,

estudava Kate com o cenho franzido.

—Ah, sim?

Rohan interrompeu aquela encantadora conversa no ato.

—Tenho que ir. Suba à carruagem, Kate.

—Ah, então chama-se Kate! —mofou Max olhando para Jordan de relance—. Sabia você que tinha uma Kate?

—Não. A última vez se chamava... dá na mesma. —Jordan sorriu com ar inocente.

—Então não vai nos apresentar? —inquiriu Max.

—Em outro momento. Vamos. —Conduziu Kate com firmeza para a carruagem.

A jovem os brindou com um fraco e pesaroso sorriso aos bonitos aristocratas, sentindo-se morta de vergonha por seu desalinhado vestido; o recheio dificultava seu esforço para subir no maldito veículo.

—Por certo, aonde vai com tanta pressa? —Insistiu Max—. Sabe?, está sendo terrivelmente grosseiro.

—Max, trata-se de Warrington. Já sabe que ele é assim —repôs Jordan arrastando as palavras.

Kate obteve por fim embutir sua silhueta, roliça, dentro da carruagem. Todos pareciam muito amigos, mas aquele distinto quarteto com seus vestidos de baile e jaquetas de veludo a fazia sentir-se ainda mais incômoda com aquela estúpida touca, os grotescos óculos e o áspero traje.

Jordan olhou para seu aspecto com diversão, mas agora olhava para Rohan dissimulado, como quisesse lhe dizer “não é seu tipo habitual, né?”.

—Lamento, mas temos que partir —disse a seus amigos enquanto montava—. Passarei para os visitar quando retornar.

—Quando será isso, maldição? —perguntou Max.

—Não sei! —Espetou fechando a porta de repente—. Parker, pelo amor de Deus, mova-se de uma vez!

—Sim, senhor.

—Dissemos algo errado? —Provocou-lhe Max afastando-se enquanto o veículo começou a andar—. Senhora.

—Adeus, Kate! —Jordan despediu-se dela com um gesto cheio de malicia.

Ela inclinou a cabeça sentindo-se como uma parva.

As damas sentadas dentro do carro não ouviram os detalhes da conversa, mas despediram-se de Kate agitando a mão e a convidando para tomar chá com elas.

Kate também agitou a mão com tristeza só para não ser grosseira.

—Estão casados? —O capitão Fox arqueou uma sobrancelha desviando o olhar de sua filha para Rohan, mas este não abriu a boca.

—Não, papai —respondeu Kate pelos dois, ruborizando-se e percebendo que agora que seu formidável pai retornou para sua vida, talvez deveria ficar preocupada com o que este pudesse

dizer com respeito ao acordo que ela e Rohan fizeram, de modo que apressou-se a mudar de assunto. Virou-se para Rohan—.Foi muito agradável conhecer seus amigos.

—Mmm.

O duque cruzou os braços, mas estava claro que não desejava que ela fizesse perguntas. Uma vez mais, Rohan estava sumido em seus pensamentos e olhava pela janela enquanto o carro avançava em direção ao rio, onde a fragata de seu pai os aguardava para fazer-se ao mar.

CAPÍTULO 18

O veleiro dos "prometeos" jogou a âncora no mar a umas poucas milhas de distância do estuário do Tamisa. Não poderiam continuar viagem até que falassem com o prisioneiro.

Drake sabia que os "prometeos" não se preocupavam precisamente uns com os outros, mas respeitavam o caolho e, sem a menor duvida, detestavam a derrota. Já havia passado da meia-noite e as amaciadas nuvens que cobriam o céu tratavam de asfixiar à lua.

Apoiado contra o mastro, com as mãos nos bolsos tentando manter-se longe do caminho de todos, Drake ocultava o secreto júbilo que sentia pela morte do odioso caolho.

Como era natural, James estava triste pela perda, e Drake não podia alegrar-se excessivamente por algo que desgostasse seu reverenciado benfeitor. Afinal das contas, se não fosse por James, agora estaria apodrecendo na masmorra bávara, esperando unicamente a visita diária de seus torturadores.

Apesar de tudo, sentia-se liberado. Durante um instante olhou com preocupação para James, que se encontrava no corrimão refletindo sobre o falecimento de seu veterano ajudante. Depois virou-se ao escutar prolongados sons de algo caindo na água procedente da popa.

Os "prometeos" que sobreviveram estavam desfazendo-se dos cadáveres e os corpos produziram um brusco estrépito ao afundar-se um após o outro na água.

Outros estavam ocupados no iluminado camarote desafogando sua raiva com o ancião contramestre que capturaram.

Drake procurou não olhar nessa direção. Não podia suportar. Ouvir como o provocavam, como o golpeavam e isso o fazia estremecer, reavivando terríveis lembranças do calvário que havia padecido no país germano.

Mas não havia um lugar onde esconder-se no elegante e sólido veleiro, e por muito que tentasse fingir que não ouvia nada, não podia escapar daquela exibição de brutalidade. O piscar da luz do camarote em que estavam espancando o ancião projetava as longas sombras dos soldados "prometeos" sobre a coberta.

Tudo lhe pedia que ajudasse aquele pobre desventurado. Mas procurava não pensar nisso, posto que só a proximidade com aquela crueldade deliberada revolvia seu estômago.

Contemplou o escuro mar enquanto inspirava prolongadas baforadas de fresco e revigorante ar, e distraiu-se com as perguntas a respeito dos acontecimentos dessa noite que revoavam em

sua cabeça. Oxalá pudesse recordar mais sobre sua vida anterior!

"Por que esse homem não disparou em mim? Aquele tipo alto, aquele selvagem, poderia ter me matado se quisesse. Fomos amigos em outros tempos?" Não o reconheceu. Não como aquele outro: Max.

Drake não havia contado ainda a James que em Londres reconheceu o marquês de Rotherstone. Não sabia bem por que razão guardava esse segredo, mas depois do desastre dessa noite, James havia dito que aquele ameaçador gigante que havia matado o caolho e mais cinco de seus homens em um quarto de hora só podia ser um agente da Ordem. A mesma organização que Drake havia pertencido em outra época, ou isso era o que contaram a ele.

Não era possível que tivesse feito algo assim.

Mas claro, como tinha acabado naquela horrível e escura masmorra? Aconteceu alguma briga que, sem dúvida alguma, ele tinha perdido. Mas por que? Oxalá pudesse lembrar-se. Fechou os olhos e deu brandamente com a cabeça contra o sólido mastro desejando poder conseguir que sua emaranhada mente cooperasse a base de golpes. Havia muito poucas coisas que faziam sentido para ele.

Principalmente o evocador e inquietante retalho de uma lembrança, uns profundos olhos de cor violeta e a linda risada de uma mulher o provocando, o tentando, flutuando até ele através de um bosque conhecido...

Desterrou aquela imagem. De todos os fragmentos dispersos em sua cabeça, aquele era o mais doloroso e entretanto, o mais prezado para ele. Ignorava quem era ela ou se era real. Possivelmente estivesse tão louco como acreditavam os capangas do caolho.

Já nem sequer distinguia o bem do mal.

"Se a Ordem for realmente maligna como diz James, e os "prometeos" são os bons, então por que não me disparou esse canalha de imponente estatura? Ele o tinha na mira. Por que não abriu fogo?"

Era muito arriscado considerar que James pudesse estar mentindo. James era sua única esperança neste mundo. A única pessoa que foi amável com ele desde que o capturaram.

Os germanos o teriam matado se não fosse por ele. James Falkirk era poderoso entre os "prometeos" e aqueles homens o temiam. Ordenou que tirassem Drake da masmorra... do mesmo modo que arrumou para que o desprezível O'Banyon fosse libertado de Newgate por um guarda da prisão que os "prometeos" tinham na lista de nomes. As semelhanças acabavam aí, pois só contrataram O'Banyon para que l fizesse um trabalhinho, enquanto ele parecia ser muito mais valioso para James, apesar de não saber por que.

Seu amadurecido salvador o acolheu sob seu amparo, cuidou dele até que recuperou certa saúde depois das inumeráveis surras que havia recebido e, com a ternura de um pai, assegurou-lhe que o ajudaria a recuperar a memória.

Sentiu-se novamente frustrado por sua incapacidade de dar a James a informação que desejava, mas Drake estava já bastante acostumado a viver em um angustiante estado de confusão. Nesse momento ele estava melhor do que antes, recordou negando-se a perder as

esperanças.

Ainda não recordou de tudo mas, quando estava calmo, começavam a aparecer vagos fantasmas de seu passado em sua cabeça. Quase podia vislumbrá-los pela extremidade do olho. Quem era, de onde vinha, o que tinha sido. Infelizmente, as respostas continuavam fugindo quando olhava para frente. Como se sua mente o enganou a fim de que pudesse esquecer tudo por alguma razão, como se tivesse segredos que proteger a todo custo, inclusive de si mesmo...

Drake apertou os dentes ao recordar que o caolho jamais chegou a acreditar que tivesse perdido a memória. Deus bendito, professaram-se um ódio mútuo, ambos ciumentos para obter o favor de James, como se tivessem sido irmãos rivais.

Seu coração começou a pulsar com mais força quando escutou outro golpe e um grito de dor procedente do camarote, e não pôde continuar ignorando por mais tempo os abusos que aqueles capangas estavam submetendo o ancião marinheiro.

Tremendo como uma folha, separou-se do mastro e ficou olhando para o interior do camarote. A porta estava aberta e do outro lado podia ver que haviam derrubado o velho Tewkes da cadeira a golpes e que estavam rindo dele.

Drake entreabriu os olhos até convertê-los em duas frestas azuis na escuridão. O coração batia com força e as mãos suavam diante da aterradora perspectiva de enfrentá-los. Embora possivelmente sua reação de perplexidade diante da cena da batalha não o aliviou de tudo. Para seu assombro, quis lutar, sentiu-se dominado por um irrefreável e selvagem impulso, uma arraigada capacidade de violência, mas isso o pilhou tão de improviso que se negou a fazer. Além disso, sabia que seu corpo estava fraco, e sua principal preocupação foi o fato de proteger James.

Mas talvez ficasse nele o suficiente espírito de luta para poder ensinar a esses animais um modo mais civilizado de obter a informação que precisavam.

Como faria James. Utilizando a amabilidade como instrumento.

Voltou a cabeça para dar uma olhada incerta a seu salvador, mas James permanecia no corrimão. Então ergueu os ombros e encaminhou-se para o camarote fazendo caso omisso do nó de frio temor que revirava seu estômago.

—Olhem! Se não é o mascote do mestre.

—Olhem, apareceu o lunático.

—O que quer, lunático?

Drake não prestou atenção naquelas brincadeiras, mas sim passou ao lado dos capangas como se soubesse o que estava fazendo.

Todos eram muito conscientes de que James havia dito que não deviam colocar um dedo em cima dele. Drake deixou atrás os rufiões e agachou-se para ajudar amavelmente o ancião a sentar-se novamente na cadeira.

Tewkes endireitou os óculos e Drake foi invadido por uma profunda tristeza ao ver como tremiam suas ossudas mãos. A seguir sentou-se devagar no tamborete em frente ao cativo de cabelo branco.

—Senhor Tewkes, não é? —disse-lhe em voz baixa.

Os guardas gozaram de sua intrusão.

—Sal daqui, lunático!

—Quero falar com ele —insistiu Drake—. Senhor Tewkes, imploro que lhes diga o que querem saber. Não tem ideia do que são capazes —Sussurrou e olhou com expressão sombria nos olhos do velho. "Eu sim sei."—. Por favor. Onde está a tumba do alquimista? Não percebe? Só têm que seguir o navio do capitão Fox quando aparecer, e então já não necessitarão de você. Se não der a eles algo útil antes que isso aconteça, o matarão.

Tewkes olhou fixamente para ele durante um instante com os olhos muito abertos.

Talvez percebesse a angústia e sinceridade refletida no olhar de Drake, porque o ancião contramestre assentiu com receio.

—Muito bem. —Tragou saliva e sussurrou—: Encontra-se nas ilhas Arejadas.

Drake assentiu de forma pausada. Depois murmurou ao guarda mais próximo que informasse a James e, sem demora, empreenderam viagem.

A pouca distancia atrás deles, o capitão Fox pilotava sua bem armada fragata pelo estuário do Tamisa rumo ao mar. Rohan ficou intrigado ao descobrir que sua viagem os levaria às Arejadas, um conjunto de ilhas acidentadas e misteriosas ao nordeste da costa escocesa.

Levaria alguns dias de travessia para chegar aquelas glaciais e tempestuosas águas; tempo mais que suficiente para ficar adiante dos "prometeos", que no momento levavam certa vantagem.

Aquela noite ficaram falando até altas horas na acolhedora sala de mapas situada na fortaleza. Gerald desejava estar perto para ajudar sua tripulação em caso de que necessitassem, de modo que tinham permanecido no pequeno escritório de navegação da coberta superior, em lugar de ficarem reunidos no elegante camarote do capitão localizado na popa.

Mas enquanto pai e filha estavam sentados à mesa embutida sob a luz da lâmpada, Rohan manteve distância apoiado nas sombras do canto.

Em uma noite de inverno fechada como aquela, o avermelhado resplendor que iluminava a câmara de teto baixo, não chegava ao lugar onde o duque permanecia. Ele queria ficar na penumbra nesse momento; enquanto a lâmpada balançava--se lentamente com o vaivém do navio, Rohan contemplava as sombras deslizarem-se acima e abaixo pelas paredes como se fossem espectros.

Kate ficou maravilhada ao entrar novamente no pequeno quarto agora que tinha voltado para o navio que fora seu lar flutuante na infância. Gerald estava igualmente encantado de ver sua formosa filha sem o horrível disfarce. A jovem usava o mesmo vestido rosa listado que tinha usou na sala de música quando, de maneira incompreensível, jogou o dinheiro no rosto dele.

O capitão havia tirado um maço de cartas enviadas pelo defunto tutor de Kate, Charley, e colocou também sobre a mesa.

As lágrimas empanaram os olhos de Kate quando viu a prova de que seu pai esteve velando por ela a distância durante todos esses anos.

—Pobre Charley —disse Fox—. Imaginei que algo devia ter acontecido quando passaram tantos meses sem que eu recebesse notícias dele.

—Foi o coração, papai. Aconteceu rapidamente. Há uns dezoito meses, simplesmente caiu fulminado enquanto fazia suas tarefas. Suponho que por isso não teve ocasião de..... de me explicar certas coisas sobre tudo isto.

Gerald assentiu mordendo a boquilha de sua velha pipa de tabaco, de cuja tigela elevavam-se fragrantes espirais de fumaça.

—Quando cessaram suas cartas não soube como podia continuar tendo notícias suas. Dado que haviam dito que ele estava morto, segui tentando averiguar como me colocaria em contato, questionando-me inclusive se deveria fazer isso ou se era melhor deixar que seguisse sua vida.

—Papai!

—Parecia-me uma crueldade fazer contato por carta, mas caso eu viesse a Inglaterra para vê-la pessoalmente, poderiam deter-me por pirataria e acabar na forca. O qual, por certo, foi somente uma ocupação temporária para mim, e não a forma em que prefiro conduzir meus negócios —adicionou.

Kate sorriu com ar inquisitivo.

—A culpada foi uma disputa com um burocrata do governo a cargo de conceder a patente de navegação —grunhiu com a pipa entre os dentes—. Eu estava ha anos assaltando navios, mas ele não quis renovar minha permissão. Queria um suborno. Então eu disse que fosse para o inferno.

—É obvio. —Kate esboçou um afetuoso sorriso divertido.

—Prossegui como de costume, só que desta vez, ao não possuir uma estúpida autorização de papel, considera-se pirataria o que faço em lugar de uma atividade de navegação —bufou—. Mas claro, já faz alguns meses... —Sua voz adquiriu um ar sombrio— recebi a mensagem de O'Banyon que afirmava tê-la sequestrado. Parti imediatamente para Londres, tal e como ele me indicava. Não podia deixar que ele lhe fizesse mal.

Kate mostrou-se pormenorizada e colocou a mão por cima da mesa para pegar a mão de seu pai.

Rohan supôs que provavelmente deveria deixá-los a sós para que ficassem em dia com as reminiscências dos velhos tempos, mas nenhum dos dois pareceu prestar atenção a sua silenciosa e taciturna presença enquanto continuavam conversando.

Para falar a verdade, com a adrenalina correndo ainda por suas veias, não desejava ficar sozinho. Pois embora não deixasse entrever o tumulto que bulia em seu interior, em seu sangue seguia rugindo o instinto da batalha.

Era difícil recuperar a calma.

Fumou mais um cigarro, e isso o ajudou, mas, com franqueza, continuava dominado pela urgente necessidade de praticar sexo, de desafogar a fúria que albergava e afogar seus sentidos em uma voragem de prazer até que já não pudesse sentir todo aquele horror.

Se pudesse ter isso, estaria bem.

Olhou para Kate, mas a intensa paixão que ela lhe inspirava essa noite explicava somente em parte o porquê não podia separar-se da jovem. Tinha que estar perto dela embora soubesse que Kate devia desprezá-lo.

Jamais desejou que visse as selvagerias de que era capaz... depois de que descobriu em primeira mão que ele foi um dissoluto sedutor de mulheres casadas, que era um pecador exímio.

O que o fez pensar que poderia ser digno de sua doçura?

Entretanto, igual à traça à chama, não parava de olhar para ela. Passou semanas com Kate, mas continuava cativado por seu encanto. Não cansava-se dela.

O rosto de Kate estava vermelho pelo frio do oceano e seus olhos cor de esmeralda faiscavam maravilhados enquanto escutava as histórias de seu pai com fascinada atenção, com o cotovelo apoiado na mesa e o rosto repousando sobre a mão.

Rohan a desejava desesperadamente, mas teria que ter coragem para suportar seu rechaço. A jovem devia sentir repugnância por ele depois de tê-lo visto em ação.

Não lamentava ter matado esses homens, de jeito nenhum.

Não teve outra opção. Só lamentava que caolho, a mão direita de Falkirk, tivesse matado O'Banyon antes que ele tivesse tido a possibilidade de recompensar o desgraçado como merecia por sequestrar Kate.

Morrer com um só tiro foi muita clemência para o homem que atreveu-se a esbofetear aquele lindo rosto e a olhar com cobiça para uma mulher que Rohan considerava dele.

Então percebeu que isso era absurdo.

Que Caleb Doyle lhe tivesse entregue Kate como presente não significava necessariamente que ele fosse seu dono.

No entanto, sua parte mais primitiva insistia em que assim fosse. E que ela também sabia.

Ah, bom. Seu instinto estava dizendo-lhe que teria um amargo desengano, refletiu, pois sentia a desagradável sensação de que Kate anunciaria que ia seguir caminho oposto ao dele partindo com seu adorado pai, assim que chegasse às ilhas Arejadas.

Resolveu aceitar a decisão de Kate com estoicismo e sem alterar-se. Não estava seguro de como ia dizer adeus, mas agora que ela sabia a classe de bruto cruel e violento que ele era, não poderia culpá-la. Estaria melhor longe dele. Além disso, Rohan duvidava de que saísse com vida da tumba do alquimista.

De todos os lugares possíveis, aquele era o pior que poderiam ter evocado seus mais profundos medos; devia aventurar-se em seu interior para fazer frente a origem da maldição dos Kilburn.

Só Deus sabia que maldade o aguardava ali... mas procurou não pensar em suas superstições.

Embora sua visita à tumba do alquimista revelasse um modo de desfazer a maldição dos Kilburn, sabia que Kate continuaria não o querendo. Agora não mais.

O capitão reparou em que ele olhava para sua filha enquanto tomava seu tempo para dar outra serena baforada em sua pipa; Rohan abaixou o olhar envergonhado da ardente necessidade

que mostrava por Kate.

Não podia remediar isso. Essa noite a desejava como nunca. Ansiava a liberação depois da batalha. Seu corpo estava tão tenso como um arco e lhe doía a alma. Mas era possível que Fox o matasse, e Rohan sabia que Kate não ia deixar que ele a tocasse. por que permitiria?

Existia uma remota possibilidade de que talvez ela necessitasse também certo consolo físico... pois ficou consciente de estava aturdida quando, uma hora antes, seu pai comunicou, como quem não quer nada, que possuía outra família.

O rosto de Kate perdeu a cor, mas manteve um débil sorriso enquanto Gerald explicava que casou-se em segundas núpcias com uma "boa mulher" na Austrália. Tinha engendrado outros seis filhos nos anos posteriores: quatro varões e duas mulheres.

—Seriamente? —havia dito Kate com voz quebrada e tom educado.

Rohan podia sentir que a jovem esforçava-se para assimilar isto.

A pequena confusão de Kate era uma das razões em que ficou com ela na sala de mapas, embora com certeza ela era a última pessoa que quisesse procurar consolo. Dar seu apoio converteu-se em um hábito. Enquanto contemplava sua luta interna refletida em seu cândido semblante, quase podia escutá-la tentando raciocinar com seu ferido coração.

"É obvio que papai tinha direito a casar-se novamente. Perdeu a sua esposa. Ainda era um homem jovem para ser viúvo. É justo que desejasse casar-se outra vez e ter mais filhos. Ninguém quer ficar sozinho."

O que Gerald, maldito fosse, não parecia compreender era como Kate esteve sozinha todos esses anos, crescendo nos páramos sem mais companhia que a dos falcões e os potros selvagens... e, naturalmente, a de seus livros. Rohan sabia como ela sentia-se e desejava abraçá-la apesar dela dissimular seu sofrimento com presteza.

Parecia estar muito bem; era a mulher mais forte, valente, generosa e extraordinária que já conheceu. Mas se estivesse magoada, talvez não rechaçasse a oferta de seu corpo, o consolo para que fizessem amor.

"Ah, deixe-a tranquila. Já lhe fez bastante mal."

Sua mente retornou à multidão de mulheres que outrora conheceu, todas seus instrumentos de prazer.

Kate estava certa. As usou e deixou que o usassem. Lucinda, Pauline e o resto, nomes que teria se esquecido há muito tempo se tivesse tido o trabalho de aprendê-los. Nunca deixou que se aproximassem o suficiente dele para sentir afeto. Mas Kate era única. Somente ela abriu uma porta oculta na escuridão de seu coração e mostrou para ele outra saída, um novo caminho à longínqua luz.

O amor.

Parecia um pouco tarde para encontrar coragem para enfrentar isso, mas estava muito certo de que se não fizesse algo, se não cedesse ao menos um pouco, ia perdê-la de verdade.

—Bom, papai —dizia ela—, o que fez que no fim decidisse tentar encontrar a tumba? Foi o incentivo do ouro?

Gerald assentiu.

—A pior decisão de minha vida. Não tínhamos nem ideia do que fazíamos. —Apagou a pipa e a deixou a um lado—. Sua mãe logo cansou-se de viver no mar, Kate, e não podia culpá-la. Tínhamos você e queríamos mais filhos, um lar como Deus manda. Assentarmo-nos em algum lugar em terra firme. —Olhou sua taça de conhaque—. Não a culpo pelo que aconteceu, sabe? Não. Somente eu tenho a culpa de sua morte.

Rohan assimilou seu comentário recordando com estranheza a maldição dos Kilburn. Parecia ser contagiosa.

—Nos mantínhamos sempre afastados daquele livro devido às advertências que seu pai lhe fez na carta. O conde DuMarin escreveu que esse lugar era maligno, e estava com a razão. Mas estávamos desesperados. Pensamos que caso seguíssemos as pistas do jornal do alquimista e conseguíssemos entrar na tumba possivelmente encontrássemos algum produto de ouro dentro que pudéssemos vender. Eu tinha procurado alguns tesouros antes... só por diversão, na realidade... mas nunca vi nada semelhante. E, certamente —adicionou hesitante—, havia outra razão pela que Gabrielle precisava enfrentar esse lugar.

—Qual?

—Ah, Kate. Há perguntas que não desejaria responder. Mas tem direito a ouvir. E você também, Warrington —aduziu dirigindo um olhar ao duque—. Poderia ser de proveito para a Ordem.

Já averiguaram que, anos atrás, a mãe de Kate contou a Gerald tudo que sabia a respeito dos "prometeos" e da Ordem. O resto deduziu o próprio Fox, devido a seus negócios com o anterior duque de Warrington.

—O que é, papai? —murmurou Kate.

—Sua mãe era uma... frágil beldade, Kate. Como um anjo que não é deste mundo ou um delicado passarinho ferido. Fiz o quanto pude para protegê-la de todos os perigos que a espreitavam. Mas não pude salva-la de sua própria cólera. Bem sabe Deus que tinha motivos para sentir.

—O que quer dizer?

Fox ficou em silêncio durante um tempo evitando olhar Kate nos olhos.

—Sua mãe me contou que quando era menina a obrigaram a tomar parte em dois aterradores rituais dos "prometeos".

—Rituais? —repetiu Kate com voz quebrada.

—Alguma espécie de cerimônia de magia negra. Ritos satânicos que nenhum menino nunca deveria ser exposto —respondeu com um nó na garganta—. Pelo visto, isso é o que todos os "prometeos" da alta classe fazem a seus filhos. É assim como pervertem sua mente desde tenra idade. Gabrielle me disse que tinha seis anos na primeira vez que a fizeram participar desses atrozes ritos.

—Santo Deus —sussurrou Kate enquanto que Rohan entreabria os olhos com fúria.

"Seis anos?" A Ordem estava a par das estranhas práticas rituais, mas não tinha nem ideia de

que os “prometeos” submetessem seus próprios filhos a elas. E menos ainda em tão tenra idade.

—Que coisa horrível —repôs a jovem.

—Então, veja você, Kate —prosseguiu Gerald—, por isso era fundamental para mim ocultar você como fiz. Jurei que esses demônios jamais fariam à minha filha o que fizeram a minha esposa. De modo que troquei seu sobrenome e a enviei para viver em um lugar no meio do nada, embora bastante perto para que fosse ao duque de Warrington em busca de ajuda se alguma vez se visse em perigo. Não sabia que seu pai acabaria morrendo logo depois de que eu partisse para o mar com Gabrielle —apostilou Gerald voltando-se para Rohan.

—Tampouco eu —murmurou ele.

—Quer dizer que Rohan e eu poderíamos nos ter conhecido há anos se as coisas tivessem sido de outro modo? —perguntou Kate com um fio de voz.

Os dois olharam assombrados para o capitão Fox. Rohan tampouco tinha estado a par daquele pacto feito, ao que parecia, por seu pai.

Gerald tomou a mão de sua filha.

—Katy, deve me acreditar. Nunca quis renunciar a você. Foi a coisa mais difícil que fiz em minha vida. Mas, como vê, os “prometeos” sabiam de mim. Durante anos estive em constante perigo, até que por fim perderam interesse e me esqueceram. Continuei indo de um lado para outro e, graças a Deus, nunca souberam de sua existência... até que O’Banyon me traiu.

—Oh, papai.

—Durante o tempo que trabalhou para mim, O’Banyon insistia constantemente para que eu retornasse à tumba e pudéssemos pegar o ouro. Inteirou-se disso através da tripulação. Ao ver que eu me negava, decidiu tomar as rédeas no assunto. Começou a incitar um motim. Por isso não tive mais remédio que o entregar ás autoridades para que o enforcassem. Não tinha nem ideia de que os “prometeos” dispunham de meios para localizá-lo nas vísceras de Newgate. Se eu soubesse disso, o teria matado. Contive-me porque, durante um tempo, foi como um filho para mim. Quando me inteirei que ele a raptou...

—Não, papai. Não se culpe. Estou bem —assegurou Kate com voz suave e decidida—. Não sou tão frágil como mamãe. Além disso... —Olhou fugazmente para Rohan—. Não sei como, mas o protetor que me destinou no princípio acabou me protegendo, tal como você pretendia.

—A propósito, como aconteceu? —Perguntou o capitão franzindo o cenho com curiosidade—. Não vai me dizer que foi o destino?

Rohan não sabia por onde começar a responder aquela pergunta mas, por sorte, Kate interveio com uma hábil resposta.

—Caleb Doyle teve um papel decisivo nisso —disse de maneira vaga, e mudou de assunto a seguir—. Disse mamãe se todos os filhos dos “prometeos têm que participar dessas... ,,... sinistras cerimônias?

—Sim. São marcados para a vida, e escolhem suas futuras esposas.

—Entendo. —Kate voltou-se para Rohan com um olhar significativo.

Ele compreendeu imediatamente o que ela queria dizer: pretendia lembrá-lo quando

confessou no dia anterior sobre os meninos que havia deixado órfãos em seu papel de sicário. Como aqueles de Nápoles, cujos gritos quando acharam seu pai morto no jardim o atormentavam em sonhos.

Até esse momento não lhe tinha ocorrido pensar na classe de ritual que evitou a que aqueles inocentes fossem submetidos. Graças ao que ele havia feito, talvez agora fossem livres...

Aquele repentino giro o deixou desorientado. O coração dele pulsava com força e sentiu-se deslocado. Precisava ficar sozinho, de modo que levantou-se e com um gesto cortês, deu boa noite a eles.

—Senhorita Fox. Capitão. Vou me retirar.

—Boa noite —respondeu Kate com voz fraca olhando para ele com afetuosa preocupação.

Rohan não entendia. Por que Kate não olhava para ele com horror e repulsão depois de tê-lo visto liquidar meia dúzia de homens?

—Fez um bom trabalho esta noite, excelência —comentou o capitão lhe devolvendo o gesto.

—Nasci para isso —replicou Rohan. Depois de fazer uma reverência, abandonou a sala e desceu para seu camarote.

Enquanto percorria a escura e estreita passagem da coberta inferior, preferiu jogar a culpa de seu passo inseguro ao vaivém do navio, mas o certo era que estava emocionado por aquela impactante perspectiva dos fatos. Quase podia sentir como começavam a desfiar as cordas que suportavam o sentimento de culpa que carregava nas costas como se de uma bigorna se tratasse...

Ao chegar ao diminuto camarote cederam a ele na qualidade de convidado, sentou-se lentamente no estreito beliche onde ia dormir. Exalou de forma prolongada e um tanto trêmula e inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. Recostou a cabeça entre as mãos e olhou no vazio, logo fechou os olhos. “Que demônios está acontecendo comigo?” Ali, sumido no silêncio, sentiu como estivesse desmoronando-se pouco a pouco.

Com que facilidade tinha esquecido suas emoções até que conheceu Kate. Ela era a culpada de que sentisse todas essas coisas. Antes dela chegar, arrumou-se muito bem sem nunca pensar nisso, sem preocupar-se com nada. por que tinha que o fazer sentir?

A mudança que Kate tinha operado nele estava fazendo com que ele passasse por um inferno, e tudo para que? Sabia que logo o abandonaria.

“depois de tudo o que fiz por ela.”

Suas mãos fecharam-se lentamente formando duas tiras. “Maldição!” Enquanto ouvia como o sangue rugia em seus ouvidos, pensou em que Kate lhe devia ao menos uma noite a mais entre suas coxas pelos inconvenientes.

Kate também parecia uma confusão. Exausta depois da longa noite de violentos acontecimentos, deu boa noite a seu pai com um forte abraço e um beijo no rosto.

Ainda não estava acreditando que o tivesse diante de si em carne e osso, vivinho e saudável, tão familiar como sempre. Depois de dezessete anos sem vê-lo, assombrava-lhe a facilidade com que entendiam-se, como se jamais tivessem ficados separados. Enquanto isso, negava-se a fazer

caso à pontada de dor que lhe provocou o anúncio de que possuía outra família. Encontrá-lo com vida era recompensa suficiente.

Quanto ao que ele revelou sobre a tortura que sua mãe viu-se obrigada a padecer como filha de um dos "prometeos", sentia-se enojada, furiosa e muito perturbada pelas notícias. Estar novamente no navio fazia que tivesse saudades ainda mais de sua mãe. Ainda esperava vê-la em qualquer parte. Sua mãe formava parte das lembranças de seu antigo lar flutuante tanto como o rangido do casco, o vaivém das ondas, as canções da tripulação e os familiares aromas de sal e a madeira polida. Achava estranho estar de volta.

Embrulhando-se no xale, saiu da sala e sorriu aos marinheiros de guarda que lhe deram boa noite quando cruzou a escotilha.

Desceu a escada e internou-se na escura coberta inferior, preocupada ainda com Rohan.

Esperava que o que ele ouviu esta noite dos lábios de seu pai o liberasse de parte da culpa que o atormentava. Não invejava a grande responsabilidade que tinha sobre seus ombros. Com um pouco de sorte, depois de uma boa noite de descanso, não ficaria tão distante e misterioso.

Girou ao chegar ao pé da escada, mas não deu mais que alguns passos pelo corredor quando uma alta e formidável silhueta bloqueou seu caminho: Rohan saiu de seu camarote e esperava por ela.

Ele ficou na penumbra enquanto ela se aproximava; seu rosto anguloso velado pelas sombras e a camisa negra aberta, revelando seu esculpido peito.

Kate foi imediatamente consciente de sua presença ao nível primitivo, mas vacilou diante da febril intensidade de seu olhar.

—Acre... acreditava que já estivesse deitado.

—Não consigo dormir.

Kate não precisou perguntar por que. Quem poderia dormir depois da noite que tiveram? deteve-se diante dele perguntando-se o que poderia dizer. Seu olhar ardente permaneceu cravado nela, e algo em seus olhos prateados fez com que o coração de Kate começasse a martelar forte.

—O que acha sobre o que disse meu pai?

—Não quero falar.

Kate notou que um nó estava se formando em sua garganta quando Rohan elevou a mão e a colocou em seu rosto, mas não teve que lhe perguntar o que ele desejava. Podia sentir a necessidade que emanava de seu corpo.

Ele enredou os dedos nos cabelos dela e aproximou-se enquanto a atraía para seu corpo. Então inclinou a cabeça e reclamou sua boca com aqueles lábios suaves e ardentes; Kate sentiu-se tentada enquanto ele devorava sua língua. O feroz e exigente beijo ameaçava arrastá-la.

—Desejo-lhe —sussurrou Rohan com a respiração agitada.

Aquela audaz insinuação serviu para fazer com que a jovem recuperasse a cautela.

—Deve estar brincando —declarou escapando dele e tratando de ocultar seu desenfreado desejo, depois de uma máscara de serenidade—. Já não sou sua puta.

—Disse que me amava. Demonstre. —murmurou. Capturou a mão de Kate e a levou até sua

virilha fazendo Kate apalpar a enorme evidencia de sua sinceridade.

Kate mordeu o lábio inferior lutando para que a razão se impusesse à paixão. Depois de deixar que sua mão permanecesse mais do que necessário sobre a rígida protuberância, retirou-a resolvida a passar ao lado dele e seguir seu caminho.

—Rohan.

—Fique comigo —pediu a Kate em um sussurro, muito orgulhoso para suplicar embora, estava claro, ele nunca teria que fazer isso.

Ela olhou aos cintilantes olhos e viu a necessidade refletida em seu tenso semblante. Percebia seu desespero e sabia que era bastante forte e selvagem para tomá-la se ela não se oferecesse por vontade própria. A parte de Kate que continuava furiosa com Rohan por afastá-la dele, fechando assim as portas ao amor, protestava colérica; mas era inútil.

Talvez Rohan não a amasse, mas em troca, ela estava perdidamente apaixonada. Se não pudesse conquistar seu coração, ao menos poderia satisfazer o desejo daquele homem. Sabia que essa noite ele necessitava dela.

Percorreu seu peito com a mão e sentiu o forte batimento do coração dele. Rohan fechou os olhos saboreando visivelmente seu contato.

Como estivesse enfeitiçada, Kate continuou olhando seus dedos sobre seu musculoso peito e, mais abaixo, sobre seu cinzelado abdômen. Ouviu que a respiração de Rohan estava entrecortada, e ele segurou no antebraço dela de um modo que não admitia negativa fazendo com que Kate entrasse em silencio no camarote dele.

Passou pela cabeça de Kate recusá-lo quando fechou a porta, mas ao ver sua expressão decidida soube que não tinha sentido. Conhecia esse olhar. Era o olhar do guerreiro. Rohan ia possuí-la e que Deus tivesse piedade, ela desejava entregar-se sem reservas.

Deus bendito, acaso não possuía orgulho? Estava molhada antes que os dedos dele a tocassem para elevar seu queixo com suavidade. Fechou os olhos, entreabriu os lábios e sucumbiu a febril sedução do duque.

Então percebeu que estava entre seus braços, esmagada contra a parede, e que beijavam-se com paixão. Ele a mordiscou com os dentes. Kate segurou sua cabeça quando abandonou seus lábios para lamber seu pescoço enquanto suas mãos trabalhavam para abrir seu vestido.

Rohan ficou de joelhos emitindo um gemido animal e começou a lamber os mamilos como se desejasse agradá-la por todo a eternidade. Kate levou os dedos à boca para não gritar.

Rohan tremia quando levantou-se e liberou o rígido membro das calças. Ela acariciou com os nós dos dedos a sedosa longitude, mas a necessidade a dominou. Rohan levantou as saias de Kate enquanto resfolegava na escuridão; seu fôlego surgia áspero e entrecortado junto à orelha da jovem.

Levantou-a e a apoiou contra o anteparo. Kate o rodeou com braços e pernas, enterrando o rosto contra seu pescoço quando ele a penetrou.

O suave gemido de absoluto alívio que Rohan exalou quando entrou até o punho dentro dela era o sonho de toda prostituta. Ah, que maravilha possuir o poder de fazê-lo gemer desse

modo. Era muito mais que embriagador. Possivelmente Rohan pudesse corrompê-la para que aceitasse seu dinheiro e seu corpo e ela concordasse em ficar sem seu amor. Acariciou aqueles fortes braços e sussurrou:

—Sim, sei o que necessita.

Havia espaço para movimentarem-se pois o camarote era bem amplo para o que estavam fazendo. O suor empapou o corpo atlético de Rohan enquanto usava Kate de um modo glorioso, levantando-a e baixando-a como se ela não pesasse nada, empalando-a de forma rápida e vigorosa com sua possante virilidade.

Diminuiu o ritmo quando Kate emitiu um gemido de dor no instante em que ele afundou-se mais profundamente nela e lhe machucou, então afastou-se um pouco deixando que a jovem plantasse os pés sobre o corrimão de madeira da cama embutida, no anteparo em frente.

Kate estremeceu suspensa entre o prazer e a dor.

—Melhor? —perguntou Rohan.

Ela assentiu com os olhos fechados e todos os seus sentidos postos nele.

—Kate... sinto muito—sussurrou. No princípio ela pensou que ele estava desculpando-se por seu momentâneo mal-estar devido a seu grande tamanho. Mas seus beijos tornaram-se ternos e uma vez mais começou a lhe fazer amor enquanto sussurrava com atormentado desespero em seu ouvido—: Sinto muito, Kate. Me perdoa... por tudo. Não pude manter as mãos longe de você. Continuo sem poder fazer isso. A única coisa que quero é possuí-la dia e noite. —Fechou as pálpebras como se assim pudesse distanciar-se dela, embora estivessem unidos em um só ser. Depois ficou imóvel, submerso por completo dentro dela—.Ajude-me, Kate. Estou me afogando.

—Oh, carinho, eu sei. —Rodeou os largos ombros dele abraçando-o—. Estou aqui. Não vai acontecer nada.

—Sim, está acontecendo. A última coisa que desejava era lhe fazer mal, mas sei que tenho feito isso. Não posso... eu sou a maldição.

—Isso não é verdade! —Repreendeu-lhe pegando seu rosto nas mãos com infinita ternura—.Olhe para mim Rohan. Céu, deve lutar contra esta escuridão. Não sucumba ao desespero —disse em um sussurro íntimo e lisonjeador—. Ainda há esperança para você.

—Duvido.

—Você sempre tem dúvidas, mas eu não. Por isso me necessita, entenda isso ou não.

—Começo a entender.

—Olhe-me — Exigiu brandamente apoiando a cabeça contra o anteparo que estava atrás dela. Ele obedeceu com lentidão, levantando as pestanas e cravando os olhos em Kate—. Continue me olhando, Rohan. —Sustentou-lhe o olhar enquanto faziam amor—. Eu o amo. Deus, amo-o até a loucura.

Kate sentiu que ele tremia de emoção, mas necessitava que ele soubesse nesse instante, ali mesmo, que aquela não era uma aventura amorosa como outra qualquer.

Desta vez Rohan estava com alguém que o amava desesperadamente. Uma mulher que lutaria por ele, que inclusive, daria a vida por ele sem duvida se fosse preciso.

—Sim —murmurou enquanto o acariciava para aliviar seu pesar—. me De isso tudo, carinho. Posso com isso. Sei quem é.

Sem afastar a vista daquele tempestuoso olhar azul acinzentado, viu o tortura e a densa neblina de prazer que nublou os olhos de Rohan quando ele chegou ao orgasmo.

Rohan a abraçou com todas as suas forças e a olhou com impotência nos olhos, enquanto enchia seu corpo com a líquida semente, doadora de vida. Os copiosos ataques de sua liberação acariciaram as vísceras dela tão profundamente que também Kate alcançou o clímax, sucumbindo ao comovedor milagre da completa união dos dois.

Momentos depois, Kate o estreitou entre seus braços e aferrou-se a ele enquanto descansavam contra a parede ofegando com mútua satisfação.

Rohan apoiou a cabeça na curva do ombro de Kate enterrando o rosto em seus cabelos, como quisesse se esconder do mundo, embora fosse só por um instante.

Kate proporcionou a Rohan o refúgio que ele procurava, sem fazer perguntas, mas incapaz de dar um bom conselho que o ajudasse a aguentar a carga que suportava. O silêncio os rodeou. Unicamente estava lhe dando seu amor, embora ele tivesse afirmado que não o queria. Acariciou-lhe o cabelo e o consolou com seu contato.

Quando por fim levantou a cabeça, ele a olhou fixamente e em seguida a beijou na boca com infinita doçura. Kate tomou o rosto do duque entre as mãos para corresponder a sua ternura com os lábios. Rohan retirou-se então de seu corpo com lentidão e a segurou para ajudá-la a descer os pés para o chão.

Depois fechou as calças enquanto ela arrumava o vestido, mas depois, sem falar nada, a atraiu novamente contra si e a abraçou durante muito tempo, , sumido em seus pensamentos e acariciando o cabelo da jovem com afeto. Ela suspirou satisfeita com a cabeça apoiada no peito do duque.

—Eu sou mau, Kate? —perguntou ele finalmente—. Deve decidir isso por mim. Eu já não sei.

—Não! certamente que não. Não é mau, e tampouco é maldito. Mas suponho que... temo por você caso continue a ignorar os ditames de seu coração.

—Meu suposto coração —respondeu arrastando as palavras com voz baixa e enfastiada—. Tem que saber que a escuridão que acampa neste mundo, quebrou virtualmente meu coração em pedaços.

—Deixa-me consertá-lo.

—Desde que era pequeno me treinaram para lutar contra a maldade de que fala seu pai. Mas me vi afetado por essa maldade.

—Sei, carinho.

—Seriamente? —Impediu que lhe abraçasse novamente olhando-a nos olhos com expressão sombria—. O que viu esta noite não é algo excepcional para mim.

—Sei disso. Não sou tão ingênua. É um guerreiro, Rohan. Procede de uma larga estirpe de guerreiros. Leva isso no sangue. Isso não me assusta.

—Deveria. Sou um assassino, Kate.

—Não. Se não existissem homens como você, quem enfrentaria a maldade? Além disso, conheço por experiência própria, sua verdadeira honra.

—Continua me achando um homem honrado, inclusive depois de que a convencesse de fazer comigo um diabólico trato e justificando assim sua sedução? —murmurou olhando-a.

—Oh, Rohan, duque tonto. —Kate riu brandamente e levou a mão ao rosto dele.—. Sei muito bem que fez isso para proteger-me. —Meneou a cabeça—. Tenho que ir.

A jovem deu meia volta e cruzou o quarto até a porta em dois passos.

—Kate —sussurrou.

Ela deteve-se, mas não virou o rosto. Com a mão no trinco, escutando-o com todo seu ser, desejando ardentemente e rogando a Deus que permitisse que ele lhe dissesse que a amava.

—Essas outras mulheres jamais me conheceram. Não como você.

Voltou a cabeça para ele com um sorriso cuidadoso dissimulando sua desilusão. Rohan a contemplou com ar sombrio. Com paciência, percorreu com o olhar aqueles ferozes olhos claros, a cicatriz da sobrancelha e esses irresistíveis lábios. Aquele homem era extraordinário em algumas coisas e um absoluto desastre em outras.

Mas devia encontrar forças para mostrar a ele sua ternura. Rohan não era culpado de ser como era. Ensinaram-lhe desde que era menino, a manter distância do mundo. Ao menos estava tentando.

—Estou contente por ter me permitido conhecer seu verdadeiro eu —respondeu finalmente.

Rohan meteu as mãos nos bolsos como um colegial aflito e encolheu de ombros.

—Não posso acreditar que não esteja fugindo.

—Talvez eu deva fazer isso. —Deu um sorriso triste—. Mas, por azar, estávamos presos nesse castelo, os dois juntos. E, antes de perceber, descobri que não era tão tenebroso como falavam. boa noite, meu amor. Atrevo-me a dizer que agora conseguirá dormir.

O sorriso de Rohan revelou seus brancos dentes.

—Como um bebê. —Quando ela virou-se para partir, deslizou um dedo por suas costas provocando uma cascata de calafrios que esteve a ponto de tentá-la para que ficasse—. boa noite, carinho.

Kate olhou com ternura por cima do ombro, mas seguiu sua resolução e entrou no corredor.

A primeira coisa que viu foi seu pai esperando-a.

Kate ficou petrificada. Sentia que o sangue abandonava seu rosto e que sua alma caía-lhe aos pés.

Gerald Fox estava apoiado em frente à porta de Rohan, com uma expressão sinistra e carrancuda no rosto e os braços cruzados à altura do peito.

A jovem começou a balbuciar, mas o capitão fez caso omisso de suas palavras.

—Warrington —grunhiu o antigo marinheiro e pirata.

—Haa... capitão.

Rohan encontrava-se atrás dela, com a camisa aberta e o comprido cabelo tão despenteado

como o da própria Kate. Não cabia a menor duvida do que estiveram fazendo.

—Como se atreve? —Vociferou fulminando o duque com o olhar—. Maldito canalha!

Kate plantou-se na soleira do camarote de Rohan, pois temia que as coisas piorassem.

—Papai...

—Seduzir a minha filha diante de meu próprio nariz? —Seus olhos verdes cintilavam com o piscar da luz do farol longínquo— Deveria envergonhar-se, senhor! Não vou tolerar isso! É inaceitável!

—Papai, por favor. Somos dois adultos. Não exageremos...

—Silêncio! —Bramou Fox—. Sua mãe ficaria espantada vendo você atuar como uma fresca!

Kate piscou, mas seu pai desviou sua furiosa atenção para o sedutor.

—Que vergonha, Warrington! pensei que você tivesse que proteger à garota, não convertê-la em sua amante!

—O que está dizendo? —O rosto de Kate adquiriu um tom encarnado pelo abafado que produziram essas palavras, mas seu pai ainda não havia terminado.

Fox apontou para Rohan um dedo ameaçador.

—Seu pai arruinou minha vida; você não vai arruinar a vida de minha filha! Importa-me um nada sua posição. Deverá casar-se com ela, entendeu?

—Papai!

—Fique fora disso, moça...

—Não! Fique você fora disso! —gritou ela. Fox a olhou de cima abaixo com indignação, mas Kate foi às nuvens.

—Deixe-o em paz! Fiquei sozinha perfeitamente todos estes anos sem um pai, assim, não pense que pode aparecer em minha vida e me dizer com quem devo me casar!

—Então, assim está me jogando isso na cara? —exclamou—. Sabia!

—Foi para o mar e esqueceu de mim! —espetou.

—Não foi assim!

—Seguiu adiante com sua vida! Sua nova família. Bom, pois eu também segui adiante com a minha vida —lhe reprovou iracunda, com mais aspereza da que pretendia—. Warrington é meu amante. E daí? Bem-vindo ao mundo.

Incrédulo diante destas cínicas palavras, as quais tinha tomado emprestadas de Rohan, seu pai virou-se para o duque.

—O que você fez?

—Não estou certo —murmurou Rohan com os olhos fixos nela.

—Ag! Vou para a cama. —separou-se da entrada do camarote, colocou os braços em ambos os lados do corpo e passou ao lado de seu pai e começou a andar.

—Kate... Talvez seu pai tenha razão.

A jovem parou e fechou os olhos, pois a estoica resignação na voz de Rohan lhe causou uma dolorosa pontada no coração. Virou-se com lentidão.

Rohan tinha saído para o corredor e, ao ver o rosto dele, suas efêmeras esperanças

desfaleceram. Sua expressão era tão sombria como a de um homem que acabam de sentenciar para morrer na forca ao amanhecer. E então viu que sua garganta fechou-se.

—Possivelmente seja melhor que nos casemos —disse ele.

—Não pode falar a sério —espetou ela com atônita raiva—. É esta sua proposta? Agora aceita somente porque ele quer? Acredita que não sei quais são seus verdadeiros sentimentos? Não, obrigado... excelência! Assim não! Jamais!

—Kate...

—Não! Ouviu bem? Absoluta e irrevogavelmente não! Meu Deus, não posso mais!

Tremendo de raiva, dispôs-se a partir mas, cega pelas lágrimas, e desacostumada ainda ao vaivém do navio, saiu disparada para o corredor e chocou-se contra um salva-vidas fazendo-o cair da parede, caindo em cima dela.

Com um bufido exasperado, Kate apanhou o salva-vidas.

—Kate... não fique zangada. —Rohan aproximou-se dela.

—Não chegue perto de mim! —Arrojou-lhe o salva-vidas—.Deixe... me! Os dois! Não me interessa sua caridade, duque! Lembra-se de ontem?

Era impossível que o imbecil tivesse esquecido o fato de que ela tenha jogado o dinheiro no rosto dele.

—Quanto a você, papai, perdeu o direito de me escolher um marido quando fez com que Charley mentisse para mim, dizendo que você tinha morrido. Assim, metem-se um ao outro caso queiram. Pelo que me consta, são dois imbecis!

Com um soluço furioso, correu o resto do caminho até seu camarote deixando para trás aqueles dois homens, curiosamente parecidos, sumidos em um embaraçoso e frustrante silencio.

CAPÍTULO 19

"O que você lhe fez?" Dias mais tarde, a pergunta continuava perseguindo Rohan enquanto preparava-se para enfrentar à tumba do alquimista, mas temia que a resposta fosse inevitável. Converteu a sua rebelde de Dartmoor em uma mulher do mundo.

Sabia que sua forçada proposição de matrimônio foi insatisfatória de uma perspectiva sentimental, mas ficou surpreso diante da veemência de sua colérica recusa.

Desde então,Kate não falou mais com ele, e o certo era que na realidade não podia culpá-la. Nem sabia o que fazer consigo mesmo, quando Kate não falava com ele. Se aquilo era uma amostra de como seria a vida sem ela, não queria esta vida. Teria que fazer algo.

Para bem ou para mal, Rohan sabia muito bem qual era sua única opção. Tinha que entrar naquela tumba, encontrar um modo de romper a maldição dos Kilburn, recuperar Kate, se até lá não tivesse perdido todo seu respeito, e só então, fazê-la sua... para sempre.

Resolvido a percorrer aquele precário caminho, apesar de que somente uns dias antes tinha destrambelhado contra o matrimônio na sala de música —mais teimoso que o maldito

Minotauro—, fez caso omisso do clamor interior de seus temores e superstições, armou-se até os dentes com as pistolas e as facas que havia levado consigo ao porto, depois jogou um grosso lenço ao pescoço e vestiu o comprido e pesado casaco de pele de foca que Gerald o emprestou.

Estava virtualmente impermeável, assim como a melhor vestimenta disponível. Enfim, o arquipélago das Arejadas estava só a seis graus do Círculo Polar Ártico. Nessa época do ano os dias duravam apenas umas poucas horas.

Rohan meteu em uma resistente bolsa e algumas coisas mais, tudo o que lhe ocorreu que pudesse necessitar, mas o que poderia levar em uma batalha contra um feiticeiro morto e sua horda de demônios conjurados?

"Basta de tolices." Franziu o cenho diante suas estúpidas fantasias. Aquilo era impróprio dele. Mas não podia negar que estava um tanto inquieto. Temia que, se não conseguisse controlar suas irracionais ideias, cometeria um engano estúpido e acabaria morto.

Sabendo que ainda tinha que pedir a Kate que lhe entregasse O jornal do alquimista, onde encontravam-se todas as pistas, deu uma olhada em seu relógio e viu que logo amanheceria.

Estava quase na hora de desembarcar.

Graças à perícia para navegar de Fox e que a superfície total das velas da fragata era maior que as do veleiro do inimigo, estavam mais adiantados que os "prometeos"em dois dias, mas isso não era uma excessiva vantagem.

Teria que atuar com rapidez. Apesar de que fazer aquilo na escuridão antes do amanhecer adicionava perigos desconhecidos e Rohan desejava evitar que o vissem entrando na tumba do alquimista, em caso de que o senhor Tewkes tivesse esquecido, qual das muitas covas da zona era a verdadeira entrada. Era desnecessário deixar que Falkirk visse qual era.

—Não estou ansioso para enfrentar isto —balbuciou Rohan ao ar com expressão contrariada.

Puxou o gorro negro, e vestiu grossas e pesadas luvas de pele. Depois pendurou a bolsa no ombro e subiu sem entusiasmo para a coberta.

O capuz debruado de pele o protegia do gélido e cortante ar que assobiava através das velas.

Viu Kate com seu pai no corrimão. Ela também vestia um comprido casaco de pele de foca com o capuz erguido para resguardar seu rosto da glacial brisa, enquanto observava o mar com a luneta de seu pai.

Rohan sentiu que seu corpo distendia-se ao pousar o olhar nela e que uma sensação de calor o percorria. Sabia que ela subiu para a coberta para vê-lo partir, e ficou muito agradecido. Não sabia de onde tiraria forças para dizer adeus a ela, pois tinha a desagradável sensação na boca do estômago de que era possível que não retornasse vivo.

Embora desejasse que algum dia pudessem ficar juntos, antes teria que fazer aquilo.

Encaminhou-se para ela com passo firme em meio da aguda e gélida escuridão, desviando fugazmente o olhar para a majestade acidentada dos escarpados que elevavam-se diante deles como imponentes vigias. As penhas rochosas estavam repletas de aves marinhas típicas do norte,

cujos grasnidos levantavam um estrepitoso clamor, enquanto outras mergulhavam a procura de pescado para o café da manhã. Não havia pinguins nessa latitude, mas sim milhares de papagaios e andorinha, assim como gaivotas e biguás.

A lua afundou no oceano, mas seu brilho prateado dançava sobre as negras águas e refletia-se nas plataformas de gelo flutuantes em que as focas sulcavam as ondas antes de afundar-se novamente.

A jovem ria brandamente daquelas criaturas. Quando uniu-se a Fox e a Kate, Rohan pôde perceber que ela estava de bom humor, e aquilo pareceu estranho para ele, dadas as circunstâncias.

Saudou Gerald com um gesto de cabeça e percebeu que ele estava vestido com um casaco de pele de urso. Também reparou que Kate calçou botas, e estava vestida com seu velho traje de lacaio. As calças e a libré eram sem dúvida muito mais quentes que o vestido de cetim, sua única outra opção. A garota continuava sem ter um guarda-roupa decente.

Rohan exalou um suspiro melancólico desejando ter a oportunidade de dar a ela todos os caprichos que havia planejado em algum momento.

—Por que está tão abatido, excelência? —inquiriu ela, ainda olhando pela luneta.

A jovem deve tê-lo ouvido suspirar. Rohan a contemplou apoiando o cotovelo sobre o corrimão. Jamais se acostumaria a seu humor malicioso enquanto vivesse. Nem encontraria ninguém como ela.

—Acreditei que enfrentar certo destino era sua ideia de diversão —replicou Kate voltando-se para ele.

—É verdade —murmurou mascarando a alegria que produzia nele o fato de que por fim nessa manhã, ela lhe dirigisse a palavra—. Obrigado por me recordar isso. Levantou cedo hoje.

—Olhe. Baleias. —Apontou além das focas e em seguida lhe ofereceu a luneta.

Rohan meneou a cabeça.

—Preocupa-me mais o navio dos “prometeos”. Onde estão?

—Acabam de aparecer em nosso campo de visão —interveio Gerald.

—Então será melhor que eu ande depressa.

—O bote já está preparado. Quando você quiser, Warrington.

—Sabia que as Arejadas eram uma das escalas favoritas dos navios vikings durante suas viagens? —apostilou Kate.

—Tornou a consultar as enfermeiras—disse Fox com secura.

Rohan deu um sorriso afetuoso.

—Nossa pequena literata.

—Aí está seu ponto de referência. O anel do dragão. —Gerald apontou para o topo, onde um círculo de gigantescas pedras em posição vertical salpicadas de neve elevavam-se contra o céu estrelado, atávicas, enigmáticas e enigmáticas—. A entrada para a cova está justamente no outro lado dessa baía, alinhada com a pedra mais alta. Embaixo desse arco de pedra, está vendo?

Rohan assentiu com os olhos cravados na impressionante formação rochosa. O arco de

pedra na base do imponente afloramento rochoso era muito baixo, apenas visível, salvo entre as espumosas ondas que rompiam contra ele.

—Veja, há rochas em todo lugar, e com todas essas focas, é provável que a água esteja infestada de tubarões, então tome cuidado. Quando se aproximar da entrada da caverna, não terá muito espaço para deslizar-se sob o arco —advertiu Gerald—. Terá que remar no meio das ondas. Naufragará se entrar com a crista da onda. As águas ficam mais calmas dentro da gruta, mas tenha a luz preparada. Está escuro como boca de lobo. Recorda o que disse sobre esse dispositivo da boca de um tubarão?

Rohan assentiu.

—Bem. Uma vez que tenha entrado, eu sairei para receber esses canalhas e lutar com eles. Será muito prazenteiro aniquilá-los —adicionou Gerald, enérgico.

Rohan confiava cegamente na destreza do capitão para afundar o navio dos inimigos.

—E o seu contramestre?

—Enviarei meus homens em pequenos botes para recolher Tewkes, assim que os tenha deixado sem mastros.

Rohan assentiu.

—Fox, eles estão com um de nossos agentes. Um homem chamado Drake. É o que protegia Falkirk no porto. Sabe quem é?

—Sim.

—Caso seus homens consigam trazê-lo quando resgatarem Tewkes, ficaria agradecido.

—Quer que o prenda?

—Seria de utilidade. Assegure-se de confiná-lo em seu calabouço se conseguir agarrá-lo. Tome cuidado com ele... sério. É tão destro como eu e causa problemas —disse com aspereza—. Se algo acontecer comigo, entre em contato com Eldred, meu mordomo em Londres. Ele entrará em contato com pessoas apropriadas para recolher Drake.

—Farei o que me pede se estiver em minhas mãos, mas não posso prometer nada.

Rohan fez um gesto de assentimento. “Que assim seja.” Uma parte dele não estava ligando se Drake morresse Julgando pelo que tinha visto no porto, em como serviu de escudo humano para James Falkirk, tudo indicava que seu agente havia trocado de bando. Se Drake estava contra eles, a crua realidade era que teria que eliminá-lo juntamente com os “prometeos”.

Rohan esperava não ter que lamentar tê-lo deixado com vida.

—Não posso acreditar que eu esteja aqui —murmurou Kate meneando a cabeça enquanto contemplava a inóspita paisagem diante dela—. Parece que estamos nos limites da terra.

O coração de Rohan oprimiu-se ao observá-la pois sabia que havia chegado o momento de separar-se dela.

—Bom, queria aventuras, não é assim?

—Certamente que sim—repôs devolvendo a luneta a seu pai—. Por isso decidi acompanhá-lo.

—O que?

—Vou com você —repetiu.

—Vai nada! —responderam em uníssono Rohan e Fox.

—É obvio que sim —declarou resolvida, agarrando a bolsa que estava aos seus pés e colocando no ombro—. cheguei até aqui, certo?

—Kate, não vai entrar aí.

A jovem olhou Rohan nos olhos com teimosia.

—Vai precisar de mim aí dentro, nós dois sabemos.

—Isso fica fora de toda discussão! escute, jovenzinha —bramou Fox—. Esse maligno lugar levou sua mãe. Não vou perder você também!

—Papai, sabe que tenho que fazer isso. Não pode me impedir. É minha decisão.

—É uma loucura! —gritou Gerald ficando pálido—. O que quer demonstrar? Isso não fará que ela volte!

—Eu sei disso, mas mesmo assim terei algumas respostas. Esta é a razão de que me educasse como se eu fosse um menino, recorda? Posso fazer isso, papai. Rohan, estarei esperando por você no bote.

—Fique aqui —replicou o duque.

A raiva apoderou-se do rosto da jovem.

—Acaso ainda não compreendeu que nenhum dos dois dirigem minha vida? Esse lugar matou minha mãe! Além disso, tenho direito... o alquimista é meu antepassado, não o seu... e sou a única que decifrou as pistas.

—Kate, desconheço que classe de artes diabólicas enfrentarei aí. Sinto muito, mas desta vez, tendo em conta que ignoro por completo no que estou me colocando, não quero ser responsável em ter que protegê-la.

—Com o devido respeito, excelência, nesta ocasião sou eu quem irá protegê-lo. É um guerreiro, não um erudito, Rohan. Estudei este livro e já decifrei as pistas. Não tem nenhuma possibilidade de ir sem mim.

—Diga-me.

—Não! Vou com você. Bem, se prefere sair com vida do caminho coalhado de endiabradas armadilhas que há além da cova, deixe de perder tempo discutindo comigo, porque não vou mudar de ideia. E mais, os “prometeos” não demorarão para chegar. Então vamos! —Com isso, girou sobre os calcanhares e encaminhou-se para o pequeno bote.

Uma vez mais, Kate deixou seu pai e o duque perplexos e sem fala.

—É muito obstinada —balbuciou Rohan.

—Oxalá pudesse dizer que puxou a mãe dela, mas penso que se parece muito comigo.

—Você acredita? —repôs o duque arrastando as palavras e olhando para Fox de lado.

Gerald olhou para Rohan com ar grave.

—Warrington, a mantenha com vida.

—Farei isso—jurou.

—Tome cuidado.

Rohan estreitou a mão que Fox estendia e inclinou a cabeça com solenidade, em seguida dirigiu-se para o bote. Sabia que aquela era uma má ideia, mas não havia forma de negar que seu coração dava saltos de alegria. Não podia acreditar que ela tivesse escolhido entrar com ele nas faces da morte em lugar de zarpar com seu pai.

Gerald o seguiu até o bote de remos suspenso a uma corda onde Kate aguardava. O capitão inclinou-se para a jovem, deu-lhe um abraço rápido e um beijo no rosto.

—Que Deus a guarde, carinho.

—Não fique aflito, papai. A Besta e eu ficaremos bem, sempre que nos mantenhamos unidos. E agora vá armar esses canhões —adicionou dando um sorriso pirata enquanto Rohan sentava-se em frente a ela na pequena embarcação.

Comprovando que estavam bem acomodados, Gerald deu o sinal a sua tripulação para que abaixassem o bote.

—Segure-se e fique quieta —advertiu Rohan enquanto esperavam as cordas abaixarem o bote até o frio e traiçoeiro Mar do Norte. Olhou para Kate—. Sei por que está fazendo isto.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Pensou que eu fosse abandoná-lo?

Então os cabrestos começaram a mover, as manivelas a girar, as cordas a chiar, e o bote foi descendo para as ondas.

Rohan pegou os remos nas mãos e lutou imediatamente contra as águas revoltas.

As ondas os sacudiam para cima e para baixo, de um lado para outro. Kate segurou-se com força enquanto ele lutava para controlar o bote. Rohan dedicou todo seu esforço nesta tarefa e remou para a cova.

As focas olhavam para eles enquanto passavam, mas estavam mais interessadas em gritar umas as outras e em aproveitar as gotas de espuma das ondas que rompiam contra as rochas onde descansavam.

Kate empalideceu e manteve o equilíbrio quando o bote escorou ao passar por cima de uma onda mais alta, enquanto Rohan olhava por cima do ombro para manter o rumo.

—Viu isso? —gritou ela de repente assinalando para a água.

Rohan deu uma olhada a tempo de ver uma grande nadadeira cortando a água antes de afundar-se para passar embaixo do bote... fazendo que quase parecesse pequeno.

—Maldição —sussurrou Rohan. Inclusive um curtido assassino tinha que inclinar-se diante da mortífera destreza de um tubarão de tamanho médio.

Kate estava com os olhos muito abertos de susto.

—Ai, Meu deus, não permita que naufraguemos, Rohan.

—Não se preocupe, estão mais interessados nas focas que em nós — Assegurou com mais convicção do que sentia.

Não cabia dúvida de que os construtores da tumba tinham eleito aquele remoto lugar sabendo que os tubarões, silenciosos guardiães entre as ondas, manteriam bem longe os intrusos.

O arco de pedra estava cada vez mais perto, mas posicionar-se de maneira adequada

requeria uma considerável destreza com os remos. Manobrou e conseguiu aproximar-se há três metros da arcada, mas era impossível manter o bote quieto devido a violência com que a água o sacudia. A complexa estrutura de rochas diante da boca da caverna dividia as ondas e desviava as correntes em diferentes direções. Os pulmões ardiam causado pelo ar glacial e as primeiras luzes da alvorada faziam que fosse mais difícil sincronizar a ação.

—Abaixe-se no bote quando eu disser! —Gritou para Kate no meio do estrépito do fluxo, o clamor das focas e a estridente cacofonia das aves marinhas—. Assim que chegarmos lá dentro, prepare-se para acender a luz!

—Sim!

—Segure-se!

Kate olhou Rohan e assentiu_com uma expressão de absoluta confiança que deu a ele o impulso definitivo que necessitava para escolher o momento certo para romper a onda e remar com todas as suas forças.

Abaixe-se!

Os dois abaixaram-se enquanto o bote deslizava sob o arco de arenisto e não demorou para elevar-se pela ação de outra onda.

A ressonante caverna estava escura como breu. O coração de Rohan pulsava desenfreado pelo esforço enquanto Kate abria a pequena porta metálica da lâmpada de azeite.

Tal como havia dito seu pai, o mar estava calmo no refúgio da cova. O interior era extraordinariamente alto e estreitava-se de forma gradual. Enquanto o bote aproximava-se com suavidade para um gentil embarcadouro feito pela mão do homem, olharam-se um ao outro com prudente alívio.

—Bom —disse Kate com fingido entusiasmo—, tudo bem por enquanto.

—Kate... —Rohan colocou os remos em seu lugar e deu um sorriso aflito—. Estou muito feliz que esteja aqui comigo —reconheceu.

Ela sorriu.

—Sei. E bem? Era essa a dura prova que meu pai referiu-se como a “boca do tubarão”?

—Não... é essa aqui. —Elevou a luz para lhe mostrar a gigantesca cabeça de um tubarão esculpido na rocha.

—Ohhh...

Os dois desceram do bote. Enquanto Kate contemplava maravilhada a escultura, Rohan aproximou-se de uma grande manivela de madeira que estava presa no chão.

—Seu pai me contou um pouco sobre como funciona este artefato. Será melhor que fique afastada.— advertiu Rohan. Esperou até que ela fosse mais para trás antes de empurrar a manivela na direção contrária.

Uma estrepitosa fricção de pedra contra pedra ressonou em toda a caverna. Depois o sólido muro dentro das faces do tubarão rodou para um lado deixando descoberto um escuro túnel com uns seis metros de longitude, com um segundo portal de pedra no fundo, também aberto.

Quando empurrou a manivela fez com que as comportas se abrissem, mas também ativou as

fileiras de facas, semelhantes a espadas, que surgiram de repente, subindo e baixando violentamente dentro da boca do tubarão como gigantescos dentes.

Kate olhou estupefata enquanto Rohan pouco a pouco chegava perto, sustentando a luz no alto para analisar a tarefa que teria que arcar. Gerald havia dito que havia espaço suficiente para recuperar o equilíbrio depois de superar cada fileira de dentes.

A primeira fila de "dentes" movia-se para cima e para baixo enquanto a segunda o fazia de forma horizontal de ambos os lados. além desta, a terceira e última, sem dúvida a de aspecto mais perigoso, estava composta por duas largas fileiras curvas embutidas na larga passagem a fim de impedir que um suposto intruso pudesse deslizar-se por um ou outro lado.

Rohan ia ter que saltar rapidamente entre elas.

—Por favor me diga que não é isto que matou a minha mãe.

—Não. Conseguiram chegar até a câmara seguinte, mas não foram mais longe. —Teve que elevar a voz para que ela escutasse no meio do estrondo metálico do perverso e engenhoso mecanismo.

As engrenagens e pesos ocultos funcionavam ainda com a precisão de um bom relógio suíço ou um desses dourados autômatos de mesa que o rei tanto gostava.

Rohan pensou que Virgil ficaria encantado, tendo em conta sua afeição por toda a classe de brinquedos mecânicos. Sua mente escocesa entusiasmava-se com todo tipo de artefatos de engenharia.

—Eu irei primeiro e o desligarei. Há uma segunda manivela no outro lado do túnel que desativa as facas. Depois poderá seguir-me. Mas terá que agir com rapidez —advertiu a Kate—. As comportas fecham-se em trinta segundos depois que as espadas interrompam seus movimentos; Entendeu?

A jovem assentiu franzindo o cenho com receio.

Rohan deixou a bolsa no chão, tirou o primeiro casaco, e depois o lenço. Virou-se novamente para observar a cadência das ruidosas e rítmicas folhas.

—Coisa bem-vinda, né? —Kate tomou a mão; um contato que ele jamais esqueceria—. Tome cuidado.

—Não se preocupe.

Rohan levou a mão de Kate aos lábios e beijou os nódulos apesar das grossas luvas, em seguida deu um sorriso consolador. Não era sua intenção morrer nesse dia. Principalmente sabendo que caso algo lhe acontecesse, ela não seria bastante forte para governar o bote naquelas turbulentas águas para sair dali e retornar ao navio.

—Não toque em nada. Sustente a luz bem alto para que eu possa ver o que estou fazendo.

Ela assentiu e levantou as duas lamparinas. Rohan aproximou-se e estudou o percurso das cintilantes espadas durante um momento. Aquilo era questão de sincronização, a mesma sincronização que usou para entrar na caverna.

A maior parte das espadas retraíam-se para dentro do teto e do chão entre uma "dentada" e outra do tubarão. Respirou fundo, esfregou as mãos enquanto tomava coragem e saltou através

da primeira fileira de dentes; aterrissou e ficou imóvel evitando avançar para a próxima série de facas. Esta fileira estava a menos de trinta centímetros à frente movendo-se para a direita e para a esquerda de maneira simultânea.

Aquela era mais fácil. Uma vez mais, escolheu o instante e passou esquivando das facas, que emitiram um grande estrépito nas suas costas.

—Está bem? —gritou-lhe Kate, frenética.

—Sim!

"Embora esta última possa me cortar a perna. Ou pior..." deteve-se para recuperar o fôlego enquanto olhava as espadas rotatórias que giravam diante dele como rodas dentadas tombadas de lado. Estavam situadas quase na altura do seu peito e joelhos. Necessitaria de toda sua força física para atravessar o espaço entre elas sem acabar cortado em fatias.

—Que aspecto tem? —gritou Kate.

—Uma verdadeira delícia!

Rezando para seus adentro, agachou-se e olhou além das duas folhas inferiores para a pequena câmara de pedra do outro lado. Podia ver que a passagem continuava, mas Gerald disse-lhe que essa era a última das fileiras de facas.

O coração dele pulsava loucamente enquanto os segundos transcorriam lentamente. Rohan tomou impulso com as pernas, estirou os braços para frente e deslocou com rapidez o corpo entre a fileira de dentes. Sentiu o ar que produziram sob seu rosto ao atravessar, aterrissando com as mãos na câmara do outro lado e rodando de forma fluída.

—Rohan! —gritou Kate.

—Passei! —respondeu ele.

—Bem! —aclamou enquanto ele ficava em pé resfolegando.

Rohan deu uma olhada ao seu redor, viu a segunda alavanca e a puxou; as facas pararam de mover-se imediatamente e retraíram-se.

—Depressa, Kate! Trinta segundos!

A jovem começou a correr com dificuldade carregando o casaco de Rohan e o resto das coisas que ele deixou para trás. Para alívio do duque, ela acabou atravessando o túnel sã e salva quando as grandes levas de pedra começaram a fechar-se novamente.

Depois de entregar a Rohan a bolsa, Kate olhou para a passagem que tinham pela frente.

—Está preparado?

Ele assentiu vestindo o casaco e ambos trocaram um olhar de alívio seguindo adiante. O túnel continuava mais alguns metros, mas Kate parou olhando para a direita.

—Por ali entra luz. Deve ter despontado o dia —apostilou—. E é isso um espelho?

—Hum. Abaixe a luz um momento.

Os dois abaixaram a intensidade das lamparinas podendo assim ver melhor o único e delicado raio de luz que filtrava-se por uma estreita fresta na rocha do teto. A débil luz incidia em um amplo espelho redondo e côncavo sobre um pedestal, e seu ângulo dirigia a luz para uma pequena cascata à frente.

—Espere... isto me faz recordar uma das pistas do jornal. Parece que devemos cruzar por ali.

Rohan a olhou com incerteza, mas seguiram o raio para a resplandecente beirada da cascata. Subiram o capuz dos casacos de pele e atravessaram o fino filme de água gelada que derramava-se sobre a rocha.

A reduzida câmara de pedra atrás da cascata não tinha nada de extraordinário, salvo uma placa de latão embutida no muro com um disco no centro. Observando-a atentamente, Rohan subiu a intensidade da luz outra vez e viu que o disco estava rodeado de letras gregas.

—É uma espécie de fechadura com combinação.

—Sou eu ou é o chão que está inclinado? —murmurou Kate; olhando para o montão de rochas ao pé do pendente.

—Está inclinado —respondeu Rohan, mas ela ficou muito calada de repente.

—Aqui é onde morreu minha mãe. Essas rochas...

—Sinto — disse ele, apontando para o teto de pedra sobre a placa—. Seu pai me disse que ao se introduzir a resposta incorreta no disco, abre-se brevemente uma tampa e caem pedras sobre a cabeça. Suficiente para matar alguém.

Kate cravou a vista no montão de pedras que arrebatou a vida de sua mãe. A fúria endureceu suas faces quando abaixou a cabeça.

—Então é preciso que eu não cometa um engano.

Tirou O jornal do alquimista de sua bolsa e o abriu. Rohan sustentou a luz no alto a fim de que ela pudesse encontrar a página que procurava. Escrutinou seu rosto com preocupação enquanto aguardava, mas a dor que Kate sentia por sua mãe fortaleceu sua resolução.

Kate não olhou para Rohan concentrada em examinar a página, depois murmurou:

—Como meu pai e seus homens saíram daqui, principalmente se tiveram que transportar o cadáver de minha mãe?

—Disse-me que utilizaram algumas cordas e polias do navio e saíram através da fresta por aonde vimos penetrar o raio de luz. Mas a abertura é muito estreita e o acesso é ainda mais difícil que o da cova.

—Entendo. —Ficou preocupada—. Ah, aqui está. —Leu a pista para Rohan—: >Depois que você caminhar sobre o véu prateado, faça seu voto no espelho<—Hum. —Rohan abriu o casaco para apoiar a mão frouxamente sobre a culatra da pistola que levava no quadril—. Já passamos o espelho. O véu prateado deve ser a cascata. E agora, o que?

—Faça seus votos... o voto dos “prometeos”, sem dúvida —disse—. “Não te servirei.” Não serviam. Mas neste disco só há letras gregas, de modo que traduzido para o grego seria...

—Espere! “No espelho” —repetiu—. Tem que fazer...

—para trás —concluiu Kate ao mesmo tempo em que ele—. Correto.

Tirou a luva da mão direita aproximando-a do disco.

—Sabe bem o grego, certo? —perguntou Rohan.

Kate olhou para ele pela extremidade do olho.

—Confie em mim.

Rohan manteve-se a seu lado observando com atenção como ela movia o disco daqui para lá entre as letras gregas enquanto falava consigo mesma. Também manteve-se, atento a qualquer ruído inquietante procedente do desprendimento das rochas artificiais sobre suas cabeças. Se ouvisse o mínimo barulho, estava preparado para jogar Kate para um lado em menos de um segundo.

—Estou quase acabando —murmurou ela absorta em seu trabalho—. Z, nem, épsilon...

—O que acha que deve acontecer?

—Não tenho certeza, mas acredito que estamos a ponto de descobrir. Agora... delta.

Kate girou o disco para a última letra e ambos deram um salto quando começou a soar um fortíssimo estrondo que sacudiu a pequena câmara.

Um novo ruído mecânico rotatório, como o das facas da boca do tubarão, mas muito mais violento, escutou-se das vísceras da montanha. Rohan podia sentir tudo reverberar em seu peito.

—Oh!... Oh—murmurou Kate.

Em lugar de rochas caindo do teto, a sólida parede de pedra da cova abriu-se diante deles e correu para um lado deixando a descoberto uma ampla entrada secreta.

Um sopro de ar rarefeito saiu do negro espaço mais à frente. O rugido mecânico aumentou de volume.

—Que demônios existe ai? —gritou Kate.

—Não tenho a menor ideia. vamos dar uma olhada. —Rohan rodeou Kate com o braço de forma protetora e a conduziu para frente.

No princípio, só conseguiram ver uns largos e baixos degraus esculpidos na pedra, mas tiveram a impressão de que se tratava de um vasto e cavernoso vestíbulo bastante largo para engolir a escassa iluminação de suas lamparinas.

Acabavam de transpassar a porta e estavam subindo com cautela a escada, quando a cova começou a fechar ás suas costas, deixando-os encerrados na profunda e negra tumba do alquimista, sozinhos, com um intenso aroma acre e aquele estrondoso som giratório, cuja fonte não conseguiam deduzir de onde vinha. Parecia uma espécie de rodas que faziam funcionar os moinhos e fábricas na beira dos rios.

—Estou ficando asfixiada aqui dentro! —Exclamou Kate—. O que é esse cheiro acre?

—Terebintina, possivelmente. Ou azeite.

Segurando sempre a luz no alto durante todo o caminho, Rohan vislumbrou interessantes retalhos de altas estátuas no meio da escuridão.

—Oxalá pudéssemos ver para onde vamos.

—Espere aqui um segundo. Acredito que entendo...

Rohan foi apalpando tentando encontrar o caminho até uma mureta que alcançava sua cintura, com um pequeno canal incorporado em cima da mesma, e dentro deste canal havia uns escassos centímetros de líquido. Introduziu os dedos nele e sentiu sua gordurenta textura.

—Tal como pensei. Necessito um pedaço de papel. Pode rasgar alguma página desse livro?

—Do livro? Ficou louco? Toma uma página de minhas anotações. Para que quer?

—Necessito para usar como fósforo.

Rohan enrolou a parte de papel rapidamente, abriu a lamparina e pôs uma ponta do papel sobre a chama. Quando este ardeu, aproximou-se da mureta e o abaixou o papel aceso até o canal.

O azeite que havia dentro do canal ardeu imediatamente.

Uma trilha de fogo correu sobre a mureta seguindo o curso retangular do canal que rodeava a ampla sala. As chamas prosseguiram avançando até que uma grande tocha situada sobre o arco, também foi acesa.

Esta formava o vértice de uma arcada onde convergiam duas grandes estatuas. Esculpidas em mármore negro, as figuras emolduravam o vestíbulo da entrada como magníficas colunas. À esquerda havia um "Prometeo" gigante, cujas faces pareciam suspeitosamente demoníacas. Estava representado entregando a tocha à escultura de um homem de menor estatura, mas também hercúleo.

As duas estátuas seguravam a manga da tocha, que continuava ardendo no alto enquanto Kate e Rohan entravam lentamente na esplêndida câmara.

—Acho que encontramos o Salão do Fogo— murmurou Kate.

—Sim —conveio Rohan inclinando a cabeça com ar sardônico.

—Isto é mencionado no jornal. meu deus, olha quanta riqueza! O'Banyon tinha razão.

Os tesouros abundavam no iluminado Salão do Fogo. Quando entraram na câmara ficaram rodeados por resplandecentes montanhas de ouro, cofres abertos transbordantes de brilhantes moedas de épocas passadas, joias, coroas, poderosas espadas, tecidos de ouro e prata, um trono, vasilhas antigas e cálices com pedras incrustadas, esculturas clássicas que sem dúvida valiam uma fortuna. Havia uma carruagem que, a julgar pelas aparências, poderia ter pertencido a alguém como Alexandre Magno.

—Não toque em nada —advertiu Rohan—. Com certeza há armadilhas muito desagradáveis.

—O que é isso? —Kate apontou para frente, para a fonte do ruído rotatório—. É uma espécie de relógio astronômico gigante?

—A Roda do Tempo —murmurou Rohan olhando sombrio—. Igual aquele que viu no símbolo da Marca do iniciado.

No fundo do salão, o gigantesco relógio astronômico girando como a roda de um moinho afundando-se entre dois lagos de fogo.

Kate o estudou entreabrindo os olhos.

—O que vamos fazer com isso?

—Não tenho certeza. Vamos descobrir.

Quando chegaram mais perto do artefato, Rohan viu que a Roda estava coberta por uma capa metálica que continha alguns números romanos gravados, símbolos astrológicos, as distintas fases da lua e outras figuras estranhas.

Enquanto seguia seu movimento giratório com o olhar, Rohan reparou em uma estreita passarela suspensa por cima da Roda e compreendeu o que teriam que fazer.

—Temos que agarrar a alavanca e deixar que a Roda nos suba até aquela passarela lá em cima. —Apontou para o lugar indicado.

—Oh. —Kate assentiu olhando para ele—. Essa coisa não parece toda de metal? Deve esquentar muito cada vez que atravessa o fogo e se soltarmos a alavanca, cairemos nesse lago de fogo.

—Preocupa-me mais essa série de gigantescas engrenagens que bate na roda. Vê? Na posição de duas horas em ponto?

—Hum, sim. Pergunto-me quais destes dispositivos acionam. —Cruzou os braços enquanto os estudava—. então, se nos soltarmos muito rápido, ficaremos queimados, e se demorarmos muito, vamos nos converter em picadinho.

—Uma descrição bastante acertada.

—Por não falar de que essa débil plataforma lá de cima parece perigosa, no mínimo. Está suspensa no ar e não vejo corrimão nenhum.

—Eu irei primeiro —disse Rohan com ar sombrio—. Talvez ali em cima tenha algum modo de apagar esta coisa, como fizemos com a anterior.

—Mas se você apagar ficarei presa aqui embaixo. Posso fazer isso, Rohan. Não tem por que se mostrar tão protetor a todo o momento, sabe?

—Acaso não compreendeu que proteger você é ultimamente a única razão de minha existência? —Disse arrastando as palavras—. Você é tudo para mim, Kate. Não importa o que possa pensar.

A jovem sorriu com incerteza.

—Então, vá. Eu estarei bem aqui embaixo. Prometo-lhe.

Rohan deu uma olhada ao acesso para a Roda, uma curta passarela flanqueada em ambos os lados por riozinhos retangulares pouco profundos de azeite ardendo.

—Eu a verei lá em cima dentro de um momento —assegurou a Kate enquanto afastava-se. Mas separar-se dela naquele lugar, embora fosse só por um instante, era a coisa mais difícil que faria em muito tempo.

—Adiante. Me impressione —brincou ela ao vê vacilar.

Rohan olhou fixamente para ela, e quando ela piscou para ele com malícia, ficou perdido.

“Adoro você.”

Meneou a cabeça ao ver o regozijo de Kate, depois tomou coragem e voltou-se para a Roda. Observou a alavanca colocando-se em posição como um corredor antes de uma corrida.

“Já!”

Tomou uns passos de carreirinha e subiu com um salto. A alavanca estava quente, embora não tanto como para não poder agarrar-se. A segurou firmemente enquanto esta elevava-se para a passarela superior. Não olhou para baixo, e preparou-se para saltar.

No momento certo, balançou-se até a estreita plataforma e soltou a alavanca. A Roda continuou girando enquanto Rohan freava o impulso de sua ação, rolando sobre a ponte.

A alta prancha suspensa era instável, por isso balançou um pouco sob o peso dele e para

complicar mais as coisas, viu-se açoitado por uma rajada de ar procedente de algum lugar que fez que a ponte sacudisse aumentando a sensação de vertigem.

Rohan suspirou fundo ao ver que encontrava-se suspenso sobre um grande poço que penetrava na montanha. Havia mais dispositivos estranhos na escuridão que ficava mais à frente, mas não prestou muita atenção no momento, pois o que lhe preocupava era ter Kate a salvo ali com ele.

—Bravo! —exclamou a jovem com voz trêmula sabendo que agora era sua vez.

—Não se distraia —advertiu Rohan—. Essa alavanca está esquentando. Você vai querer soltá-la instintivamente, mas não solte.

—Talvez deva tirar as luvas.

—Eu as tiraria —respondeu Rohan—. Porque pode ser que seja escorregadia. Depressa. Sinto-me sozinho aqui em cima!

—Já vou!

Ele percebeu que ela guardava o jornal na bolsa e tirava as luvas colocando-as também dentro da bolsa, depois apagou a lamparina e segurou à esteira.

O coração de Rohan pulsava com força.

—Você conseguirá, Kate. —agachou-se preparando-se para agarrá-la quando soltasse a mão da Roda.

Cheio de preocupação, observou como ela percorria a plataforma como ele tinha feito, com a bolsa e a lamparina pendurados nas suas costas. Kate agarrou à alavanca e proferiu um débil grito de dor ao sentir o calor cada vez maior do metal, mas aferrou-se a ela e em seguida a Roda a transportou para cima, para a passarela superior, para ele.

—Segure firme! —gritou-lhe—. Não olhe para baixo! —observou louco de ansiedade enquanto ela aproximava-se—. Bem. Ainda não. um pouco mais. —Estendeu o braço para ajudá-la—.Solte! Segurei você Kate!

Kate saltou na passarela com um pequeno grito e ele a agarrou com a mão direita, depois jogou-se em cima dela para evitar que caísse rolando pela lateral. Entretanto, não pôde salvar a lamparina, que caiu no negro poço. Ambos ficaram olhando a diminuta luz até que desapareceu.

—Obrigado! —Disse resfolegando e olhando atrás dele. Seus olhos se abriram imensamente—. Então é isso que aciona as outras engrenagens!

Rohan girou o corpo para ver o que ela olhava e, por muito que desprezasse os "prometeos", ficou impressionado. Um gigantesco planetário mecânico girava no meio do enorme e escuro poço que estava diante deles. Planetas e suas luas montados em braços metálicos como os de um polvo orbitavam a grande velocidade ao redor de uma réplica do sol, mas a maquinaria da complexa estrutura estava envolta na escuridão abaixo.

Umas pequenas gretas na montanha permitiam a entrada de finos raios de luz que proporcionavam uma melhor e mais completa vista do extravagante artefato. Farrapos de fina gaze negra desciam do teto como estandartes desfiados e agitavam-se com as correntes de ar.

Além da maquete do sistema solar no outro lado do poço, no fundo da caverna, havia uma

réplica de uma pirâmide egípcia, com o tamanho similar ao de um edifício de três andares.

Rohan ficou olhando enquanto, com incredulidade, começava a perceber a verdade.

Kate olhou para ele e reparou na profunda desolação com que ele olhava o poço.

—O que aconteceu? —apressou-se a perguntar. Rohan contemplou o sistema solar e meneou a cabeça com o olhar vazio.

—É... é tudo mecânico. Não são mais que engenhosos artefatos. Não há nada sobrenatural em... em nada disto! —explodiu assinalando o planetário com gesto furioso.

Kate inclinou a cabeça com ar zombador.

—Sei.

Rohan inspirou assombrado, mas seus olhos abriram-se por fim à verdade, depois de ter visto a tumba do alquimista. Os fantasmas e demônios que tanto havia temido não existiam; apenas a maneira em que sua mente supersticiosa havia fomentado a culpabilidade, aquela falsa sensação de condenação que durante tanto tempo pesou sobre sua consciência, e que começou a mudar por completo graças à revelação d3 Gerald a respeito dos filhos dos “prometeos".

Ficou atônito com aquela revelação.

—Tinha razão —murmurou contemplando o poço—. Não era mais que uma desculpa... Não há nada de certo na maldição dos Kilburn. Verdade? Nunca houve. Escondi-me atrás dela.—. Porque não acreditava que ninguém pudesse me amar de verdade.

—Bom, nisso estava equivocado —disse-lhe com doçura fazendo com que ele voltasse novamente para o assunto que os ocupava.

Quando olhou para ela com expressão perdida, Kate tocou o braço dele de forma animadora e meneou a cabeça com um sorriso cheio de ternura.

—Sinto-me como um imbecil! —Murmurou Rohan passando os dedos pelo cabelo—. Você percebeu isso tudo desde o começo.

—Não se preocupe com isso agora —disse Kate—. Vamos primeiro verificar como passar para o outro lado, de acordo?

A delicadeza com que naquele momento o fez concentrar-se na tarefa foi a prova definitiva que convenceu Rohan, caso ainda houvesse alguma dúvida em seu desconfiado cérebro, de que o amor de Kate por ele era verdadeiro. Kate nem deveria estar ali arriscando sua vida por ele, mas manteve-se a seu lado sabendo que com isso ele seria forçado a atuar com valentia embora estivesse tremendo por culpa de suas superstições. Agora que ficou confirmado até que ponto compreendia, não viu em seu olhar franco o menor sinal de gozação nem de recriminação.

Kate esperou, olhando com expectativa, disposta como sempre a depositar sua fé nele. Decidida ainda a vê-lo como um herói e não como a Besta. Rohan sentia-se humilde e desejava com toda sua alma demonstrar para ela que poderia ser digno desse amor.

Rohan livrou-se do atordoamento em que estava embargado. Beijou Kate no rosto, ficou em pé e depois de sacudir o pó das mãos, dispôs-se a atuar com férrea resolução.

—Fique aqui —ordenou a Kate.

Em seguida encaminhou-se para o outro extremo da instável passarela, onde não demorou

para encontrar um baú repleto de pequenas ancoras e vários cilindros de resistente corda de cânhamo.

Tendo em conta sua ocupação, Rohan era perito no uso de tal arranjo, e passou a corda através do olho metálico da âncora e a prendeu. Feito isso, retornou para o lado de Kate, que observava enquanto procurava um objetivo. Depois de divisar uma larga barra negra situada em cima daquele sistema solar, deu um impulso e jogou a corda com força.

Esta passou por cima da barra e deu duas voltas ao redor dela, ficando presa quando ele puxou a corda para esticá-la. Estimando a distância com olho de franco-atirador, mediu a quantidade de corda que necessitariam e fez uma presilha no outro extremo para colocar o pé.

Ficou em posição, introduziu o pé na presilha e estendeu a mão a Kate.

—Temos que calcular bem, porque poderemos nos estatelar contra um desses malditos planetas. —Atraiu Kate contra seu corpo—. Ponha o pé na presilha em cima do meu e fique diante de meu corpo. Segure bem forte na corda. Não se preocupe, não a deixarei cair.

Ela fez o que ele pediu e empalideceu ao dar uma olhada no espaço negro semelhante a um canhão, que estava diante dela. Rohan agarrou a corda com Kate entre os braços e determinou visualmente a trajetória rotatória dos planetas à espera do momento adequado.

—Preparados... já! —impulsionou-se com um pé e saltaram do elevado extremo da caverna.

Kate emitiu um chiado enquanto sobrevoavam o poço cortando a escuridão a grande velocidade. Penetraram entre Vênus e Marte segurando-se desesperadamente enquanto os cabelos e os casacos de ambos agitavam-se com a brisa.

Rohan apertou os dentes e manteve o olhar fixo em seu destino enquanto segurava Kate. Em um abrir e fechar de olhos, soltaram-se da corda ao chegar à base da pirâmide e rolaram sobre o chão firme.

—Uf! Está bem?

Rohan parou e resfolegando, olhou para Kate. levantou-se com um salto transbordante de júbilo pela façanha.

—Estou viva? —balbuciou com o rosto sepultado contra a manga felpuda do casaco.

Ele a ajudou a ficar em pé.

- Com certeza.

—Estou tão enjoada que meus joelhos tremem. Preciso sentar um pouco. —aproximou-se tropeçando para o primeiro degrau da pirâmide e sentou nele como se fosse um banco, mas assim que apoiou seu peso nele, toda a fileira de blocos afundou-se fazendo-a cair ao chão.

—Não pode ser! —Kate levantou-se e sacudindo o pó e olhando indignada para a pirâmide muito pouco hospitaleira!

—Suponho que esta coisa não é tão sólida como aparenta. E olhe! O degrau em que você sentou está esmagado. —Rohan franziu o cenho. A primeira fila de blocos já não sobressaía como um banco, mas sim estava aplainada formando um estranho ângulo—. Que interessante.

—O que acha que devemos fazer, subir á cúpula?

—Sim, para depois entrar. Há uma abertura na parte superior. A treze degraus de altura —

respondeu—. Percebeu que todos os blocos estão numerados?

Kate assentiu.

—Deve ter algum tipo de pauta ou sequencia numérica que marque o caminho para o vértice.

—Parece bastante aleatório.

Os números dos blocos abrangiam de unidades até os milhares.

Dedicaram alguns momentos a rodear a pirâmide tratando de discernir uma pauta. Enquanto isso, o modelo celeste situado atrás deles continuava girando, iluminado a contraluz pelo longínquo resplendor do Salão do Fogo.

—Consegue distinguir algum número na cúpula? —inquiriu Kate.

Rohan entortou os olhos na escuridão.

—Sim, o um. —O ápice estava separado do resto da pirâmide, suspenso sobre a mesma.

—Hum. Tem também o numero um na última fila?

—Sim —corroborou Rohan.

—E na segunda fila... há um dois?

Rohan esquadrinhou a segunda fila na escuridão.

—Sim, e há um três na terceira, mas não acredito que seja algo tão simples como contar...

—Não, é obvio que não. Se consegue ver um cinco na quarta fila, sei qual é a pauta.

Rohan examinou a quarta.

—Sim, há um cinco. É algum tipo de quebra-cabeças de seu velho amigo Alcuino?

—Não,mas sim de um de seus colegas: Fibonacci. Treze capas, a primeira na cúpula, o que significa que de novo vamos inverter.

Rohan a observou, impressionado, enquanto ela começava a falar para si mesma e a contar brevemente com os dedos.

—Trezentos e setenta e sete! Não, espera, essa é em que me sentei. Olhe na segunda fila de cima... busca um duzentos e trinta e três.

O duque caminhou ao longo da pirâmide e, para sua surpresa, encontrou.

—Está aqui!

—Quer tentar subir nele?

—Por que não? —Deu uma ampla pernada com alguma precaução até o segundo andar e subiu ao bloco—. Sólido! Qual é o seguinte?

—Hum... cento e quarenta e quatro!

Rohan olhou os blocos e viu o numero 144.

—Será melhor que me acompanhe se por acaso você necessitar de ajuda.. Alguns destes blocos estão muito separados. —Kate apressou-se atrás dele e Rohan pegou as mãos dela para segurá-la enquanto ela subia no bloco—. Qual é o seguinte?

—O oitenta e nove.

Rohan apontou.

—Aí está!

Mais uma vez o localizaram, procederam do mesmo modo, escalando os blocos com o cinquenta e cinco, o trinta e quatro e o vinte e um, tendo que estirar-se de vez em quando para chegar aos blocos indicados sem ativar nenhum mecanismo.

Entretanto, quando um estrondo longínquo reverberou no oco interior da montanha fazendo que sobre eles caísse uma fina chuva de pedrinhas detiveram e olharam um ao outro.

—O que foi isso? —murmurou Kate.

—Tiro de canhão —respondeu Rohan com ar sombrio.

—Meu pai começou a batalha contra o navio dos "prometeos"!

Ele assentiu.

—Disse que o afundaria.

A jovem adotou uma expressão resolvida.

—Vamos fazer nossa parte.

—Estamos a meio caminho. Qual é o seguinte número? Deveria ser o treze, verdade? Ali. Está um pouco afastado. Tranquila...

O eco de um tiro de canhão ressonou na distância enquanto seguiam adiante, concluindo a sucessão de Fibonacci até que alcançaram a abertura no alto da pirâmide.

Tiveram que deslizar por um poste revestido de escamosa pele de serpente de cor verde pendurada para chegar ao fundo da pirâmide, dentro havia uma fina capa de areia e quatro entradas abobadadas, uma em cada parede. Estas conduziam a duas distintas passagens, estreitas e sem iluminação, que se internavam na base da montanha.

—É horripilante —comentou Kate.

—Parece que temos que escolher uma.

—Sim, mas nos apoiando no que? São idênticas.

Ele assentiu olhando para o interior do escuro túnel mais próximo.

—E talvez letais.

—Talvez. Tem uma bússola?

—Já me conhece, estou preparado para tudo.

Kate arqueou uma sobrancelha devido a maliciosa insinuação que brilhava na sua voz. Rohan colocou a mão na bolsa e tirou a bússola, que deu para ela com um sorriso ágil e coquete.

Kate ficou um pouco vermelha e a abriu.

—Como ia dizendo... Sabemos que usaram a tabela periódica para idealizar as pistas. Agora, cada um dos pontos cardeais corresponde a um dos quatro elementos originais dos antigos gregos. Já atravessamos a água e o fogo... a cascata e o Salão do Fogo..., e depois tivemos que sulcar o ar. Isso nos deixa a terra como único elemento. Que simboliza o... norte. —Levantou a vista da bússola para a porta que tinham diante.

Rohan a olhou com admiração.

—É muito boa.

—Pode ser que seja meu sangue "prometeo" —disse sarcástica, e lhe devolveu a bússola.

Rohan a guardou de novo em sua bolsa.

—Será melhor que deixe que vá diante uma vez mais. —encaminhou-se para o túnel que assinalava o norte—. Me certificarei de que seja seguro, e logo voltarei para apanhá-la.

—Por favor, não faça isso.

Rohan virou-se para ela.

—Por que?

Kate aproximou-se dele.

—Não devemos nos separar. E se ocorrer algo e ficamos isolados um do outro? Seja o que for ao que tenhamos que enfrentar, acredito que teremos mais chance se permanecermos juntos.

Rohan a olhou com olhos transbordantes de ternura.

—É obvio. —Assentiu e depois lhe ordenou com suavidade—: Então não afaste-se de mim.

A jovem chegou perto dele com um sorriso agradecido, e empreenderam a marcha na escuridão com uma só lamparina para iluminar o caminho.. A passagem tomava uma tortuosa rota descendo por debaixo do nível do primeiro mar para depois subir através das vísceras da montanha.

A subida era abrupta, mas Rohan ficou conformado de que nada afiado surgisse da escuridão para cortar a cabeça deles. Depois de caminhar mais de um quilômetro e meio, o túnel começou a alargar-se na frente.

Rohan levantou um pouco mais a luz quando chegaram em uma sala de espera quadrada com uma grande porta de ferro. Unida a ela, viu uma placa de latão com um disco igual aquele que havia fora do Salão do Fogo.

—Deus bendito, alegra-me estar fora desse túnel. Parece que temos outra pista que resolver...

—Cuidado!

Rohan estendeu a mão para impedir Kate de atravessar a soleira da sala de espera até que ele tivesse examinado com mais cuidado, mas ela já havia apoiado o peso do pé... e, imediatamente, um ruído metálico confirmou o ativamento de outra armadilha.

—Sinto muito!

Rohan elevou imediatamente a vista e viu que o painel quadrado do teto começava a descer com lentidão. Estava coalhado de compridas pontas agudas.

—Kate! —Para seu horror, ela posicionou-se com presteza diante dele com a intenção de alcançar a placa de latão.

—Temos que abrir esta porta! Tenho a pista aqui mesmo. Vamos, Rohan!

—Maldição! —Rohan atravessou correndo a habitação, com o propósito de tirá-la dali.

O teto estava agora a pouco mais de três metros por cima de suas cabeças, mas descia inexoravelmente enquanto Kate abria o livro e passava as páginas a toda pressa.

—Oh, onde diabo está?

—Kate! —situou-se entre os pontas agudas e levantou os braços por cima da cabeça. Assim que a base tocou suas mãos, começou a fazer pressão para desacelerar a descida—. Sala daqui!

—Não, já sei! Aqui está: “De sabedoria, riqueza e poder, tinha tanto como um leão, mas

tudo perdeu ao perdê-la, e abraçou o desespero".

—Kate!

—A noiva do alquimista, Rohan! Aquela que seu antepassado, lorde Kilburn, disparou por acidente quando apontava para Valerio! Qual era seu nome?

—Seu nome? —Replicou ele empurrando com toda a força—. Não tenho nem ideia!

—Rohan! Isto é novidade para a história de sua família, deve saber, vamos, tenta-o!

—Ai, Meu deus, como era? chamava-se, né...

—Rápido!

—Mary... não, Maria. Não... era mais largo. Margaret!

De costas para ele, Kate começou a marcar as letras na fechadura de combinação, agachando a cabeça para que os pontas agudas não lhe roçassem e encurvando-se a fim de escapar do teto que estava a ponto de esmagá-los.

—Kate, sala daqui, agora! Não sei quanto tempo mais vou poder aguentar!

Ela olhou por cima do ombro e viu que Rohan estava empregando toda sua força para conter o mecanismo de pontas agudas. Tinha a cara encarnada devido ao esforço e os braços dele tremiam. Rohan podia sentir que as veias marcadas no pescoço, a potente tensão que suportavam seus cotovelos. A pressão sobre suas articulações era brutal.

—Sala... da...qui—disse com voz entrecortada.

—Mas então você não poderá sair —sussurrou horrorizada compreendendo a situação.

—Por favor, Kate... se significo algo para você, parte.

—E dizia que não foi digno de amar e ser amado. —. Deu meia volta em seguida, com o firme propósito de terminar de introduzir o código... ou morrer com ele.

Encolheu-se entre as pontas agudas que desciam de maneira e continuou marcando as letras com o disco enquanto Rohan fincava um joelho no chão como Atlas, com o mundo sobre os ombros, lutando para ganhar alguns poucos e preciosos segundos.

Kate seguiu trabalhando freneticamente introduzindo as últimas letras da combinação.

—R... E... T .. E!

Os pontas agudas estacaram de repente ao mesmo tempo em que a abria-se a porta de ferro que conduzia ao lugar sagrado da tumba do alquimista. Resfolegando, Rohan abaixou seus trementes braços e deixou cair a cabeça para frente.

—A próxima vez me espere —reprovou entre ofegos.

—Farei isto. Sinto muito.

Olhou-o com expressão sombria e fez o que ele falou, sem aventurar-se a cruzar a soleira da sala aberta.

Enquanto uma série de engrenagens e polias ocultas devolviam o teto a sua posição original, Rohan ergueu-se uma vez mais.

—Olhe, conseguimos! encontramos o lugar de repouso de Valerio! —Kate olhou com a incerteza própria de uma menina, como se perguntasse a si mesma se ele estava furioso com ela, enquanto apontava para o interior da seguinte sala—. Posso ver o sarcófago!

Rohan exalou de forma pausada e comedida e aproximou-se da câmara funerária.

Kate continuou fazendo o que ele pediu e ficou fora do lugar sagrado, embora apontasse para o grande sarcófago de pedra situado sobre uma plataforma, não muito elevada, no centro da estreita câmara de teto baixo. Os estranhos materiais e apetrechos químicos de Valerio abarrotavam as laterais da sala.

—Não vejo os pergaminhos. —Da segurança da entrada, começou a esquadrinhar as paredes da câmara e depois olhou para ele.—. Você está bem?

Rohan balbuciou uma resposta afirmativa.

—Não fique zangado comigo, meu amor! Estava sendo excessivamente protetor outra vez. Tínhamos que seguir adiante. Não podíamos voltar para trás...

—Não estou zangado —resmungou.

O que o perturbava não era o fato de que Kate esteve a ponto de matar os dois. As palavras que ela havia dito momentos antes ressoavam ainda dentro de sua cabeça.

“E dizia que não foi digno de amar e ser amado.”

Talvez, só talvez, fosse digno. Agora que a sensação de culpa por ter matado o pai desses meninos “prometeos" suavizou-se, e que ficou de manifesto que a maldição dos Kilburn era uma lorota. O que podia impedi-lo?.

—Posso entrar, por favor? —perguntou—. Tenho que achar esses pergaminhos!

Rohan grunhiu, mas depois de pesquisar a sala durante um instante, assentiu. A jovem entrou nas pontas dos pés diante dele e começou a bisbilhotar entre os antigos efeitos pessoais de seu antepassado, tossindo levemente enquanto com a mão limpava a nuvem de pó que se levantou.

Voltou-se para o Rohan e meneou a cabeça.

—Não os vejo.

—Possivelmente estejam dentro do sarcófago —murmurou ele—. Aí deveriam estar a resguardo dos elementos. Talvez os guardaram com o corpo para ajudar a preservá-los.

—Bem. —Kate cravou os olhos nele—. Vamos abrir.

Rohan a olhou confuso. Acabava de liberar-se de sua bagagem de superstições, e a ideia de perturbar aos mortos continuava lhe desagradando.

Principalmente um bruxo morto.

Não obstante, inspirou profundamente e aproximou-se com ar sombrio do sarcófago. dispôs-se a levantar a pesada tampa de pedra, apesar de ter os braços e ombros doloridos devido ao esforço de impedir o avanço do teto de pontas agudas. Kate apressou-se a ajudá-lo quando viu que ele fazia uma careta de dor.

Trocaram um olhar confirmando que os dois estavam preparados. Estavam conscientes de que poderiam ter que afastar-se rapidamente caso topassem de improviso com outra desagradável surpresa, instalada para liquidar a qualquer possível ladrão de tumbas.

—Um, dois, três...

Empurraram a tampa com força, e esta deslizou para um lado do sarcófago estatelando-se

contra o chão da tumba.

—O que foi isso? —murmurou Kate olhando a seu redor quando começou o estrondo.

A porta da câmara funerária fechou-se de repente e sala começou a tremer enquanto a plataforma afundava no chão. Do teto caia uma fina chuva de terra, como uma centena de pequenas cascatas de areia.

—Isto não esta parecendo bem —comentou Kate enquanto Rohan abaixava o olhar para o sarcófago com o coração acelerado.

O esqueleto de Valerio estava envolto nas roupagens típicas de bruxo, agora puídos, com os que lhe enterraram. Em seus ossudos dedos, obstinado contra seu peito, segurava uma chave ornamentada.

—Rohan, o teto está vindo abaixo!

—Sei. me de só um segundo.

Com uma careta de desagrado, colocou a mão no sarcófago e apanhou a chave. Fora qual fosse a caixa ou o cofre que abrisse, o mais provável era que os pergaminhos que Falkirk procurava estivessem dentro.

—Hum, Rohan, alguma ideia? —perguntou Kate com insistência olhando a seu redor—. Como vamos sair daqui?

A terra começou a cair com mais força, e começavam a desprender-se algumas rochas; a última armadilha daquele louco labirinto consistia em que qualquer pessoa que perturbasse o descanso eterno do alquimista estava condenado a compartilhar sua tumba. A estrutura completa estava desabando

Estavam a ponto de ficar enterrados vivos.

—Ali! —Rohan assinalou para o lugar por onde penetrava luz.

Procurou Kate entre a poeira. guardou a chave na cintura da calça, estendeu a mão para onde ouvia Kate tossir e a atraiu para ele, dirigindo-se em seguida para uma greta que abriu-se de repente no teto.

Atravessou correndo a tumba arrastando Kate com ele. Afastou com os braços as rochas que caiam cima deles e levantou Kate para o buraco do teto. A jovem impulsionou-se através dele enquanto Rohan tratava de encontrar um ponto de apoio.

O caos mais absoluto reinava na tumba cheia de pó asfixiante. Não via nada e quase nem podia respirar, mas conseguiu subir em uma pedra grande desabou no interior da câmara. Lutou para sair à superfície enquanto a terra ia-se acumulando em torno dele até à altura do peito. Maldição, era muito grande para atravessar aquela abertura.

O pó entrava em seus olhos e nos ouvidos, e entrava também no nariz. Tudo tremia a seu redor e não conseguia insuflar ar em seus pulmões; mas até no meio daquele barulho ensurdecedor, podia escutar os gritos de Kate.

Sentiu um repentino sopro de ar frio que vinha de cima, e então as mãos de Kate agarraram as suas guiando-lhe para uma saliência a fim de que pudesse impulsionar-se para cima.

Seus dedos apalparam uma pedra e aferrou-se a ela; por baixo, seus pés encontraram uma

superfície mais sólida para elevar-se. Abrindo passo com as unhas para a luz, conseguiu tirar meio corpo e sair a rastros da tumba. Então a terra desabou enterrando a câmara funerária.

Os dois estavam cheios de terra e gelados sobre a neve, mas tinham encontrado um terreno firme. Estavam vivos. Rohan levantou-se e começou a tossir violentamente enquanto seus pulmões expulsavam o pó que havia tragado.

—Está bem? —perguntou para Kate sem deixar de tossir.

Kate assentiu, assombrada, mas os dois estavam fora da cova e Rohan estava com a chave em seu poder.

Kate foi de joelhos até ele e o abraçou deixando escapar um débil soluço.

—Acreditei que o tinha perdido.

Rohan lhe tocou a mão, não desejava que ela soubesse que, por um instante, também ele havia acreditado que estava morto.

—Estou aqui—disse entre fôlegos—. Estou bem. Não chore, meu amor. Onde estamos?

Ambos olharam ao redor e depois um ao outro, mudos de assombro. Tinham saído no centro do antigo anel do dragão: as poderosas pedras verticais levantavam-se imponentes formando um círculo em torno deles.

CAPÍTULO 20

Kate tremia como uma folha pelo medo que sentiu ao ver Rohan quase morrer na sua frente. Abraçou-o novamente enquanto lutava para conter as lágrimas, tirando com ternura parte da terra dos cabelos dele.

—Estou bem —assegurou Rohan voltando a vista para a cova—. vamos nos orientar. Maldição, perdi a bússola. Minha bolsa também ficou dentro.

Suas palavras deixaram Kate imóvel. De repente ela deu um grito.

—O livro! —Começou a procurar freneticamente—. O perdi! O jornal do alquimista! Caiu dentro da tumba!

—Kate, não faz mal. Fique tranquila. Está viva. Isso é q coisa mais importante. E eu tenho a chave.

—Para que vai nos servir a chave se o que ela abre está enterrado debaixo de toda esta terra? Os pergaminhos devem continuar ai embaixo, dentro de uma caixa, um cofre ou outra coisa! Agora nunca conseguiremos. A viagem foi uma perda de tempo!

—Acalme-se —a tranquilizou—. O que a faz pensar que guardaram a chave no mesmo lugar que o cofre que ela abre?

Ela olhou com incerteza.

—Acredita que os pergaminhos poderiam estar em outra parte?

—Vamos, você é mais esperta que todo mundo —brincou com voz grave—. Havia mais pistas que tenhamos passado por cima?

—Uma, mas não tenho nem ideia o que significava.

—Possivelmente possa ajudá-la. O que dizia?

Kate a recitou:

—"Os segredos se guardam onde usurpá-los nenhum ladrão pode, a sabedoria aguarda nas sombras ao julgamento da moeda." A jovem encolheu os ombros, perplexa.

—O julgamento da moeda? —repetiu Rohan.

—Uma charada, verdade?

—Não, sei exatamente o que é —disse bruscamente, meneando a cabeça—. Maldição, deveria ter adivinhado!

—O que significa? —inquiriu Kate.

—Significa que temos que retornar a Londres.

—Os pergaminhos estão... onde?

Rohan deu um sorriso brincalhão.

—Não atreva-se a me manter em brasas! —exclamou a jovem.

—Na abadia de Westminster —transigiu sem demora.

Ela abriu os olhos como pratos.

—Tem certeza?

—Por completo. Vamos andando. Explicarei isso no caminho. Agora é necessário encontrar o modo de voltar para a civilização antes que anoiteça. Parece que estou vendo um povoado nessa direção. —Apontou para trás quando ficou em pé. Estendeu a mão pare Kate e a puxou, mas a jovem fez uma careta de dor ao levantar-se—. Está bem?

—Torci o tornozelo ligeiramente ao sair da tumba. Não é grave. Meu deus, estamos com uma aparência espantosa! —Começou a rir com arrependimento, desviando a vista de seu corpo para o de Rohan.

Com aqueles largos casacos de pele de foca, cheios de terra da cabeça aos pés, pareciam dois bárbaros pagãos que haviam construído o círculo de pedra séculos atrás.

—Francamente, parecemos dois antigos selvagens que ainda não descobriram o fogo!

—Fale por você. Eu estou perfeito. —Rohan sorriu de orelha a orelha e sacudiu sua longa cabeleira lançando terra por toda parte. A seguir começou a caminhar com dificuldade sobre a neve—. Vamos. Não temos tempo a perder!

Kate admirou mais um pouco o círculo de imensas e silenciosas pedras em todo seu primitivo e escarpado esplendor.

Ninguém sabia de onde procediam aqueles enigmáticos monumentos que povoavam toda Grã-Bretanha, mas eram tão antigos como as histórias sobre Merlín, antigos inclusive na época do Império romano. O anel do dragão encontrava-se na cúpula de uma escarpada montanha sobre o mar. As árvores que estendiam-se em todas as direções estavam polvilhados por uma fina capa de neve.

Então escutaram uma estrondosa explosão a uns quilômetros mar adentro. Kate virou o corpo contendo o fôlego.

—Rohan, olhe! —Apontou com o dedo—. Meu pai conseguiu! O navio dos inimigos está afundando!

Rohan juntou-se a ela esquadrinhando a água com os olhos entreabertos.

—Parece que está partindo —disse ela—. Será que não vai nos esperar ?

—Não foi o navio de seu pai que disparou o último tiro. Consegue ver? A Guarda Costeira está a caminho.

—A Guarda Costeira outra vez!

Kate pensou imediatamente em Caleb Doyle e em seus problemas com a guarda - costeira depois do naufrágio provocado pelos contrabandistas. Essa era uma das razões de que ela tivesse acabado com Rohan.

—Não se preocupe —disse Rohan—. Mais tarde poderemos entrar em contato com seu pai. Devemos ir a Londres e é melhor que ele parta daqui para evitar que o prendam.

—Espero que meu pai tenha resgatado o senhor Tewkes.

—Conhecendo-o como eu, aposto como conseguiu isso. Oxalá não tivesse perdido minha luneta, do contrário poderia ver alguma coisa.

—Suponho que agora só nos resta desejar o melhor para ele. Adeus, papai... outra vez —murmurou protegendo os olhos, enquanto olhava o resplandecente mar e via como a fragata deslizava para o horizonte apressadamente.

—Voltará a vê —prometeu Rohan com voz suave.

Sua amabilidade era um consolo para ela, tanto quanto tinha sido quando impediu que despencasse naquele escarpado de Cornualles. Alegrava-se enormemente de estar a seu lado. Kate sorriu.

—Olhe aí abaixo, na praia.

Assinalou para algumas ovelhas de chifres retorcidos alimentando-se dos restos de algas que foram arrastadas até a borda.

Depois dos perigos que haviam encarado apenas há algumas horas, Kate saboreou a serena beleza da paisagem das ilhas Arejadas, com sua delicada paleta de tons azuis e lavandas.

—É um lugar precioso —sussurrou deslumbrada principalmente pelo bando de vigorosos cisnes grasnando sobre a ladeira, e pelo pônei negro que os observava da beirada de uma pradaria próxima, com a larga crina agitada pela brisa.

—Precioso? —Rohan olhou para ela e Kate pôde sentir seu olhar—.Você acha?

.

—Você não acha?

Rohan encolheu os ombros e meneou a cabeça.

—É uma paisagem inóspita, agreste e abrupta.

—Talvez. —Kate sorriu com doçura enquanto observava—. Mas a luz possui uma deliciosa sensibilidade. E a ondulação destas colinas indica uma serena integridade —disse de forma pausada, admirando a paisagem—. Nobre embora afável. Isso. Um terreno árido, possivelmente. Mas simples e honesto... Poderia viver aqui.

Rohan cravou nela seus olhos claros, tão azuis como o céu matutino, ao perceber que suas palavras não se referiam as ilhas Arejadas. Seu olhar transbordava de emoção contida que a fazia sentir-se como uma formosa princesa apesar da sujeira que a cobria e de suas roupas de criado.

Então, baixou a cabeça.

—Deveríamos ir —Ele balbuciou com a voz um tanto rouca.

Deu meia volta e começou a andar enquanto Kate seguia a passo mais lento tratando não coxear muito. Entretanto, quando escorregou na neve, amaldiçoou.

—Sabe se este povoado está muito longe?

Rohan parou e virou o corpo, seu rosto escureceu imediatamente ao vê-la coxear.

—Está ferida. —aproximou-se dela com passo enérgico—. Maldição, Kate, por que não me disse isto? Dói muito?

—É só o tornozelo.

—Vou levá-la nos braços.

—Não seja bobo! Posso caminhar por mim mesma.

Rohan franziu o cenho e inspecionou o lugar onde estavam.

—Espere aqui.

—Aonde vai?

—Você espera aqui um momento. Tenho uma ideia.

Kate apoiou o peso no pé são enquanto via Rohan cruzar o prado coberto de neve e aproximar-se do pônei Então começou a falar brandamente com o animal enquanto tirava uma parte de corda que estava presa a seu cinturão de armas.

O pônei levantou as orelhas. Kate sorriu encantada. Conhecia bem o poder de persuasão da profunda e aveludada voz do duque. O pônei estirou o focinho e farejou Rohan, que pouco a pouco dedicou-se a acariciar seu peludo pescoço. O sorriso de Kate ficou largo quando ele deslizou a corda ao redor do pescoço e improvisou uma rédea. Observou deslumbrada enquanto Rohan conduzia o dócil animal até ela.

—Olhe o que encontrei.

Rohan passou os braços em volta dos ombros de Kate quando chegou a seu lado e olhou para ela com adoração, incapaz de falar e com o coração acelerado. Se não estivesse tão frio, a teria deitado no chão e faria amor com ela sobre aquele campo nevado.

Levantou-a sobre o cavalo e ela se colocou escarranchada agarrando-se à larga crina. Depois pegou a improvisada brida, estalou a língua com suavidade e voltaram a caminhar para o longínquo povoado.

Nenhum dos dois falou durante dez ou quinze minutos. Tinham percorrido a metade do trajeto até o povoado quando o campanário da igreja apareceu por cima da colina mais próxima.

Rohan parou de repente.

Kate franziu o cenho.

—Aconteceu algo?

—Case-se comigo —pediu ele olhando-a nos olhos.

Kate ficou boquiaberta.

—O que? —Quase caiu do cavalo.

—Case comigo, Kate —repetiu emocionado—Necessito de você em minha vida. Peço-lhe isso. Diga que será minha duquesa.

—Rohan...

Deu um passo para ela.

—Sei que um dia disse algumas grosserias e burrices. Não sabia como poderiam ser as coisas entre nós, mas agora entendo. E aquela noite no navio de seu pai atuei como um bárbaro ao pedir que demonstrasse seu amor deitando-se comigo. Fui péssimo.

Ela meneou a cabeça.

—Você precisava de mim —repôs Kate.

—Sim. E continuo necessitando de você. Não sei o que vou fazer caso diga não. —Abaixou a cabeça—. Sou consciente de que tem motivos para desconfiar. Sei que em várias ocasiões fui um completo bastardo. houve muitas mulheres em meu passado, mas Por Deus que não é isso o que quero. E certamente eu... sim... matei pessoas, embora apenas para proteger a Inglaterra. E se você puder viver com isso... —Sacudiu a cabeça com uma expressão tempestuosa e apaixonada—. Juro-lhe por minha honra que serei fiel e que a amarei até o fim dos tempos.

Kate até perdeu a fala. De fato, assim que pode respirar as lágrimas empanavam seus olhos.

Nem sequer lorde Byron poderia ter expresso em palavras, sentimentos mais românticos.

—Não há ninguém mais para mim, Kate, só você. —A Besta aproximou-se olhando-a profundamente; Sentada na garupa do pônei, Kate estava à altura dos olhos de Rohan pelo menos desta vez, e neles pôde ver o torvelinho de emoções que embargava sua alma ao descobrir pela primeira vez o amor, liberando enfim seu coração—. Você... me faz sentir coisas que nunca antes havia experimentado. Foi muito paciente e eu, um absoluto imbecil.

—Não, você não foi imbecil—sussurrou com a voz quebrada e atônita devido a estas palavras. Acaso estava sonhando?

—Fica comigo para sempre —implorou Rohan em um sussurro íntimo—. E me ame... como eu a amo.

—Você... me ama? —repetiu; o queixo dela tremia de um modo muito embaraçoso.

—Com todo meu coração —declarou em um tom suave mas enérgico, tão comovido como ela. Acariciou-lhe o cabelo e colocou uma mecha agitada pelo vento atrás da orelha—. Kate, você e eu fomos feitos um para o outro. Sigo sendo bastante supersticioso para saber quando achei meu destino. É você. Foi você quem quebrou a maldição.

—Pensei que não acreditasse mais nessa maldição —repreendeu com ternura.

—Mas ainda estaria apanhado nela de não fosse por você. Dê-me uma resposta, Kate. Deve ser minha esposa.

—Ainda continua dando ordens? —sussurrou esboçando um sorriso trêmulo.

Rohan abaixou+ a cabeça sorrindo quase com humildade.

—Por favor.

—É obvio que serei —respondeu com voz quebrada—. Você é tudo para mim! —Rodeou-lhe com os braços e apertou o rosto contra o dele enquanto o estreitava com força—. Oh, Rohan, amo-o tanto que nem sei como posso suportar.

—Compreendo como deve se sentir. —Eu me sinto igual. É desesperador, verdade?

Ela assentiu chorando e rindo ao mesmo tempo.

—Existe alguma forma de aliviar esta sensação?

—Sim —disse ela choramingando e afastando-se um pouco para olhar nos olhos dele—. Deve me beijar. Isso ajudará.

Um grande sorriso de ternura apareceu nos lábios de Rohan enquanto com a o polegar limpava uma lágrima que rodava pela face de Kate.

—Com muito prazer.

Mas em lugar do beijo apaixonado que ela esperou, Rohan acariciou os lábios dela com a sua, com tentadora delicadeza até que a ouviu gemer.

—Oh, necessito fazer amor com você.

—Antes de nos casarmos? —Brincou ele com malicia—. Que escândalo, senhorita Madsen.

—É uma Besta de verdade.

—E você me ama por isso.

—Sim. Com todo meu coração.

Kate tremia de felicidade. Rohan era insuportável... e não gostaria que ele fosse de outro modo.

Rohan apoiou a testa contra a dela e ambos permaneceram assim durante muito tempo, desfrutando da sorte de ambos em silêncio. Para falar a verdade, Kate não estava ciente de os tinha unido tudo aquilo pelo que tinham passado, mas agora podia perceber isso. Seu amor os rodeava e os unia com maravilhosos laços invisíveis da devoção e do afeto mútuo. Um compromisso entre os dois pelo bem de ambos.

Não havia palavras para expressar aquele momento, somente o vento, as ondas e os distantes sons das aves marinhas.

—Amo-o tanto... —sussurrou Kate uma vez mais, aspirando seu aroma enquanto continuava abraçada a ele.

—Oh, Kate, ficaria perdido sem você. Deve saber que é dona de minha alma.

—Meu amor. —Fechou os olhos para conter as lágrimas e o beijou nos lábios.

—Sempre estarei a seu lado —prometeu Rohan.

—E eu também —respondeu ela.

—Bem, pois. —Adotando um tom firme, afastou-se ligeiramente—.Vamos nos casar agora, o que acha?

—Como? Agora? —Kate ficou surpresa.

—É obvio! Não quero esperar mais —declarou—. Quando chegarmos a esse povoado, por Deus que me casarei com você.

—Seriamente? —exclamou.

—Bem podemos aproveitar ao máximo nossa visita a Escócia, certo? —adicionou piscando os olhos co malicia.

Ela riu animadamente.

—Vamos nos casar assim, com o aspecto de dois bárbaros?

—Bom, a verdade é que somos bárbaros, não é? Ah, vamos, duquesa, tem toda a vida pela frente para frequentar elegantes salões e usar os melhores e mais bonitos vestidos.

Kate começou a rir.

—Acredito que sim! É esse caso, meu perigoso duque... Que diabo! À forja do ferreiro!

—Essa é minha garota.

Rohan deu um amplo sorriso cheio de inquebrável orgulho. Tomou a corda do pônei e percorreu a pé o resto do caminho até a diminuta aldeia.

A presença de desconhecidos em um lugar tão remoto, e naquela época do ano, teria suscitado um sem-fim de falatórios, mas quando os dois desfilaram por aquele povoado de uma só rua, atravessando a diminuta aldeia, sua estranha aparência congregou uma multidão.

Seu aspecto era tão desastroso que nem sequer se incomodaram em aproximar-se da pequena igreja, mas sim foram diretamente ao outro augusto estabelecimento onde podia celebrar um matrimônio escocês; não tão respeitável, possivelmente, mas igualmente legal.

A ferraria do povoado.

Encontraram o "ferreiro-pároco" tirando trabalhosamente uma ferradura de um cavalo. Aquele gigante estava com um avental de couro e seu bigode era ruivo, com uns enormes antebraços e uma barriga considerável.

—Bom dia —saudou Rohan guiando o pônei até a fumegante forja—. Nós gostaríamos que o senhor nos casasse, caso tenha tempo, senhor.

O ferreiro os observou com certa cautela e deixou o martelo a um lado.

—Têm vocês algo a ver com as duas batalhas que aconteceu ali no mar? —perguntou apontando com a cabeça para a costa

—Que batalha? —perguntou Rohan arqueando as sobrancelhas com ar inocente.

O alto escocês soltou um suspiro, mas depois o convenceram para que fizesse as honras. Como tinham perdido o dinheiro junto com a maioria de suas coisas no desmoronamento da tumba, Rohan teve que permutar alguns objetos que levava com ele. Ofereceu ao ferreiro sua adaga preferida em troca de seus serviços como oficial do enlace.

Os olhos de Kate brilhavam de impaciência enquanto o ferreiro provava a adaga examinando-a com reserva. Finalmente, deu um gesto de assentimento a Rohan e aceitou o trato.

—Deve ter duas testemunhas.

Rohan virou-se e contemplou a multidão que estava reunida em torno da forja para olhar a sorte daqueles forasteiros de aparência estranha.

—Você. E você, o dali. Fariam a honra de ser nossas testemunhas?

—Eu? —perguntou um desalinhado pastor com o rosto iluminado.

Kate procurou não rir e trocou com Rohan um olhar cheio de humor quando os dois aldeões

reuniram-se com eles.

Rohan colocou um em cada lado deles enquanto que um menino do povoado dava uma cenoura ao pônei. Uma anciã chegou perto deles arrastando os pés e entregou a Kate uma flor púrpura.

—Aí tem, querida.

—Que amável, obrigado!

—Tem o anel para a bonita moça? É um requisito fundamental —perguntou o ferreiro com voz profunda e um marcado acento escocês.

—Oh, claro. Eu... né... imagino que não há um joalheiro aqui perto —resmungou Rohan olhando para Kate de soslaio com expressão apurada.

Ela ofereceu a flor alegremente.

—Pode fazer um nó no caule!

—Oh, podemos fazer algo um pouco melhor —interveio o ferreiro.

O homem olhou para o noivo com desaprovação, mas Kate percebeu sua diversão. Entre a crescente multidão começava a estender um ambiente festivo. Aquele era sem dúvida o acontecimento mais emocionante que haviam presenciado em meses.

O ferreiro colocou a mão em um dos vastos e poeirentos contêineres, tirou um comprido e magro prego e mostrou ao casal.

—Considerem um presente de casamento para a moça. Esperamos que saiba o que está fazendo —adicionou com secura.

Rohan franziu o cenho, mas Kate riu enquanto o homem levava o prego até a forja. Capturando-o entre umas largas tenazes negras, segurou-o sobre o fogo até que adquiriu um brilhante tom vermelho.

Quando o tirou dali e o aproximou da bigorna, Rohan uniu-se a ele.

—Posso? —Inquiriu o duque—. Por acaso, tenho certa experiência nisto.

—Ah, não me diga, tem certeza? —replicou o ferreiro, divertido, mas deixou que ele provasse.

Rohan agarrou o martelo e aplainou o pequeno prego com uns poucos e precisos golpes. Kate observou surpresa e encantada enquanto ele trocava de ferramenta e começava a dar forma circular à pequena lâmina de metal.

Aquele homem não deixava de assombrá-la.

Quando uniu os dois extremos, o ferreiro assumiu a tarefa de refinar o trabalho de Rohan, limando os bordas até converter a peça em um bonito anel nupcial. Esfriou o anel em uma cuba de água fria e depois de um quarto de hora, já estava pronta a imprescindível aliança.

—É só por um tempo —disse Rohan quando voltou junto a ela para mostrar o anel.

—Tolice. eu adoro. —Seu coração estava repleto de felicidade.

—É um prego, carinho.

—É meu anel de casamento! —Protestou sem muita energia—. Não me importa que não seja de ouro. Meu marido o fez para mim. O guardarei como um tesouro por toda minha vida. —

Pegou os braços dele e posicionou-se a seu lado com expressão radiante.

—Estão preparados...? — perguntou com solenidade o ferreiro aproximando-se da forja.

—Estou—respondeu Rohan imediatamente.

—Também estou—disse Kate.

—Então estamos todos prontos—replicou alegremente o pastor que seria testemunha.

A outra testemunha assentiu sorrindo com entusiasmo.

—Muito bem, pois.

A seguir celebrou-se uma rápida e organizada cerimônia.

Kate entrecerrou os olhos enquanto escutava com atenção. Teve que aguçar o ouvido para compreender as ágeis palavras resmungadas pelo ferreiro com seu acento escocês. De fato, não estava totalmente segura da que se comprometeu, mas isso significava que Rohan pertenceria a ela para sempre, estava de acordo. Amava-lhe com todo seu ser, e unir sua vida a dele desse modo, naquele adorável lugar no fim do mundo... bom, não podia existir nada mais perfeito para os dois.

—Promete amá-la durante um ano e um dia?

—Não! —exclamaram os dois em uníssono.

A multidão explodiu em uma série de vivas.

—Um ano e um dia, e um chifre! —balbuciou a noiva com fingida indignação.

O ferreiro passeou o olhar entre Kate e Rohan com uma faísca de surpresa refletida em seus vivos olhos azuis; só então compreendeu que falavam muito a sério. Não tratava-se de um casamento temporário ou de uma brincadeira de jovens, tal e como frequentemente acontecia com as escapadas para a Escócia.

—Bem, pois. Enquanto dure o amor? —aventurou, outra promessa muito comum entre os contraentes.

—Não. —Rohan posou os olhos em Kate—. Prometo amar você, senhorita Katherine Fox, para sempre.

—De acordo —murmurou o ferreiro—. E você, jovem, promete amá-lo?

—para sempre, prometo! —respondeu Kate sem fôlego.

—Então, eu os declaro marido e mulher!

As testemunhas e todos os aldeões ali congregados os aclamaram quando Rohan estreitou Kate em seus braços e deu um sonoro e poeirento beijo nos lábios dela. Ela o abraçou rindo muito. Estava radiante de felicidade quando Rohan a levantou no ar e girou com ela como se fosse seu prêmio mais querido. Seus olhos claros transbordavam adoração ao deixá-la com suavidade no chão.

Rohan a envolveu com seu braço protetor sobre os ombros enquanto ela permaneceu agarrada a cintura dele, enquanto alguém tirava uma garrafa de uísque de malte feito na aldeia. Então, apareceram alguns copos; Kate, ébria de felicidade, apenas percebeu quando colocaram um copo em sua mão. Um gole foi suficiente para revelar como arranjavam-se aquelas pessoas descendente dos vikings, para manterem-se quentes nessas latitudes durante o inverno.

Depois do brinde, os aldeões deram os parabéns, beberam a sua saúde e lhes desejaram uma longa vida e muitos filhos.

De algum modo, aquele dia cinza na longínqua aldeia, com seus telhados de palha e seu único e enlameado caminho, converteu-se para Kate Kilburn no mais quente e esplêndido de seus vinte e dois anos de vida.

Depois Rohan perguntou se havia no povoado uma estalagem.

Todos os ali reunidos prorromperam em insinuantes e alegres gargalhadas de cumplicidade. O intenso rubor que tingiu o rosto de Kate aconteceu pelo gelado ar do norte e os poucos goles de uísque que tomou durante a celebração.

Rohan lhe deu um beijo na têmpora soltando uma gargalhada. Agradeceu ao ferreiro uma vez mais e depois seus novos amigos das Arejadas os acompanharam até a estalagem local, no outro extremo da aldeia.

Kate e Rohan despediram-se da multidão e entraram. O hospedeiro, alheio aos improvisados festejos que aconteceu , franziu o cenho e os olhou com desconcerto. A mulher do dono esteve a ponto de sofrer uma apoplexia ao ver a terra que deixavam ao passar, de modo que os fez sair para que sacudissem seus casacos de pele de foca.

Só então ela permitiu que eles retornassem ao estabelecimento, embora o hospedeiro tenha ficado perplexo quando viu o traje de criado de Kate, e mais ainda quando Rohan lhe perguntou se estava disposto a fazer uma troca.

Depois de um tempo, Rohan tinha trocado duas de suas melhores pistolas por uma estadia de uma noite, um pouco de comida e bilhetes para a diligência da manhã.

—Necessitamos tomar um banho —adicionou o duque.

—Você acha? —replicou o hospedeiro com ironia entregando para eles a chave do quarto.

Uma hora depois estavam os dois metidos na grande banheira, um pouco pequena, mas desfrutando enquanto compartilhavam prazenteiramente a fumegante água depois de terem tirado meia tonelada de terra que caiu em cima deles durante o desmoronamento da tumba.

A banheira estava colocada próxima à lareira, no pitoresco e pequeno dormitório do segundo andar da estalagem. Tinham à mão um montão de toalhas limpas, e uma bandeja com um serviço de chá e uma fonte de pãezinhos e queijo os estava aguardando.

—Acredito que descansarei um pouco de tantas aventuras quando tudo isto terminar —murmurou Kate em voz alta apoiando a cabeça molhada contra a beirada da banheira.

—Para concentrar em ser uma duquesa? —Deu um sorriso preguiçoso contemplando-a e ensaboando um formoso e musculoso braço.

—Talvez eu vá ficar com certo escritório —reconheceu—. Espero que eu possa aprender a ser uma autêntica duquesa.

—Kate. A sequencia Fibonacci? Traduzir do grego para trás? Decifrar cópias rimadas inspiradas na maldita tabela periódica? Confie em mim, não terá problemas com os esporádicos bailes beneficentes nem tomando chá com as damas. E se os tiver, pergunte a Daphne, a esposa de Rotherstone.

—Era uma das mulheres que estavam dentro da carruagem de seus amigos, quando partimos de Londres?

—Sim, ela é uma perita nos assuntos da alta sociedade.

Kate ficou em silêncio durante um momento.

—Seus amigos formam parte da Ordem, não é assim?

—Um fato que tenho que pedir que esqueça, carinho.

—É obvio —murmurou—. Acredita que as coisas vão ser assim frequentemente? Que terá que me ocultar segredos sobre seu trabalho? Confio em você, já sabe. Eu compreenderei.

—Confio em você cegamente —repôs ele olhando-a com gratidão—. Prefiro ser sincero, mas talvez não seja sempre possível. Alegra-me que entenda.

—Estou orgulhosa de você —disse Kate seria—. Mas o que fará a Ordem quando averiguarem que se casou com uma mulher que descende de uma família "prometeo"?

—Só por parte de mãe —recordou,—. Suponho que logo descobriremos. Simplesmente terei que lhes recordar que o conde DuMarin pagou com sua vida por nos ajudar.Com certeza redimiu-se diante seus olhos. Não seria a mesma coisa se fosse neta de Falkirk. Com certeza vão fazer algumas perguntas para certificar-se de que podem confiar em você —adicionou—. Mas é minha esposa. Agora somos uma equipe. Se eles me quiserem , têm que aceitar você, e não há mais o que falar.

Kate o fitou maravilhada.

—Renunciaria à Ordem por mim?

—Já menti a eles por você. Mas não se preocupe, estou convencido de que ficarão calmos quando nos apresentarmos com os apreciados pergaminhos perdidos do alquimista, em nosso poder.

—Que, conforme diz, estão na abadia de Westminster. Nunca estive ali.

—Bom, muito em breve a verá. Partimos para Londres na diligência da manhã.

A água ficou agitada quando ela chegou perto do Rohan para rodear o pescoço dele com os braços com erótico afeto.

—Como vamos passar as horas até então, marido?

Rohan riu com malicia, mas não demorou para levá-la nos braços até a cama. Estendeu-se com ela sob as mantas, os dois completamente nus, seus corpos ainda quentes e molhados do banho, e lhe prodigalizou um sem-fim de beijos cheios de ternura e paixão. Não deixou de lhe sussurrar quanto a amava enquanto fazia amor de forma pausada, profunda e carinhosa. A espera tinha merecido realmente a pena para ouvi-lo dizer isso.

Kate estava no paraíso, Rohan a envolvia com sua força e a vulnerabilidade dele estava a salvo em suas mãos. entregou-se com gosto pondo a alma nisso. Quando Rohan levou seu corpo ao clímax, seu coração estava tão cheio de amor que chorou ao chegar ao orgasmo.

Depois permaneceram juntos em silêncio, saciados e felizes. Rohan amoldou seu corpo ao dela rodeando sua cintura com o braço e apoiando a palma da mão sobre o colchão. Kate pousou a mão sobre a sua, comparando o tamanho de ambas.

A de Rohan era muito maior e entretanto, apesar de todo seu poder e sua força, sabia que necessitava dela de um modo que ia além do meramente físico. Fechou os olhos e Rohan apertou-se contra ela, acariciando seu pescoço com o nariz para depois beijá-lo.

—Está feliz? —murmurou.

—Oh, Rohan, sim. E você?

—Mais do que se pode expressar com palavras, minha preciosa esposa. Durma um pouco —sussurrou inclinando-se para dar um beijo no rosto dela.

—Mas nem bem anoiteceu. Tão cedo saímos?

—Não é por isso.——. Descansa agora porque muito em breve a desejarei novamente.

Ela riu e acariciou seu rosto enquanto a Besta lhe mordiscava brandamente o ombro.

Pela manhã, o carro postal os levou até a costa das Arejadas, onde tomaram o ferry para Aberdeen; no dia seguinte embarcaram em um paquete que, por sua vez, transportou-os até o porto de Great Yarmouth.

Novamente em chão inglês, alugaram uma diligência e iniciaram o caminho rumo a sudoeste, atravessando as refinadas ruas de Cambridge e prosseguiram velozmente para a cidade. Chegaram a Londres ao anoitecer e foram imediatamente à abadia de Westminster, onde Rohan visitou o deão[2].

O duque explicou para ela que, devido a que a abadia de Westminster era propriedade da Coroa, o deão respondia diretamente ao soberano... assim como a Ordem.

O deão era um homem muito poderoso. Enfim, era ele quem assistiria ao arcebispo de Canterbury quando chegasse o momento da coroação do príncipe regente. Conforme contou Rohan, tratava-se de um homem muito culto e bem relacionado, um dos poucos em Londres que estava a par da existência da ordem e de sua missão.

Por essa razão, o deão enviou sem demora um sério sacristão para que os fizesse passar ao escuro interior da catedral e os conduzisse à misteriosa Câmara das Píxides.

—Por que acredita que os "prometeos"esconderam os pergaminhos aqui? —sussurrou Kate enquanto o sacristão os guiava pela enorme e silenciosa abadia iluminada pelas velas.

—É um dos edifícios mais seguros da Inglaterra —murmurou Rohan—, principalmente a cripta.

Enquanto passavam com pressa ao lado das numerosas capelas laterais cheias de ouro, uma mais ornamentada que a outra, Kate olhava embevecida as magníficas vidraças iluminadas pela lua invernal.

Inumeráveis estatuas imponentes levantavam-se nas sombras honrando aos milhares de mortos sepultados na abadia.

—Durante séculos, a Coroa e o Departamento do Tesouro utilizaram a Câmara das Píxides como tesouraria —prosseguiu levando a mão e apressando-a para que não parasse—. Já verá

[2] Título de dignidade eclesiástica logo abaixo do bispo ou arcebispo, e que preside ao cabido.

como são grossos as suas paredes. Leva o dobro de blindagem. Manteve-se inexpugnável desde o século XI. Tome cuidado por onde pisa aí embaixo.

Rohan iniciou a descida pela escada de pedra que levava a parte mais antiga da abadia. O sacristão aproximou-se de uma enorme porta gótica, e a abriu.

Uma vez feito isso, o subordinado do deão os conduziu à Câmara das Píxides, uma sala abobadada de teto baixo com um antigo chão de ladrilhos e amplos arcos do meio ponto entre os enormes pilares que sustentavam parte do peso da magnífica catedral.

Graças à luz da lamparina do sacristão, Kate pôde ver as infinitas fileiras de estantes de madeira que cobriam as paredes. Estavam repletas de pequenos cofres idênticos uns aos outros. Havia um grande número deles.

—Essas são as píxides —explicou Rohan—. Contêm amostras de todas as moedas que se cunharam na Inglaterra. Cada ano realizam uma prova oficial para certificar-se de que se emprega o peso adequado de ouro e prata para elaborar as moedas... que não há armadilha no valor de nossas divisas.

—A prova da moeda! —exclamou recordando a última frase do emparelhado final do jornal do alquimista.

—Exato. Esses pergaminhos se encontram em alguma parte desta câmara —disse sombrio olhando a seu redor—. Há também outros tesouros de incalculável valor armazenados aqui. Coroas. Escrituras. Foros. Não é tudo que se guarda nos palácios ou na Torre de Londres.

Assinalou para outra parede de estantes repletas de diversos e velhos cofres, arcas e caixas, e baús de todas as formas e tamanhos.

—Há muitos. Como vamos encontrá-los? Rohan encolheu os ombros.

—Procuraremos um do tamanho adequado. Partindo dessa base, é só questão de ver em qual encaixa a chave. Será melhor começarmos.

Ela assentiu. Durante as duas horas seguintes, Rohan abaixou um após o outro, antigos cofres enquanto Kate experimentava a chave de Valerio. O sacristão ficou por ali perto como testemunha necessária de sua presença na sala de alta segurança, mas depois acabou dando uma mão para eles.

Por último, Rohan tirou uma caixa grande da prateleira superior e abaixou para dar a Kate. Parecia ter o tamanho apropriado; pouco mais do meio metro de largura e uns quinze centímetros de altura.

Trocaram um olhar resolvido, depois Kate agarrou uma vez mais a chave que Rohan tinha tirado do sarcófago do alquimista.

—Vamos lá —murmurou a jovem. Então conteve o fôlego quando esta entrou brandamente no olho e girou—. Funciona!

—Pode deixar que eu levanto a tampa... no caso de.

—Tome cuidado —sussurrou ela.

Kate retrocedeu e afastou o rosto disposta a ficar a protegida em caso de topar com qualquer surpresa desagradável, como as muitas que lhes proporcionou a tumba.

Rohan abriu parcialmente a tampa.

Não aconteceu nada. Nem explosões, nem espadas nem nuvens de pó venenoso, de modo que terminou de abrir o cofre.

Ambos olharam dentro da larga arca de madeira. Estava cheia de antigos cilindros de pergaminho atados com uma fita.

Os dois olharam-se vitoriosos.

Rohan agarrou o cilindro de cima, mas não foi necessário desdobrá-lo para perceber os estranhos símbolos ocultistas, runas e outros sinais “prometeos".

—São estes, sim —declarou ele.

—É incrível.

Kate meneou a cabeça, assombrada e molesta porque os “prometeos” tiveram o descaramento de esconder os sinistros escritos ocultistas de um bruxo medieval naquele lugar sagrado.

Rohan fechou o arca novamente e jogou a chave.

—Isto é o que viemos procurar —informou ao sacristão.

O homem assentiu e Rohan encaminhou-se para a porta seguido por Kate. Uma vez mais percorreram com urgência a gigantesca abadia e saíram para a rua.

Com o cofre sob um braço, o duque parou uma carruagem de aluguel e depois de abrir a porta para Kate, ordenou ao chofer que os levasse diretamente a Dante House.

Ficaram em silêncio, muito conscientes de que os aguardava um enfrentamento no quartel geral do chamado clube Inferno. Kate estava um pouco nervosa por saber que a interrogariam mas, com Rohan a seu lado, estava preparada. Não tinha nada que ocultar.

Não passou muito tempo antes que a carruagem parasse emitindo um som chiado. Rohan pediu ao chofer que esperasse alguns instantes até que o mordomo saísse para pagar o transporte, enquanto entregava de novo a seu marido o arca que continha os pergaminhos de Valerio.

Kate elevou o olhar para a misteriosa e estranha Dante House, mas depois do acontecido na tumba do alquimista, a horripilante peculiaridade do lugar a afetava muito pouco.

Rohan cruzou com ela a negra grade de pontas agudas e a conduziu pelo tortuoso caminho de entrada. Assim que a porta principal foi aberta, seus ouvidos encheram-se com o estridente clamor dos latidos de uns cães de grande tamanho. Kate retrocedeu aterrada ao ver os gigantescos guardiães caninos saltar sobre Rohan diante dela.

Mas os animais sentaram sobre os traseiros e ficaram quietos acatando a firme ordem do duque. Só um a olhou proferindo um gutural grunhido de incerteza.

—Não fazem nada, disse Rohan quando a jovem aproximou-se dele pouco a pouco—. Gray, teria a bondade de sair e pagar o chofer? Sinto ter que lhe pedir isso. Fico lhe devendo.

—É obvio, excelência. O senhor Virgil sabe ...que traz uma convidada?

—Não é uma convidada, Gray. —Rohan tomou a mão de Kate..—. É minha esposa.

O mais absoluto assombro ficou refletido no semblante, até o momento inexpressivo, do

mordomo durante um segundo, mas em seguida dissimulou sua surpresa e fez uma reverência para Kate.

—Excelência.

—Oh... isso não é necessário —disse baixinho, ruborizando-se.

—Será melhor que se acostume —murmurou seu marido—. Estão aqui?

—No salão, senhor. —Gray realizou uma nova reverência e a seguir saiu para pagar o chofer. Rohan virou-se para ela.

—Está preparada?

Kate inspirou profundamente e assentiu, preparando-se para conhecer os companheiros agentes de Rohan. O coração dela pulsava com força enquanto seguia seu marido ao interior do misterioso clube, por um corredor vermelho de um mau gosto terrível.

—Warrington! Aqui está.

Os dois bonitos homens que foram a casa do duque no dia em que partiram de Londres, já estavam na sala quando o casal entrou, junto com um fornido escocês de mais idade.

—Onde diabos esteve? —perguntou Max, o amigo moreno.

O do cabelo loiro areia, Jordan, aproximou-se deles

—Está ou não está casado?

—Quem é ela? —exigiu saber o instrutor com o olhar fixo em Kate.

Rohan já havia contado a ela que o resmungão escocês chamava-se Virgil. Recordava-lhe ao ferreiro das Arejadas.

—Ela, senhor —respondeu Rohan pousando a mão de maneira protetora na parte baixa das costas de Kate— é minha duquesa.

—Olá... sou Kate —saudou agitando a mão com nervosismo, embora entre aqueles imponentes guerreiros sentia-se tão pequena como um arbusto em um bosque de grandes árvores.

—De maneira que o rumor era certo! —exclamou Max.

—Parece um pouco diferente da última vez que nos vimos —comentou Jordan com um sorriso.

—Sua esposa? —Repôs Virgil, incrédulo—. E você achou prudente trazê-la aqui?

Kate estremeceu, mas Rohan aguentou o olhar do escocês sem alterar-se.

—Ela forma parte disto tanto como nós, Virgil. Verá, Kate é a neta do conde DuMarin. Aí começou tudo.

Os presentes sentaram-se, com exceção do escocês, que ficou apoiado junto à janela com expressão aturdida. Passaram as duas horas seguintes respondendo uma saraivada de perguntas. Rohan narrou toda a história, da razão pela que Kate tinha sido sequestrada, passando pela frutífera missão na tumba até a posterior visita a Câmara das Píxides.

—Graças a Kate conseguimos os pergaminhos do alquimista e colocá-los a salvo das garras dos nossos inimigos.—Tirou a chave que encontrou na tumba do Valerio e abriu a arca.

Jordan ficou em pé imediatamente, aproximou-se até os valiosos pergaminhos e apressou-se

a examiná-los com absoluta fascinação.

—Um trabalho feito a sua medida —observou Max dirigindo-se a Rohan.

—Estão todos em código —disse Kate—, mas tenho feito alguns progressos graças ao livro de minha mãe. Talvez possa ajudar.

Todos voltaram-se para olhar para ela. Virgil a observou como se fosse uma espécie de roedor que subiu do rio.

Kate ficou ofendida por sua hostilidade e franziu o cenho.

—Sei que tenho sangue dos "prometeos", senhor, mas sou... sou uma boa pessoa! —Asseverou com firmeza e o coração desbocado—. Amo Rohan, e farei tudo o que estiver em minha mão para apoiar sua causa, igual fez meu avô. Saiba que minha própria mãe foi também vítima da maldade dos "prometeos". Compreendo seu cepticismo, embora tenho esperança de que me dê ao menos uma oportunidade!

Max olhou para Kate, e neles aparecia uma faísca de aprovação diante a negativa dela a deixar-se intimidar.

—Vá, vá, vá —murmurou—. Não cabe dúvida de que fala como uma Warrington.

Rohan sorriu pesaroso.

—Vamos, cavalheiros —disse Max—. Sem dúvida, já chega nos mostrar grosseiros com a dama. Damos parabéns ao casal.

Com um sorriso afetuoso, o marquês levantou-se e cruzou a sala até onde Kate e Rohan estavam sentados, juntos.

Primeiro inclinou-se e deu na jovem um respeitoso beijo no rosto.

—Garota valente, desejo-lhe felicidades. Bem feito, meu amigo. —Depois cumprimentou Rohan batendo em seu ombro—. Deve permitir que Daphne e eu ofereçamos um baile em sua honra para celebrar o casamento.

—Um baile? —disse Kate com voz entrecortada—. Bom, não há dúvida de que é você muito amável, mas...

—Mas o que, Kate? —perguntou Rohan sorrindo.

Ela lançou um olhar a seu marido.

—Nunca fui a um baile.

Todos sorriram, embora não com intenção de rir dela.

—Bom, pois tem muito que aprender !

—Obrigado, Max. —Rohan meneou a cabeça.

—Aceite também minhas felicitações. —Jordan o brindou com uma reverência beijando com galanteria os nódulos dos dedos da jovem—. Embora, com grande tristeza, tenho que mostrar que agora sou o único solteiro do grupo.

—Acredito que haverá várias damas que possam necessitar de consolo, milord —recordou Kate.

Aquelas palavras fez todos rirem, mas Jordan dirigiu o olhar para Rohan.

—Não tenho nenhuma possibilidade com ela, verdade?

—Nem a mínima —conveio o duque com um sorriso, mas seu pensativo chefe ainda não tinha dado uma resposta.

Kate observou o homem com ansiedade. Virgil tinha os braços cruzados à altura do peito.

—Bem, disse que Drake estava com Falkirk a bordo do navio que o pai da garota afundou?

—Sim, senhor —respondeu Rohan em um tom mais sério.

—Acredita que Drake esteja morto? —inquiriu o escocês.

—Pedi ao capitão Fox que o resgatasse, e me disse que faria o que pudesse. Mas não acredito que a tripulação tivesse muito tempo para apanhá-lo na água. A Guarda Costeira estava a caminho, e Fox foi obrigado a partir. —Rohan meneou a cabeça com ar sombrio—. A temperatura estava gelada, sem contar que avistamos um monte de tubarões enormes nessas águas. Com tudo isso, se houver um homem que possa sobreviver a essa classe de situação, é um dos nossos. Mas, Virgil, tenho certeza que ouviu o que eu disse. Tive Falkirk na mira e Drake o protegeu. Acredito que temos que enfrentar a possibilidade real de que Drake já não seja um de nós. Que o tenham convertido.

Virgil inspirou fundo, logo exalou enquanto meneava a cabeça.

—Nego-me a acreditar nisso.

—Também eu —murmurou Max.

Jordan e Rohan trocaram um olhar cético. Nenhum deles conhecia Drake tão bem como Max, mas Rohan o viu proteger Falkirk, e não lhe ocorria nenhuma outra explicação para suas ações.

O duque encolheu os ombros.

—O capitão Fox ficará em contato comigo. Eu informarei imediatamente qualquer notícia que ele me comunicar. Se ele conseguiu tirar Drake da água, irá me avisar. Então poderemos apanhá-lo.

Quando olhou para Kate viu que a jovem colocava a mão na boca enquanto bocejava. Franziu o cenho e deu uma olhada no relógio sobre o suporte da lareira.

—É meia-noite. Vamos, é hora de voltar para casa. viajamos o dia todo—explicou aos outros.

Levantou-se e ajudou Kate a ficar em pé. Max e Jordan trocaram um olhar, como não estivessem acreditando no que viam seus olhos: a Besta completamente embevecida com sua esposa.

—Já vou —disse Kate bocejando novamente—. Cavalheiros, foi um prazer. E agradeço-lhes... por tudo o que fazem aqui, pela Inglaterra.

Seus amigos pareceram surpreender-se com aquelas palavras quando despediram-se dela com galanteria. Finalmente, Virgil parabenizou-os bruscamente.

Rohan estreitou a mão dele.

—Obrigado, senhor.

—Mas não volte a trazê-la aqui —lhe advertiu o escocês em voz baixa, embora Kate suspeitasse que este desejava que também ela o ouvisse—. É muito perigoso. —Logo Virgil enviou sua carruagem para que os levasse para casa.

Kate exalou aliviada um momento depois, quando o chofer de Virgil os deixou sob o pórtico iluminado da grande mansão urbana de Rohan em Mayfair.

—Não posso me alegrar mais de que tudo tenha acabado —balbuciou a jovem.

Antes que tivessem chegado sequer à porta, Eldred a abriu surpreso.

—Excelência! retornaram! Senhorita Madsen.

—Olá, Eldred! —exclamou Kate com sonolento júbilo.

—Eldred, velho amigo —saudou Rohan fechando a porta.— já não é a senhorita Madsen, nem tampouco é a senhorita Fox. Permite que lhe presente A... a duquesa de Warrington.

Kate levantou uma mão soltando uma risadinha.

—Essa sou eu.

Eldred ficou boquiaberto.

—OH, excelência...! Que notícias tão, mas tão magníficas! —O mordomo recuperou rapidamente sua expressão impávida e esclareceu a garganta—. Não caibo em mim prazer —disse solene.

—Tampouco nós! Mas há muito trabalho para fazer—repôs Rohan efusivo enquanto tomava Kate nos braços.

Ela deixou escapar um grito de prazer e rodeou o pescoço dele. Rohan esqueceu de cruzar a soleira com ela nos braços, mas subiu a escada com ela desse modo.

—Trabalho, senhor? —perguntou Eldred.

—A costureira, bom homem! Amanhã temos que ter aqui às melhores costureiras de Bond Street. Todas elas. E que mais? Possivelmente alguns sapateiros elegantes e... chapéus, casacos e... bom, tudo que necessitam as mulheres.

—Uma cabeleireira, senhor? —sugeriu Eldred.

—Certo. Uma cabeleireira também.

—O que tem de ruim meu cabelo? —protestou Kate fingindo indignação.

—E o joalheiro! —Adicionou seu marido de forma significativa, brindando um sorriso a Kate—. Não consentirei que minha duquesa tenha um prego de ferreiro por anel.

—Eu adoro meu anel —disse ela com voz suave, protegendo a aliança com a outra mão.

—Podemos fazer melhor —sussurrou Rohan piscando os olhos—. Eu disse que ia lhe dar todos os caprichos, não é assim?

—Bom... —O sorriso de Kate era enorme.

—Amanhã começa o projeto! vamos converter a minha rebelde garota doe Dartmoor em uma duquesa. Não, não discuta. Não pode ir por aí vestida de criado toda a vida, Kate. Não é apropriado. Temos que conseguir alguma coisa um pouco mais adequada que usar, um guarda-roupa novo para uma nova vida. Você se ocupará, Eldred, verdade? Sua excelência e eu temos assuntos que atender.

O mordomo sorriu com cumplicidade enquanto Rohan subia a escada levando Kate nos braços.

—Com supremo gosto, senhor. boa noite, excelências.

—Quanto a você, milady...

—Hum? —murmurou Kate, com uma faísca coquete nos olhos.

—Não está tão cansada, equivoco-me? —sussurrou.

—Jamais —disse sem fôlego.

Rohan proferiu uma gargalhada, deu-lhe um sonoro beijo e a levou ao que daí em adiante seria o dormitório dos dois... depois fechou a porta com o pé.

EPÍLOGO

Algumas semanas depois…

—Suas excelências, o duque e a duquesa de Warrington! —anunciou o mordomo de seu lugar à entrada do salão de baile e, imediatamente, fez-se silêncio entre a ruidosa multidão, que voltou-se para olhar o casal.

Kate ainda não tinha se acostumado a toda essa atenção, mas os entendidos haviam dito que ela assanhou à alta sociedade desde que foram divulgados os rumores de seu matrimônio secreto.

Os ecos da sociedade elogiavam o excelente gosto de seu enorme guarda-roupa; seu nobre sangue francês agradava às anfitriãs da aristocracia; e no baile que os Rotherstone haviam celebrado há umas semanas em honra a Rohan e a ela, os dandis mais altivos, os mais cruéis árbitros da elegância, tinham-na declarado um de seus estranhos achados: uma esplendorosa beldade com uma mente aguda, uma mente viva e um audaz sentido de estilo.

Em muito pouco tempo foi proclamada a “sensação” da temporada.

Kate encontrava sua repentina celebridade um tanto desconcertante, mas não permitiu que lhe subisse à cabeça. Apesar de que gostava de acreditar que poderia ter certo ar de verdade em algumas das adulações, sabia bem que seu superprotetor marido teria arrancado a cabeça dos dandis se houvessem dito qualquer outra coisa.

Deixando isso de um lado, divertia-se imensamente em sua nova vida. Já não estava sozinha. Agora possuía amigos, um lugar próprio. E, o mais importante de tudo, tinha Rohan. Cada dia que passava estavam mais apaixonados.

Embora isso não agradasse a todo mundo, como era natural.

Quando entraram no salão, com sua mão enluvada na dobra do braço de seu marido, reparou no grupo de lascivas damas que foram um dia na casa do duque. Essa noite Lucinda, Pauline e o resto encontraram um novo brinquedo masculino com o que divertir-se.

Agora revoavam ao redor do Sebastian, o visconde Beauchamp, líder de outra equipe da Ordem.

Rohan contou para ele que Virgil estava esperando sua iminente volta do continente.

Beau, como estavam acostumados a chamá-lo, estava apoiado em uma coluna do salão de baile rodeado por uma multidão de encantadoras mulheres. O alto e arrumado visconde parecia

mais que contente de mostrar-se complacente com cada uma delas.

Rohan percebeu o alvoroço em torno de Beau e olhou Kate com um olhar sardônico. Sua esposa meneou a cabeça justo quando Lucinda e Pauline olharam para ela.

Flanqueando lorde Beauchamp, as duas damas inclinaram a cabeça para Kate com ressentido respeito. Talvez não lhes agradasse ter perdido a Besta em seu favor, mas não pareciam querer contrariá-la.

—Aí estão Max e Daphne —murmurou Rohan.

Kate sorriu enquanto saudava com a mão a seus amigos.

Quando começaram a aproximar-se do outro casal, Kate olhou o reflexo de Rohan e dela nos amplos espelhos dourados do salão.

Percorreram um longo caminho desde as Arejadas. Não cabia a menor duvida de que, agarrados pelo braço, pareciam parte da nata da alta sociedade. Rohan, como de costume, estava incrivelmente embelezado com um traje de branco e negro.

Kate colocou um suntuoso vestido rosa com um pronunciado decote em forma de coração que deixava um amplo espaço para luzir o resplandecente colar de diamantes que seu marido a presenteou. Fazia jogo com o deslumbrante diamante azul do anel que ele lhe deu como parte de sua promessa de enchê-la de cuidados.

No entanto, no dedo anular da mão esquerda, debaixo do anel de diamantes, usava ainda o prego do ferreiro que Rohan transformou em uma aliança. Sempre sorria para si mesma quando pensava nisso, rememorando os dois vestidos como bárbaros, cheios de terra e com casacos de pele de foca, mas loucamente apaixonados.

Pensando nisso, começava a sentir-se um pouco inquieta pela próxima aventura que os esperava, em qualquer lugar que fosse.

—Aqui estão!

Saudaram-se uns aos outros quando reuniram-se com Max e Daphne. Kate soltou o braço de Rohan enquanto recebia um pequeno abraço de sua amiga de cabelos dourados.

Daphne, assim como a melhor amiga desta, Carissa Portland, tinham-na acolhido com tanto afeto que se tornaram como irmãs para ela, enquanto Max e Jordan eram agora como seus irmãos.

—Por fim tivemos notícias de meu pai! —Disse Kate aos Rotherstone em voz baixa e embargada pela emoção—. Hoje mesmo recebemos sua mensagem.

—Que notícias? —murmurou Max olhando para Rohan.

—O velho senhor Tewkes está são e salvo com eles! —exclamou entusiasmada.

—Drake está vivo —disse Rohan a Max—. O capitão Fox não o tem, mas viu como foi recolhido pela Guarda Costeira. Por desgraça, Drake arrumou uma forma de resgatar também a Falkirk.

—Voltou a salvar esse canalha? —perguntou Max entreabrindo os olhos.

—Isso parece. Mas meu sogro desconhece onde estão agora.

Repetiram as notícias quando Jordan uniu-se a eles um momento depois, seguido pela

miúda Carissa, com seu cabelo castanho avermelhado. Quando reparou naqueles dois juntos, como frequentemente estavam ultimamente, Kate deu uma cotovelada em Max de maneira confidencial enquanto Rohan virava-se para saudar Jordan.

—Vê? Carissa e Jordan estão juntos outra vez.

—Não, confie em mim—murmurou o marquês—. Carissa é como uma irmã para ele. Conheço Jordan desde que ermos pirralhos, e em todo este tempo só houve realmente uma mulher para ele.

—Quem? A está cortejando?

—Não —repôs Max com secura—.Odeiam-se mutuamente. Além disso, acredito que Carissa está pretendendo outro.

Enquanto isso, Rohan começou a contar a seus amigos que conseguiu finalmente as licenças para a frota pesqueira que desejava começar em Cornualles a fim de converter os contrabandistas em homens honrados.

Kate percebeu que Jordan parecia um pouco distante e distraído. Supôs que fosse possível que estivesse pendente do sicário "prometeo" sobre o qual Rohan falou.

Os homens e as mulheres ficaram separados para conversar. Carissa uniu-se a Kate enquanto olhava carrancuda, como uma furiosa rainha das fadas, a alguém que estava do outro lado da pista de dança.

—O que acontece? —perguntou Kate, divertida—. A quem fulmina com o olhar?

—Ag! —bufou a ruiva—. É o homem mais horrível do mundo.

—Quem, podemos Saber? —exclamou Kate quando Daphne deixou os homens para reunir-se com elas.

—Acredito que eu sei! —Disse lady Rotherstone com voz cantante—. Está obcecada com o Beau.

—Está brincando? —mofou Carissa—. Esse homem é um bufão. Um autêntico bobo!

—Mas um bobo muito arrumado —brincou Daphne enquanto que Kate cruzava os braços e assentia com humor.

—lhe olhe, monopolizando toda sua atenção. Não tem vergonha.

—Acaso não a pediu para dançar há algumas noites? —perguntou Daphne de forma inocente, cruzando também os braços.

Carissa pôs os olhos em branco.

—Não deveria ter dito que sim. Nunca conheci alguém tão irritante. Pensa que é inteligente, mas não parece compreender que alguém ri dele, e não com ele.

—Ah, vamos! —Kate começou a rir.

—Não entendo por que Beau a irrita tanto —disse Daphne—. Não é tão ruim!

—É um presunçoso! —Exclamou Carissa—. por que não pode sem igual a lorde Falconridge? Jordan é muito cavalheiro para deixar que as mulheres o adulem desse modo.

—Está cochichando sobre mim, senhorita Portland? —interveio com voz lânguida o conde em questão ao ter escutado a conversa.

Quando Jordan olhou para Carissa esboçando um sorriso fraternal, Kate percebeu que Max estava certo. Era só amizade.

—Não, milord —respondeu—. Estou elogiando você por ser um modelo de cavalheirismo.

—Sim! —replicou Max, mas Jordan estirou a jaqueta com ar satisfeito.

—Ouviu isso, meninos? Sou todo um cavalheiro.

Rohan proferiu um bufido.

—Algum progrido com esses pergaminhos?

Jordan assentiu.

—Algum.

—Não esqueça que ofereci minha ajuda! —recordou-lhe Kate.

Justo nesse instante Jordan entreabriu os olhos com a vista fixa em uma das esquinas do salão e ficou imóvel de repente.

Kate pensou que possivelmente tinha divisado à dama, a essa "única" mulher, quem quer que fosse, no salão. Mas então reparou em que Rohan e Max também ficaram alerta seguindo o olhar do conde.

—Me desculpem. —Jordan separou-se do grupo sem dizer mais nada.

Os outros dois olharam-se com expressão grave.

—trata-se de Bloodwell? —murmurou Rohan, mas Jordan já havia saído.

Daphne conteve o fôlego com valentia quando Max assentiu em resposta e seguiu Jordan sombrio.

Rohan ficou com as mulheres para protegê-las.

—Não se preocupem —disse em voz baixa.

—O que está acontecendo? —perguntou Carissa, confusa. A jovem não foi posta ao corrente da verdadeira natureza do clube Inferno, tal e como tinham feito com as duas esposas.

—Jordan deveria ter ficado. É o homem dos códigos. Eu sim deveria encarregar-me disto —resmungou Rohan entre dentes.

Virgil continuava contrariado com ele por não ter respeitado o protocolo, de maneira que encomendou ao conde a tarefa de liquidar o sicário "prometeo".

—Com certeza lorde Falconridge está capacitado para cumprir a tarefa. —Kate lançou a seu marido um olhar sereno, mas Daphne dirigiu a vista para alguém que chegava perto deles pelo outro lado.

—Lady Rotherstone —saudou uma altiva voz masculina.

Kate deu a volta quando o eterno sorriso de Daphne saiu de seu rosto e sua postura ficou tensa.

—Excelência.

Kate aproximou-se de sua amiga, posto que já tinha sido apresentada ao insofrível ex-pretendente de Daphne, o altivo Albert Carew, duque de Holyfield.

—Tão formal? Vamos, querida, uma vez estivemos comprometidos. Ainda pode me chamar Alby, como estava acostumada a fazer.

—Nosso “compromisso” só existiu em sua mente, Albert. Se por acaso não recorda, eu jamais o aceitei.

Albert riu pelo baixo olhando para a porta.

—Fixei-me em que seu marido saiu correndo.

Rohan arqueou uma sobrancelha ao homem de baixa estatura, embelezado com roupas de dandi.

—Warrington —saudou seu homônimo duque—. Encontrou uma pequena potranca, né? É a sensação, isso me disseram.

Kate abriu os olhos como pratos enquanto Rohan os entreabria ao escutar o tom frívolo de Albert. Ela sacudiu a cabeça firmemente para seu marido.

“Não, carinho. Nada de arrancar cabeças no salão de baile.”

Este franziu o cenho em resposta, mas Alby era totalmente alheio a quanto lhe rodeava.

—Sim, tenho que dizer que é uma esposa excelente. Eu deveria procurar uma mulher como a sua. —Lançou a Daphne um olhar de recriminação para contemplar Kate com admiração—. Onde a encontrou?

Rohan lhe fulminou com o olhar.

—Digamos que me deram isso... como presente.

Albert riu de boa vontade.

—Um presente, né? Claro. Ah, aí chega o príncipe regente! —Seu rosto ficou iluminado—. Sua Alteza Real desejará sem dúvida minha companhia. Me desculpem...

—Com muito gosto —respondeu Daphne.

Albert internou-se apressadamente na multidão, depois do qual Kate chegou perto de Rohan e lhe rodeou a cintura com os braços.

—Como um presente. —Daphne olhou para Rohan meneando a cabeça—. Não deveria animá-la com semelhante brincadeira. Sabe que dentro de dez minutos todo mundo já saberá disto.

Kate rompeu a rir.

—Deixemos que falem! Somos muito felizes para que isso nos afete.

—Sim somos. —Rohan a beijou na testa—. O melhor presente que já recebi de alguém— adicionou em um murmúrio pícaro.

Max retornou justo nesse instante, mas mesmo junto deles continuou voltando a vista sobre o ombro com receio.

—Vai tudo bem? —perguntou Daphne indo para seu lado.

Ele assentiu enquanto a rodeava com o braço.

—Jordan necessita ajuda? —inquiriu Rohan baixando a voz.

—Já tem —replicou—. Beauchamp.

—Ajuda com o que? —quis saber Carissa animando-se diante a menção do visconde ao que supostamente não podia suportar.

—Com todas essas terríveis mulheres —respondeu Rohan, indulgente.

Kate proferiu um bufido e lançou a seu marido um olhar malicioso.

"Seu antigo harém?"

Mas a faminta expressão de absoluta devoção com que ele a olhou recordou Kate que ela era a única mulher em sua vida.

Rohan tomou suas mãos e as beijou, logo foi com ela para a pista de baile.

—Vamos, quero essa valsa que me prometeu.

Enquanto isso, fora da casa, os olhos de Jordan cintilavam na escuridão, seu fôlego formava nuvens de bafo devido ao frio ar daquela noite de final de fevereiro. agachou-se com movimento fluido e tirou uma adaga da capa que levava no tornozelo oculta pela calça.

Beau lhe fez gestos do outro extremo do escuro e silencioso jardim, e ambos começaram a mover-se com sigilo em direção a Dresden Bloodwell...

Fim



**** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros da Tiamat.**

Muita gente está querendo ganhar fama e seguidores usando os livros feitos por nós.
Não retirem os créditos do livro ou do arquivo.
Respeite o grupo e as revisoras.